

ISSN: 1676-6288

CADERNOS PROLAM / USP



BRAZILIAN JOURNAL OF LATIN AMERICAN STUDIES

VOL. 23, N. 49, SÃO PAULO, BRAZIL
JANUARY - JULY 2024



USP



CADERNOS PROLAM / USP - BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

PUBLICADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - PROLAM/USP. VOL. 23, N. 49
(JUL.-DEZ. 2024).

SEMESTRAL- ISSN 1676-6288 - INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 1- ESTUDOS LATINO-AMERICANOS CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2- DIREITO. 3- ECONOMIA. 4-
GEOGRAFIA. 5- HISTÓRIA. 6- PSICOLOGIA. 7- SAÚDE COLETIVA. 8-
SOCIOLOGIA.

ISSN 1676-6288



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

50

DECEMBER - 2024



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

Corpo Editorial

Editorial Board
Cuerpo Editorial

Editoras - N. 50

Editors

Maria Cristina Cacciamali

Universidade de São Paulo

Vivian Urquidí

Universidade de São Paulo

Coordenação Editorial

Coordinación Editorial

Editorial Coordination

Bruno Massola Moda

Maria Medeiros Palazzo Rolim

Universidade de São Paulo

Ana Daniela de Souza Gillone

Universitat Pompeu Fabra

Editores Associados

Associate Editors

Editores Asociados

Bernardo Mançano Fernandes

Universidade Estadual de São Paulo

Camilo Negri

Universidade de Brasília

Edwin Ricardo Pitre-Vásquez

Universidade Federal de Paraná

Eduardo Guedes Pereira

University of West Indies

Félix Pablo Frigeri

Universidade Federal da Integração Latino-americana

Franco de Matos

Universidade de Brasília

Joana Fátima Rodrigues

Universidade Federal de São Paulo

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo

Lincoln Secco

Universidade de São Paulo

Lucilene Cury

Universidade de São Paulo

Marilene Proença Rebello de Souza

Universidade de São Paulo

Rafael Antonio Duarte Villa

Universidade de São Paulo

Sylvia Adriana Dobry

Universidade de São Paulo

Wagner Tadeu Iglecias

Universidade de São Paulo

Estagiários

Intern

Daniel Martins Cantuaria

Geovanny Luan Piedade

Universidade de São Paulo

Arte

Graphic Design

Gabriel Galdino

Universidade de São Paulo

Corpo Editorial Internacional

International Advisory Board

Cuerpo Editorial Internacional

Ana Esther Ceceña

Universidad Nacional Autónoma de México

Andrés Donoso Romo

Universidad Playa Grande (Chile)

Angel Guillermo Quinteros

Universidad de Puerto Rico

Ariel Gómez Ponce

Universidad Playa Grande

Betty Lozano

University Consortium on Afro-Latin American Studies (USA)

Elissa Loraine Lister Brugal

Universidade Nacional de Colombia

Enrique E. Shaw

Universidad de Córdoba

Guillermo Beatón

Universidad de la Habana

Inés María Fernández Mouján

Universidad Nacional de Mar del Plata

Jhon Williams Montoya

Universidad Nacional de Colombia

Juan Bello Dominguez

Universidad Pedagógica Nacional

Marina von Harbach Ferenczy

Università degli Studi di Ferrara

Nohora Inés Carvajal Sanchez

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Octavio Quesada García

Universidade Autónoma de México

Pablo Rocca

Universidad de la República (Uruguai)

Raúl Bernal-Meza

Universidades Nacional del Centro (Argentina)

Tício Escobar

Centro de Artes Visuales (Paraguai)

Vincent Gouëset

Université Rennes 2 (França)

Wladimir Mejía Ayala

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Editores Honorários

Honorary Editors

Editores Honorários

Sedi Hirano

Universidade de São Paulo

Emir Simão Sader

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lígia Prado

Universidade de São Paulo

Afrânio Mendes Catani

Universidade de São Paulo

Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

Universidade de São Paulo

Editora/es Assistentes

Assistant Editors

Asistentes Editoriales

Beatriz Leal

Deise dos Santos Oliveira

Fernanda Durazzo de Oliveira

Francielli Mores Gusso

Gabriel Dibb Daub De Vuono

Giovanna Fidelis Chrispiano

Graziela Tavares de Souza Reis

Isabela Furegatti Corrêa

Karen Marcello

Lucas Cotosck Lara

Samiyah Venturi Becker

Suzana Maria Loureiro Silveira

Ygor Pierry Piemonte Dittão

Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** é uma revista especializada em difundir estudos sobre a América Latina. Criada em 2002 pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), na fase inicial a ***BJLAS*** teve o objetivo de favorecer o ambiente de integração regional com publicações neste âmbito do conhecimento. Com o passar dos anos, o periódico ampliou seu universo disciplinar e hoje divulga produções científicas de nível de pós-graduação nos diversos campos das humanidades, das artes e das ciências sociais.

Para garantir o foco das publicações da Revista, os editores da ***BJLAS*** têm priorizado temáticas de impacto regional para a América Latina e trabalhos com metodologias comparativas sobre dois ou mais países deste continente. O propósito é que as publicações contribuam de modo significativo para o avanço dos conhecimentos sobre a América Latina e para a divulgação do que se produz nos diversos centros de pesquisa sobre a região, articulando assim a pluralidade de perspectivas teóricas, de linhas de pesquisa e de possibilidade de interpretação.

Tais são as motivações da linha editorial da ***BJLAS*** que incentiva seus autores a realizar análises sobre tópicos transversais em questões sociais, políticas, culturais, econômicas, jurídicas, históricas e artísticas com abordagens transdisciplinares. Por fim, a ***BJLAS*** estimula seus autores a publicar não apenas Artigos, mas também Resenhas Críticas sobre livros recentes ou de grandes obras de pensadores clássicos da América Latina, assim como Críticas de Arte e Ensaios de interpretação da realidade regional.

PRESENTACIÓN

Versión en español

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** es una revista especializada en difundir estudios sobre América Latina. Creada en 2002 por el Programa de Posgrado de Integración en América Latina (PROLAM / USP), en la fase inicial la ***BJLAS*** tuvo como objetivo favorecer el entorno de integración regional con publicaciones en este campo del conocimiento. Con los años, la revista ha expandido su universo disciplinario y hoy publica producciones científicas de posgrado en los diversos campos de las humanidades, las artes y las ciencias sociales.

Para salvaguardar la propuesta de las publicaciones de la Revista, los editores de BJLAS priorizan los temas de impacto regional para América Latina y trabajos con metodologías comparativas sobre dos o más países de este continente. El propósito es que las publicaciones contribuyan significativamente al avance del conocimiento sobre América Latina y a la difusión de lo que se produce en los diversos centros de investigación de la región, articulando así la pluralidad de perspectivas teóricas, líneas de investigación y posibilidad de interpretación.

Con tales motivaciones editoriales, la ***BJLAS*** alienta a sus autores a realizar análisis sobre asuntos transversales en temas sociales, políticos, culturales, económicos, jurídicos, históricos y artísticos con enfoques transdisciplinarios. Finalmente, a ***BJLAS*** estimula que a sus autores publiquen no solo Artículos, sino también Reseñas críticas de libros recientes o de grandes obras de pensadores clásicos de América Latina, así como Críticas de arte y Ensayos de interpretación de la realidad regional.

PRESENTATION

English version

The **Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)** is a journal specialized in disseminating studies on Latin America. Created in 2002 by the Latin America's Integration Graduate Program – Prolam/USP, in the initial phase **BJLAS** aimed to promote the environment of regional integration with publications in this field of knowledge. Over the years, the journal has expanded its disciplinary universe and today publishes graduate scientific productions in the different fields of the humanities, arts and social sciences.

To ensure the focus of the journal's publications, **BJLAS** editors have prioritized issues of regional impact for Latin America and works with comparative methodologies on two or more countries of the continent. The purpose is that these publications contribute significantly to the advancement of knowledge about Latin America and to the dissemination of what is produced in the various research centers on the region, thus articulating the plurality of theoretical perspectives, research lines and alternative ways of interpretation.

Such are the motivations of the **BJLAS** editorial line that encourages authors to carry out analyzes on cross-cutting approaches on social, political, cultural, economic, legal, historical and artistic issues with transdisciplinary perspectives. Finally, **BJLAS** stimulates authors to publish not only Articles, but also Critical Reviews of recent books or of great works by classical thinkers from Latin America, as well as Art Critics and Essays to interpret regional reality.

Editoras **Editors**

Maria Cristina Cacciamali 
Universidade de São Paulo

Vivian Urquidí 
Universidade de São Paulo

Editores convidados **Guest Editors**

Lúcio Fernando Oliver Costilla 
Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo 
Universidad Javeriana de Colombia

Gustavo Gutiérrez e a Teologia da Libertação: Uma Resposta Teológica e Política às Demandas Históricas e Sociais da América Latina

Gustavo Gutiérrez y la Teología de la Liberación: Una Respuesta Teológica y Política a las Demandas Históricas y Sociales de América Latina

Gustavo Gutiérrez and Liberation Theology: A Theological and Political Response to the Historical and Social Demands of Latin America

Vivian Urquidí

Maria Cristina Cacciamali

Bruno Massola Moda

01

Gustavo Gutiérrez e o legado da Teologia da Libertação (in memoriam)

Gustavo Gutiérrez y el legado de la Teología de la Liberación (in memoriam)

Gustavo Gutiérrez and the legacy of Liberation Theology (in memoriam)

Giovanni Semeraro

66

Gustavo Gutiérrez: una teología comprometida con la praxis histórica de la liberación

Gustavo Gutiérrez: uma teologia comprometida com a práxis histórica da libertação

Gustavo Gutiérrez: a theology committed to the historical praxis of liberation

Israel Arturo Orrego-Echeverría

Manuel Leonardo Prada Rodríguez

81

Fundamentalismo religioso, capitalismo racial y crisis civilizatoria

Fundamentalismo religioso, capitalismo racial e crise civilizatória

Religious fundamentalism, racial capitalism, and civilizational crisis

Betty Ruth Lozano-Lerma

103

El desarrollismo militar peruano de los años setenta revisitado desde Uruguay. Una etapa particular en el desarrollo del capitalismo de ese país, y la atracción que el "peruanismo" ejerció durante esos años críticos en la región

O Desenvolvimentismo Militar Peruano dos anos 1970 revisitado a partir do Uruguai: Uma fase particular no desenvolvimento do capitalismo naquele país e a atração que o "Peruanismo" exercia durante aqueles anos críticos na Região

Peruvian Military Developmentalism of the 1970s revisited from Uruguay: A unique phase in the development of capitalism in that country and the attraction that "Peruvianism" exerted during those critical years in the Region

Antonino Zunino

130

Ascensos e descensos na população afrodescendente na América Latina: as experiências da Colômbia e Brasil nos censos de 2018 e 2022

Ascensos y descensos de la población afrodescendiente en América Latina: las experiencias de Colombia y Brasil en los censos de 2018 y 2022

Rises and declines in the afro-descendant population in Latin America: the experiences of Colombia and Brazil in the 2018 and 2022 censuses

Carlos Augusto Viáfara López

Yoná dos Santos

163

Produção do conhecimento sobre a América Latina por grupos de pesquisa no Brasil: características, potenciais e desafios

Producción del conocimiento sobre América Latina por los grupos de investigación en Brasil: características, potenciales y límites

Production of knowledge on Latin America by research groups in Brazil: characteristics, potentials, and challenges

Flávia Lessa de Barros

Lília Gonçalves Magalhães Tavoraro

197

Desenvolvimento sustentável e constitucionalismo decolonial: a valorização do trabalho da natureza como fundamento da ordem econômica

247

Desarrollo sostenible y constitucionalismo decolonial: valorando el trabajo de la naturaleza como fundamento del orden económico

Sustainable development and decolonial constitutionalism: the appreciation of the value of work of nature as foundation of the economic order

Marcelo Barros Jobim

Alfonso García Robles y el Tratado de Tlatelolco: entre la guerra fría y la desnuclearización en América Latina

272

Alfonso Garcia Robles e o Tratado de Tlatelolco: entre a guerra fria e o desnuclearização na América Latina

Alfonso Garcia Robles and the Treaty of Tlatelolco: between the cold war and denuclearization in Latin America

Martín López Avalos

Una exploración comparativa de las estrategias de política exterior entre Panamá y China: ¿cómo la falta de continuidad gubernamental impacta la actividad económica?

303

Uma exploração comparativa das estratégias de política externa entre Panamá e China: como a falta de continuidade governamental afeta a atividade econômica?

A comparative exploration of foreign policy strategies between Panama and China: how does the lack of governmental continuity impact economic activity?

Sebastian Naranjo Rodriguez

The main impedances for the ratification of the treaty between Mercosur and the European Union: the two-level games perspective

336

Os principais impedimentos para a ratificação do tratado entre o Mercosur e a União Europeia: a perspectiva dos jogos de dois níveis

Los principales impedimentos para la ratificación del tratado entre el mercosur y la Unión Europea: la perspectiva de los juegos de dos niveles

Rodolfo Vieira Nunes

O dilema paraguaio: entre a reexportação e o Mercosul

369

El dilema paraguay: entre la reexportación y el Mercosur

The Paraguayan dilemma: between reexportation and Mercosur

Luiza Peruffo

Kevin Wanderlan Fernandes dos Santos

RESENHA / Book Review / Reseña

No) todo es gentrificación

396

(Not) everything is gentrification

(Nem) tudo é gentrificação

Guillermo Jajamovich

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Gustavo Gutiérrez e a Teologia da Libertação: Uma Resposta Teológica e Política às Demandas Históricas e Sociais da América Latina

No início do século XXI, a América Latina e o Caribe experimentaram um período de transformações significativas no âmbito político - com a chegada de governos progressistas, principalmente -, e avanços no âmbito social, o que foi favorecido pela expansão econômica da China. Até 2014, a pobreza extrema na região foi atenuada de 12,2% em 2002 para 7,8% em 2014, assim como diminuíram os indicadores de desigualdade (IDB, 2024). O investimento social promoveu progressos principalmente em áreas como educação, redução da fome e melhorou os indicadores de saúde e bem-estar, criando expectativas de um novo modelo de desenvolvimento social e político. No entanto, passado esse curto período, que se encerra na segunda década do século, a situação socioeconômica latino-americana voltou a patamares históricos anteriores, com o retorno da pobreza extrema e da desigualdade, indicando que as profundas assimetrias na América

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. E-mail: vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidade do Novo México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programa de Pós-graduação Integração da América Latina. E-mail: cciamali@uol.com.br

³ Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

Latina não são questões conjunturais, mas estão arraigadas estruturalmente no corpo social.

Com mais de 180 milhões de pessoas vivendo na pobreza – um pouco mais de 30% da população total da região – e mais de 80 milhões em condições de extrema pobreza - i.e, 13% –, conforme dados da ONU/CEPAL de 2022, a América Latina permanece sendo o continente mais desigual do mundo.

Dados de abril de 2024 do Banco Interamericano de Desenvolvimento (IDB, 2024) indicam que os 10% da população mais rica acumulam rendimentos médios 12 vezes superiores aos do segmento que está entre os 10% mais pobres. As estatísticas apontam que, na década iniciada em 2020, a concentração de riqueza aumentou, assim como o desigual acesso - principalmente da população negra, indígena e das mulheres - às oportunidades e aos direitos sociais, enquanto as políticas redistributivas se restringiram novamente em função do ajuste fiscal.

Politicamente, o cenário favorável do início do século XXI aos governos progressistas também mudou a partir da segunda década. A região vivenciou uma reviravolta com o ascenso de governos de direita liberal na economia, muitos deles com viés conservador nos costumes. Casos emblemáticos, como o Brasil de Bolsonaro, El Salvador de Bukele, o Equador a partir de Lenín Moreno e, posteriormente, a Argentina de Milei, refletem esse movimento que, ao mesmo tempo em que busca reverter políticas sociais e econômicas de caráter progressista, impõe um novo paradigma de austeridade fiscal e reformas *ultraliberales*. Essas mudanças, marcadas por polarizações políticas e sociais, revelam os desafios e dilemas da região em um contexto de incertezas globais, como conflitos bélicos prolongados, crises climáticas e radicalização das direitas europeias e nos Estados Unidos.

A sociedade latino-americana respondeu à expansão da direita com mobilizações importantes contra as forças reformistas liberais.

Recentemente foi o que se viu, principalmente na Colômbia, onde os protestos sociais – “El Estallido” de 2021 – criaram condições para uma transformação política do país com uma virada fundamental, embora instável, à esquerda. Na Bolívia, as forças democráticas e populares defenderam através do voto o retorno do governo do MAS ao poder, encerrando o golpe de 2019. No entanto, rachas internos do partido do governo contribuem fortemente para a possibilidade de uma vitória da direita nas eleições de 2025.

As mobilizações sociais em outros países não foram suficientes para sustentar as transformações progressistas: no Chile, o “Estallido Social”, não garantiu uma nova Constituição Plurinacional, nem no Equador e na Argentina, onde a ocupação das ruas pelos movimentos urbanos e rurais populares não foi capaz de neutralizar o avanço das políticas de ajuste fiscal e austeridade. No Brasil, a volta do Partido dos Trabalhadores ao governo não garantiu nem o fim das polarizações políticas, nem a retomada do projeto social dos primeiros governos petistas. Pelo contrário, certa apatia tomou conta da mobilização no campo das esquerdas, enquanto as ruas ficaram por um longo período tomadas pela ação política da direita, altamente motivada por valores conservadores, antidemocráticos, quando não fascistas.

Em cenários de desmobilização como os que descrevemos no caso brasileiro; ou de insucesso das lutas políticas progressistas, como no Equador e no Peru; no horizonte incerto argentino, boliviano e, inclusive, colombiano, cabe perguntar como é possível motivar e rearticular as energias sociais e políticas da resistência ao neoliberalismo? Como podemos impulsionar a construção ou a defesa dos projetos alternativos de hegemonia progressista, que caracterizaram a ação coletiva e as grandes manifestações sociais dos anos 1980 e 1990, em defesa da democracia e pelos direitos sociais contra as reformas neoliberais? Como impedir que a frustração das expectativas de ascensão econômica dos setores médios e

populares transforme essa base social em suporte ideológico e político do novo conservadorismo e do ultraliberalismo?

De fato, a indignação com a pobreza e a desigualdade não é um problema político ou epistêmico deste século. A luta popular contra a desigualdade já era uma questão central nas décadas de 1960 e 1970, quando no cenário de ausência democrática, teóricos sociais e militantes de esquerda – principalmente marxistas – analisaram a situação de miséria e marginalidade a partir de conceitos como pobreza e exclusão social. Naquele período, um dos mais importantes sociólogos latino-americanos, o mexicano Pablo González Casanova (2015[1965]), sentenciava, por exemplo, que as relações capitalistas produziam a situação de marginalismo, a falta de participação de segmentos sociais no crescimento do país e a existência de sociedades duais – cultural, econômica e politicamente heterogêneas – que transformavam a mesma nação em mundos distintos, e o *colonialismo* ou seu correlato contemporâneo, o imperialismo, não ocorria apenas em escala internacional, mas também dentro do próprio país, como um colonialismo interno.

Por sua vez, o brasileiro Florestan Fernandes (2015[1970]), outro grande sociólogo do século passado, em palestra ministrada em 1970, denunciava a incompatibilidade entre as crenças democráticas disseminadas pelos Estados Unidos naquele período e as consequências de sua hegemonia política na região, cujo resultado – intensificação da pobreza e a revitalização de estruturas de poder arcaicas – favorecia as ditaduras militares e os regimes autoritários.

O recrudescimento dos regimes militares contra partidos, sindicatos, universidades e mobilizações sociais, nos anos de 1960 e 1970, teve como resposta intensos conflitos políticos, gerando uma série de formas de resistência que se manifestaram principalmente por dois movimentos nem sempre separados: o da luta armada e o de ações solidárias em comunidades de base, especialmente as eclesiais de base (CEBs), como

resposta ao autoritarismo, à repressão política e à situação de miséria em setores urbanos e rurais.

Os ecos da Revolução Cubana de 1959 induziram à formação da resistência armada ao longo de todo o subcontinente. Assim, por exemplo, no Brasil, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), a Ação Libertadora Nacional (ALN), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) atuaram na clandestinidade contra a ditadura militar instaurada em 1964; em El Salvador, a Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) adotou uma estratégia de guerrilha rural e urbana, buscando minar o governo e suas forças armadas, enquanto também realizava ações diretas contra os grandes latifundiários; e na Nicarágua, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) venceu a dinastia somocista, tendo em seguida que confrontar, e por uma década, a contra-revolução orquestrada pelos Estados Unidos.

As Comunidades Eclesiais de Base desempenharam um papel fundamental na organização das resistências políticas, especialmente nas áreas urbanas e rurais mais empobrecidas. Com o surgimento da Teologia da Libertação, a partir da década de 1960, essas comunidades se tornaram um espaço crucial para a formação política crítica e a produção cultural de pedagogias de resistência contra a opressão ditatorial e oligopolista. Esse segmento progressista da Igreja Católica e Protestante, presente em toda a América Latina, e especialmente no Peru, Brasil, Chile, Colômbia e El Salvador, tornou-se um ponto de apoio para os mais pobres e marginalizados, oferecendo uma interpretação religiosa que via a luta pela justiça social e pela libertação como um dever cristão.

As Comunidades Eclesiais de Base se organizaram em torno de grupos de reflexão, de comunhão e ação de solidariedade em comunidades periféricas, escolas populares e projetos comunitários pautados pela ética da consciência transformadora da realidade.

É a partir da análise desse alinhamento entre setores progressistas da Igreja e os ideais de transformação política das estruturas sociais latino-americanas nas esquerdas que a **BJLAS** presta tributo, nos primeiros artigos deste número, ao projeto ético, cristão e político-intelectual de Gustavo Gutiérrez (08/06/1928 - 22/10/2024), como homenagem póstuma a um dos maiores expoentes da Teologia da Libertação e um dos principais arquitetos do movimento de reforma católica progressista na América Latina.

Neste número, dois artigos escritos por profundos conhecedores da Teologia da Libertação e da atuação de Gustavo Gutiérrez — o italo brasileiro Giovanni Semeraro e os colombianos Israel Arturo Orrego-Echeverría e Manuel Leonardo Prada Rodríguez— nos permitem entender a origem, as circunstâncias e a profundidade ética-política e filosófica do movimento teológico latino-americano, que foi abraçado por ativistas sociais, movimentos populares, coletivos culturais e até intelectuais marxistas na busca pela transformação política e social da região, a partir de uma mística de comunhão com os excluídos.

Da Filosofia da Libertação, projeto consolidado por Enrique Dussel (1987), entendemos que o *Paradigma da Libertação* – em todo distinto ao liberalismo burguês – resultou da releitura teológica do livro do Êxodo – segundo livro do Antigo Testamento da Bíblia, que narra a história da saída do povo de Israel da escravidão no Egito rumo à Terra Prometida.

A América Latina, que nas décadas de 1960 e 1970 sofria o momento mais álgido das ditaduras, também experimentava a abertura da Igreja Católica, desencadeada pelo Concílio Vaticano II para desempenhar um papel mais participativo na sociedade e nos problemas políticos e econômicos dos povos. As diretrizes do Concílio se aprofundaram na Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (1968), quando diversos documentos foram produzidos, com relevância para os que tratavam da justiça social, da paz e da necessidade de repensar

a pobreza e a libertação das relações opressivas impostas pela ditadura e pelos oligopólios latino-americanos sobre o povo.

A brecha aberta pelo Episcopado Latino-Americano favoreceu a releitura do livro do Êxodo, em que a luta do povo de Deus por sua libertação permitiu aos teólogos reconstruir suas leituras sobre a realidade latino-americana, na medida em que assumem o compromisso de acompanhar e aprender com os oprimidos os caminhos e sentidos reais da libertação.

Enrique Dussel (1987, pp. 106 e ss.) destaca vários níveis no processo de tomada de consciência que os teólogos da libertação vivenciaram até conquistarem os conhecimentos e as experiências coletivas capazes de permitir sua participação na transformação social. Nesse processo, a Igreja passará de uma situação voluntária inicial de optar pela pobreza para uma posterior em que descobrirá não apenas as condições materiais da pobreza, mas também o sujeito histórico real e concreto: o faminto, o explorado, o oprimido, ao qual a Igreja e os teólogos deverão servir e ter como referência. O oprimido não será mais agente passivo da sua libertação, mas sujeito ativo da transformação da sua realidade.

É neste cenário hostil e complexo da política e das reformas eclesiais que a dimensão histórica do teólogo peruano, Gustavo Gutiérrez, precisa ser entendida. Sabemos por Orrego-Echeverría e Prada Rodríguez – que escrevem neste número –, que nasceu no Peru e cresceu em um lar de classe média. Seu rosto expressava sua ancestralidade indígena, refletindo sua sensibilidade com os povos oprimidos desde a experiência colonial. Uma doença que o acompanhou desde sua adolescência também desenvolveu a empatia que o futuro teólogo terá pelos enfermos e marginalizados das benesses do Estado, o que possivelmente influenciou sua formação em medicina. Semelhante a José Carlos Mariátegui, os limites que o corpo lhe impunha induziram Gutiérrez a se tornar leitor da grande literatura peruana, cujas influências são apresentadas por Semeraro nas

páginas desta edição da **BJLAS**. Ordenado sacerdote, sua formação intelectual e teológica se consolidou por meio de sua passagem por diversas instituições europeias, onde também conheceu e estabeleceu diálogos com a experiência do Concílio Vaticano II.

A trajetória intelectual de Gutiérrez e os aspectos fulcrais desta teologia são criticamente apresentados nos dois primeiros artigos desta edição, como veremos. Destacamos aqui que, na medida em que Gutiérrez se transforma em referência mundial de uma teologia crítica e desafiadora do capitalismo e avessa aos poderes econômicos e políticos locais, ele também se tornou alvo do conservadorismo severo do Vaticano, especialmente durante o período em que Joseph Ratzinger esteve à frente da Congregação para a Doutrina da Fé, antes de se tornar o Papa Bento XVI.

As críticas de Gutiérrez e da Teologia da Libertação identificavam a origem da pobreza e das desigualdades sociais e econômicas ao valorizar a luta de classes, o que o Vaticano considerava inadequado e até perigoso.

Para Gutierrez,

[e]ssa luta [das classes baixas] está questionando a ordem social existente desde suas raízes. Ela insiste que o povo deve chegar ao poder se a sociedade for realmente livre e igualitária. Em uma sociedade assim, a propriedade privada dos meios de produção será eliminada, pois ela permite que uma minoria exproprie os frutos do trabalho realizado pela maioria, gera divisões de classe na sociedade e permite que uma classe explore a outra. Em uma sociedade redefinida, a apropriação social dos meios de produção será acompanhada por uma apropriação social das rédeas do poder político, o que garantirá a liberdade do povo (Gutierrez, 1983, p. 1-2, trad. livre)⁴.

Será que esse enfoque nos permite concluir que a teologia de Gutiérrez estivesse impregnada da dogmática marxista? Semeraro, e Orrego-Echeverría e Prada Rodríguez oferecem respostas consistentes a esta pergunta nos dois primeiros artigos deste número da revista. O fato é que, na visão de Ratzinger, a Igreja deveria concentrar-se na salvação

espiritual e não se envolver diretamente em questões políticas e econômicas, mesmo diante do contexto feroz de ditaduras militares e da miséria à qual o trabalhador explorado é relegado.

Em qualquer caso, outra pergunta que se impõe é saber se o desmonte da organização social das resistências e a emergência do conservadorismo evangélico na política foram resultados da crise de uma das alternativas mais importantes de organização política e social na América Latina.

A repressão e a condenação de seus principais representantes, como Gustavo Gutiérrez, resultaram no distanciamento da Igreja de temas ligados à justiça social e à luta contra as estruturas opressivas.

Contudo, Giovanni Semeraro avalia que, ao mudar o paradigma da libertação pelo projeto de construção hegemônica pela via dos partidos políticos, ao longo das últimas décadas,

“as preocupações eleitorais e a concentração nos partidos, a profissionalização da política e o dispêndio de energias na conquista do poder governamental acabaram esvaziando os espaços voltados para a mobilização popular e a construção da hegemonia nos diversos campos da cultura e da sociedade civil ” (SEMERARO, 2007, p. 102).

A ausência das ações eclesiais da Teologia da Libertação deve, de fato, ser vista como um dos fatores, entre outros, que contribuíram para o desmonte da política progressista e para a emergência do conservadorismo evangélico na América Latina. No auge da Teologia da Libertação, a Igreja Católica, especialmente através de movimentos como as Comunidades Eclesiais de Base, tinha um papel fundamental na defesa dos direitos dos pobres e na promoção de uma crítica radical às estruturas de poder e de exploração. A opção pelos pobres, tão central nesse movimento, visava não só uma mudança no plano espiritual, mas também uma transformação das condições materiais de vida e uma crítica às desigualdades econômicas e sociais presentes na região.

A ascensão do conservadorismo evangélico pode ter sido favorecida pela vacância deixada pela Igreja Católica na luta contra as desigualdades e em defesa de uma transformação social. Em vez de uma Igreja progressista e engajada, as igrejas neopentecostais na América Latina começaram a ganhar poder político, frequentemente alinhadas a governos neoliberais e com um foco muito mais forte em questões morais – como veremos também neste número da revista, nas análises da socióloga Betty Ruth Lozano. Trata-se de um novo movimento teológico, em boa parte, alinhado com as políticas de extrema direita.

A ausência de Gustavo Gutiérrez deixará um vazio profundo na luta pela dignidade dos pobres, pois sua voz incansável e sua visão teológica profundamente comprometida com a justiça social sempre foram faróis de esperança e transformação para os oprimidos da América Latina.

O primeiro artigo que compõe as homenagens a Gustavo Gutiérrez é do ítal brasileiro, Giovanni Semeraro, professor pesquisador da *Universidade Federal Fluminense* (Brasil). Em **“Gustavo Gutierrez e o Legado da Teologia da Libertação”**, Semeraro coloca o teólogo e sujeito político Gustavo Gutierrez - “pai da Teologia da Libertação” - no cenário latinoamericano dos anos 1960-1970, da Guerra Fria e de Ditaduras, e da lutas pela libertação latinoamericana. O “cristianismo de esquerda” é explicado a partir da renovação da Igreja europeia, mas mediada pelas respostas dos teólogos latino-americanos a partir do lugar concreto das opressões regionais, isto é, dos governos de exceção das ditaduras, dos resquícios do colonialismo nas relações internas e da ameaça permanente do imperialismo norte-americano. A centralidade do conceito de pobreza em Gutierrez traz à tona não apenas o sujeito-paciente da opressão - o pobre ou povo que vive na condição da pobreza -, como principalmente as causas da pobreza, isto é, as contradições entre opressores e oprimidos, como contradições que “não são desígnios divinos”, mas relações concretas entre países colonizadores e dependentes, e classes dominantes com as

subalternas: “as massas populares não são simplesmente pobres, mas oprimidas e espoliadas”.

Na perspectiva deste cristianismo renovado, cujo “potencial é revolucionário” - segundo Semeraro - coloca-se a igreja latinoamericana em confronto com aquela que é agente de hierarquias sociais, da expansão colonial e capitalista e que se omite perante a miséria, o sofrimento e a injustiça social. A “opção pelos pobres”, pelo contrário, promovida pela Teologia da Libertação, buscaria a transformação da situação concreta dos oprimidos em agentes ativos e conscientes da sua libertação. Nesse contexto, a Igreja dos Pobres não poderá ser neutra contra a exploração, mas terá como uma das tarefas centrais - e a vida de Gustavo Gutierrez é um testemunho desta missão - a denúncia contra a acumulação das “classes abastadas”, sua “hipocrisia”, seu “egoísmo” e a violência da riqueza e do poder contra os oprimidos.

Semeraro conclui sua análises fundamental, colocando a Teologia da Libertação e Gutiérrez em diálogo com as práticas de libertação mais fecundas daquele momento político na América Latina, *a prática da educação libertadora* - principalmente de Paulo Freire -, “da filosofia da libertação, dos movimentos políticos de libertação, da sociologia e economia da libertação (‘Teoria da Dependência’), das mais diversas expressões artísticas e culturais de libertação que se disseminaram dentro e fora do continente sul-americano”.

O segundo artigo do número 50 da **BJLAS** vem da Colômbia, e das mãos de dois filósofos pesquisadores da teologia, Israel Arturo Orrego-Echeverría, da *Universidad Libre de Colombia*, e Manuel Leonardo Prada Rodríguez, da *Universidad Industrial de Santander* (Colômbia). O artigo intitulado “**Gustavo Gutierrez: uma Teologia comprometida com a Práxis Histórica da Libertação**” começa por uma distinção fundamental - *um dualismo* - que nos permite entender o lugar exato a partir do qual Gustavo Gutierrez desenvolveu seu pensamento teológico cristão, e assim,

seu compromisso ético filosófico e suas lutas intelectuais e políticas pelos pobres na América Latina. Os autores distinguem matrizes interpretativas da vida de Cristo, da espiritualidade e da santidade que, desde as origens do cristianismo, opõem as leituras mais dogmática voltadas à salvação do espírito sem obrigações históricas àquelas que assumem o compromisso com as necessidades e a salvação do próximo. Para Gutierrez, porém, a história da salvação seria a reunião da praxe teológica com a praxe histórica, pois Deus não é alheio à busca da justiça, “toma partido pelos oprimidos” e “se apiedou pelos escravos”.

Rejeitando a posição privilegiada da “igreja convencional” - elitista que prega o conformismo -, as críticas de Gutierrez à modernidade ocidental, ao eurocentrismo, ao desenvolvimentismo, ao capitalismo, entre outros, são pelas vítimas desse desenvolvimento excludente, e por isso, sua sensibilidade ética derivará em “feminismos, indigenismos, ecologismos” e em outras formas de *resistência* contra o “domínio global do capitalismo” e do Deus branco, machista, excludente e antropomorfizado.

Orrego-Echeverría e Prada Rodríguez tematizam o “marxismo cultural” de Gutierrez, invertendo porém a relação teoria-praxe pela relação praxe-teoria. Ou seja, em lugar de interpretar a realidade opressora pelas leituras do materialismo histórico, Gutierrez construiria sua interpretação da realidade pelo caminho junto ao povo, pela comunhão íntima com o oprimido, ao construir com a orientação de Deus e comunitariamente junto com os oprimidos o “trajeto da libertação”. Nesse contexto, conforme concluem os autores, “não seria aceitável qualificar de marxista a Gutierrez porque ele somente articula teologia com ciências sociais, porém sem sintetizá-las”. Nesse contexto, a adoção do materialismo dialético pelos teólogos da libertação teria um papel metodológico interpretativo e não dogmático, uma vez que seu horizonte não seria o socialismo, mas o Reino de Deus.

Deste modo, os autores distinguem, ainda, um aspecto central nas lutas pela libertação durante os anos de ditadura e de Estados de exceção: a interpretação do materialismo histórico, na luta armada, buscou a justiça social pelo caminho da violência, enquanto os teólogos da libertação buscaram a imersão nas Comunidades Eclesiásticas de Base, junto aos marginalizados e empobrecidos, em prol da formação de uma consciência crítica de transformação da realidade e amparados pelas ações salvadoras do exemplo de Cristo.

O paradigma da libertação e a opção pelos mais pobres nas décadas do ápice das ditaduras militares na América Latina permitiram aquilo que Semeraro (2007, p. 96) considera o “florescimento espantoso de práticas político-pedagógicas inovadoras e de criações teóricas em diversos campos que tiveram na ‘libertação’ sua temática aglutinadora”.

O descolamento em relação às comunidades de base e ao papel central da formação política libertadora pelos partidos políticos de esquerda no momento da redemocratização, dos sindicatos e, inclusive, da igreja católica, resultou na desarticulação e no enfraquecimento de uma das mais importantes experiências de construção de uma consciência transformadora da realidade, que era a Igreja e a Teologia da Libertação.

O abandono da praxe libertadora no campo das esquerdas deixou o caminho aberto tanto para a reestruturação do Estado em moldes neoliberais, quanto para a consolidação de alternativas individualistas e despolitizadas de reprodução social, tais como o empreendedorismo que substituiu a ação coordenada dos trabalhadores contra as formas de exploração do capital. Nesse contexto, soluções individualistas, despolitizadoras e avessas aos direitos humanos geraram as condições para o retorno, na segunda década do século XXI, de uma direita conservadora - patriarcal e militarista - nos costumes e (neo)liberal na economia. A expressão mais destacada desta direita são igrejas cristãs, principalmente neopentecostais, analisadas neste número da **BJLAS** pela socióloga

colombiana, Betty Ruth Lozano, da *Unibautista* (Colômbia), no artigo **Fundamentalismo Religioso, Capitalismo racial e Crise civilizatória**. Nesta virada espiritual, não é de surpreender que a Igreja dos Pobres fosse substituída pela Teologia da Prosperidade, que promove práticas empresariais dentro da Igreja, e pela Teologia da Dominação, em que o projeto político das igrejas dominionistas é a ocupação de cargos de poder no Estado, para impor valores e fundamentos de uma interpretação peculiar da Bíblia. Lozano é assertiva quando afirma que o propósito desta empreitada fundamentalista na política não é apenas ocupar a esfera pública, além da privada, como o de transformar o Estado numa extensão das suas crenças.

As sólidas teses defendidas pela autora deste artigo se nutrem do pensamento das mulheres negras latinoamericanas e das teorias decoloniais, além da teologia e do pensamento críticos latinoamericanos. Como resultado, a autora observa que o fundamentalismo cristão se transformou em instrumento central da hegemonia conservadora e neoliberal. É uma estratégia imprescindível de penetração e intervencionismo dos Estados Unidos e, principalmente, é o fundamento a partir do qual se justifica a violência estatal, inclusive o genocídio, pois “uma ameaça demoníaca [...] deve ser exterminada”.

O artigo de Lozano apresenta a antítese dramática dos resultados de uma Igreja que não se propõe à praxe da libertação. Os casos de violência estatal e da polarização política recentes na Colômbia e no Brasil, bem como o genocídio palestino, são exemplos concretos dos alcances e das dinâmicas do fundamentalismo religioso contemporâneo.

O cenário político da atuação de Gustavo Gutiérrez pode ser analisado no quarto artigo que apresentamos neste número da **BJLAS**.

Sem o ensejo de dialogar com o tema central desta edição, o historiador, Antonino Zunino, da *Universidad de la República* (Uruguai), propõe um artigo muito oportuno que desenha aspectos centrais do

cenário político latinoamericano dos anos 1970, mediante a análise de um governo militar no Peru que, na contracorrente das ditaduras regionais, promoveu um programa desenvolvimentista e progressista do ponto de vista das conquistas sociais, embora politicamente não assumisse compromissos com a democracia formal. Em **O Desenvolvimentismo Militar Peruano dos anos 1970 revisitado a partir do Uruguai: uma fase particular no desenvolvimento do capitalismo naquele país e a atração que o "Peruanismo" exercia durante aqueles anos críticos na Região**, o autor analisa o *progresismo militar* de Juan Velasco Alvarado, um presidente *sui generis* que, no cenário de radicalização das ditaduras da segunda metade de século XX na América Latina, se afastou das doutrinas de segurança promovidas pelos Estados Unidos, enquanto desenhou um programa de governo nacionalista e que confrontava as oligarquias peruanas. Velasco Alvarado beneficiou os camponeses peruanos com a Reforma Agrária e implementou um projeto desenvolvimentista de fortalecimento do mercado interno e redução das desigualdades sociais.

A originalidade do artigo é que Zunino não se detém a avaliar o progressismo militar do caso peruano, mas analisa o modo como, em determinado cenário, a experiência peruana teria encontrado aceitação de segmentos da esquerda. O caso específico que Zunino estuda é o cenário uruguaio da pré-ditadura cívico militar.

Os artigos que se seguem no número 50 da **BJLAS** trazem análises valiosas em diversos campos das ciências sociais.

A começar, o trabalho em parceria de Carlos Augusto Viáfara López, da Universidad del Valle (Colômbia), e Yoná dos Santos, da Universidade de São Paulo (Brasil), é uma análise comparativa de metodologias e dados do censo demográfico do Brasil e da Colômbia. Em **Ascensos e Descensos na população afrodescendente na América Latina: as Experiências da Colômbia e do Brasil nos Censos de 2018 e 2022**, Viáfara López e dos Santos apresentam os principais dados estatísticos do censo em ambos

países para, em seguida, polemizar as informações censitárias que não conseguem traduzir sensivelmente a diversidade racial e étnica desses países. As metodologias utilizadas em cada caso são descritas e interpretadas à luz das críticas do pensamento decolonial, denunciando as dificuldades de identificar a diversidade social, a invisibilização oculta sob os dados, os limites de recursos e, entre outros, as escolhas políticas que se impõem em cada critério. Enriquece o artigo a análise temporal dos censos ao longo do século XX, pontuando os problemas de cada momento. Tabelas com estatísticas e quadros exemplificam os casos e permitem melhor comparação de dois países que, na América do Sul, são paradigmáticos para os estudos do racismo estrutural latinoamericano.

O artigo de Flávia Lessa de Barros e de Lília Gonçalves Magalhães Tavoraro, ambas pesquisadoras do *Departamento de Estudos Latino-americanos da Universidade de Brasília* (Brasil), é um estudo de grande fôlego acerca da produção do conhecimento sobre a América Latina que se realiza no Brasil. O artigo se intitula ***Produção do conhecimento sobre a América Latina por Grupos de Pesquisa no Brasil: características, potenciais e desafios***. Trata-se de um estudo quantitativo fecundo, construído a partir de um banco de dados do Ministério de Ciências e Tecnologia do Brasil que reúne os grupos de pesquisa do país, e que é complementado com formulários de perguntas aplicadas a líderes de cada grupo que, não sendo um grupo especializado em estudos sobre a América Latina, vem estudando a partir de diversos campos de conhecimento, problemáticas da região. A relevância deste estudo é destacar quanto a América Latina e o Caribe transformam-se em tema e objeto de pesquisa inclusive em centros que regularmente produzem conhecimentos norte-eurocentrados. Aspecto também fundamental é a crítica dos líderes de pesquisa à ausência de apoio governamental para os estudos sobre a região, algo que se reflete, também, nos diversos foros e espaços de produção do conhecimento sobre a região.

Tabelas e quadros enriquecem as análises com detalhes sobre a região de atuação dos grupos de pesquisa, os principais temas abordados e as áreas em que tais estudos são desenvolvidos.

A atualidade do próximo artigo é traduzida no título **Desenvolvimento Sustentável e Constitucionalismo decolonial: a valorização do trabalho da natureza como fundamento da ordem econômica**. O trabalho essencialmente teórico-argumentativo apresenta a possibilidade de transformar a Natureza em sujeito de Direito. Trata-se de uma reflexão no campo do Direito constitucional do pesquisador Marcelo Barros Jobim, do *Centro de Ensino Superior de Maceió*, no Brasil. A partir do constitucionalismo latinoamericano, principalmente do Equador e da Bolívia, e apoiado na matriz teórica e críticas do pensamento decolonial, o autor polemiza artigos do texto constitucional brasileiro de 1988, destacando a ausência de princípios e normas de proteção dos Direitos da Natureza, vulnerados principalmente pela razão instrumental moderna, o extrativismo e o antropocentrismo clássico. A racionalidade jurídica contemporânea também é colocada no crivo das críticas de Barros Jobim, cuja lógica liberal ignoraria as lógicas alternativas, por exemplo, da agroecologia, e do pensamento indígena que vive em harmonia com a Natureza.

Os próximos artigos apresentam análises no campo das Relações Internacionais. O primeiro trabalho é um resgate histórico de um momento importante de participação da diplomacia mexicana na ONU e sua ação negociadora nas iniciativas de desnuclearização da América Latina.

O artigo **Alfonso García Robles y el Tratado de Tlatelolco: entre la Guerra Fría y la desnuclearización na América Latina** resulta de uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a obra e atuação do embaixador e secretário de Relações Externas de México na Comissão Preparatória para a desnuclearização da região, cujos trabalhos resultaram na assinatura, em

1967, do Tratado de Tlatelolco. O autor é investigador do *Centro de Estudios Históricos do Colégio de Michoacán* (México).

O mérito principal do artigo é ter reconstruído em detalhes o momento sensível do cenário pós-Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, cujo ápice - para nosso caso - foi a Crise dos Mísseis russos em Cuba, em 1962. O artigo analisa documentos históricos e arquivos particulares a fim de compreender as delicadas tarefas e estratégias de construir consensos e eliminar os riscos por parte da diplomacia mexicana – na pessoa de Alfonso García Robles –, em prol de transformar a América Latina na primeira zona da desnuclearização do mundo.

O artigo destaca o papel da diplomacia brasileira, articulada com o esforço mexicano, para integrar o grupo de nações que compuseram a Comissão redatora do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares na região.

As relações entre Panamá e China são o foco do artigo de Sebastian Naranjo Rodríguez, da *Renmin University of China*. A partir de uma análise comparativa das políticas externas, o autor observa o processo difícil de construção de relações bilaterais interrompidas pelas oscilações internas da política e pelo impacto que isto representa na descontinuidade da política externa panamenha com a China. O artigo intitula-se ***Uma exploração comparativa das estratégias de política externa entre Panamá e China: como a falta de continuidade governamental afeta a atividade econômica?***

A instabilidade da política externa panamenha, ora mais alinhada com os interesses dos Estados Unidos, ora voltada a uma atuação mais independente de cooperação e em diálogo com a China é finalmente avaliada pelos riscos potenciais de o Panamá perder as oportunidades econômicas que a China vem oferecendo a outros países da região.

O artigo é acompanhado de cuidadosas tabelas explicativas sobre as variáveis que marcam a cooperação econômica, política e do intercâmbio cultural internacional entre países.

Como as decisões em negociações internacionais podem ser afetadas por dinâmicas internas de um país é o foco também do artigo **Os principais impedimentos para a ratificação do Tratado entre o Mercosul e a União Europeia: a perspectiva dos Jogos em Dois Níveis**, de Rodolfo Vieira Nunes. Neste trabalho, o pesquisador da *Universidade Federal de Juiz de Fora* (Brasil) analisa os principais entraves ao Tratado entre os blocos econômicos do Mercosul e da União Europeia.

Para entender as oscilações das dinâmicas internas e sua influência nas negociações internacionais, o autor utiliza a Teoria dos Jogos de Dois Níveis que permite, cabalmente, combinar o nível nacional e o internacional na análise para identificar os principais impedimentos do Tratado. Entre os problemas identificados, a resistência a mudanças, como a adoção de estratégias de primarização, especialmente no Mercosul e na União Europeia, em setores como indústria e agricultura, são parte dos empecilhos que exigem a eliminação de tarifas e a criação de cotas de importação, ou seja, ações capazes de criar atritos com a base interna de cada país.

A política de 'reexportação' de produtos do Paraguai é o foco do artigo **O dilema paraguaio: entre a reexportação e o Mercosul** dos pesquisadores da *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Luiza Peruffo e Kevin Wanderlan Fernandes dos Santos. A reexportação no Paraguai é uma estratégia que envolve a importação de produtos que não são destinados ao consumo interno, mas à revenda para outros países da região, sem grandes transformações. Esse modelo, iniciado na década de 1970 durante a ditadura de Alfredo Stroessner, permitiu ao Paraguai gerar recursos para o regime sem comprometer sua estrutura agroexportadora e consolidou a relação comercial estreita com Brasil e Argentina. Contudo a

estratégia é um obstáculo persistente para uma plena integração do Paraguai ao Mercosul, o que constitui um dos principais aspectos das relações bilaterais deste país com o Brasil e a Argentina. O artigo vem acompanhado de importantes gráficos sobre a reexportação e a balança comercial paraguaia.

A edição número 50 da **BJLAS** é encerrada com uma resenha do livro “*Vender una ciudad. Gentrificación y turistificación en los centros históricos*”, de Iban Díaz Parra. A resenha elaborada por Guillermo Jajamovich da *Universidad de Buenos Aires* (Argentina) sob o título **(Nem) Tudo é Gentrificação** destaca a abordagem comparativa que o autor da obra realiza a partir de estudos de caso na Ciudad de México, em Buenos Aires e na cidade de Sevilla (Espanha).

Referências

DUSSEL, Enrique. El paradigma del Éxodo en la Teología de la Liberación. **Concilium: Revista internacional de teología**, n. 209, p. 99-114, 1987. Disponível em:

<https://repository.globethics.net/bitstream/handle/20.500.12424/191083/n25.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 5 dez. 2024.

FERNANDES, Florestan. Patrones de dominación externa en América Latina. In: **Dominación y desigualdad : el dilema social latinoamericano**. México, D. F. : Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015[1970]. pp. 113-137. Disponível em:

<https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/16357/1/AntologiaFernandes.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2024.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. La sociedad plural: la democracia en México. In: **De la sociología del poder a la sociología de la explotación**: Pensar América Latina en el siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI / CLACSO, 2015[1965]. pp. 73-128. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/casanova.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

GUTIERREZ, Gustavo. Liberation Praxis and Christian Faith. In: GIBELLINI, Rosino (org.), **Frontiers of Theology in Latin America**. Nova Iorque (Markynoll): Orbis, 1983.

IDB (Inter American Development Bank). **The Complexities of Inequality in Latin America and the Caribbean**. Inter American Development Bank. 6 março 2024. Disponível em: <https://www.iadb.org/es/noticias/las-complejidades-de-la-desigualdad-en-america-latina-y-el-caribe>. Acesso em: 5 dez. 2023.

ONU/CEPAL. **Panorama Social de América Latina y el Caribe. La transformación de la educación como base para el desarrollo sostenible**. CEPAL, 2022. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/3ca376cf-edd4-4815-b392-b2a1f80ae05a/content>. Acesso em 2 dez. 2022.

SEMERARO, Giovanni. Da Libertação à Hegemonia: Freire e Gramsci no Processo de Democratização do Brasil. **Rev. Sociol. Polít.**, n. 29, p. 95-104, nov. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782007000200008>. Acesso em 22 jan. 2020.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.232672](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.232672)

Recebido em: 01/01/2025
Aprovado em: 01/01/2025
Publicado em: 01/01/2025

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Gustavo Gutiérrez y la Teología de la Liberación: Una Respuesta Teológica y Política a las Demandas Históricas y Sociales de América Latina

A principios del siglo XXI, América Latina y el Caribe experimentaron un período de transformaciones significativas en el ámbito político, principalmente con la llegada de gobiernos progresistas, y avances en el ámbito social, favorecidos por la expansión económica de China. Hasta 2014, la pobreza extrema en la región se redujo del 12,2% en 2002 al 7,8% en 2014, así como también disminuyeron los indicadores de desigualdad (IDB, 2024). La inversión social promovió avances principalmente en áreas como educación, reducción del hambre y mejoró los indicadores de salud y bienestar, creando expectativas de un nuevo modelo de desarrollo social y político. Sin embargo, después de este breve período, que culmina en la segunda década del siglo, la situación socioeconómica latinoamericana regresó a niveles históricos anteriores, con el retorno de la pobreza extrema y la desigualdad, lo que indica que las profundas asimetrías en América Latina no son cuestiones coyunturales, sino que están estructuralmente arraigadas en el cuerpo social.

¹ Doctora en Sociología por la Universidad de São Paulo con Postdoctorado en el Centro de Estudios Sociales de la Universidad de Coimbra. Es Profesora Adjunta de la Universidad de São Paulo en el Curso de Gestión de Políticas Públicas y en los Programas de Postgrado de Integración de América Latina y Estudios Culturales. E-mail: vurquidi@usp.br

² Doctora en Economía por la Universidad de São Paulo con Postdoctorado en el Instituto Tecnológico de Massachusetts y la Universidad de Nuevo México. Es profesora titular de la Universidad de São Paulo en la Facultad de Economía y Administración y del Programa de Postgrado en Integración de América Latina. Correo electrónico: cciamali@uol.com.br

³ Doutorante por el Programa de Postgrado en Integración de América Latina de la Universidad de São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

Con más de 180 millones de personas viviendo en la pobreza, lo que representa un poco más del 30% de la población total de la región, y más de 80 millones en condiciones de pobreza extrema, es decir, el 13%, según datos de la ONU/CEPAL de 2022, América Latina sigue siendo uno el continente más desigual del mundo.

Datos de abril de 2024 del Banco Interamericano de Desarrollo (IDB, 2024) indican que el 10% de la población más rica acumula ingresos promedio 12 veces superiores a los del segmento que se encuentra entre el 10% más pobre. Las estadísticas señalan que, en la década iniciada en 2020, la concentración de riqueza aumentó, al igual que el acceso desigual - principalmente de la población negra, indígena y de las mujeres - a las oportunidades y los derechos sociales, mientras que las políticas redistributivas se restringieron nuevamente debido al ajuste fiscal.

Políticamente, el escenario favorable del inicio del siglo XXI para los gobiernos progresistas también cambió a partir de la segunda década. La región vivió un giro con el ascenso de gobiernos de derecha liberal en la economía, muchos de ellos con un sesgo conservador en las costumbres. Casos emblemáticos, como Brasil bajo Bolsonaro, El Salvador bajo Bukele, Ecuador a partir de Lenín Moreno y, posteriormente, Argentina bajo Milei, reflejan este movimiento que, al mismo tiempo que busca revertir políticas sociales y económicas de carácter progresista, impone un nuevo paradigma de austeridad fiscal y reformas ultraliberales. Estos cambios, marcados por polarizaciones políticas y sociales, revelan los desafíos y dilemas de la región en un contexto de incertidumbres globales, como conflictos bélicos prolongados, crisis climáticas y la radicalización de las derechas europeas y en Estados Unidos.

La sociedad latinoamericana respondió a la expansión de la derecha con movilizaciones importantes contra las fuerzas reformistas liberales. Recientemente, esto fue evidente, principalmente en Colombia, donde las protestas sociales – “El Estallido” de 2021 – crearon condiciones para una

transformación política del país con un giro fundamental, aunque inestable, hacia la izquierda. En Bolivia, las fuerzas democráticas y populares defendieron, a través del voto, el regreso del gobierno del MAS al poder, poniendo fin al golpe de 2019. Sin embargo, las divisiones internas del partido en el poder contribuyen fuertemente a la posibilidad de una victoria de la derecha en las elecciones de 2025.

Las movilizaciones sociales en otros países no fueron suficientes para sostener las transformaciones progresistas: en Chile, el “Estallido Social” no garantizó una nueva Constitución Plurinacional, ni en Ecuador ni en Argentina, donde la ocupación de las calles por los movimientos urbanos y rurales populares no fue capaz de neutralizar el avance de las políticas de ajuste fiscal y austeridad. En Brasil, el regreso del Partido de los Trabajadores al gobierno no garantizó ni el fin de las polarizaciones políticas ni la recuperación del proyecto social de los primeros gobiernos del PT. Por el contrario, cierta apatía se apoderó de la movilización en el campo de las izquierdas, mientras que las calles estuvieron por un largo período dominadas por la acción política de la derecha, altamente motivada por valores conservadores, antidemocráticos, cuando no fascistas.

En escenarios de desmovilización como los que describimos en el caso brasileño; o de fracaso de las luchas políticas progresistas, como en Ecuador y Perú; en el horizonte incierto de Argentina, Bolivia e incluso Colombia, cabe preguntarse ¿cómo es posible motivar y rearticular las energías sociales y políticas de la resistencia al neoliberalismo? ¿Cómo podemos impulsar la construcción o la defensa de los proyectos alternativos de hegemonía progresista, que caracterizaron la acción colectiva y las grandes manifestaciones sociales de los años 1980 y 1990, en defensa de la democracia y los derechos sociales contra las reformas neoliberales? ¿Cómo evitar que la frustración de las expectativas de ascenso económico de los sectores medios y populares transforme esa

base social en soporte ideológico y político del nuevo conservadurismo y del ultraliberalismo?

De hecho, la indignación con la pobreza y la desigualdad no es un problema político ni epistémico de este siglo. La lucha popular contra la desigualdad ya era una cuestión central en las décadas de 1960 y 1970, cuando, en un contexto de ausencia democrática, teóricos sociales y militantes de izquierda – principalmente marxistas – analizaron la situación de miseria y marginación a partir de conceptos como pobreza y exclusión social. En ese período, uno de los sociólogos latinoamericanos más importantes, el mexicano Pablo González Casanova (2015[1965]), sentenciaba, por ejemplo, que las relaciones capitalistas producían la situación de marginalidad, la falta de participación de segmentos sociales en el crecimiento del país y la existencia de sociedades duales –cultural, económica y políticamente heterogéneas– que transformaban a la misma nación en mundos distintos, y el colonialismo o su correlato contemporáneo, el imperialismo, no ocurría solo a escala internacional, sino también dentro del propio país, como un colonialismo interno.

Por su parte, el brasileño Florestan Fernandes (2015[1970]), otro gran sociólogo del siglo pasado, en una conferencia impartida en 1970, denunciaba la incompatibilidad entre las creencias democráticas difundidas por Estados Unidos en ese período y las consecuencias de su hegemonía política en la región, cuyo resultado – la intensificación de la pobreza y la revitalización de estructuras de poder arcaicas – favorecía las dictaduras militares y los regímenes autoritarios.

El recrudecimiento de los regímenes militares contra partidos, sindicatos, universidades y movilizaciones sociales, en los años 1960 y 1970, tuvo como respuesta intensos conflictos políticos, generando una serie de formas de resistencia que se manifestaron principalmente a través de dos movimientos no siempre separados: el de la lucha armada y el de acciones solidarias en comunidades de base, especialmente las eclesiales de base

(CEBs), como respuesta al autoritarismo, la represión política y la situación de miseria en sectores urbanos y rurales.

Los ecos de la Revolución Cubana de 1959 indujeron a la formación de la resistencia armada a lo largo de todo el subcontinente. Así, por ejemplo, en Brasil, la Vanguardia Popular Revolucionaria (VPR), la Acción Liberadora Nacional (ALN), el Partido Comunista de Brasil (PCdoB) y el Partido Comunista Brasileño Revolucionario (PCBR) operaron en la clandestinidad contra la dictadura militar instaurada en 1964; en El Salvador, el Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN) adoptó una estrategia de guerrilla rural y urbana, buscando socavar al gobierno y sus fuerzas armadas, mientras también realizaba acciones directas contra los grandes latifundistas; y en Nicaragua, el Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) derrotó la dinastía somocista, para luego enfrentar, durante una década, la contrarrevolución orquestada por Estados Unidos.

Las Comunidades Eclesiales de Base desempeñaron un papel fundamental en la organización de las resistencias políticas, especialmente en las áreas urbanas y rurales más empobrecidas. Con el surgimiento de la Teología de la Liberación, a partir de la década de 1960, estas comunidades se convirtieron en un espacio crucial para la formación política crítica y la producción cultural de pedagogías de resistencia contra la opresión dictatorial y oligopolista. Este segmento progresista de la Iglesia Católica y Protestante, presente en toda América Latina, y especialmente en Perú, Brasil, Chile, Colombia y El Salvador, se convirtió en un punto de apoyo para los más pobres y marginados, ofreciendo una interpretación religiosa que veía la lucha por la justicia social y la liberación como un deber cristiano.

Las Comunidades Eclesiales de Base se organizaron en torno a grupos de reflexión, comunión y acción de solidaridad en comunidades

periféricas, escuelas populares y proyectos comunitarios basados en la ética de la conciencia transformadora de la realidad.

Es a partir del análisis de este alineamiento entre sectores progresistas de la Iglesia y los ideales de transformación política de las estructuras sociales latinoamericanas en la izquierda que la **BJLAS** rinde tributo, en los primeros artículos de este número, al proyecto ético, cristiano y político-intelectual de Gustavo Gutiérrez (08/06/1928 - 22/10/2024), como homenaje póstumo a uno de los mayores exponentes de la Teología de la Liberación y uno de los principales arquitectos del movimiento de reforma católica progresista en América Latina.

En este número, dos artículos escritos por profundos conocedores de la Teología de la Liberación y de la labor de Gustavo Gutiérrez —el ítalo-brasileño Giovanni Semeraro y los colombianos Israel Arturo Orrego-Echeverría y Manuel Leonardo Prada Rodríguez— nos permiten comprender el origen, las circunstancias y la profundidad ético-política y filosófica del movimiento teológico latinoamericano, que fue abrazado por activistas sociales, movimientos populares, colectivos culturales e incluso intelectuales marxistas en la búsqueda de la transformación política y social de la región, a partir de una mística de comunión con los excluidos.

De la Filosofía de la Liberación, proyecto consolidado por Enrique Dussel (1987), entendemos que el Paradigma de la Liberación —totalmente distinto al liberalismo burgués— resultó de la relectura teológica del libro del Éxodo, el segundo libro del Antiguo Testamento de la Biblia, que narra la historia de la salida del pueblo de Israel de la esclavitud en Egipto rumbo a la Tierra Prometida.

América Latina, que en las décadas de 1960 y 1970 vivía el momento más álgido de las dictaduras, también experimentaba la apertura de la Iglesia Católica, desencadenada por el Concilio Vaticano II, para desempeñar un papel más participativo en la sociedad y en los problemas

políticos y económicos de los pueblos. Las directrices del Concilio se profundizaron en la Segunda Conferencia General del Episcopado Latinoamericano, en Medellín (1968), cuando se produjeron diversos documentos de relevancia, especialmente los que trataban sobre la justicia social, la paz y la necesidad de repensar la pobreza y la liberación de las relaciones opresivas impuestas por la dictadura y los oligopolios latinoamericanos sobre el pueblo.

La brecha abierta por el Episcopado Latinoamericano favoreció la relectura del libro del Éxodo, en el que la lucha del pueblo de Dios por su liberación permitió a los teólogos reconstruir sus lecturas sobre la realidad latinoamericana, en la medida en que asumen el compromiso de acompañar y aprender con los oprimidos los caminos y sentidos reales de la liberación.

Enrique Dussel (1987, pp. 106 y ss.) destaca varios niveles en el proceso de toma de conciencia que los teólogos de la liberación vivenciaron hasta conquistar los conocimientos y las experiencias colectivas capaces de permitir su participación en la transformación social. En este proceso, la Iglesia pasará de una situación voluntaria inicial de optar por la pobreza a una posterior en la que descubrirá no solo las condiciones materiales de la pobreza, sino también el sujeto histórico real y concreto: el hambriento, el explotado, el oprimido, a quien la Iglesia y los teólogos deberán servir y tener como referencia. El oprimido ya no será un agente pasivo de su liberación, sino un sujeto activo de la transformación de su realidad.

Es en este escenario hostil y complejo de la política y las reformas eclesiales que la dimensión histórica del teólogo peruano, Gustavo Gutiérrez, debe ser entendida. Sabemos por Orrego-Echeverría y Prada Rodríguez —que escriben en este número— que nació en Perú y creció en un hogar de clase media. Su rostro expresaba su ancestralidad indígena, reflejando su sensibilidad hacia los pueblos oprimidos desde la experiencia

colonial. Una enfermedad que lo acompañó desde su adolescencia también desarrolló la empatía que el futuro teólogo tendría por los enfermos y marginados de los beneficios del Estado, lo que posiblemente influyó en su formación en medicina. Similar a José Carlos Mariátegui, los límites que su cuerpo le imponía indujeron a Gutiérrez a convertirse en lector de la gran literatura peruana, cuyas influencias son presentadas por Semeraro en las páginas de esta edición de la **BJLAS**. Ordenado sacerdote, su formación intelectual y teológica se consolidó a través de su paso por diversas instituciones europeas, donde también conoció y estableció diálogos con la experiencia del Concilio Vaticano II.

La trayectoria intelectual de Gutiérrez y los aspectos fundamentales de esta teología son críticamente presentados en los dos primeros artículos de esta edición, como veremos. Destacamos aquí que, en la medida en que Gutiérrez se convierte en referencia mundial de una teología crítica y desafiante del capitalismo y contraria a los poderes económicos y políticos locales, también se convierte en objetivo del severo conservadurismo del Vaticano, especialmente durante el período en que Joseph Ratzinger estuvo al frente de la Congregación para la Doctrina de la Fe, antes de convertirse en el Papa Benedicto XVI.

Las críticas de Gutiérrez y de la Teología de la Liberación identificaban el origen de la pobreza y las desigualdades sociales y económicas al valorar la lucha de clases, lo cual el Vaticano consideraba inadecuado e incluso peligroso.

Para Gutiérrez,

"esta lucha [de las clases bajas] está cuestionando el orden social existente desde sus raíces. Insiste en que el pueblo debe llegar al poder si la sociedad realmente es libre e igualitaria. En una sociedad así, la propiedad privada de los medios de producción será eliminada, pues permite que una minoría expropie los frutos del trabajo realizado por la mayoría, genera divisiones de clase en la sociedad y permite que una clase explote a otra. En una sociedad redefinida, la apropiación social de los medios de producción será acompañada por una apropiación social de las riendas del poder

político, lo que garantizará la libertad del pueblo" (Gutiérrez, 1983, p. 1-2, trad. libre)⁴.

¿Acaso este enfoque nos permite concluir que la teología de Gutiérrez estaba impregnada de la dogmática marxista? Semeraro, Orrego-Echeverría y Prada Rodríguez ofrecen respuestas consistentes a esta pregunta en los dos primeros artículos de este número de la revista. Lo cierto es que, en la visión de Ratzinger, la Iglesia debía concentrarse en la salvación espiritual y no involucrarse directamente en cuestiones políticas y económicas, incluso frente al feroz contexto de las dictaduras militares y la miseria a la que el trabajador explotado es relegado.

En cualquier caso, otra pregunta que se plantea es si el desmantelamiento de la organización social de las resistencias y la emergencia del conservadurismo evangélico en la política fueron resultados de la crisis de una de las alternativas más importantes de organización política y social en América Latina.

La represión y la condena de sus principales representantes, como Gustavo Gutiérrez, resultaron en el distanciamiento de la Iglesia de temas relacionados con la justicia social y la lucha contra las estructuras opresivas.

Sin embargo, Giovanni Semeraro evalúa que, al cambiar el paradigma de la liberación por el proyecto de construcción hegemónica a través de los partidos políticos, a lo largo de las últimas décadas,

"las preocupaciones electorales y la concentración en los partidos, la profesionalización de la política y el gasto de energías en la conquista del poder gubernamental terminaron vaciando los espacios orientados hacia la movilización popular y la construcción de la hegemonía en los diversos campos de la cultura y la sociedad civil" (SEMERARO, 2007, p. 102, trad. libre).

La ausencia de las acciones eclesiales de la Teología de la Liberación debe, de hecho, ser vista como uno de los factores, entre otros,

⁴ La obra fue originalmente publicada en español. No fue posible tener la cita en el original. Conferir la referencia en: GUTIÉRREZ, Gustavo. **Praxis de liberación y fé cristiana**. MIEC Secretariado Latinoamericano (JECI) *Servicio de documentación*, v. 6. 1973.

que contribuyeron al desmantelamiento de la política progresista y al surgimiento del conservadurismo evangélico en América Latina. En su auge, la Teología de la Liberación, especialmente a través de movimientos como las Comunidades Eclesiales de Base, jugaba un papel fundamental en la defensa de los derechos de los pobres y en la promoción de una crítica radical a las estructuras de poder y explotación. La opción por los pobres, tan central en este movimiento, no solo apuntaba a un cambio en el plano espiritual, sino también a una transformación de las condiciones materiales de vida y a una crítica a las desigualdades económicas y sociales presentes en la región.

La ascensión del conservadurismo evangélico puede haber sido favorecida por el vacío dejado por la Iglesia Católica en la lucha contra las desigualdades y en defensa de una transformación social. En lugar de una Iglesia progresista y comprometida, las iglesias neopentecostales en América Latina comenzaron a ganar poder político, frecuentemente alineadas con gobiernos neoliberales y con un enfoque mucho más fuerte en cuestiones morales – como también veremos en este número de la revista, en los análisis de la socióloga Betty Ruth Lozano. Se trata de un nuevo movimiento teológico, en gran parte, alineado con las políticas de extrema derecha.

La ausencia de Gustavo Gutiérrez dejará un vacío profundo en la lucha por la dignidad de los pobres, ya que su voz incansable y su visión teológica profundamente comprometida con la justicia social siempre fueron faros de esperanza y transformación para los oprimidos de América Latina.

El primer artículo que forma parte de los homenajes a Gustavo Gutiérrez es del italo-brasileño Giovanni Semeraro, profesor e investigador la *Universidade Federal Fluminense* (Brasil). En ***Gustavo Gutiérrez y el legado de la Teología de la Liberación***, Semeraro sitúa al teólogo y sujeto político Gustavo Gutiérrez, "padre de la Teología de la Liberación", en el

contexto latinoamericano de los años 1960-1970, de la Guerra Fría, las dictaduras y las luchas por la liberación latinoamericana. El "cristianismo de izquierda" se explica a partir de la renovación de la Iglesia europea, pero mediado por las respuestas de los teólogos latinoamericanos desde el lugar concreto de las opresiones regionales, es decir, desde los gobiernos de excepción de las dictaduras, los vestigios del colonialismo en las relaciones internas y la amenaza permanente del imperialismo norteamericano.

La centralidad del concepto de pobreza en Gutiérrez pone en relieve no solo al sujeto-paciente de la opresión —el pobre o el pueblo que vive en condiciones de pobreza—, sino principalmente las causas de la pobreza, es decir, las contradicciones entre opresores y oprimidos, como contradicciones que "no son designios divinos", sino relaciones concretas entre países colonizadores y dependientes, y clases dominantes con las subalternas: "las masas populares no son simplemente pobres, sino oprimidas y despojadas".

Desde la perspectiva de este cristianismo renovado, cuyo "potencial es revolucionario", según Semeraro, la Iglesia latinoamericana se enfrenta a aquella que es agente de jerarquías sociales, de la expansión colonial y capitalista, y que se omite ante la miseria, el sufrimiento y la injusticia social. La "opción por los pobres", por el contrario, promovida por la Teología de la Liberación, buscaría la transformación de la situación concreta de los oprimidos en agentes activos y conscientes de su liberación. En este contexto, la Iglesia de los Pobres no podrá ser neutral ante la explotación, sino que tendrá como una de sus tareas centrales —y la vida de Gustavo Gutiérrez es un testimonio de esta misión— la denuncia contra la acumulación de las "clases adineradas", su "hipocresía", su "egoísmo" y la violencia de la riqueza y el poder contra los oprimidos.

Semeraro concluye su análisis fundamental, colocando la Teología de la Liberación y a Gutiérrez en diálogo con las prácticas de liberación más

fecundas de aquel momento político en América Latina: la práctica de la educación liberadora – principalmente de Paulo Freire – "de la filosofía de la liberación, de los movimientos políticos de liberación, de la sociología y economía de la liberación ('Teoría de la Dependencia'), y de las diversas expresiones artísticas y culturales de liberación que se difundieron dentro y fuera del continente sudamericano".

El segundo artículo del número 50 de la **BJLAS** proviene de Colombia, de las manos de dos filósofos e investigadores de la teología, Israel Arturo Orrego-Echeverría, de la *Universidad Libre de Colombia*, y Manuel Leonardo Prada Rodríguez, de la *Universidad Industrial de Santander* (Colombia). El artículo titulado **Gustavo Gutiérrez: una Teología comprometida con la Praxis Histórica de la Liberación** comienza con una distinción fundamental, un dualismo, que nos permite entender el lugar exacto desde el cual Gustavo Gutiérrez desarrolló su pensamiento teológico cristiano, y así, su compromiso ético-filosófico y sus luchas intelectuales y políticas por los pobres en América Latina. Los autores distinguen matrices interpretativas de la vida de Cristo, de la espiritualidad y la santidad que, desde los orígenes del cristianismo, oponen las lecturas más dogmáticas, orientadas a la salvación del espíritu sin obligaciones históricas, a aquellas que asumen el compromiso con las necesidades y la salvación del prójimo. Para Gutiérrez, sin embargo, la historia salvífica sería la reunión de la praxis teológica con la praxis histórica, ya que Dios no es ajeno a la búsqueda de la justicia, "toma partido por los oprimidos" y "se apiadó de los esclavos".

Rechazando la posición privilegiada de la "iglesia convencional" —elitista y que predica el conformismo—, las críticas de Gutiérrez a la modernidad occidental, al eurocentrismo, al desarrollismo, al capitalismo, entre otros, provienen de las víctimas de ese desarrollo excluyente. Por ello, su sensibilidad ética derivará en "feminismos, indigenismos, ecologismos" y

otras formas de resistencia contra el "dominio global del capitalismo" y el Dios blanco, machista, excluyente y antropomorfizado.

Orrego-Echeverría y Prada Rodríguez tematizan el "marxismo cultural" de Gutiérrez, invirtiendo, sin embargo, la relación teoría-práctica por la relación práctica-teoría. Es decir, en lugar de interpretar la realidad opresiva a través de las lecturas del materialismo histórico, Gutiérrez construiría su interpretación de la realidad por el camino junto al pueblo, por la comunión íntima con el oprimido, construyendo con la orientación de Dios y comunitariamente junto con los oprimidos el "trayecto de liberación". En este contexto, como concluyen los autores, "no es aceptable graduar de marxista a Gutiérrez porque él solamente articula teología con ciencias sociales, pero sin sintetizarlas". En este contexto, la adopción del materialismo dialéctico por los teólogos de la liberación tendría un papel metodológico interpretativo y no dogmático, dado que su horizonte no sería el socialismo, sino el Reino de Dios.

De este modo, los autores distinguen, además, un aspecto central en las luchas por la liberación durante los años de dictadura y de Estados de excepción: la interpretación del materialismo histórico, en la lucha armada, buscó la justicia social por el camino de la violencia, mientras que los teólogos de la liberación optaron por la inmersión en las Comunidades Eclesiales de Base, junto a los marginados y empobrecidos, con el fin de formar una conciencia crítica para la transformación de la realidad, respaldados por las acciones salvadoras del ejemplo de Cristo.

El paradigma de la liberación y la opción por los más pobres durante las décadas del auge de las dictaduras militares en América Latina permitieron lo que Semeraro (2007, p. 96) considera el "asombroso florecimiento de prácticas político-pedagógicas innovadoras y de

creaciones teóricas en diversos campos que tuvieron en la 'liberación' su tema aglutinador".

Alejarse de las comunidades de base y del papel central de la formación política liberadora que partidos políticos de izquierda en el momento de la redemocratización, sindicatos e, incluso, Iglesia Católica, resultó en la desarticulación y el debilitamiento de una de las experiencias más importantes de construcción de una conciencia transformadora de la realidad, que era la Iglesia y la Teología de la Liberación.

El abandono de la praxis liberadora en el campo de la izquierda dejó el camino libre tanto para la reestructuración del Estado bajo modelos neoliberales como para la consolidación de alternativas individualistas y despolitizadas de reproducción social, tales como el espíritu empresarial que sustituye la acción coordinada de los trabajadores contra las formas de explotación del capital. En este contexto, soluciones individualistas, despolitizadoras y contrarias a los derechos humanos generaron las condiciones para el retorno, en la segunda década del siglo XXI, de una derecha conservadora - patriarcal y militarista - en las costumbres y (neo)liberal en la economía. La expresión más destacada de esta derecha son las iglesias cristianas, principalmente neopentecostales, analizadas en este número de la **BJLAS** por la socióloga colombiana Betty Ruth Lozano, de la *Unibautista* (Colombia), en el artículo **Fundamentalismo religioso, capitalismo racial y crisis civilizatoria**. En esta transición espiritual, no es sorprendente que la Iglesia de los Pobres haya sido reemplazada por la Teología de la Prosperidad, que promueve prácticas empresariales dentro de la Iglesia, y por la Teología de la Dominación, en la que el proyecto político de las iglesias dominionistas es la ocupación de cargos de poder en el Estado para imponer valores y fundamentos de una interpretación peculiar de la Biblia. Lozano es tajante al afirmar que el propósito de esta incursión fundamentalista en la política no es solo ocupar la esfera pública,

además de la privada, sino transformar al Estado en una extensión de sus creencias.

Las sólidas tesis defendidas por la autora de este artículo se nutren del pensamiento de las mujeres negras latinoamericanas y de las teorías decoloniales, además de la teología y el pensamiento crítico latinoamericanos. Como resultado, la autora observa que el fundamentalismo cristiano se ha transformado en un instrumento central de la hegemonía conservadora y neoliberal. Es una estrategia imprescindible de penetración e intervencionismo de Estados Unidos y, principalmente, es el fundamento a partir del cual se justifica la violencia estatal, incluso el genocidio, ya que "una amenaza demoníaca [...] debe ser exterminada".

El artículo de Lozano presenta la antítesis dramática de los resultados de una Iglesia que no se propone a la praxis de la liberación. Los casos de violencia estatal y de polarización política recientes en Colombia y Brasil, así como el genocidio palestino, son ejemplos concretos de los alcances y las dinámicas del fundamentalismo religioso contemporáneo.

El escenario político de la actuación de Gustavo Gutiérrez puede ser analizado en el cuarto artículo que presentamos en este número de la **BJLAS**.

Sin el propósito de dialogar directamente con el tema central de esta edición, el historiador Antonino Zunino, de la *Universidad de la República* (Uruguay), propone un artículo muy oportuno que describe aspectos centrales del escenario político latinoamericano de los años 1970, mediante el análisis de un gobierno militar en Perú que, a contracorriente de las dictaduras regionales, promovió un programa desarrollista y progresista en términos de conquistas sociales, aunque políticamente no asumiera compromisos con la democracia formal. En ***El desarrollismo militar***

peruano de los años setenta revisitado desde Uruguay: una etapa particular en el desarrollo del capitalismo en ese país y la atracción que el "peruanismo" ejerció durante esos años críticos en la Región, el autor analiza el progresismo militar de Juan Velasco Alvarado, un presidente *sui generis* que, en el escenario de radicalización de las dictaduras de la segunda mitad del siglo XX en América Latina, se distanció de las doctrinas de seguridad promovidas por los Estados Unidos, mientras diseñaba un programa de gobierno nacionalista que confrontaba a las oligarquías peruanas. Velasco Alvarado favoreció a los campesinos peruanos con la Reforma Agraria e implementó un proyecto desarrollista de fortalecimiento del mercado interno y reducción de las desigualdades sociales.

La originalidad del artículo radica en que Zunino no se limita a evaluar el progresismo militar del caso peruano, sino que analiza cómo, en un contexto determinado, la experiencia peruana encontró aceptación en segmentos de la izquierda. El caso específico que Zunino estudia es el escenario uruguayo previo a la dictadura cívico-militar.

Los artículos que siguen en el número 50 de la **BJLAS** presentan análisis en diversos campos de las ciencias sociales.

A continuación, el trabajo en colaboración de Carlos Augusto Viáfara López, de la *Universidad del Valle* (Colombia), y Yoná dos Santos, de la *Universidade de São Paulo* (Brasil), es un análisis comparativo de metodologías y datos del censo demográfico de Brasil y Colombia. En **Ascensos y Descensos en la población afrodescendiente en América Latina: las experiencias de Colombia y Brasil en los censos de 2018 y 2022**, Viáfara López y dos Santos presentan los principales datos estadísticos de los censos en ambos países para luego polemizar sobre las informaciones censales que no logran reflejar sensiblemente la diversidad racial y étnica de estos países. Las metodologías utilizadas en cada caso son descritas e interpretadas a la luz de las críticas del pensamiento decolonial,

denunciando las dificultades para identificar la diversidad social, la invisibilización oculta bajo los datos, los límites de recursos y, entre otros, las decisiones políticas que imponen ciertos criterios. El artículo se enriquece con un análisis temporal de los censos a lo largo del siglo XX, señalando los problemas de cada periodo. Tablas con estadísticas y cuadros ejemplifican los casos y permiten una mejor comparación de dos países que, en América del Sur, son paradigmáticos para los estudios sobre el racismo estructural latinoamericano.

El artículo de Flávia Lessa de Barros e Lília Gonçalves Magalhães Tavolaro, ambas investigadoras del *Departamento de Estudos Latinoamericanos de la Universidade de Brasília* (Brasil), es un estudio de gran envergadura sobre la producción de conocimiento sobre América Latina que se lleva a cabo en Brasil. El artículo titulado ***Producción de conocimiento sobre América Latina por los Grupos de Investigación en Brasil: características, potenciales y desafíos*** es un estudio cuantitativo fructífero, construido a partir de una base de datos del Ministerio de Ciencia y Tecnología de Brasil, que reúne los grupos de investigación del país, y que se complementa con formularios de preguntas aplicadas a los líderes de cada grupo que, no siendo un grupo especializado en estudios sobre América Latina, ha estado investigando, desde diversos campos del conocimiento, problemáticas de la región. La relevancia de este estudio radica en destacar cómo América Latina y el Caribe se han convertido en tema y objeto de investigación incluso en centros que regularmente producen conocimientos de origen norte-europeo. Un aspecto fundamental también es la crítica de los líderes de investigación a la falta de apoyo gubernamental para los estudios sobre la región, algo que se refleja igualmente en los diversos foros y espacios de producción de conocimiento sobre la región.

El artículo de Flávia Lessa de Barros y Lília Gonçalves Magalhães Tavolaro, ambas investigadoras del *Departamento de Estudos Latinoamericanos de la Universidad de Brasilia* (Brasil), es un estudio de gran envergadura sobre la producción de conocimiento sobre América Latina que se lleva a cabo en Brasil. El artículo titulado ***Producción del conocimiento sobre América Latina por los Grupos de Investigación en Brasil: características, potenciales y límites*** es un estudio cuantitativo enriquecedor, construido a partir de una base de datos del Ministerio de Ciencia y Tecnología de Brasil, que reúne los Grupos de Investigación del país. Este se complementa con formularios de preguntas aplicadas a los Líderes de cada grupo, que, aunque no sean especializados en estudios sobre América Latina, abordan problemáticas de la región desde diversos campos del conocimiento. La relevancia de este estudio radica en destacar cómo América Latina y el Caribe se han convertido en tema y objeto de investigación, incluso en centros que regularmente producen conocimientos con una visión norte-eurocéntrica. Un aspecto fundamental de la investigación es la crítica de los Líderes de Investigación hacia la falta de apoyo gubernamental para los estudios sobre la región, algo que también se refleja en los diversos foros y espacios de producción de conocimiento sobre la región.

Tablas y cuadros enriquecen los análisis con detalles sobre la región de actuación de los grupos de investigación, los principales temas abordados y las áreas en las que tales estudios se desarrollan.

La actualidad del siguiente artículo se refleja en el título ***Desarrollo Sostenible y Constitucionalismo Decolonial: valorando el trabajo de la Naturaleza como fundamento del orden económico***. El trabajo, esencialmente teórico-argumentativo, presenta la posibilidad de transformar la Naturaleza en sujeto de Derecho. Se trata de una reflexión en el campo del Derecho Constitucional por parte del investigador Marcelo Barros Jobim, del *Centro de Ensino Superior* de Maceió en Brasil. A partir del constitucionalismo latinoamericano, especialmente del Ecuador y

Bolivia, y apoyado en la matriz teórica y las críticas del pensamiento decolonial, el autor polemiza sobre artículos del texto constitucional brasileño de 1988, destacando la ausencia de principios y normas para la protección de los Derechos de la Naturaleza, vulnerados principalmente por la razón instrumental moderna, el extractivismo y el antropocentrismo clásico. La racionalidad jurídica contemporánea también es puesta a prueba bajo las críticas de Barros Jobim, cuya lógica liberal ignoraría lógicas alternativas, como las de la agroecología y el pensamiento indígena, que viven en armonía con la Naturaleza.

Los próximos artículos presentan análisis en el campo de las Relaciones Internacionales. El primer trabajo es un rescate histórico de un momento importante de la participación de la diplomacia mexicana en la ONU y su acción negociadora en las iniciativas de desnuclearización de América Latina.

El artículo ***Alfonso García Robles y el Tratado de Tlatelolco: entre la Guerra Fría y la desnuclearización en América Latina*** resulta de una investigación bibliográfica y documental sobre la obra y actuación del embajador y secretario de Relaciones Exteriores de México en la Comisión Preparatoria para la desnuclearización de la región, cuyos trabajos resultaron en la firma, en 1967, del Tratado de Tlatelolco. El autor es investigador del *Centro de Estudios Históricos del Colegio de Michoacán* (México).

El mérito principal del artículo es haber reconstruido en detalle el momento sensible del escenario posterior a la Segunda Guerra Mundial y la Guerra Fría, cuyo punto culminante – en nuestro caso – fue la Crisis de los Misiles soviéticos en Cuba, en 1962. El artículo analiza documentos históricos y archivos privados con el fin de comprender las delicadas tareas y estrategias para construir consensos y eliminar los riesgos por parte de la diplomacia mexicana – representada por Alfonso García Robles –, con el

objetivo de transformar América Latina en la primera zona de desnuclearización del mundo.

El artículo resalta el papel de la diplomacia brasileña, en colaboración con el esfuerzo mexicano, para integrar el grupo de naciones que formaron la Comisión redactora del Tratado de No Proliferación de Armas Nucleares en la región.

Las relaciones entre Panamá y China son el foco del artículo de Sebastián Naranjo Rodríguez, de la *Renmin University of China*. A partir de un análisis comparativo de las políticas exteriores, el autor observa el difícil proceso de construcción de relaciones bilaterales interrumpidas por las oscilaciones internas de la política y el impacto que esto representa en la discontinuidad de la política exterior panameña hacia China. El artículo se titula ***Una exploración comparativa de las estrategias de política exterior entre Panamá y China: ¿cómo la falta de continuidad gubernamental impacta la actividad económica?***

La inestabilidad de la política exterior panameña, a veces más alineada con los intereses de Estados Unidos, y otras veces orientada hacia una actuación más independiente de cooperación y diálogo con China, es finalmente evaluada a través de los riesgos potenciales de que Panamá pierda las oportunidades económicas que China ha ofrecido a otros países de la región.

El artículo es acompañado de tablas explicativas detalladas sobre las variables que marcan la cooperación económica, política y el intercambio cultural internacional entre países.

Como las decisiones en negociaciones internacionales pueden verse afectadas por dinámicas internas de un país, es el foco del artículo ***Los principales impedimentos para la ratificación del Tratado entre el Mercosur y la Unión Europea: la perspectiva de los juegos de dos niveles***, de Rodolfo Vieira Nunes. En este trabajo, el investigador de la

Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil) analiza los principales obstáculos para el Tratado entre los bloques económicos del Mercosur y la Unión Europea.

Para entender las oscilaciones de las dinámicas internas y su influencia en las negociaciones internacionales, el autor utiliza la Teoría de los Juegos en Dos Niveles, que permite combinar adecuadamente los niveles nacional e internacional en el análisis para identificar los principales impedimentos del Tratado. Entre los problemas identificados, la resistencia al cambio, como la adopción de estrategias de primarización, especialmente en el Mercosur y la Unión Europea, en sectores como la industria y la agricultura, son parte de los obstáculos que requieren la eliminación de tarifas y la creación de cuotas de importación, es decir, acciones que podrían generar fricciones con la base interna de cada país.

La política de "reexportación" de productos del Paraguay es el foco del artículo ***El dilema paraguayo: entre la reexportación y el Mercosur***, de los investigadores de la *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Luiza Peruffo y Kevin Wanderlan Fernandes dos Santos. La reexportación en Paraguay es una estrategia que implica la importación de productos no destinados al consumo interno, sino a su reventa a otros países de la región, sin grandes transformaciones. Este modelo, iniciado en la década de 1970 durante la dictadura de Alfredo Stroessner, permitió a Paraguay generar recursos para el régimen sin comprometer su estructura agroexportadora y consolidó una estrecha relación comercial con Brasil y Argentina. Sin embargo, esta estrategia representa un obstáculo persistente para la plena integración de Paraguay al Mercosur, lo que constituye uno de los aspectos principales de las relaciones bilaterales de este país con Brasil y Argentina. El artículo se acompaña de importantes gráficos sobre la reexportación y la balanza comercial paraguaya.

La edición número 50 de la **BJLAS** se cierra con una reseña del libro “*Vender una ciudad. Gentrificación y turistificación en los centros históricos*”, de Iban Díaz Parra. La reseña, elaborada por Guillermo Jajamovich de la Universidad de Buenos Aires (Argentina), bajo el título **(No) Todo es gentrificación**, destaca el enfoque comparativo que el autor realiza a partir de estudios de caso en Ciudad de México, Buenos Aires y la ciudad de Sevilla (España).

Referencias

DUSSEL, Enrique. El paradigma del Éxodo en la Teología de la Liberación. **Concilium: Revista internacional de teología**, n. 209, p. 99-114, 1987. Disponible en: <https://repository.globethics.net/bitstream/handle/20.500.12424/191083/n25.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Consultado en: 5 dic. 2024.

FERNANDES, Florestan. Patrones de dominación externa en América Latina. In: **Dominación y desigualdad : el dilema social latinoamericano**. México, D. F. : Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015[1970]. pp. 113-137. Disponible en: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/16357/1/AntologiaFernandes.pdf>. Consultado en: 4 dic. 2024.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. La sociedad plural: la democracia en México. In: **De la sociología del poder a la sociología de la explotación**: Pensar América Latina en el siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI / CLACSO, 2015[1965]. pp. 73-128. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/casanova.pdf>. Consultado en: 29 jun. 2023.

GUTIERREZ, Gustavo. Liberation Praxis and Christian Faith. In: GIBELLINI, Rosino (org.), **Frontiers of Theology in Latin America**. New York (Markynoll): Orbis, 1983.

IDB (Inter American Development Bank). **The Complexities of Inequality in Latin America and the Caribbean**. Inter American Development Bank. 6 mar. 2024. Disponible en: <https://www.iadb.org/es/noticias/las-complejidades-de-la-desigualdad-en-america-latina-y-el-caribe>. Consultado en: 5 dic. 2023.

ONU/CEPAL. **Panorama Social de América Latina y el Caribe. La transformación de la educación como base para el desarrollo sostenible**. CEPAL, 2022. Disponible en: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/3ca376cf-edd4-4815-b392-b2a1f80ae05a/content>. Consultado en: 2 dic. 2022.

SEMERARO, Giovanni. Da Libertação à Hegemonia: Freire e Gramsci no Processo de Democratização do Brasil. **Rev. Sociol. Polít.**, n. 29, p. 95-104, nov. 2007. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782007000200008>. Consultado en: 22 ene. 2020

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.232672](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.232672)

Recebido em: 01/01/2025
Aprovado em: 01/01/2025
Publicado em: 01/01/2025

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Gustavo Gutiérrez and Liberation Theology: A Theological and Political Response to the Historical and Social Demands of Latin America

At the beginning of the 21st century, Latin America and the Caribbean experienced a period of significant political transformations – mainly with the arrival of progressive governments – and social advances, which were favored by China's economic expansion. By 2014, extreme poverty in the region had been reduced from 12.2% in 2002 to 7.8% in 2014, and inequality indicators had also decreased (IDB, 2024). Social investment promoted progress mainly in areas such as education, hunger reduction, and improved health and well-being indicators, creating expectations of a new model of social and political development. However, after this short period, which ended in the second decade of the century, the socioeconomic situation in Latin America returned to previous historical levels, with the return of extreme poverty and inequality, indicating that the profound asymmetries in Latin America are not cyclical issues, but are structurally rooted in the social body.

¹ Ph.D. in Sociology from the University of São Paulo and a post-doctorate at the Center for Social Studies at the University of Coimbra. She is an assistant professor at the University of São Paulo in the Public Policy Management Course and in the Latin American Integration and Cultural Studies Postgraduate Programs. Email: yurquidi@usp.br

² Ph.D. in Economics from the University of São Paulo and post-doctorate at the Massachusetts Institute of Technology and the University of New Mexico. She is a full professor at the University of São Paulo at the Faculty of Economics and Administration and the Postgraduate Program Integration of Latin America. Email: cciamali@uol.com.br

³ Ph.D. student at the Postgraduate Program Integration of Latin America at the University of São Paulo. Email: bruno.moda@hotmail.com.

With more than 180 million people living in poverty – a little over 30% of the region's total population – and more than 80 million in conditions of extreme poverty – i.e., 13% –, according to UN/ECLAC data from 2022, Latin America remains one of the most unequal continents in the world.

Data from April 2024 from the Inter-American Development Bank (IDB, 2024) indicate that the richest 10% of the population accumulate average incomes 12 times higher than those of the poorest 10%. The statistics indicate that, in the decade beginning in 2020, the concentration of wealth increased, as did unequal access, especially for black, indigenous and women, to opportunities and social rights, while redistributive policies were once again restricted due to fiscal adjustment.

Politically, the favorable scenario for progressive governments at the beginning of the 21st century also changed in the second decade. The region experienced a turnaround with the rise of liberal right-wing governments in the economy, many of them with conservative biases in their customs. Emblematic cases, such as Bolsonaro's Brazil, Bukele's El Salvador, Ecuador under Lenín Moreno and, later, Milei's Argentina, reflect this movement that, while seeking to reverse progressive social and economic policies, imposes a new paradigm of fiscal austerity and ultra-liberal reforms. These changes, marked by political and social polarizations, reveal the region's challenges and dilemmas in a context of global uncertainties, such as prolonged armed conflicts, climate crises and the radicalization of the right in Europe and the United States.

Latin American society has responded to the expansion of the right with major mobilizations against liberal reformist forces. This has been seen recently, particularly in Colombia, where social protests – the “Estallido” of 2021 – have created conditions for a political transformation of the country with a fundamental, albeit unstable, shift to the left. In Bolivia, democratic and popular forces defended the return of the MAS government to power

through their votes, ending the 2019 coup. However, internal splits within the governing party strongly contribute to the possibility of a right-wing victory in the 2025 elections.

Social mobilizations in other countries were not enough to sustain progressive transformations: in Chile, the “Estallido Social” failed to guarantee a new Plurinational Constitution, nor in Ecuador and Argentina, where the occupation of the streets by popular urban and rural movements was not able to neutralize the advance of fiscal adjustment and austerity policies. In Brazil, the return of the Workers’ Party to government did not guarantee either the end of political polarizations or the resumption of the social project of the first WP governments. On the contrary, a certain apathy took over the mobilization on the left, while the streets were for a long time taken over by the political action of the right, highly motivated by conservative, antidemocratic, if not fascist values.

In scenarios of demobilization such as those described in the Brazilian case; or of failure of progressive political struggles, as in Ecuador and Peru; in the uncertain horizon of Argentina, Bolivia and even Colombia, it is worth asking how it is possible to motivate and rearticulate the social and political energies of resistance to neoliberalism? How can we promote the construction or defense of alternative projects of progressive hegemony, which characterized the collective action and the great social demonstrations of the 1980s and 1990s, in defense of democracy and for social rights against neoliberal reforms? How can we prevent the frustration of the expectations of economic advancement of the middle and popular sectors from transforming this social base into ideological and political support for the new conservatism and ultraliberalism?

In fact, indignation over poverty and inequality is not a political or epistemic problem of this century. The popular struggle against inequality was already a central issue in the 1960s and 1970s, when, in the absence of democracy, social theorists and left-wing activists – mainly Marxists –

analyzed the situation of misery and marginalization based on concepts such as poverty and social exclusion. At that time, one of the most important Latin American sociologists, the Mexican Pablo González Casanova (2015[1965]), stated, for example, that capitalist relations produced the situation of marginalization, the lack of participation of social segments in the country's growth, and the existence of dual societies – culturally, economically, and politically heterogeneous – that transformed the same nation into distinct worlds, and that colonialism or its contemporary correlate, imperialism, did not occur only on an international scale, but also within the country itself, as an internal colonialism.

In turn, the Brazilian scholar Florestan Fernandes (2015[1970]), another great sociologist of the last century, in a lecture given in 1970, denounced the incompatibility between the democratic beliefs disseminated by the United States in that period and the consequences of its political hegemony in the region, the result of which – intensification of poverty and the revitalization of archaic power structures – favored military dictatorships and authoritarian regimes.

The resurgence of military regimes against parties, unions, universities, and social mobilizations in the 1960s and 1970s resulted in intense political conflicts, generating a series of forms of resistance that manifested themselves mainly through two movements that were not always separate: armed struggle and solidarity actions in grassroots communities, especially grassroots ecclesiastical communities (GECs), as a response to authoritarianism, political repression, and the situation of poverty in urban and rural sectors.

The echoes of the 1959 Cuban Revolution led to the formation of armed resistance throughout the subcontinent. For example, in Brazil, the Popular Revolutionary Vanguard (VPR), the National Liberation Action (NLA), the Communist Party of Brazil (CPofB) and the Brazilian

Revolutionary Communist Party (BRCP) acted clandestinely against the military dictatorship established in 1964; in El Salvador, the Farabundo Martí National Liberation Front (FMNLF) adopted a rural and urban guerrilla strategy, seeking to undermine the government and its armed forces, while also carrying out direct actions against the large landowners; and in Nicaragua, the Sandinist National Liberation Front (SNLF) defeated the Somoza dynasty, and then had to confront, for a decade, the counterrevolution orchestrated by the United States.

Base Ecclesial Communities played a fundamental role in organizing political resistance, especially in the most impoverished urban and rural areas. With the emergence of Liberation Theology from the 1960s onwards, these communities became a crucial space for critical political formation and the cultural production of pedagogies of resistance against dictatorial and oligopolistic oppression. This progressive segment of the Catholic and Protestant Church, present throughout Latin America, and especially in Peru, Brazil, Chile, Colombia and El Salvador, became a point of support for the poorest and most marginalized, offering a religious interpretation that saw the struggle for social justice and liberation as a Christian duty.

The grassroots Ecclesial Communities were organized around reflection groups, communion groups and solidarity actions in peripheral communities, popular schools and community projects guided by the ethics of consciousness that transforms reality.

It is based on the analysis of this alignment between progressive sectors of the Church and the ideals of political transformation of Latin American social structures on the left that **BJLAS** pays tribute, in the first articles of this issue, to the ethical, Christian and political-intellectual project of Gustavo Gutiérrez (08/06/1928 - 22/10/2024), as a posthumous tribute to one of the greatest exponents of Liberation Theology and one of the main architects of the progressive Catholic reform movement in Latin America.

In this issue, two articles written by profound experts in Liberation Theology and the work of Gustavo Gutiérrez — the Italian-Brazilian Giovanni Semeraro and the Colombians Israel Arturo Orrego-Echeverría and Manuel Leonardo Prada Rodríguez — allow us to understand the origin, circumstances and ethical-political and philosophical depth of the Latin American theological movement, which was embraced by social activists, popular movements, cultural collectives and even Marxist intellectuals in the search for the political and social transformation of the region, based on a mystique of communion with the excluded.

From the Philosophy of Liberation, a project consolidated by Enrique Dussel (1987), we understand that the Paradigm of Liberation – completely different from bourgeois liberalism – resulted from the theological reinterpretation of the book of Exodus – the second book of the Old Testament of the Bible, which tells the story of the people of Israel's escape from slavery in Egypt towards the Promised Land.

Latin America, which in the 1960s and 1970s suffered the height of dictatorships, also experienced the opening of the Catholic Church, triggered by the Second Vatican Council, to play a more participatory role in society and in the political and economic problems of the people. The Council's guidelines were further developed at the Second General Conference of the Latin American Episcopate, in Medellín (1968), when several documents were produced, with relevance for those dealing with social justice, peace and the need to rethink poverty and liberation from the oppressive relations imposed by the dictatorship and Latin American oligopolies on the people.

The breach opened by the Latin American Episcopate favored the rereading of the book of Exodus, in which the struggle of the people of God for their liberation allowed theologians to reconstruct their readings on the Latin American reality, to the extent that they assume the commitment to

accompany and learn from the oppressed the real paths and meanings of liberation.

Enrique Dussel (1987, pp. 106 et seq.) highlights several levels in the process of awareness that liberation theologians experienced until they acquired the knowledge and collective experiences capable of allowing their participation in social transformation. In this process, the Church will move from an initial voluntary situation of opting for poverty to a later one in which it will discover not only the material conditions of poverty, but also the real and concrete historical subject: the hungry, the exploited, the oppressed, whom the Church and theologians must serve and take as a reference. The oppressed will no longer be a passive agent of their own liberation, but an active subject of the transformation of their reality.

It is in this hostile and complex scenario of politics and ecclesiastical reforms that the historical dimension of the Peruvian theologian Gustavo Gutiérrez needs to be understood. We know from Orrego-Echeverría and Prada Rodríguez – who write in this issue – that he was born in Peru and grew up in a middle-class home. His face expressed his indigenous ancestry, reflecting his sensitivity to the peoples oppressed since the colonial experience. An illness that accompanied him since his adolescence also developed the empathy that the future theologian would have for the sick and those marginalized by the benefits of the State, which possibly influenced his training in medicine. Similar to José Carlos Mariátegui, the limits that his body imposed on him led Gutiérrez to become a reader of great Peruvian literature, whose influences are presented by Semeraro in the pages of this issue of **BJLAS**. Ordained a priest, his intellectual and theological training was consolidated through his time at various European institutions, where he also learned about and established dialogues with the experience of the Second Vatican Council.

Gutiérrez's intellectual trajectory and the key aspects of his theology are critically presented in the first two articles of this issue, as we shall see.

We emphasize here that, as Gutiérrez became a global reference for a theology that was critical and challenging of capitalism and opposed to local economic and political powers, he also became a target of the Vatican's severe conservatism, especially during the period in which Joseph Ratzinger was head of the Congregation for the Doctrine of the Faith, before becoming Pope Benedict XVI.

The criticisms of Gutiérrez and Liberation Theology identified the origin of poverty and social and economic inequalities by valuing the class struggle, which the Vatican considered inadequate and even dangerous.

For Gutiérrez,

That struggle [of the lower class] is calling the existing social order into question from the roots up. It insists that the people must come to power if society is to be truly free and egalitarian. In such a society, private ownership of the means of production will be eliminated because it enables a few to expropriate the fruits of labor performed by the many, generates class divisions in society, and permits one class to be exploited by another. In such a reordered society, the social takeover of the means of production will be accompanied by a social takeover of the reins of political power that will ensure people's liberty. (Gutiérrez, 1983, p. 1-2)

Does this approach allow us to conclude that Gutiérrez's theology was imbued with Marxist dogma? Semeraro, and Orrego-Echeverría and Prada Rodríguez offer consistent answers to this question in the first two articles of this issue of the journal. The fact is that, in Ratzinger's view, the Church should focus on spiritual salvation and not get directly involved in political and economic issues, even in the face of the fierce context of military dictatorships and the misery to which the exploited worker is relegated.

In any case, another question that arises is whether the dismantling of the social organization of the resistance and the emergence of evangelical conservatism in politics were the result of the crisis of one of

the most important alternatives for political and social organization in Latin America.

The repression and condemnation of its main representatives, such as Gustavo Gutiérrez, resulted in the Church distancing itself from issues related to social justice and the fight against oppressive structures.

However, Giovanni Semeraro believes that, by changing the paradigm of liberation for the project of hegemonic construction through political parties, over the last few decades,

“electoral concerns and concentration in parties, the professionalization of politics and the expenditure of energy in conquering government power ended up emptying the spaces dedicated to popular mobilization and the construction of hegemony in the various fields of culture and civil society” (SEMERARO, 2007, p. 102, free translation).

The absence of ecclesiastical actions in the field of Liberation Theology should, in fact, be seen as one of the factors, among others, that contributed to the dismantling of progressive politics and the emergence of evangelical conservatism in Latin America. At the height of Liberation Theology, the Catholic Church, especially through movements such as the Base Ecclesial Communities, played a fundamental role in defending the rights of the poor and promoting a radical critique of the structures of power and exploitation. The option for the poor, so central to this movement, aimed not only at a change on the spiritual plane, but also at transforming the material conditions of life and at criticizing the economic and social inequalities present in the region.

The rise of evangelical conservatism may have been favored by the gap left by the Catholic Church in the fight against inequality and in defense of social transformation. Instead of a progressive and engaged Church, neo-Pentecostal churches in Latin America began to gain political power, often aligned with neoliberal governments and with a much stronger focus on moral issues – as we will also see in this issue of the

magazine, in the analyses of sociologist Betty Ruth Lozano. This is a new theological movement, largely aligned with far-right politics.

Gustavo Gutiérrez's absence will leave a profound void in the fight for the dignity of the poor, as his tireless voice and his theological vision deeply committed to social justice have always been beacons of hope and transformation for the oppressed of Latin America.

The first article that pays tribute to Gustavo Gutiérrez is by the Italian/Brazilian Giovanni Semeraro, a research professor at the Fluminense Federal University (Brazil). In ***Gustavo Gutierrez and the legacy of Liberation Theology***, Semeraro places the theologian and political figure Gustavo Gutierrez - "father of Liberation Theology" - in the Latin American scenario of the 1960s and 1970s, of the Cold War and dictatorships, and of the struggles for Latin American liberation. "Left-wing Christianity" is explained based on the renewal of the European Church, but mediated by the responses of Latin American theologians from the concrete place of regional oppression, that is, of the exceptional governments of dictatorships, of the remnants of colonialism in internal relations and of the permanent threat of North American imperialism. The centrality of the concept of poverty in Gutierrez brings to light not only the subject-patient of oppression - the poor or people who live in poverty - but mainly the causes of poverty, that is, the contradictions between oppressors and oppressed, as contradictions that "are not divine designs", but concrete relations between colonizing and dependent countries, and dominant classes with subordinate ones: "the popular masses are not simply poor, but oppressed and exploited".

From the perspective of this renewed Christianity, whose "potential is revolutionary" – according to Semeraro – the Latin American church is placed in conflict with the church that is an agent of social hierarchies, colonial and capitalist expansion, and that turns a blind eye to misery,

suffering and social injustice. The “option for the poor”, on the other hand, promoted by Liberation Theology, would seek to transform the concrete situation of the oppressed into active and conscious agents of their liberation. In this context, the Church of the poor cannot be neutral against exploitation, but will have as one of its central tasks – and the life of Gustavo Gutierrez is a testament to this mission – the denunciation of the accumulation of the “wealthy classes”, their “hypocrisy”, their “selfishness” and the violence of wealth and power against the oppressed.

Semeraro concludes his fundamental analysis by placing Liberation Theology and Gutiérrez in dialogue with the most fruitful liberation practices of that political moment in Latin America, the practice of liberating education - mainly that of Paulo Freire -, “of the philosophy of liberation, of the political liberation movements, of the sociology and economy of liberation (‘Dependency Theory’), of the most diverse artistic and cultural expressions of liberation that spread within and outside the South American continent”.

The second article in issue 50 of **BJLAS** comes from Colombia, and from the hands of two philosophers who are researchers in theology, Israel Arturo Orrego-Echeverría, from the Universidad Libre de Colombia, and Manuel Leonardo Prada Rodríguez, from the Universidad Industrial de Santander (Colombia). The article entitled **Gustavo Gutierrez: A Theology Committed to the Historical Praxis of Liberation** begins with a fundamental distinction – a dualism – that allows us to understand the exact place from which Gustavo Gutierrez developed his Christian theological thought, and thus, his ethical-philosophical commitment and his intellectual and political struggles for the poor in Latin America. The authors distinguish interpretative matrices of the life of Christ, spirituality and holiness that, since the origins of Christianity, oppose the more dogmatic readings focused on the salvation of the spirit without historical obligations to those that assume the commitment to the needs and salvation of others. For Gutierrez, however, the history of salvation would be

the meeting of theological practice with historical practice, because God is not alien to the search for justice, “takes sides with the oppressed”, “took pity on the slaves”.

Rejecting the privileged position of the “conventional church” - an elitist church that preaches conformity - Gutierrez’s criticisms of Western modernity, Eurocentrism, developmentalism, capitalism, among others, are for the victims of this exclusionary development, and for this reason, his ethical sensitivity will derive in “feminisms, indigenisms, environmentalisms” and in other forms of resistance against the “global dominance of capitalism” and the white, sexist, exclusionary and anthropomorphized God.

Orrego-Echeverría and Prada Rodríguez discuss Gutierrez’s “cultural Marxism,” but they invert the theory-praxis relationship with the praxis-theory relationship. In other words, instead of interpreting the oppressive reality through readings of historical materialism, Gutierrez would construct his interpretation of reality through the path with the people, through intimate communion with the oppressed, by constructing, with “God’s guidance” and in community with the oppressed, the “path to liberation.” In this context, as the authors conclude, “it would not be acceptable to call Gutierrez a Marxist because he only articulates theology with social sciences, but without synthesizing them.” In this context, the adoption of dialectical materialism by liberation theologians would have an interpretative, rather than dogmatic, methodological role, since its horizon would not be socialism, but the Kingdom of God.

In this way, the authors also distinguish a central aspect in the struggles for liberation during the years of dictatorship and states of exception: the interpretation of historical materialism, in the armed struggle, sought social justice through violence, while liberation theologians sought immersion in grassroots ecclesiastical communities,

alongside the marginalized and impoverished, in favor of the formation of a critical consciousness of transformation of reality and supported by the saving actions of Christ's example.

The paradigm of liberation and the option for the poorest in the decades at the height of military dictatorships in Latin America allowed what Semeraro (2007, p. 96) considers the “astonishing flowering of innovative political-pedagogical practices and theoretical creations in various fields that had ‘liberation’ as their unifying theme”.

The detachment from grassroots communities and the central role of liberating political formation by left-wing political parties at the time of redemocratization, unions and even the Catholic Church, resulted in the disarticulation and weakening of one of the most important experiences in building a transformative consciousness of reality, which was the Church and Liberation Theology.

The abandonment of the liberating practice in the left-wing camp paved the way for both the restructuring of the State along neoliberal lines and the consolidation of individualistic and depoliticized alternatives for social reproduction, such as entrepreneurship, which replaces the coordinated action of workers against forms of capital exploitation. In this context, individualistic, depoliticizing solutions that are contrary to human rights created the conditions for the return, in the second decade of the 21st century, of a conservative right wing – patriarchal and militaristic – in terms of customs and (neo)liberal in terms of the economy. The most prominent expression of this right wing are Christian churches, mainly neo-Pentecostal, analyzed in this issue of ***BJLAS*** by Colombian sociologist Betty Ruth Lozano, from Unibautista (Colombia), in the article ***Religious Fundamentalism, Racial Capitalism and Civilizational Crisis***. At this turn of events, it is not surprising that the Church of the Poor was replaced by Prosperity Theology, which promotes business practices within the church, and by Domination Theology, in which the political project of dominionist

churches is to occupy positions of power in the State, to impose values and foundations of a peculiar interpretation of the Bible. Lozano is assertive when she states that the purpose of this fundamentalist endeavor in politics is not only to occupy the public sphere, in addition to the private one, but also to transform the State into an extension of their beliefs.

The solid theses defended by the author of this article are nourished by the thinking of black Latin American women and decolonial theories, as well as by Latin American theology and critical thought. As a result, the author observes that Christian fundamentalism has become a central instrument of conservative and neoliberal hegemony. It is an essential strategy for penetration and interventionism by the United States and, above all, it is the basis on which state violence, including genocide, is justified, because “a demonic threat [...] must be exterminated.”

Lozano's article presents the dramatic antithesis of the results of a Church that does not propose the practice of liberation. The recent cases of state violence and political polarization in Colombia and Brazil, as well as the Palestinian genocide, are concrete examples of the scope and dynamics of contemporary religious fundamentalism.

The political scenario of Gustavo Gutiérrez's work can be analyzed in the fourth article we present in this issue of **BJLAS**.

Without the opportunity to discuss the central theme of this edition, historian Antonino Zunino, from the University of the Republic (Uruguay), proposes a very timely article that outlines central aspects of the Latin American political scene of the 1970s, through the analysis of a military government in Peru that, against the current of regional dictatorships, promoted a developmentalist and progressive program from the point of view of social achievements, although politically it did not assume commitments to formal democracy. In **Peruvian Military Developmentalism of the 1970s revisited from Uruguay: A unique phase**

in the development of capitalism in that country and the attraction that "Peruvianism" exerted during those critical years in the Region,

the author analyzes the military progressivism of Juan Velasco Alvarado, a sui generis president who, in the context of the radicalization of the dictatorships of the second half of the 20th century in Latin America, distanced himself from the security doctrines promoted by the United States, while designing a nationalist government program that confronted the Peruvian oligarchies. Velasco Alvarado benefited Peruvian peasants with the Agrarian Reform and implemented a developmentalist project to strengthen the internal market and reduce social inequalities.

The originality of the article is that Zunino does not stop to evaluate the military progressivism of the Peruvian case, but analyzes how, in a given scenario, the Peruvian experience would have found acceptance among segments of the left. The specific case that Zunino studies is the Uruguayan scenario of the pre-civic-military dictatorship.

The following articles in issue 50 of **BJLAS** bring valuable analyses in various fields of social sciences.

To begin with, the joint work of Carlos Augusto Viáfara López, from the Universidad del Valle (Colombia), and Yoná dos Santos, from the University of São Paulo (Brazil), is a comparative analysis of methodologies and data from the demographic census of Brazil and Colombia. In ***Rises and declines in the Afro-descendant population in Latin America: the experiences of Colombia and Brazil in the 2018 and 2022 censuses***, Viáfara López and dos Santos present the main statistical data from the census in both countries and then discuss the census information that fails to meaningfully reflect the racial and ethnic diversity of these countries. The methodologies used in each case are described and interpreted in light of the critiques of decolonial thought, denouncing the difficulties in identifying social diversity, the invisibility hidden beneath the data, the limits of resources and, among others, the political choices that are

imposed on each criterion. The article is enriched by the temporal analysis of censuses throughout the 20th century, highlighting the problems of each moment. Tables with statistics and charts illustrate the cases and allow for a better comparison of two countries that, in South America, are paradigmatic for studies of structural racism in Latin America.

The article by Flávia Lessa de Barros and Lília Gonçalves Magalhães Tavoraro, both researchers at the Department of Latin American Studies at the University of Brasília (Brazil), is a comprehensive study of the production of knowledge about Latin America that takes place in Brazil. The article is entitled ***Production of knowledge on Latin America by Research Groups in Brazil: characteristics, potentials and challenges***. This is a fruitful quantitative study, constructed from a database of the Brazilian Ministry of Science and Technology that brings together the country's research groups, and which is complemented by questionnaires applied to the leaders of each group that, although not specialized in studies about Latin America, has been studying issues in the region from various fields of knowledge. The relevance of this study is to highlight how Latin America and the Caribbean are becoming a theme and object of research, even in centers that regularly produce North Eurocentric knowledge. Another fundamental aspect is the criticism by research leaders of the lack of government support for studies on the region, something that is also reflected in the various forums and spaces for the production of knowledge about the region.

Tables and charts enrich the analyses with details about the region where the research groups operate, the main topics covered and the areas in which such studies are developed.

The current relevance of the next article is reflected in the title ***Sustainable Development and decolonial Constitutionalism: the appreciation of the value of work of nature as foundation of the***

economic order. This essentially theoretical work presents the possibility of transforming Nature into a subject of Law. It is a reflection in the field of constitutional law by researcher Marcelo Barros Jobim, from the Maceió Higher Education Center in Brazil. Based on Latin American constitutionalism, mainly from Ecuador and Bolivia, and supported by the theoretical framework and criticisms of decolonial thought, the author debates articles in the Brazilian constitutional text of 1988, highlighting the absence of principles and standards for the protection of the Rights of Nature, which are mainly violated by modern instrumental reason, extractivism, and classical anthropocentrism. Contemporary legal rationality is also subject to criticism by Barros Jobim, whose liberal logic would ignore alternative logics, for example, agroecology, and indigenous thought that lives in harmony with Nature.

The following articles present analyses in the field of International Relations. The first paper is a historical review of an important moment in the participation of Mexican diplomacy in the UN and its negotiating role in the denuclearization initiatives in Latin America.

The article ***Alfonso García Robles and the Treaty of Tlatelolco: between the Cold War and denuclearization in Latin America*** is the result of bibliographical and documentary research on the work and performance of the ambassador and Secretary of Foreign Affairs of Mexico in the Preparatory Commission for the denuclearization of the region, whose work resulted in the signing of the Treaty of Tlatelolco in 1967. The author is a researcher at the Center for Historical Studies of the Colegio de Michoacán (Mexico).

The main merit of the article is to have reconstructed in detail the sensitive period of the post-World War II and Cold War scenario, which peaked - in our case - with the Cuban Missile Crisis in 1962. The article analyzes historical documents and private archives in order to understand the delicate tasks and strategies of building consensus and eliminating

risks on the part of Mexican diplomacy - in the person of Alfonso García Robles - in order to transform Latin America into the first denuclearization zone in the world. The article highlights the role of Brazilian diplomacy, in conjunction with the Mexican effort, to integrate the group of nations that composed the drafting committee of the Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons in the region.

Relations between Panama and China are the focus of an article by Sebastian Naranjo Rodríguez, from Renmin University of China. Based on a comparative analysis of foreign policies, the author observes the difficult process of building bilateral relations interrupted by internal political fluctuations and the impact this has on the discontinuity of Panama's foreign policy with China. The article is entitled ***A comparative exploration of foreign policy strategies between Panama and China: how does the lack of governmental continuity impact economic activity?***

The instability of Panamanian foreign policy, sometimes more aligned with the interests of the United States, sometimes focused on a more independent approach of cooperation and dialogue with China, is finally assessed by the potential risks of Panama losing the economic opportunities that China has been offering to other countries in the region.

The article is accompanied by careful explanatory tables on the variables that mark economic, political and international cultural exchange cooperation between countries.

How decisions in international negotiations can be affected by a country's internal dynamics is also the focus of the article ***The main impedances for the ratification of the Treaty between Mercosur and the European Union: The Two-Level Games perspective***, by Rodolfo Vieira Nunes. In this work, the researcher from the Federal University of Juiz de Fora (Brazil) analyzes the main obstacles to the Treaty between the economic blocs of Mercosur and the European Union. To understand the

fluctuations in internal dynamics and their influence on international negotiations, the author uses the Two-Level Games perspective, which allows the national and international levels to be fully combined in the analysis to identify the main impediments to the Treaty. Among the problems identified, resistance to change, such as the adoption of insourcing strategies, especially in Mercosur and the European Union, in sectors such as industry and agriculture, are some of the obstacles that require the elimination of tariffs and the creation of import quotas, that is, actions capable of creating friction with the internal base of each country.

Paraguay's policy of 're-exporting' products is the focus of the article ***The Paraguayan dilemma: between reexportation and Mercosur*** by researchers Luiza Peruffo and Kevin Wanderlan Fernandes dos Santos from the Federal University of Rio Grande do Sul. Re-exporting in Paraguay is a strategy that involves importing products that are not intended for domestic consumption, but for resale to other countries in the region, without major transformations. This model, initiated in the 1970s during the dictatorship of Alfredo Stroessner, allowed Paraguay to generate resources for the regime without compromising its agro-export structure and consolidated close trade relations with Brazil and Argentina. However, the strategy is a persistent obstacle to Paraguay's full integration into Mercosur, which constitutes one of the main aspects of this country's bilateral relations with Brazil and Argentina. The article is accompanied by important graphs on re-exporting and the Paraguayan trade balance.

The 50th issue of **BJLAS** concludes with a review of the book "*Vender una ciudad. Gentrificación y turistificación en los centros históricos*" [Selling a city. Gentrification and Tourism in Historic Centers], by Iban Díaz Parra. The review, written by Guillermo Jajamovich from the University of Buenos Aires (Argentina) under the title ***(Not) Everything is gentrification***, highlights the comparative approach that the author of the work takes

based on case studies in Mexico City, Buenos Aires, and the city of Seville (Spain).

References

DUSSEL, Enrique. El paradigma del Éxodo en la Teología de la Liberación. **Concilium: Revista internacional de teología**, n. 209, p. 99-114, 1987. Available at: <https://repository.globethics.net/bitstream/handle/20.500.12424/191083/n25.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Accessed on: 5 Dec. 2024.

FERNANDES, Florestan. Patrones de dominación externa en América Latina. In: **Dominación y desigualdad : el dilema social latinoamericano**. México, D. F. : Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015[1970]. pp. 113-137. Available at: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/16357/1/AntologiaFernandes.pdf>. Accessed on: 4 Dec. 2024.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. La sociedad plural: la democracia en México. In: **De la sociología del poder a la sociología de la explotación**: Pensar América Latina en el siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI / CLACSO, 2015[1965]. pp. 73-128. Available at: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/casanova.pdf>. Accessed on: 29 June. 2023.

GUTIERREZ, Gustavo. Liberation Praxis and Christian Faith. In: GIBELLINI, Rosino (org.), *Frontiers of Theology in Latin America*. New York (Markynoll): Orbis, 1983.

IDB (Inter American Development Bank). **The Complexities of Inequality in Latin America and the Caribbean**. Inter American Development Bank. March 6, 2024. Available at: <https://www.iadb.org/es/noticias/las-complejidades-de-la-desigualdad-en-america-latina-y-el-caribe>. Accessed on: 5 Dec. 2023.

ONU/CEPAL. **Panorama Social de América Latina y el Caribe. La transformación de la educación como base para el desarrollo sostenible.**

CEPAL, 2022. Available at: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/3ca376cf-edd4-4815-b392-b2a1f80ae05a/content>. Accessed on: December 2, 2022.

SEMERARO, Giovanni. Da Libertação à Hegemonia: Freire e Gramsci no Processo de Democratização do Brasil. **Rev. Sociol. Polít.**, n. 29, p. 95-104, Nov. 2007. Available at: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782007000200008>. Accessed on: January 22, 2020.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.232672](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.232672)

*Recebido em: 01/01/2025
Aprovado em: 01/01/2025
Publicado em: 01/01/2025*

GUSTAVO GUTIÉRREZ E O LEGADO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO (IN MEMORIAM)

GUSTAVO GUTIÉRREZ Y EL LEGADO DE LA TEOLOGÍA DE LA LIBERACIÓN

(IN MEMORIAM)

GUSTAVO GUTIÉRREZ AND THE LEGACY OF LIBERATION THEOLOGY

(IN MEMORIAM)

Giovanni Semeraro¹ 

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Resumo: O recente falecimento de Gustavo Gutiérrez motiva a elaboração deste artigo, na intenção de prestar uma devida homenagem ao “pai” da Teologia da Libertação e ressaltar também a sua extraordinária contribuição à criação de uma das mais impactantes correntes de pensamento de matriz latino-americana. Assim, além de delinear a trajetória de vida, o contexto histórico e as fontes que concorreram para a formação teórico-prática de Gutiérrez, o texto focaliza os aspectos mais marcantes da Teologia da Libertação, uma audaciosa e inovadora concepção de mundo que contribuiu não só para resgatar a mensagem genuína do cristianismo e renovar a Igreja, mas também para desvelar as causas da exploração e da pobreza dos povos subjugados, e subsidiar movimentos sociais e organizações populares nas lutas para libertar-se de todas as formas de dominação em vista da construção de uma nova civilização.

Palavras-chave: Gustavo Gutiérrez; Teologia da Libertação; América Latina; História; Política.

Resumen: El reciente fallecimiento de Gustavo Gutiérrez motiva la elaboración de este artículo, con la intención de rendir un merecido homenaje al “padre” de la Teología de la Liberación y resaltar también su extraordinaria contribución a la creación de una de las corrientes de

¹ Doutor em Filosofia Política pela Università degli Studi di Padova, Itália, e em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente na Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: gsemeraro07@gmail.com

pensamiento más impactantes de matriz latinoamericana. Así, además de delinear la trayectoria de vida, el contexto histórico y las fuentes que contribuyeron a la formación teórico-práctica de Gutiérrez, el texto se centra en los aspectos más destacados de la Teología de la Liberación, una concepción audaz e innovadora del mundo que contribuyó no solo a rescatar el mensaje genuino del cristianismo y renovar la Iglesia, sino también a desvelar las causas de la explotación y la pobreza de los pueblos subyugados y a respaldar movimientos sociales y organizaciones populares en las luchas para liberarse de todas las formas de dominación con miras a la construcción de una nueva civilización.

Palabras clave: Gustavo Gutiérrez; Teología de la Liberación; América Latina; Historia; Política.

Abstract: The recent death of Gustavo Gutiérrez has motivated the writing of this article, which aims to pay tribute to the "father" of Liberation Theology and highlight his extraordinary contributions to the creation of one of the most influential currents of thought in Latin America. In addition to outlining his life, trajectory, historical context, and sources that contributed to Gutiérrez's intellectual formation, this text focuses on the most striking aspects of Liberation Theology. This audacious and innovative worldview contributed not only to rescuing the genuine message of Christianity and renewing the church but also to reveal the causes of exploitation and poverty faced by oppressed peoples while supporting social movements and popular organizations in their struggles to free themselves from all forms of domination and work toward the construction of a new civilization.

Keywords: Gustavo Gutiérrez; Liberation Theology; Latin America; History; Politics.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.231636](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.231636)

Recebido em: 25/11/2024
Aprovado em: 31/12/2024
Publicado em: 01/01/2025

1. Raízes e formação

Cravada no corpo e na alma, a ascendência quéchua de ameríndio peruano, mesclada com sua extraordinária trajetória de vida, fazem de Gustavo Gutiérrez Merino Díaz uma das figuras mais genuínas e icônicas da América Latina. Entre 1928, ano do nascimento em Lima (Peru) e o recente falecimento (22 de outubro de 2024) na mesma cidade, Gutiérrez

conseguiu amalgamar de forma singular e criativa a profunda vinculação com as raízes da sua terra, o envolvimento com as lutas dos povos subjugados, os estudos de autores latino-americanos e os conhecimentos auferidos na Europa e no interior da Igreja católica.

Uma osteomielite que o acometeu entre os 12 e 18 anos não o impediu de realizar intensas e fecundas atividades que se iniciaram como estudante de medicina e literatura no Peru e enveredaram para a vida sacerdotal, condição que o levou a estudar filosofia e psicologia na Universidade “Le Saulchoir” dos Dominicanos na Bélgica, teologia no Instituto Católico de Paris, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e na Universidade “Lyon-Fourviere” dos Jesuítas na França (onde obteve o diploma de Doutor em Teologia). Além de lecionar Teologia no Peru e ministrar cursos e palestras em diversos países, por 20 anos foi co-diretor da conceituada Revista *Concilium*. Aos 70 anos ingressou na Ordem dos Dominicanos, onde permaneceu até o fim de sua existência, dedicado a seus estudos e auxiliando em uma paróquia da periferia de Lima, mantendo sempre sua vida simples e frugal e nunca perdendo seu jeito gentil, discreto e bem humorado.

A sua prodigiosa atividade intelectual com uma extensa produção de escritos e ações sócio-políticas dedicadas à libertação dos oprimidos se tornaram inspiração para muitos movimentos sociais, para a renovação da Igreja e referência de inúmeros estudiosos, dissertações de mestrado e teses de doutorado mundo afora. Não surpreende, portanto, que instituições de vários países lhe conferiram 23 títulos de *Honoris Causa*. Além do mais conhecido livro *Teologia da Libertação* (Gutiérrez, 1971), publicado em 1971, pelas Ediciones Sígueme da Espanha, são numerosos seus escritos derivados de palestras e diversos livros de caráter espiritual (*O Deus da Vida, Compartilhar a palavra no decorrer do ano litúrgico, Em busca dos pobres de Jesus Cristo, A verdade vos libertará, Falar de Deus a partir do sofrimento do Inocente, Beber em seu próprio poço* etc),

destinados a fortalecer a fé de cristãos comprometidos com seus ideais e com as lutas populares.

Devido à audaciosa e impactante concepção teológica veiculada nas suas publicações é justamente considerado “pai” da Teologia da Libertação, primeiro livro com esse título. Mas, como todo pensador, mesmo inovador e dotado de genialidade, as ideias de Gutiérrez não nascem do nada, pois, deitam suas raízes no contexto sociopolítico-cultural do seu tempo. Desta forma, as fontes principais de suas reflexões podem ser encontradas no âmbito das três realidades que vivenciou: a) na sofrida condição de vida de seu povo e no sistema de dominação imposto ao continente sul-americano; b) no período de renovação da Igreja católica; c) no resgate da mensagem autêntica do cristianismo.

Profundamente enraizado na história e na cultura de seu país e impactado com a chocante situação sócio-político-econômica da América Latina, Gutiérrez dedicou-se ininterruptamente a descobrir as causas da pobreza e da opressão e a buscar meios para a sua superação. Procurou, portanto, elaborar uma teologia que pudesse falar de Deus em sintonia com as narrativas de libertação que emanam dos textos bíblicos (principalmente do Êxodo), da coragem dos profetas e da mensagem inaudita do Evangelho de Jesus histórico que anuncia o reino de fraternidade universal. Para melhor dar conta desta tarefa, Gutiérrez dedicou-se também a auscultar a voz de Deus manifestada em diversos escritores da sua terra, antenas sensíveis sintonizadas com a situação dramática do próprio povo. Entre os demais autores, teve considerável influência de três famosos peruanos: José Carlos Mariátegui, autor, entre outros escritos, de *Siete Ensayos Peruanos* (2008[1928]), que retrata de forma original o papel central das comunidades indígenas da América Latina na luta de classe e a construção de um socialismo indo-americano com a organização dos trabalhadores; o poeta César Vallejo (1968[1922]), autor de *Trilce*, que expressa o lamento da criatura sofredora diante do silêncio do Criador; o novelista José María Arguedas que denuncia a

desumanização dos opressores e de cujo livro *Todas las Sangres* (1964), Gutiérrez escolheu um trecho para figurar como epígrafe de sua obra *Teologia da Libertação* (BETTO, 2021).

Mas, além de autores e da tradição literária que retratam a realidade de seu país, Gutiérrez deriva muitas reflexões para a construção da sua visão teológica dos estudos sobre o contexto sócio-político da América Latina, da longa história da dominação, do extermínio dos índios, da escravidão,

da condição das raças desprezadas e das culturas discriminadas e, principalmente, da resistência da população, cujas revoltas e insurgências nas suas diversas formas buscaram incansavelmente conquistar a independência e a libertação do colonialismo. Mais especificamente, é preciso ressaltar que entre os anos 1950-1970, na América Latina, em concomitância com as lutas anticoloniais em outros continentes, além do grande impacto da Revolução cubana (1959-1960), Gutiérrez acompanhou de perto o florescimento considerável de organizações políticas, de movimentos e levantes populares que visavam uma transformação profunda da realidade social, em oposição a projetos transplantados de fora e a modelos desenvolvimentistas. E foi exatamente nesse período que se alastrou a “Guerra Fria”, recrudesceu a repressão e foram instauradas ditaduras na América Latina, gerando um ambiente que alimentou ainda mais os anseios e as lutas pela libertação.

No Brasil, particularmente durante este mesmo período, levantes populares nas cidades e no campo, mobilizações de estudantes e organizações políticas e sindicais pressionavam pelas “reformas de base” e pelos direitos fundamentais, instando setores da Igreja a sair da omissão e sintonizar-se com o grito do povo explorado e marginalizado (MAINWARING, 2004, p. 116ss). Desta forma, na efervescência política dos anos 1960, cristãos politicamente engajados nas lutas populares, além de extrair inspirações de E. Mounier, de Pe. C. Henrique de Lima Vaz, de J. P. Sartre e G. Marcel, assimilavam as inovadoras reflexões elaboradas no

Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), particularmente, de A. Vieira Pinto que se valia de categorias derivadas do pensamento marxista. Criativamente elaborado pelos “católicos de esquerda”, esse caldo teórico que articulava cristianismo com transformação da sociedade, atuava na Juventude Universitária Católica (JUC), na Ação Popular (AP), na União Nacional dos Estudantes (UNE), nos Movimentos de Cultura Popular (MCP), nos Centros Populares de Cultura (CPC), no Movimento de Educação de Base (MEB) e no pensamento de Paulo Freire (SEMERARO, 1994, p. 49ss).

No interior deste processo, tal como o conceito de “conscientização”, aflorado no ISEB e assimilado por P. Freire, vai além do conceito de “consciência” da filosofia moderna, também o conceito de “libertação” supera o conceito de “liberdade” plasmado pelo liberalismo da sociedade burguesa. A libertação, de fato, não remete à absolutização do indivíduo isolado e abstrato, à liberdade para fazer o que se quer para obter seus próprios interesses e à sacralidade da propriedade privada, mas é processo social concreto engendrado pela práxis política dos subjugados para sair da sua condição e criar um modelo de sociedade livre de dominação, onde todos possam realizar-se plenamente na abertura e solidariedade com o outro, desenvolvendo todas as potencialidades individuais e sociais. Ao estudar, de fato, a extensa produção de autores e as lutas pela libertação do continente latino-americano, Gutiérrez reconhece também “as experiências e trabalhos educativos de P. Freire entre as iniciativas mais criativas e fecundas” (GUTIERREZ, 1986, p. 88). Na verdade, vindo à lume em 1971, a *Teologia da Libertação* já menciona os primeiros livros de P. Freire (1979[1967]; 2005[1968]): *Educação como prática da liberdade* (1979) e *Pedagogia do Oprimido*, cuja 1ª edição é de 1968. Além disso, o próprio Gutiérrez evidencia a importância para suas ideias da sua visita ao Brasil em 1969, quando entrou em contato com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e ficou impactado com a morte do assessor da pastoral da juventude de dom Hélder Câmara, o padre Henrique Pereira Neto,

assassinado em Recife pela ditadura militar, em 26 de maio de 1969. A ele, de fato, e a J. María Arguedas dedica seu livro *Teologia da libertação*.

Portanto, antes da Teologia da Libertação ser elaborada e publicada, movimentos populares, estudiosos, organizações políticas, atividades de cristãos socialmente engajados e agentes pastorais progressistas da América Latina vinham atuando e gerando reflexões sobre temas que seriam sistematizados pela nova teologia (MAINWARING, 2004, p. 28ss). Para esses audaciosos protagonistas, a contradição entre opressores e oprimidos fazia-se clara, uma vez que ao desvelar as raízes da pobreza do povo mostravam que esta condição não é natural nem vontade de Deus, mas, resultado fundamental da exploração arquitetada pelos países coloniais e as classes dominantes. Neste sentido, afirmava-se que as massas populares não são simplesmente pobres, mas oprimidas e espoliadas. Condição desumana, portanto, a ser enfrentada e libertada por meio de lutas coletivas, sem esperar mudanças mágicas ou concessão de alguém.

A outra fonte que contribuiu a fermentar o pensamento de Gutiérrez emana dos estudos que realizou na Europa durante o período de renovação (“aggiornamento”) da Igreja. Como se sabe, ainda que a reboque das transformações que ocorriam no mundo, este movimento de mudanças foi particularmente desencadeado a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) e se consolidou durante o pontificado de Paulo VI (1963-1978). Nesses anos, apareceram inovadoras publicações de destacados teólogos, alguns dos quais (K. Rahner, Y. Congar, M-D. Chenu, H. de Lubac, J. B. Metz) aprofundaram as perspectivas abertas pela Nouvelle Théologie despontada na França, foram consultores do Concílio Vaticano II e redatores de alguns de seus textos. Nas universidades europeias que frequentou, Gutiérrez teve oportunidade de conhecer estes teólogos e estudar seus escritos. Entre os demais, estabeleceu vínculos de maior “afinidade eletiva” e estreitou grande amizade com J. Baptist Metz (1970; 1976), autor, entre outros escritos, de *Teologia do mundo* (1968) e *Teologia política* (1969), onde se

apontam a função crítico-política da teologia e o duplo componente, místico e social, do cristianismo. Juntamente com outros teólogos inovadores, de fato, Metz evidenciava que na teologia tradicional havia ocorrido uma privatização e estreitamento do cristianismo orientado apenas para a salvação interior do indivíduo e para a prática de uma ética individual, negligenciando que a teologia tem também a tarefa política de olhar para o mundo, conhecer a complexidade e as contradições dos contextos históricos e não se furtar da vocação profética transmitida pelos textos bíblicos na denúncia das violências e injustiças contra os mais pobres e vulneráveis. Não há dúvidas de que há elos de ligação entre a renovação que ocorria na Igreja, a nova teologia e o pensamento que vinha sendo gestado por Gutiérrez. Mas, as diferenças eram profundas, uma vez que na Europa a teologia buscava mais um “aggiornamento”, uma adequação às mudanças modernas, enquanto na América Latina passava a se posicionar contra a opressão e apontar caminhos de “libertação” da longa história do colonialismo, implementado pela própria Europa com as bênçãos da Igreja.

É preciso acrescentar que nos anos 1960-1970, houve também uma prodigiosa safra de estudos de exegese bíblica que desmistificaram leituras apologéticas, edificantes e intimistas. Munidas de avançados instrumentos exegéticos e de hermenêutica histórico-crítica, as novas investigações sobre “as sagradas escrituras” resgataram sua gênese e formação nos diversos contextos históricos, evidenciando o significado mais preciso dos fatos e as experiências humanas portadoras de transformações. De fato, além de reconstruir o elo que interliga os vários episódios do Antigo Testamento em torno da constituição de um povo libertado da escravidão, foi particularmente com estes estudos que se passou a ter uma melhor compreensão da mensagem originária do Evangelho como “Boa Nova” que liberta não só do pecado individual e das doenças, mas também dos males que afetam a vida em sociedade, leitura esta, inclusive sintonizada com a teologia dos Padres da Igreja dos primeiros séculos do cristianismo que

ênfatizavam a denúncia das injustiças e a centralidade do cuidado em relação aos pobres e marginalizados.

O Concílio Vaticano II e a onda de renovação na Igreja, portanto, foram eventos que propiciaram condições para elaborar uma teologia própria da América Latina que buscou no seu contexto sócio-político e nas angústias e lutas das comunidades populares cristãs material concreto para elaborar sua reflexão (GUTIÉRREZ, 1986, p. 75ss). Mudança esta que pode ser observada também nas duas Conferências Episcopais Latino-americanas (Celam) que ocorreram em Medellín (1968) e em Puebla (1979). Note-se que na elaboração do “Documento de Medellín”, aprovado pela Celam, há uma contribuição fundamental de Gutiérrez para configurar a posição da Igreja dos pobres na América Latina. Mas, é preciso também salientar que neste período foram se expandindo as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), capilar movimento que foi agregando em torno da leitura atualizada dos textos bíblicos numerosos cristãos, principalmente das periferias e das camadas populares, que passaram a tomar consciência da estrutura da sociedade e se motivaram a envolver-se em atividades políticas.

Na verdade, nos anos 1960-1970, o processo que passava a considerar os cristãos não mais como fiéis executores das diretivas da hierarquia “iluminada”, mas como agentes conscientes e engajados na vida social e política foi um fenômeno que aflorou em diversos lugares. Em 1971, no Chile de Allende, surgia o movimento “Cristãos para o socialismo” que, dois anos depois, inspirou a formação de um movimento parecido em Bolonha (Itália) e a “comunidade cristã de base” do abade G. Franzoni em Roma. Na onda dos levantes estudantis de 1968 e das lutas operárias de 1969-1970, cristãos críticos e progressistas expressavam seu “dissenso eclesial” com diversas manifestações, sinalizando a clara vontade de resgatar a genuinidade do Evangelho, sacudir o conservadorismo de uma Igreja cristalizada e tornar-se independentes do bloco construído em torno da Ação Católica e da Democracia Cristã, aliadas do sistema dominante.

Este sucinto panorama é para dizer que Gutiérrez não é uma figura isolada e fruto do acaso, mas uma das mais singelas e paradigmáticas expressões de um grande movimento que se alastrava pelo mundo, mas que ganhou sua peculiaridade e uma enorme força na América Latina, deixando suas marcas profundas na Igreja e na sociedade.

2. Originalidade e impacto da Teologia da Libertação de Gutiérrez

Não era a primeira vez que na história da Igreja se procurava resgatar a mensagem genuína do Evangelho e o potencial revolucionário do cristianismo, reconhecidos por muitos analistas, inclusive por Engels e Gramsci (SEMERARO, 2017, p. 90). Figuras, como Francisco de Assis, que agruparam seguidores para vivenciar as origens singelas das primitivas comunidades cristãs e renovar a Igreja não faltam ao longo do seu percurso. Mas, o movimento deflagrado pela Teologia da Libertação apresenta-se com uma singularidade única ao vocalizar a condição de extensas populações oprimidas, ao desvelar as raízes das injustiças sociais, ao revelar o caráter político da mensagem bíblica e colocar-se em clara contraposição ao capitalismo. Em diversas oportunidades, Gutiérrez deixa claro que a Teologia da Libertação, inteligência da fé não só da revelação custodiada pela Igreja, mas também da que se manifesta na história do mundo, procura falar de Deus olhando principalmente a realidade dos pobres e dos povos oprimidos, desvelando as causas da desumanização e despertando respostas a serem dadas, uma vez que “Toda teologia se pergunta sobre o significado da Palavra de Deus para nós no presente da história. E as tentativas de resposta se dão em função de nossa cultura, dos problemas colocados aos homens de nossa época” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 86).

Neste processo, partindo da inaudita mensagem do fundador do cristianismo, a Teologia da Libertação recupera a concepção “subversiva” de uma concepção de religião que não encerrada nos muros do templo, na centralidade do altar e em rituais mágicos, mas praticada nas contradições

da própria história, com atos concretos em relação aos que sofrem injustiça e exploração, vivenciada ao lado das necessidades reais do povo e construída em torno da mesa fraterna compartilhada, onde todos se reconhecem como irmãos para que “tenham vida e vida em abundância”. A expressão “opção pelos pobres”, emblema maior da Teologia da Libertação, amenizada como “opção preferencial pelos pobres” para contornar referências à “luta de classe”, quer simplesmente dizer, com uma expressão frequentemente repetida que “não se amam os pobres, sem se envolver com sua libertação”. Desta forma, “amar o próximo” para os cristãos não significa camuflar os conflitos classes e deixar tudo como está. Escamoteadas pelas leituras dominantes, as referências nos Evangelhos contra o acúmulo de bens, a arrogância das classes abastadas, a hipocrisia e o egoísmo dos ricos e a violência dos prepotentes são numerosas. Por isso, a “opção pelos pobres” da teologia de Gutiérrez (assim como a Pedagogia do “oprimido” de P. Freire) afirma a impossibilidade da neutralidade, uma vez que esquivar-se desta opção significa tomar partido em favor dos setores dominantes (GUTIÉRREZ, 1986, p. 220). Decorre disso, o compromisso político que leva a combater as estruturas de dominação e enfrentar os que as sustentam sem deixar de considerá-los irmãos para libertá-los também.

Diversamente da toda teologia abstrata, barroca, intimista e evasiva, centrada na conversão interior e fruição espiritual, a Teologia da Libertação se apresenta não só para libertar o indivíduo do pecado e das angústias pessoais, mas também dos malefícios entranhados nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, na violência do sistema, cujas consequências provocam a ruptura com o outro e geram injustiça, exploração, marginalização, discriminação, racismo, miséria e pobreza, todas situações que negam e ofendem a Deus, impedem a vigência do seu “reino” para a humanidade se realizar plenamente. A ética cristã, então, não se restringe a um comportamento circunscrito à esfera individual, mas implica responsabilidade com o próximo, engajamento político e

dedicação na construção da vida fraterna em sociedade. Deste modo, uma vez que a história humana é uma só, também a salvação deixa de ser individual ou projetada para o além e se expressa neste mundo, nas obras concretas pelas quais seremos julgados.

Não descendo do céu nem recebida pela mão de algum benfeitor, a libertação é construída pelos próprios oprimidos que se conscientizam, expulsam o opressor introjetado dentro de si, tomam iniciativa e se organizam politicamente com seus intelectuais e organizações políticas. Uma das principais características da Teologia da Libertação, de fato, é considerar o pobre e oprimido, não como objeto de comiseração e caridade, mas sujeito de sua própria libertação, protagonista de sua própria história e fautor da libertação no mundo. É o que aparece em toda a sua clareza em Gutiérrez e demais autores da Libertação, onde o oprimido nunca é considerado inferior, objeto inerte e insignificante, mas sujeito histórico capaz de pensar, se autodeterminar, criar cultura e agir para transformar a sociedade (BOFF, 2014, p. 110ss)

Esta concepção, que gera aversão nos setores dominantes, está explícita no comportamento e na mensagem do fundador do cristianismo que nunca é assistencialista e paternalista, mas desperta, motiva, incentiva, solicita a levantar-se e caminhar, alerta para ser vigilantes, incita a colocar a fruto os talentos recebidos e assumir as próprias responsabilidades. Lido na sua integralidade, de fato, o Evangelho não leva ao conformismo, ao fatalismo e à acomodação, mas suscita dispositivos para livrar-se de todo mal individual e social e para construir junto com os outros a nova civilização. Por isso, contrariamente às teorias que interpretam a religião como fuga, consolo, anestesia ("ópio") e resignação, a Teologia da Libertação a apresenta como inspiração e *Força histórica dos pobres* (outro livro importante de Gutiérrez, 1981) para se libertar dos grilhões e enfrentar as estruturas que impedem a realização humana e social.

Mas, neste enfrentamento, Gutiérrez e demais autores da Teologia da Libertação acabaram cruzando com o mesmo destino decretado para

Jesus histórico. A prisão, condenação e morte deste, de fato, resultaram de suas posições críticas em relação aos dirigentes de uma religião asfixiante e da ameaça que a mobilização popular suscitada pela sua inaudita pregação representava para o Império romano. Suspeitas e repressão parecidas ocorreram em relação às posições “heterodoxas” de Gutiérrez e aos que se inspiravam na Teologia da Libertação, uma vez que colocavam em questão aspectos nefastos do catolicismo e delineavam posições sócio-políticas que minavam o sistema dominante. A visão e as práticas que emanam da Teologia da Libertação, de fato, desmascaram a natureza estruturalmente anticristã do capitalismo e questionam as atitudes de falsa neutralidade da Igreja, sua omissão e convivência com forças políticas geradores de miséria, opressão e injustiça. Por isso, além das preocupações do Vaticano, a disseminação da nova teologia e a extensão e capilaridade das CEBs nas periferias e nas lutas dos setores populares, amedrontavam os Estados Unidos, como revelam vários documentos elencados por M. Löwy, entre os quais, o “Documento de Santa Fé”, preparado em maio de 1980 pelos assessores do candidato presidencial Ronald Reagan, onde se explicita que “A política exterior dos Estados Unidos deve enfrentar a Teologia da Libertação na América Latina [...] perigoso fator de subversão” (LÖWY, 1989, p. 6-7).

Em tempos de Guerra Fria, a igreja oficial foi revelando ainda mais suas posições conservadoras dobrando-se às injunções dos Estados Unidos para reprimir a Teologia de Libertação e dismantelar a força vigorosa das CEBs que vinham contribuindo criativa e bravamente não só no resgate da genuinidade do cristianismo, mas também na erosão das ditaduras e na construção da democracia. O perigo da Teologia da Libertação, que se valia de algumas ferramentas teóricas derivadas do marxismo para analisar a realidade, atemorizava a igreja que nunca se incomodou em preservar suas ligações com as potências coloniais e beligerantes, silenciando sobre sua longa ficha de crimes cometidos contra a humanidade e o planeta. Como se sabe, nos pontificados de João Paulo II e de Bento XVI foi deflagrada

uma “contrarreforma” que promoveu não só a expansão de forças reacionárias no interior da Igreja, mas deixou inquestionada a onda avassaladora do neoliberalismo que precarizou o trabalho, desagregou famílias, corroeu relações sociais, devastou o planeta e abriu caminho para a proliferação de igrejas neopentecostais que multiplicaram templos e introduziram com seus rituais sensacionalistas a “Teologia da Prosperidade” e do “Domínio”, manuseadas por “empresários da fé” e “pastores” dedicados à subjugação e à predação do rebanho.

Gutiérrez, então, foi sabotado, Paulo Freire exilado, Leonardo Boff e outros expoentes da Teologia da Libertação ostracizados e as CEBs esvaziadas. No entanto, apesar de cercadas e reprimidas, as raízes da jovem planta latino-americana, vinham despontando em outros setores e movimentos. A “utopia” da “Libertação”, de fato, mesmo com suas fragilidades, idealizações e limitações, não é só a marca inconfundível da teologia latino-americana, mas foi se tornando a grande metáfora que plasmou de forma peculiar a teoria e a prática da educação libertadora, da filosofia da libertação, dos movimentos políticos de libertação, da sociologia e economia da libertação (“Teoria da Dependência”), das mais diversas expressões artísticas e culturais de libertação que se disseminaram dentro e fora do continente sul-americano, tornando-se uma das contribuições mais originais e fecundas para o mundo na árdua construção da nova civilização.

3. Referências

ARGUEDAS, José Maria. **Todas las Sangres**. Buenos Aires: Ed. Losada, 1964.

BETTO, Frei. Gustavo Gutierrez, pai da Teologia da Libertação. **Revista on line do IHU**, Instituto de Humanas Unisinos, 15 julho 2021.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**, Petrópolis, Vozes, 2014.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da libertação, perspectivas**, Petrópolis, Vozes, 1986.

GUTIERREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Vozes, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005[1968].

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979[1967].

LÖWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 19, Nov. 1989.

LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**, São Paulo, Cortez - Autores Associados, 1991.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**, São Paulo, Brasiliense, 2004.

METZ, Johann Baptist, **Teologia política**, Caxias do Sul, Ed. Universidade de Caxias do Sul, 1976.

METZ, Johann Baptist, **Teologia del Mundo**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1970.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**, São Paulo, Expressão Popular, 2008[1928].

SEMERARO, Giovanni. **A primavera dos anos 60. A geração de Betinho**, Editora Loyola, 1994.

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e a religião: uma leitura a partir da América Latina. **Revista O Social em Questão**, Rio de Janeiro, vol.1, n.39, set-dez. 2017. Disponível em:

https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/osq_39_art_6_semeraro.pdf

Consultado em 2 dec. 2024.

VALLEJO, César. Trilce. In: **Obra poética completa**. Lima: Francisco Moncloa Editores, 1968 [1922].

GUSTAVO GUTIÉRREZ: UNA TEOLOGÍA COMPROMETIDA CON LA PRAXIS HISTÓRICA DE LA LIBERACIÓN¹

*GUSTAVO GUTIÉRREZ: UMA TEOLOGIA COMPROMETIDA COM A PRÁXIS
HISTÓRICA DA LIBERTAÇÃO*

*GUSTAVO GUTIÉRREZ: A THEOLOGY COMMITTED TO THE HISTORICAL
PRAXIS OF LIBERATION*

Israel Arturo Orrego-Echeverría² 
Universidad Libre, Colombia

Manuel Leonardo Prada Rodríguez³ 
Universidad Industrial de Santander, Colombia

Resumen: El artículo examina la obra y el legado de Gustavo Gutiérrez, teólogo peruano y fundador de la teología de la liberación, cuya propuesta reinterpreta el cristianismo desde la perspectiva de los pobres y oprimidos en América Latina. Gutiérrez sostiene que la salvación de Cristo abarca todas las dimensiones humanas, incluyendo las sociales, económicas y políticas, cuestionando así las interpretaciones religiosas que desvinculan la fe de la realidad histórica. Su enfoque integra el compromiso ético con los valores del Reino de Dios, enfatizando la justicia y la dignidad humana. La teología de Gutiérrez no separa la trascendencia divina de los procesos históricos, considerando la praxis como el lugar donde se manifiesta la acción salvadora de Dios. Esto supone un desafío a las nociones tradicionales de desarrollo, que frecuentemente legitiman desigualdades bajo el pretexto del progreso. Influido por la filosofía de la historia y el análisis social, Gutiérrez articula un enfoque interdisciplinario que utiliza

¹ Este artículo fue redactado en el marco de los Proyectos de investigación No. 4240, adscrito al Grupo de Investigación Tiempo Cero de la Escuela de Filosofía y aprobado por la Vicerrectoría de Investigación y Extensión de la Universidad Industrial de Santander, el proyecto No. 1610, *Ontologías políticas y del paisaje en América Latina*, adscrito a los grupos de investigación Tlaminime y Filosofía Política de la Universidad Libre.

² Licenciado en Ciencias Teológicas, Filósofo, Magíster en Filosofía Latinoamericana y Doctor en Filosofía. Docente-Investigador de la Facultad de Filosofía y Ciencias Sociales de la Universidad Libre, Colombia. E-mail: israela.orregoe@unilibre.edu.co

³ Teólogo, Magíster en Filosofía Latinoamericana y Doctor en Filosofía. Profesor de la Escuela de Filosofía de la Universidad Industrial de Santander, Colombia. E-mail: mlpraruc@uis.edu.co

herramientas críticas, como el análisis marxista, sin comprometer el núcleo espiritual del cristianismo. El texto también aborda críticas contemporáneas que acusan a la teología de Gutiérrez de marxismo, respondiendo que esta se fundamenta en la espiritualidad cristiana y el compromiso con los más vulnerables. Finalmente, se resalta la vigencia de su legado como un llamado a una praxis comunitaria orientada hacia la liberación integral y la superación de las estructuras de opresión.

Palabras clave: Gustavo Gutiérrez; Teología de la liberación; Praxis histórica; Pobreza; Liberación.

Resumo: O artigo examina o trabalho e o legado de Gustavo Gutiérrez, teólogo peruano e fundador da teologia da libertação, cuja proposta reinterpreta o cristianismo a partir da perspectiva dos pobres e oprimidos da América Latina. Gutiérrez argumenta que a salvação de Cristo abrange todas as dimensões humanas, inclusive a social, a econômica e a política, questionando assim as interpretações religiosas que dissociam a fé da realidade histórica. Sua abordagem integra o compromisso ético com os valores do Reino de Deus, enfatizando a justiça e a dignidade humana. A teologia de Gutiérrez não separa a transcendência divina dos processos históricos, considerando a práxis como o lugar onde a ação salvadora de Deus se manifesta. Isso é um desafio às noções tradicionais de desenvolvimento, que muitas vezes legitimam as desigualdades sob o pretexto de progresso. Influenciado pela filosofia da história e pela análise social, Gutiérrez articula uma abordagem interdisciplinar que usa ferramentas críticas, como a análise marxista, sem comprometer o núcleo espiritual do cristianismo. O texto também aborda os críticos contemporâneos que acusam a teologia de Gutiérrez de marxismo, respondendo que ela se baseia na espiritualidade cristã e no compromisso com os mais vulneráveis. Por fim, destaca a relevância de seu legado como um chamado para uma práxis comunitária orientada para a libertação integral e a superação das estruturas de opressão.

Palavras-chave: Gustavo Gutiérrez; Teologia da libertação; Praxis histórica; Pobreza; Libertação.

Abstract: The article examines the work and legacy of Gustavo Gutiérrez, Peruvian theologian and founder of liberation theology, whose proposal reinterprets Christianity from the perspective of the poor and oppressed in Latin America. Gutiérrez argues that Christ's salvation embraces all human dimensions, including the social, economic, and political, thus questioning religious interpretations that disassociate faith from historical reality. His approach integrates ethical commitment to the values of the Kingdom of God, emphasizing justice and human dignity. Gutiérrez's theology does not separate divine transcendence from historical processes, considering praxis as the place where God's saving action is manifested. This challenges traditional notions of development, often legitimizing inequalities under the pretext of progress. Influenced by the philosophy of history and social analysis, Gutiérrez articulates an interdisciplinary approach that uses critical

tools, such as Marxist analysis, without compromising the spiritual core of Christianity. The text also addresses contemporary critics who accuse Gutiérrez's theology of Marxism, responding that it is grounded in Christian spirituality and commitment to the most vulnerable. Finally, it highlights the relevance of his legacy as a call to a communitarian praxis-oriented towards integral liberation and the overcoming of structures of oppression.

Keywords: Gustavo Gutiérrez; Liberation theology; Historical praxis; Poverty; Liberation.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.232066](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.232066)

Recebido em: 06/12/2024

Aprovado em: 30/06/2024

Publicado em: 01/01/2025

1. La vocación liberacionista de Gustavo Gutiérrez

En la década de los setenta, algunas órdenes católicas, apostólicas y romanas, así como varias denominaciones del protestantismo histórico, tuvieron que resolver un dilema inevitable: conservar la ortodoxia que las caracterizaba desde antaño o adoptar la teología de la liberación para orientar las acciones. La ortodoxia doctrinal enfatizaba la conservación de las doctrinas y ritos tradicionales, considerando la salvación como un acto trascendental, otorgado por la gracia de Dios a través de la fe, con un enfoque en la vida eterna más allá de la muerte. En contraste, el compromiso social y profético, inspirado en la vida de Jesús y su mensaje, llevaba a los cristianos a seguir a Cristo en su compromiso con los pobres, practicando la justicia y enfrentando los riesgos asociados a la defensa de los oprimidos.

¿El evangelio consiste en asumir un conjunto de doctrinas y ritos para conservar la salvación otorgada forensemente por Jesús en la cruz, de tal manera que cuando el creyente muera su alma se vaya para el cielo? o ¿se trata de seguir a Jesús en vida, practicando sus enseñanzas y asumiendo una vocación profética en pro de las personas más vulnerables de la sociedad, aunque esta decisión generalmente desemboque en el martirio,

tal como le pasó a Jesús? Muchas órdenes religiosas católicas, como los jesuitas y franciscanos, adoptaron la teología de la liberación, involucrándose en comunidades de base y proyectos sociales en favor de los marginados. Sin embargo, esta opción no estuvo exenta de persecución; sacerdotes, religiosos y laicos comprometidos enfrentaron represión política, violencia e incluso martirio. Por otro lado, varias denominaciones protestantes históricas, como metodistas y luteranos adaptaron sus acciones misioneras a las necesidades locales y sociales.

Pues bien, la Orden de Predicadores no fue la excepción. Algunos sacerdotes se mantuvieron en la comodidad de su cargo eclesial, llevando a cabo acciones burocráticas y rituales desde las parroquias, tales como bautizos, confirmaciones, primeras comuniones, bodas, entre otras funciones rutinarias propias del quehacer sacerdotal. En contraste, algunos párrocos comprometidos con la comunidad de base decidieron inclinarse por la denuncia profética en favor de los enfermos, desempleados, desahuciados y demás personas que no encajaban en el sistema político-económico vigente, renunciando así a la conservación del estatus propio de quien tiene a su cargo un templo, con el fin de servir a los integrantes de la comunidad. Ese es el caso de Gustavo Gutiérrez Merino, quien agudamente observa que:

Todo esto es requerido, en definitiva, por la radicalidad y totalidad mismas del proceso salvífico. Nada escapa a él, nada se halla fuera de la acción de Cristo y del don del Espíritu. Esto da a la historia humana su unidad profunda. Los que operan una reducción de la obra salvadora son, más bien, aquellos que la limitan a lo escuetamente «religioso», y no ven la globalidad del proceso. Son aquellos que piensan que la obra de Cristo no alcanza sino por contragolpe o tangencialmente, y no a la raíz y cuestionante, el orden social en que vivimos. Son aquellos que para proteger la salvación (o para proteger sus intereses...) la sacan de donde late el pulso de la historia, de donde unos hombres, unas clases sociales pugnan por liberarse de la esclavitud y opresión a que los tienen sometidos otros hombres y otras clases sociales. Son aquellos que se niegan a ver que la salvación de Cristo es una liberación radical de toda miseria, de todo despojo, de toda alienación. Son aquellos que queriendo «salvar» la obra de Cristo la «perderán». (GUTIÉRREZ, 1975, p. 240)

Gutiérrez sostiene que la acción salvadora de Cristo incluye todas las circunstancias humanas, incluyendo las estructuras sociales, económicas y políticas, por lo cual denuncia las interpretaciones reduccionistas de la salvación, que restringen su alcance al ámbito individual y religioso. La salvación se manifiesta en gestos concretos de justicia, sanación y restauración de la dignidad de los marginados. Así, Gutiérrez cuestiona la distinción de planos, predominante en la reflexión teológica occidental, que separa las esferas natural y sobrenatural, desvinculando la acción divina de los procesos históricos.

Los primeros cristianos fueron reconocidos por las personas de Antioquía como *pequeños cristos* (VOUGA, 2001), por cuanto intentaban tener una vida tan auténtica como la del Mesías, biografía que los inspiraba a dar la vida por las demás personas. En otras palabras, los cristianos eran reconocidos por sus acciones volcadas hacia las demás personas en actitud de servicio, que estaban orientadas por las parábolas y las normas consignadas en la Torá hebrea, que se resumían en demostrar el amor a Dios por medio del amor al prójimo, alimentándolo, sanándolo, etc. Sin embargo, en el Siglo IV el cristianismo pasó a ser un sistema de creencias sustentado por la antropología greco-latina, cambio de paradigma antropológico que conllevó varias consecuencias para el cristianismo (SEGURA, 1992).

Según la antropología bíblica, el ser humano (*Adam*) es un muñeco de arcilla (*Adamá*) que respira. Así, para los hebreos, las mujeres y los hombres están vinculados a la tierra, por cuanto proceden de ella, y no están constituidos por dos sustancias diferentes e independientes, tal como lo promueve la antropología platónica, según la cual el hombre es una unión de cuerpo, que es mortal y material, y alma, que es inmortal e inmaterial. De esta manera, las orientaciones de la Torá resultan ser materiales, centradas en el bienestar integral del ser humano conocido como *Shalom* (GÓMEZ, 2016), mientras que la interpretación de dicho texto

sagrado, hecha a la luz de la antropología, griega espiritualiza esas orientaciones como si fueran relativas solo al alma, mas no al cuerpo⁴.

La perspectiva desde la cual el lector hebreo interpreta 1 Corintios 3, 1 es radicalmente diferente a la que hace el lector griego. Para la cultura hebrea, los textos eran cual alimentos que podían ser ingeridos (Ezequiel 3, 1), lo cual implicaba cierta madurez para asimilarlos, esto es, comprender las prácticas a favor del prójimo como una manifestación del amor a Dios. Las personas espirituales eran las que, en el Nuevo Testamento, tenían la mente de Cristo (1 Corintios 2, 16), por lo cual estaban dispuestas a depender de Dios, negarse a sí mismas y dar la vida por sus amigos. Los neófitos todavía no podían interpretar los textos según la mente de Cristo, sino de acuerdo con la lógica retributiva. Ellos eran considerados como carnales, mas no como espirituales. Eran como adultos en el mundo basado en las retribuciones, pero como bebés en el Reino de Dios, por lo cual había que alimentarlos como bebés, es decir, tener paciencia e ir paso a paso a la hora de enseñarles a depender de Dios, mas no del fruto de las propias acciones. Ser espiritual implicaba negarse a sí mismo, es decir, dejar de pensar en ganar algo mediante la lógica retributiva, con el fin de atender las necesidades de los demás, mientras que ser carnal suponía incurvarse sobre sí mismo, tratando de responder ante los desafíos de la vida con las propias fuerzas (JENSON, 2006).

En contraste, cuando los griegos leyeron textos como 1 Corintios 3, 1 los interpretaron en clave platónica. Para ellos, ser espiritual conllevaba aislarse de los placeres del mundo para dedicarse a la liberación del alma, que estaba encarcelada en el cuerpo. De esta manera, mientras que el pensamiento y la práctica hebreos estaban orientados hacia el aquí y el ahora, la interpretación griega de los textos bíblicos enfatizaba en el más allá. La resurrección, que consistía en volver a la vida tal como le sucedió a

⁴ En ese sentido, el humanismo cristiano-tomista, que caracteriza a la comunidad dominica de la cual Gutiérrez hizo parte, se basa en los ecos de la antropología hebrea que se escuchan a través del aristotelismo que lo caracteriza, mientras que las corrientes agustinianas tienden a privilegiar al alma, siguiendo a Platón. Aunque en la Biblia no aparece el concepto de *alma*, Tomás de Aquino, con base en Aristóteles, habla de la unidad sustancial de cuerpo y alma. Solo que para Aristóteles, el alma no es inmortal, sino que nace y muere con el cuerpo, mientras que para Tomás de Aquino el alma sí es inmortal.

Jesús (ARIAS, 2012), que aún tenía las marcas dejadas por los clavos en su carne y que podía comer pan como cualquier otro ser humano, fue reemplazada por la reencarnación. De esta manera, los griegos creían que el alma abandonaba el cuerpo cuando este último moría, transmigrando a un cuerpo inmortal y asexuado en el cielo.

La interpretación griega de 1 Corintios 3, 1 terminó cambiando el concepto de *santidad*. El santo ya no era el profeta apartado del mundo al que le hervía la sangre ante la violencia cometida por los poderosos contra el pueblo de Israel, por lo cual promovía una sociedad orientada hacia la equidad. Bajo el cristianismo platonizado, la santidad consistía en aislarse de los placeres sensuales. La santidad ya no era negarse a sí mismo para atender las necesidades del otro en actitud de servicio, mas no de señorío como sucede bajo la lógica de la retribución. En lugar de hacer algo a favor de las personas, encarnando los actos de Cristo, la santidad platonizada era mutilar el cuerpo por miedo a perder la salvación del alma en el cielo. El santo ya no era el que daba la vida por el prójimo, sino el que huía de él porque lo consideraba como un pagano que podía influenciarlo negativamente, por lo cual se refugiaba del mal en conventos y celdas ascéticas (HEENE, 2002). Algunos santos se encerraban en ellas, huyendo de las tentaciones sexuales, latigándose e incluso castrándose cuando las tenían, entre otras acciones que hablaban muy poco del amor que se tenían a sí mismos, que es lo que les posibilitaba amar a los demás, pero que hablaban mucho del odio que se tenían a sí mismos para poder imponerse, tal como algunos fariseos de la época de Jesús, sobre quienes no cumplían las normas con la misma rigurosidad que ellos.

En otras palabras, algunos santos medievales terminaron sus días tratando de salvar su alma por sus propios medios, haciendo del egocentrismo la creencia orientadora de sus acciones. En lugar de salvar a otros, alimentándolos, perdieron la vida transcurriendo el camino que caracteriza a cualquier religión retributiva, de las cuales se diferencia el cristianismo pre-constantiniano (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, 1997). Y esa

visión medieval de la santidad es compartida por algunas iglesias en la actualidad. En un contexto de violencia, droga, alcohol, entre otros asuntos, dichas iglesias optan por exigir a sus feligreses a atenerse al concepto helenizado de santidad, apartándose de dichas prácticas y considerando como mundanos a quienes no se comportan como ellos. De forma pelagiana, estos grupos religiosos se mantienen en la lógica retributiva, creyendo que por causa de sus abstinencias obtendrán buenos resultados en el cielo, más coronas de oro, más castillos al lado del mar de cristal, etc.

Este dualismo derivó en una visión fragmentada de la realidad, en la que el compromiso histórico se considera secundario frente a la salvación del alma. Sin embargo, para Gutiérrez, la fe cristiana, lejos de ser un escape de la realidad, integra a la trascendencia divina en los procesos históricos, reconociendo que la salvación comienza aquí y ahora, en la búsqueda de la justicia y la liberación. En otros términos, para Gutiérrez no hay dos historias, una de la salvación y otra del acontecer humano y su praxis, sino que la historia salvífica es una dimensión, un momento de la praxis histórica. Por lo anterior, hay que reconocer la unidad de la creación y la redención como un proceso único que abarca todas las dimensiones de la existencia humana, valorar la praxis histórica como un espacio para la manifestación de la gracia y abandonar el reduccionismo espiritualista que desvincula la fe de la vida concreta, del acontecer humano. La teología de la liberación no niega la trascendencia de la salvación, sino que la sitúa en su contexto. Dios no es sordo ante quienes claman por justicia.

En esta perspectiva, encontrarse con Cristo en la historia significa reconocerlo en los rostros sufrientes de los oprimidos, quienes son sus preferidos en el Reino de Dios, tal como Gutiérrez comenzó a hacerlo desde muy temprana edad. Esto no significa que Gutiérrez considere que Dios excluye a los ricos, sino que su salvación comienza por quienes más la necesitan, es decir, los pobres. Gutiérrez nació en Lima, Perú, el 8 de junio de 1928, en el seno de un hogar de clase media, y desde muy pequeño padeció una osteomielitis, por lo que estuvo postrado en una silla de

ruedas desde los doce años, reflexionando sobre su situación y decidiendo ser empático con quienes padecen enfermedades, violencias físicas y verbales, exclusiones, entre las demás circunstancias que determinan a los pueblos latinoamericanos. Al leer la poesía de César Vallejo, Gutiérrez encontró una expresión poética de la humanidad doliente, un reflejo del Cristo crucificado en aquellos que viven en la miseria y el olvido. Las descripciones crudas de las circunstancias de las personas más pobres de la sociedad hechas por Vallejo estaban en consonancia con la sensibilidad social que Gutiérrez iba a expresar más adelante, tanto mediante su servicio a la comunidad como a través de sus obras teológicas.

2. Introducción a la teología de la liberación de Gustavo Gutiérrez

La superación de la pobreza en Latinoamérica demanda la transformación de las estructuras sociales y económicas. La solidaridad con los pobres no puede ser pasiva, sino activa contra la injusticia, por lo cual la iglesia debe desenmascarar toda injusticia mediante la profecía:

Solamente una auténtica solidaridad con los pobres y una real protesta contra la pobreza tal como se presenta en nuestros días, puede dar un contexto concreto y vital a un discurso teológico sobre la pobreza. La falta de un compromiso suficiente con los pobres, marginados y explotados es, quizá, la razón fundamental de la carencia [...] de una sólida y actualizada reflexión sobre el testimonio de la pobreza. (GUTIÉRREZ, 1975, p. 386)

La teología de la liberación de Gutiérrez parte de la experiencia de los pobres, no vistos como pacientes, sino como agentes históricos. De esta manera, dicha teología se aparta de la tradicional, que está más pendiente del orden cósmico y la soteriología individualista que de la praxis comunitaria como ámbito donde se actualiza la presencia trascendente de Dios. Así, Gutiérrez va más allá de la reducción del cosmos a leyes naturales o racionales, característica de la modernidad, recordando la relación que

hay entre la historia y una salvación comprometida con las circunstancias socioeconómicas y políticas de los pobres.

Gutiérrez cuestiona la habitual reducción del mal a una carencia de ser, proponiendo en su lugar una transcendencia que va más allá de las dicotomías clásicas entre ser y no-ser, alcanzando el sufrimiento humano y la pobreza en una dimensión ontológica. La espiritualidad lleva a la praxis y esta, a la ontología de la praxis, superando prejuicios eurocéntricos en pro de una postura más amplia e integradora acerca de la realidad. Así, Gutiérrez no solo describe fenómenos sociales, sino que también aporta instrumentos teórico-prácticos para su mutación.

Este compromiso se manifiesta en el cuestionamiento de los discursos hegemónicos de la modernidad y el desarrollo, que a menudo se presentan como universalizables, siendo indiferentes a los sacrificios humanos y ecológicos que acarrearán. Mientras que en Occidente se interpreta a la modernidad como un proceso dirigido hacia la democratización y la racionalidad, en los países latinoamericanos la modernidad ha exacerbado las desigualdades y la destrucción ambiental, haciendo inviable extender ese modelo de desarrollo a nivel global. Lo que es bueno para unos, es malo para otros. Para que haya alguien rico en Occidente, debe haber varios latinos empleados con salarios bajos. Por eso, en lugar de seguir viendo a la historia como un proceso lineal y necesario, tal como se enseña en las escuelas occidentales y en las occidentalizadas, esta debe ser concebida como una realidad dinámica, moldeada por tensiones éticas y políticas que abren posibilidades de transformación social, lo cual supone un cambio en los modelos pedagógicos, de tal manera que cada vez sean más democráticos e incluyentes.

La teología de Gutiérrez también implica cambiar la perspectiva tradicional sobre Dios, dejando de concebirlo como un observador blanco, machista, excluyente y antropomórfico, según la usanza occidental de levantar ídolos en pro de su propia conveniencia, con el fin de garantizar

simbólicamente el orden establecido. Hay que ver a Dios como una entidad trascendente que toma partido por los oprimidos, tal como lo hizo cuando se apiadó de los esclavos en Egipto, mostrando paulatinamente su poder transformador a un pueblo concreto, históricamente situado. Por eso, para Gutiérrez Dios no solo es el sabio ordenador del cosmos, sino que también es un liberador (Go'el), inscribiendo así su teología en el giro hermenéutico que está basado en la filosofía de la historia de Walter Benjamin, para quien la tarea del historiador es redimir a las víctimas del pasado, en lugar de justificar la continuidad del poder.

Así, Gutiérrez no busca justificar el mal, sino desmontar las estructuras de opresión a través de un compromiso ético y político, pensando a fondo conceptos como justicia, poder o solidaridad. Su teología es una piedra en el zapato para los discursos dominantes de la religión convencional, porque altera el lugar tradicional del sujeto teológico y filosófico. La teología moderna sigue a la filosofía moderna, que es su justificación ideológica, la cual postuló al concepto de sujeto enfrentado al objeto, es decir, lo mental opuesto a lo corporal, como punto de partida para el filosofar. Por esta razón, la teología moderna es llanamente racional, descorporalizada, por lo cual desmitologiza a la Biblia para tratar de encontrar deístamente algún mensaje moral que se adapte al ideal moderno de un cosmos autosostenido por medio de las leyes naturales, que no necesita de la intervención divina. En contraste, la teología de Gutiérrez encarna el mito evangélico, enfocándose en el que en Latinoamérica sería el equivalente al hombre despojado de sus posesiones y su salud, lugar epistemológico y ontológico desde el cual construye su discurso. Con sus acciones, Gutiérrez es coherente con su planteamiento teológico, encarnando el papel de buen samaritano, es decir, auxiliando a la viuda, el pobre y el extranjero, tal como lo enseñaron los profetas veterotestamentarios. Si actualizamos la teología de Gutiérrez, estamos llamados a atender a los migrantes que huyen de regímenes dictatoriales, sean estos de izquierda o de derecha. La filiación política de los pobres no

interesa, sino su condición inhumana y redimible por una comunidad que se toma en serio las enseñanzas de Jesús. La creencia en un Dios que interviene en la historia hace que la comunidad cristiana se convierta en su instrumento liberador.

Así, Gutiérrez cuestiona las categorías ilustradas de progreso y universalidad, porque suelen ignorar a las víctimas del desarrollo histórico. La modernidad, proyecto hegemónico y eurocéntrico, legitima la explotación de muchos latinoamericanos al enmarcar el mal y la pobreza como sacrificios necesarios para el avance del bienestar colectivo. Gutiérrez cuestiona esta lógica al situar al sufrimiento humano como motor de transformación histórica, por cuanto es una condición inaceptable que exige reparación, mas no el precio natural que hay que pagar por el progreso. Para Gutiérrez, la justicia no es solamente distributiva, porque está orientada a desenmascarar las estructuras de opresión, con el fin de construir comunidades solidarias, mas no de destruir lo que hay, tal como lo hacen las guerrillas. La verdad no es simplemente una correspondencia entre enunciado y hecho, sino una praxis que impulsa a la búsqueda de la liberación. El poder no queda legitimado por su capacidad de organizar a las personas en un engranaje, sino por su orientación hacia la dignificación de los que comúnmente quedan al margen de dicho embrague.

Por eso, Gutiérrez no cree en el determinismo histórico profesado por las posturas conservadoras y justificadoras de sistemas asfixiantes, resaltando la importancia del presente para construir una realidad más justa. De ahí que la historia no sea únicamente un registro de eventos, sino que también abarque el cambio de la sociedad, a través de la acción previamente reflexionada, meditada. En este marco, la filosofía de la liberación no solo interpreta el devenir histórico, sino que también interviene en él, proponiendo alternativas éticas y políticas fundamentadas en la justicia y la dignidad humana. La realidad es estructuralmente dinámica, por lo cual puede ser mejorada mediante la acción colectiva.

La teología de Gutiérrez es una respuesta a las desigualdades en América Latina, subcontinente caracterizado por la corrupción, el extractivismo y la explotación laboral que sigue padeciendo altos niveles de pobreza y exclusión, por lo cual la salvación no puede separarse del compromiso por la justicia, tratando de contrarrestar comunitariamente las consecuencias de las políticas neoliberales que perpetúan la pobreza de muchos, en pro de la riqueza de pocos. De ahí que las teologías de la liberación estén derivando en feminismos, indigenismos, ecologismos y otras resistencias ante el dominio global del capital.

3. ¿De qué trata la teología de la liberación de Gustavo Gutiérrez?

En *Teología de la liberación: Perspectivas* (1975), Gutiérrez sostiene que *la teología es inherente a una vida de fe que busque ser auténtica y plena* (p. 21), para lo cual se necesita leer los contextos de opresión e injusticia con sabiduría, racionalidad y reflexión crítica, en lugar de reproducir esquemas doctrinales abstractos. Por eso el concepto de liberación implica un proceso histórico en el que las comunidades promueven un cambio espiritual, que deriva en una transformación social, económica, política y cultural, construyendo al Reino de Dios en la tierra, por lo cual este no es una promesa futura, sino una realidad que comienza a realizarse en la historia a través del compromiso de los creyentes con los más pobres y oprimidos. De esta manera, para el teólogo peruano, el concepto de liberación es más completo que el concepto de desarrollo, habitualmente limitado a un crecimiento económico que no transforma las relaciones de dependencia e injusticia, sino que conserva las desigualdades, por cuanto está basado en la acumulación de riqueza, lo cual resulta pecaminoso:

En consecuencia, el pecado no es sólo un impedimento para esa salvación en el más allá. El pecado en tanto que ruptura con Dios es una realidad histórica, es quiebra de comunión de los hombres

entre ellos, es repliegue del hombre sobre sí mismo. Repliegue que se manifiesta en una multifacética postura de ruptura con los demás. Y porque el pecado es una realidad intrahistórica —personal y social—, formando parte de la trama diaria de la vida humana, es también, y ante todo, una traba para que aquella llegue a la plenitud que llamamos salvación. (GUTIÉRREZ, 1975, p. 198)

Así las cosas, cuando la comunidad de creyentes solo va de la mano con las élites económicas y políticas, pierde su capacidad profética y valida el pecado. Por eso, la solución a la injusticia no puede ser solo doctrinal, sino que requiere de una praxis liberadora. En la misión evangélica, el compromiso con los pobres no es opcional, ya que parte de las experiencias de ellos, reconociendo su papel como sujetos históricos en la construcción del Reino de Dios. En ese sentido, hay que superar la pobreza, teniendo en cuenta que la liberación política en América Latina no se limita a la sustitución de un gobierno por otro, ya que es un proceso que busca construir una democracia auténtica, donde los marginados sean reconocidos como protagonistas de su historia.

Para lograrlo, es necesaria una transformación en la manera de pensar, recuperando la identidad de los pueblos latinoamericanos, orientando la acción de la iglesia hacia la justicia y la dignidad humana. Anunciar el evangelio implica encarnarlo, siendo un sacramento de la historia, es decir, un signo vivo del Reino de Dios y un instrumento de la acción salvadora de Dios en el mundo. Es necesario superar el pecado en sus manifestaciones personales y estructurales, buscando la reconciliación con Dios y la construcción de relaciones justas entre los seres humanos. La salvación, en este sentido, es un proceso que abarca toda la realidad humana.

La opción preferencial por los pobres no es una estrategia pastoral, sino una dimensión constitutiva de la fe cristiana, ya que los pobres no son solo destinatarios de la misión de la iglesia, sino sus principales interlocutores y protagonistas en la construcción del Reino de Dios. Esto implica abandonar la neutralidad frente a la injusticia y participar en los

procesos de liberación, más allá de que el compromiso de la iglesia con la liberación genere tensiones con quienes ostentan el poder. La fidelidad al evangelio exige una actitud profética, consistente en denunciar la injusticia y anunciar una nueva realidad basada en el amor y la justicia. En esa línea de pensamiento, el Concilio Vaticano II y las conferencias episcopales de Medellín (1968) y Puebla (1979) generaron conciencia sobre la necesidad de servir, en lugar de buscar y mantener el poder.

La teología de la liberación propone una escatología activa, que no se limita a esperar pasivamente la plenitud del Reino de Dios, sino que compromete a los creyentes en la construcción de un mundo más justo. La escatología, entendida como la esperanza cristiana en la realización plena del Reino de Dios, no es incompatible con la acción política; más bien, la impulsa. De esta manera, la teología de la liberación rompe con el dualismo clásico que separa lo escatológico de lo político, integrando las dimensiones trascendentes e immanentes de la fe, reconociendo que ambas son necesarias para encarnar el evangelio.

Así, en la teología de la liberación, la iglesia es un sacramento de la historia, es decir, un instrumento de la acción salvífica de Dios en el devenir humano. De tal manera que, la iglesia abandona su acostumbrado aislamiento espiritual para insertarse en la construcción de la justicia y la dignidad humana. La encarnación de Cristo nos muestra que Dios no es ajeno a la historia humana, por lo cual, análogamente, la iglesia, que es el cuerpo de Cristo, debe encarnarse en ella, acompañando a los pobres. Ser solidario con los pobres significa estar dispuesto a compartir no solo los bienes materiales, sino también la búsqueda de un mundo más justo, en el que ellos quepan.

4. ¿Es la propuesta teológica de Gutiérrez marxista?

El artículo “Teología de la Liberación: cuando el marxismo aplastó a la Revelación” (EL MONTONERO, 2024), sostiene que la teología de la liberación de Gutiérrez incorpora elementos marxistas que desnaturalizan la Revelación cristiana. El texto argumenta que Gutiérrez se inspira en el marxismo cultural, a partir de las ideas de Antonio Gramsci y la Escuela de Frankfurt. Según esta visión, la hegemonía cultural se manifiesta en la manera como Gutiérrez plantea el concepto de pobre. Por eso, desde el Vaticano, la Congregación para la Doctrina de la Fe (1984), en *Libertatis Nuntius*, es decir, *Instrucción sobre algunos aspectos de la “teología de la liberación”*, afirma que Gutiérrez hace un análisis sociológico de la realidad latinoamericana, basado en el materialismo histórico, y lo pone por encima de la interpretación espiritual de la fe cristiana, reduciendo el evangelio a una dimensión política y económica al quitarle la parte espiritual.

Sin embargo, es al revés: producto de una comunión íntima con Dios, la espiritualidad deriva en acciones proféticas y dadivosas a favor de los pobres. En libro, *Beber en su propio pozo: En el itinerario espiritual de un pueblo* (1983), Gutiérrez diserta sobre el canto de los pobres, que muestra tanto la presencia como la ausencia de Dios que ellos viven cotidianamente, pero que no alcanza a silenciar su fe ni su esperanza. Este tiempo propicio (*kairós*) en el que, a pesar de las dificultades, se vive una revelación intensa de Dios, implica necesariamente una espiritualidad solidaria. El Salmo 137 muestra que los exiliados en Babilonia se preguntaban cómo cantar a Dios lejos de su tierra, en condiciones de opresión. En contraste con este pesimismo, en América Latina las comunidades empobrecidas entonan cantos de resistencia, fortalecidas por la confianza en Dios como ciudadela para el oprimido (Salmo 9:10) y su amor por la justicia (Salmo 33:5). Así, la alabanza verbal va de la mano con acciones concretas en favor de los más vulnerables.

En esa línea de pensamiento, hay que dejar de andar por los caminos preestablecidos para empezar a seguir un trayecto de liberación que va siendo construido comunitariamente al andar, con la orientación de Dios. Las circunstancias de opresión llevan a Gutiérrez a plantear una nueva ruta espiritual que integre a la fe con la búsqueda de la libertad y la vida, en contraposición con la Ley que a menudo está asociada con la muerte. La libertad cristiana surge del amor, que no puede quedarse en un nivel abstracto, sino que debe transformar tanto las relaciones personales como las estructuras sociales para construir una sociedad más justa y humana, de acuerdo con los valores del Reino de Dios, según los cuales, por ejemplo, el menor es el mayor. Por eso, esta espiritualidad no es estática ni universal, sino dinámica y contextual.

La pobreza era para Gutiérrez la mayor violencia, por lo cual recurría a autores como Karl Marx, Antonio Gramsci, Louis Althusser y Herbert Marcuse, así como a figuras latinoamericanas como José Carlos Mariátegui, Augusto Salazar Bondy y Paulo Freire para explicar y comprender sus causas y consecuencias. Si bien es cierto, esta influencia se ve con claridad en su énfasis en la relación que hay entre la injusticia económica y la dominación política y cultural (IBARRA, 2024), no es aceptable graduar de marxista a Gutiérrez porque él solamente articula teología con ciencias sociales, pero sin sintetizarlas. En este sentido, podríamos cambiar los términos desde los que se ha presentado el pensamiento de la teología de la liberación, ya no preguntado qué hay en ella de marxismo, sino qué de liberador en el marxismo, de inspiración judeocristiana.

Para Gutiérrez, el diálogo entre esos dos saberes, la teología y las ciencias sociales, es una exigencia para comprender las estructuras de opresión que condicionan la vida de los pobres, una mediación socio-analítica más que un mismo horizonte de contenido. Este diálogo, sin embargo, plantea una problemática epistemológica que exige repensar las

categorías clásicas de la teología, pero también el lugar de la praxis historia de la salvación en las ciencias sociales:

Si la iglesia quiere acercarse a los verdaderos problemas del mundo actual y esforzarse por esbozar una respuesta [...] debe abrir un nuevo capítulo de epistemología teológico-pastoral. En lugar de partir sólo del dato de la revelación y la tradición, como lo ha hecho generalmente la teología clásica, habrá de partir de hechos y preguntas, recibidos del mundo y de la historia (GUTIÉRREZ, 1975, p. 36).

Mediante una teología interdisciplinaria es posible describir la complejidad de los problemas latinoamericanos, por lo cual la relación de la teología de la liberación de Gutiérrez con el marxismo surge como un enfoque interpretativo y metodológico. El uso del análisis marxista en la teología de la liberación tiene un propósito instrumental. Este no busca necesariamente adoptar dogmáticamente el materialismo dialéctico como verdad absoluta, sino emplearlo como herramienta crítica para desentrañar las estructuras de opresión y desigualdad presentes en el contexto latinoamericano, en el ámbito económico anteriormente descuidado por las espiritualizaciones del evangelio hechas históricamente por la iglesia (ÁLVAREZ, 1985).

Sin embargo, no es posible desconocer que la construcción de una sociedad justa y solidaria, donde sea posible vivir dignamente, une a los ideales de justicia social del marxismo con el mensaje cristiano de salvación. Tanto así que algunos críticos de la teología de la liberación consideran que esta exige que los cristianos se activen políticamente a favor de los pobres y oprimidos; que consideren que el capitalismo es la causa principal de la pobreza e injusticia y que lo ataquen, trabajando para que el socialismo llegue a reemplazarlo (NASH, 1984). Ante esto hay que decir que la teología de la liberación busca reemplazar al capitalismo, pero no para poner al socialismo como su reemplazo, sino a los valores del Reino de Dios que Jesús enseñó y practicó. Así, ser cristiano implicó oponerse, en otra época, al régimen nazi, pero no para que los soviéticos gobernaran,

sino para que el menor, en este caso, el judío, fuera el mayor, tal como lo enseñó y vivió Dietrich Bonhoeffer, para quien era inviable ser cristiano y Nazi. Lo mismo se puede predicar de los cristianos que, en el Siglo IV d. C., se opusieron al matrimonio propuesto por Constantino El Grande entre la iglesia y el poder político y económico del Imperio Romano. Los donatistas, entre otros que se opusieron, no querían eliminar al imperio para poner en su lugar al socialismo, que, entre otras cosas, no existía, sino para vivir en comunidad, tal como lo hacían los primeros cristianos, según el libro de los Hechos de los Apóstoles.

A pesar de la similitud que hay entre teología de la liberación y marxismo, los medios para lograr una sociedad más igualitaria no son los mismos. Las guerrillas que en Perú orientaban sus acciones con interpretaciones de los textos de Marx, empleaban medios violentos para conseguir la justicia social, sin darse cuenta de que la violencia siempre derivará en más violencia, asunto diametralmente opuesto a la justicia, la paz y la vida digna (SAN MIGUEL, 2024). La teología de Gutiérrez, en lugar de destruir al otro, promoviendo la violencia revolucionaria, hace algo positivo a favor de los pobres y denuncia las injusticias, invitando a los injustos a arrepentirse y transformar su vida según el ejemplo de Jesús. Se trata de una manera de hacer teología, según la cual el conocimiento de Dios no puede separarse de la obediencia en la fe. El *logos* de Dios, encarnado en la historia, se revela en las acciones concretas de los cristianos comprometidos con la liberación de los oprimidos.

En este sentido el legado de Gutiérrez no solo tiene vigencia y actualidad para la reflexión teológica latinoamericana, sino que, además, es posibilitador de nuevas formas de praxis y reflexiones comunitarias que, partiendo de los contextos y necesidades actuales, desde la sensibilidad por la otra marginada y el otro oprimido, cree en la capacidad que tienen los pobres de ser sujetos en la historia. Así como Gutiérrez aprendió a caminar con los negados de la historia, su pensamiento sigue retándonos a nuevos compromisos, a la apertura a nuevos diálogos desde y con los

diferentes rostros de la opresión, máxime, en los actuales contextos de exacerbación de los fundamentalismos políticos, económicos y religiosos que precarizan la vida.

5. Conclusiones

Gustavo Gutiérrez redefine la teología como una disciplina vinculada a la praxis histórica. Su noción de salvación no se limita a la esfera espiritual, sino que abarca la totalidad de la existencia humana, incluyendo las estructuras sociales y económicas. La trascendencia divina no está separada de los procesos históricos, sino que los impregna, transformándolos, lo cual desafía al dualismo que hay entre lo natural y lo sobrenatural, proponiendo una ontología integrada que reconoce la historia como un ámbito de gracia y redención. La opción preferencial por los pobres no es solo un imperativo ético, sino también un punto epistemológico y ontológico en la teología de Gutiérrez. Desde esta perspectiva, los pobres son los principales agentes de la historia, y su experiencia es necesaria para comprender y vivir el mensaje cristiano. Así, la justicia es una categoría teológica que redefine la idea de poder como servicio y dignificación del otro, en oposición al poder entendido como dominación.

La obra de Gutiérrez cuestiona al proyecto modernizador y eurocéntrico de la modernidad, que legitima desigualdades y sacrificios bajo la idea de progreso. En contraste, aporta una visión de la historia como una tarea abierta, construida colectivamente desde los márgenes y orientada hacia la justicia y la equidad, poniendo la redención de las víctimas históricas sobre la celebración de los vencedores. La teología de Gutiérrez afina la relación que hay entre teoría y praxis, resaltando que el conocimiento de Dios y la acción ética son inseparables. Esto se manifiesta en la articulación de una espiritualidad activa y contextualizada, que reta a

las categorías fijas y propone un diálogo interdisciplinario para comprender y transformar las circunstancias de opresión. Gutiérrez refuta el reduccionismo espiritualista y llama a una fe encarnada que transforme tanto las relaciones personales como las estructuras sociales. De esta manera, la escatología de Gutiérrez no es una espera pasiva de la plenitud del Reino de Dios, sino un compromiso activo con su construcción en el presente. Esto integra las dimensiones trascendentes e immanentes de la fe, rompiendo el dualismo que hay entre lo político y lo espiritual. Esta escatología activa reconfigura el tiempo como un espacio de acción ética, en el cual los creyentes participan en la historia divina a través de su praxis liberadora.

6. Referencias

ÁLVAREZ-SUÁREZ, Armando. Repercusiones Europeas de la Teología de la Liberación. **Teresianum**, v. 36, n. 2, p. 331-372, 1985. Disponible en: <https://repository.teresianum.net/high.raw?id=0000002560&name=00000001.original.pdf&attachment=Repercusiones+europeas+de+la+teolog%C3%A1+de+la+liberaci%C3%B3n.pdf> . Consultado en: 8 dic. 2024.

ARIAS, Marcelo. Resurrección: apuntes entre cristología y apocalíptica. **Franciscanum**, v. 54, n. 158, p. 369-408, 30 nov. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.21500/01201468.894>.

CONGREGACIÓN PARA LA DOCTRINA DE LA FE. **Instrucción sobre algunos aspectos de la "teología de la liberación"**. Vaticano: Santa Sede, 1984. Disponible en: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_sp.html. Consultado en: 11 dic. 2024.

EL MONTONERO. **Teología de la Liberación: cuando el marxismo aplastó a la Revelación**. 28 oct. 2024. Disponible en: <https://www.elmontonero.pe/politica/teologia-de-la-liberacion-cuando-el-marxismo-aplasto-a-la-revelacion>. Consultado en: 6 dic. 2024.

GÓMEZ, Luis. Consecuencias prácticas de la *shālôm* y su relación con la justicia hebrea. **Franciscanum**, v. 58, n. 165, p. 203-222, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21500/01201468.2188>

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Antonio. **Estructuras de la praxis: ensayo de una filosofía primera**. Madrid: Editorial Trotta, 1997.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber en su propio pozo: En el itinerario espiritual de un pueblo**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1983.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teología de la liberación: Perspectivas**. Salamanca, España: Ediciones Sígueme, 1975.

HEENE, Katrien. Daño voluntariamente autoinfligido y género en las vidas de santos medievales. **Revista chilena de literatura**, n. 60, p. 139-156, 2002. Disponible en: <https://revistapsicologia.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/1729/1599>. Consultado en: 11 dic. 2024.

IBARRA PEÑA, Álvaro. El origen marxista de la teología de la liberación: En memoria de Gustavo Gutiérrez. **Le Monde Diplomatique** (Edición Chilena), dic. 2024. Disponible en: <https://www.lemondediplomatique.cl>. Consultado en: 6 dic. 2024.

JENSON, M. **The gravity of sin: Augustine, Luther and Barth on homo incurvatus in se**. Londres: T. & T. Clark International, 2006.

NASH, Ronald H. The Christian Choice Between Capitalism and Socialism. In: NASH, Ronald H. (Ed.). **On Liberation Theology**. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984. p. 49-70.

SAN MIGUEL, Pedro L. "Morrendo pelas ideias": Tradição radical, indigenismo e marxismo no Peru. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 49, p. 270-291, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.219168>.

SEGURA, Joaquín. Violencia y guerra. In: **Conceptos fundamentales de ética teológica**. Madrid, España: Trotta, 1992. p. 809-836.

VOUGA, François. **Los primeros pasos del cristianismo**. Estella, España: Verbo Divino, 2001.

FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO, CAPITALISMO RACIAL Y CRISIS CIVILIZATORIA

*FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO, CAPITALISMO RACIAL E CRISE
CIVILIZATÓRIA*

*RELIGIOUS FUNDAMENTALISM, RACIAL CAPITALISM, AND CIVILIZATIONAL
CRISIS*

Betty Ruth Lozano-Lerma¹ 

Fundación Universitaria Seminario Teológico Bautista Internacional, Colombia

*¡Cosa maravillosa es el oro!
Quién tiene oro es dueño
y señor de cuanto apetece.
Con oro, hasta se puede hacer entrar
a las almas en el paraíso.
Cristóbal Colón*

Resumen: Las iglesias evangélicas de corte fundamentalista, renovadas como neoconservadoras a partir de los años 80 del siglo pasado, suelen ser apreciadas, tanto por la derecha como por la izquierda, por su potencial electoral. Interesa en este artículo develar el neoconservadurismo, como un complemento do neoliberalismo, que tiene como función principal la salvaguarda de los valores de la *sociedad occidental cristiana capitalista y blanca* a través de la difusión de sus teologías que se pueden denominar como ideologías religiosas de opresión: la Teología de la Prosperidad, la Teología del Dominio y la Guerra Espiritual. Se muestra cómo la pretensión de salvar la sociedad occidental, percibida en peligro a causa de las luchas de las multitudes de oprimidas y oprimidos de diferentes formas, y la de generar crecimiento económico se concreta en acciones de guerra, hambre, expropiación y exterminio a lo largo y ancho de todo el planeta bajo la legitimación de estas “teologías” que fortalecen la supremacía blanca.

¹ Dra. en Estudios Culturales Latinoamericanos, socióloga y magíster en filosofía de la Universidad del Valle, Cali.
Correo: lozanobetty@yahoo.com

Palabras clave: Iglesias evangélicas; Fundamentalismo; Neoconservadurismo; Teología de la Prosperidad; Teología del Dominio; Guerra Espiritual.

Resumo: As igrejas evangélicas de orientação fundamentalista, tornadas neoconservadoras a partir dos anos 1980, costumam ser apreciadas tanto pela direita quanto pela esquerda por seu potencial eleitoral. Este artigo busca desvendar o neoconservadorismo como um complemento do neoliberalismo, cuja função principal é a salvaguarda dos valores da sociedade ocidental cristã, capitalista e branca, através da difusão de suas teologias que podem ser mais bem descritas como ideologias religiosas de opressão: a Teologia da Prosperidade, a Teologia do Domínio e a Guerra Espiritual. Mostra-se como a pretensão de salvar a sociedade ocidental, percebida como estando em perigo devido às lutas das multidões de oprimidos de diferentes formas, e a de gerar crescimento econômico, se concretiza em ações de guerra, fome, expropriação e extermínio ao longo de todo o planeta, sob a legitimação dessas “teologias” que fortalecem a supremacia branca.

Palavras-chave: Igrejas evangélicas; Fundamentalismo; Neoconservadorismo; Teologia da Prosperidade; Teologia do Domínio; Guerra Espiritual.

Abstract: Religious evangelical churches of a fundamentalist nature, transformed into neoconservative from the 1980s onwards, are often valued by both the right and the left for their electoral potential. This article aims to unveil neoconservatism as a complement to neoliberalism, with its primary function being the safeguarding of the values of white, capitalist, Christian, Western society through the dissemination of their theologies, which can be better described as religious ideologies of oppression: the Theology of Prosperity, the Theology of Dominion, and Spiritual Warfare. It shows how the claim to save Western society, perceived to be in danger due to the struggles of oppressed masses in various forms, and to promote economic growth, is materialized in acts of war, hunger, expropriation, and extermination across the globe, under the legitimation of these “theologies” that strengthen white supremacy.

Keywords: Evangelical Churches; Fundamentalism; Neoconservatism; Prosperity Theology; Dominion Theology; Spiritual Warfare.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.225545](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.225545)

Recebido em: 22/05/2023
Aprovado em: 31/12/2024
Publicado em: 31/12/2024

1. Introducción

El 25 de febrero de 2024 fue convocada una manifestación en la Avenida Paulista de São Paulo, Brasil, por el líder religioso Silas Malafaia, pastor de la iglesia pentecostal Asambleas de Dios Victoria en Cristo², para respaldar al expresidente Jair Messias Bolsonaro (2019 – 2022) en el proceso judicial que enfrenta por la presunta comisión de ciertos delitos. Michelle Bolsonaro, la esposa, abrió la manifestación con un discurso de casi 16 minutos en donde pidió a Dios: “establezca tu reino en Brasil, tu reino que es de gloria, tu reino que es de justicia, paz y alegría” (PODER360, 2024). El presidente de Israel, Isaac Herzog, el 5 de diciembre de 2023, aseguró que “la guerra en Gaza no es solo entre Israel y Hamas, es una guerra destinada a salvar la civilización occidental” (MSNBC, 2023). ¿Qué tienen en común estos dos discursos? Intentaremos descifrarlo.

2. Protestantismo, Colonización y Racismo

El cristianismo llegó a Abya Yala junto con la conquista europea, y en muchos casos, la misión de evangelizar fue el primer paso para justificar la dominación colonial. En el sur de América, el catolicismo se consolidó bajo la influencia de los reinos de Castilla y Portugal, mientras que en el Caribe y el norte del continente diversas expresiones del protestantismo se impusieron. Entre 1620 y 1640, por ejemplo, llegaron a Nueva Inglaterra puritanos ingleses que justificaban la esclavitud como una institución natural (BOSCH, 2019).

² Según Schäfer (2023), la organización surgió a partir de una congregación bautista de dos misioneros suecos en 1910 y se fundó oficialmente como iglesia pentecostal en 1911. A lo largo de los años, debido a una estructura organizativa semiautónoma, se desarrollaron varias ‘convenciones’, algunas de las cuales compiten entre sí en la misma región. Por lo tanto, no es posible hablar de ‘las’ *Asambleas de Deus* como una entidad homogénea. Las asociaciones más importantes en la actualidad son probablemente las siguientes: *Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil* (CGADB, 1930), *Assembleia de Deus Vitória em Cristo* (1959), *Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil* (la llamada Convención de Madureira, 1989) y la *Convenção da Assembleia de Deus no Brasil* (2017). (...) Malafaia ha dirigido su organización hacia el evangelio de la prosperidad y se ha hecho extremadamente rico (unos 150 millones de dólares) (SCHÄFER, 2023, p. 20, Tomo 2).

Las primeras personas africanas esclavizadas llegaron a Norteamérica en 1619, y el protestantismo puritano, basado en interpretaciones bíblicas que promovían la sumisión, contribuyó a reforzar la esclavitud como una práctica legítima y necesaria. Así, desde el comienzo, el racismo y el protestantismo estuvieron entrelazados, estableciendo un orden colonial que consideraba a la población africana como inferior y susceptible de ser explotada. El impacto de este tipo de evangelización fue inmenso y transformador, no sólo en términos religiosos, sino en la estructuración de una sociedad jerárquica que relegaba a las personas de origen africano a la base de la pirámide social.

3. Fundamentalismo Cristiano

El término "fundamentalismo" en el contexto del cristianismo apareció a finales del siglo XIX entre evangélicos de Estados Unidos quienes buscaban regresar a lo que consideraban fundamental en respuesta a la teología moderna y la racionalidad. Identificarse como fundamentalista era motivo de orgullo para estos creyentes que regresaron al texto bíblico como fuente de todo conocimiento y pauta para la vida cotidiana.

Tras los acontecimientos del 11 de septiembre de 2001, el término "fundamentalista" adquirió nuevas connotaciones, especialmente hacia los musulmanes, y hoy se usa como un adjetivo peyorativo que se ha vuelto ambiguo. Según Schäfer (2023, p.53, Tomo I), los fundamentalistas religiosos son grupos que absolutizan sus creencias y buscan imponer sus convicciones en la vida pública y privada, politizando todos los ámbitos de la existencia.

El fundamentalismo estadounidense ha buscado controlar las iglesias, posicionándose entre las más conservadoras. En 1979, la creación de la organización The Moral Majority consolidó la relación entre religión y política en Estados Unidos, impulsando políticas a favor del presidente

Ronald Reagan (1981-1989) y estableciendo un vínculo estrecho entre la derecha cristiana y el Partido Republicano, desde entonces.

La década de 1980 es crucial para entender la renovación del fundamentalismo, conocido como neoconservadurismo. Este período se caracteriza por cambios económicos impulsados por Ronald Reagan (1981-1989) en Estados Unidos y Margaret Thatcher (1979-1990) en Gran Bretaña, donde el paso del keynesianismo al neoliberalismo³ debilitó el movimiento obrero y recortó políticas sociales. Esto generó un notable aumento de la desigualdad, acompañado por el fortalecimiento de los aparatos policiales y militares, así como políticas de seguridad nacional y guerra antisubversiva, que promovieron la expansión del neoconservadurismo.

El neoconservadurismo cristiano refleja la conciencia neoliberal, influenciando no solo a los creyentes, sino a toda la sociedad constituyendo un neoconservadurismo cultural. Esta combinación de neoliberalismo y religión reconfigura el cristianismo como una religión del imperio. Franz Hinkelammert (2003) argumenta que el cristianismo se ha imperializado, creando una dualidad entre corrientes conservadoras y liberadoras, adaptándose al libre mercado y legitimando el capitalismo, lo que sacrifica a los seres humanos y demoniza las luchas de liberación justificando actos de violencia extrema como el asesinato y el genocidio apreciados como un servicio a la humanidad y calificando de perversos a sus críticos (HINKELAMMERT, 2003)⁴.

En la relación simbiótica entre neoliberalismo y neoconservadurismo, este último actúa como catalizador de las crisis generadas por el primero e inhibe las respuestas de la población afectada. Las políticas neoliberales de tercerización socavan la promesa de éxito individual, generando precariedad y desempleo. A su vez, la fragmentación de los trabajadores

³ Para una discusión amplia sobre el neoliberalismo véase la amplia biblioteca de la CLACSO sobre el tema. También la obra de Franz Hinkelammert.

⁴ Este fenómeno se observa tanto en el cristianismo fundamentalista (Reagan, Bush, Ríos Montt, Bolsonaro, Trump) como en un judaísmo considerado por Hinkelammert como imperializado desde hace 70 años, al integrarse al capitalismo y al poder financiero occidental (HINKELAMMERT, 2003, p. 266).

dificulta su reacción ante la crisis, mientras que el influjo religioso refuerza esta conciencia individual.

Resulta interesante que es a partir de la década del 80 del siglo XX que el catolicismo empieza a recular de forma acelerada frente a las expresiones religiosas evangélicas en países como Brasil y Colombia⁵. El catolicismo en Brasil empezó a descender del 89% en 1980 al 64.6% en 2010, según el Censo, frente al 22.2% de los evangélicos en el mismo año. En el 2016, los evangélicos ya eran el 29% de la población y para el 2019 eran el 31% de católicos. Junto a los creyentes creció también el número de iglesias (MANSO, 2023, p. 84). Según la Encuesta Nacional de Diversidad Religiosa realizada en Colombia en el 2019, la adscripción al catolicismo bajó a un 57.2% con respecto a datos de 1938 cuando el 99% de los y las colombianas se identificaban como católicos. Los evangélicos serían el 20.4% (evangélico/pentecostal, protestante)⁶ en 2019 (BELTRÁN; LAROTTA, 2020).

El crecimiento evangélico ha tenido como correlato el crecimiento de la pobreza vía la tercerización del trabajo y el desempleo, por lo que no es casual que las mayorías empobrecidas que son mujeres y negras, gracias al racismo estructural (GONZÁLEZ, 2020 [1979]), sean las que llenen los templos evangélicos.

El neoliberalismo precariza y el conservadurismo pacífica convenciendo al trabajador y a la trabajadora que su situación de precariedad es su responsabilidad a causa de sus pecados. El

⁵ Este artículo se centra en Colombia y Brasil por varias razones. La primera es que la autora es colombiana y el artículo fue elaborado en el contexto de una estancia postdoctoral en Brasil entre junio de 2023 y junio de 2024 financiada por ALARI (Afro-Latin American Research Institute de la Universidad de Harvard). Además, ambos países presentan un panorama religioso diverso, en particular Brasil cuenta con una fuerte presencia de religiones de matriz africana, mientras que el catolicismo, históricamente dominante, está perdiendo influencia ante el crecimiento significativo de las iglesias evangélicas. Así mismo, el fundamentalismo religioso ha impactado de forma notable la política en ambos contextos. Tanto Colombia como Brasil comparten un legado de racismo estructural que se traduce en la marginalización y violencia contra el pueblo negro, que tiene una alta presencia en ambos países. La elección de estos dos países permite abordar temas contemporáneos que son cruciales para entender las dinámicas de poder y resistencia en América Latina así como las complejas interrelaciones entre religión, política y raza.

⁶ Evangélicos y pentecostales (19,5%) sumados a protestantes (0,9%) En este porcentaje no se cuentan los adventistas (1,0%) ni los Testigos de Jehová (1,0%) ni los creyentes no afiliados que son 13.2%. Si se sumaran todos estos porcentajes daría 35.6%. Los ateos son el 3%, los agnósticos el 3.3% y otra 0.9% (BELTRÁN; LAROTTA, 2020, p. 19).

neoconservadurismo como *ideología religiosa de opresión*⁷ ofrece justificaciones para el orden social- racial existente, evitando su cuestionamiento pues el creyente es cargado con toda la culpa, legitimando y justificando la opresión de comunidades racializadas a través de su narrativa moral y doctrinal. El otro efecto del neoconservadurismo se da sobre la subjetividad de los pueblos comunitarios que todavía resisten la colonización modernizante, operando una transformación en la que pretenden reducir el sujeto insurgente de las comunidades negras y quilombolas, de Colombia y Brasil, por ejemplo, al individuo dueño y calculador de sus ganancias (HINKELAMMERT; MORA JIMÉNEZ, 2005).

En mi investigación doctoral (LOZANO, 2019) he definido a la población negra de pueblos colectivos de la región del Pacífico colombiano como un sujeto en insurgencia permanente, el *sujeto insurgente*. Definiendo insurgencia como la capacidad de proponer y construir una nueva sociedad, no como una acción violenta. Este sujeto está siendo desintegrado, borrado, amansado por los fundamentalismos religiosos neoconservadores que ahora prometen el cielo en la tierra (Teología de la Prosperidad) y hacen al sujeto responsable de su situación de precarización permanente (Guerra Espiritual), lo cual va haciendo cada vez más difícil reaccionar ante el avasallamiento, el despojo, el empobrecimiento, el genocidio, imposibilitando la búsqueda y construcción de alternativas.

El neoconservadurismo impone una autoridad masculina incuestionable en la iglesia, la familia y el Estado, rechazando el pluralismo religioso y satanizando las religiones de matriz africana. La diferencia se presenta como una amenaza a vencer, incluso dentro del cristianismo. Este

⁷ Franz Hinkelammert utiliza el término *Ideología cristiana de opresión* para referirse a las iglesias alemanas que apoyaron el nazismo en su tiempo, también a lo que según él se dio a partir de la visita del Papa a Managua después de la revolución sandinista, en la cual nunca brindó una sola palabra de apoyo para el pueblo nicaragüense que estaba siendo violentado por la Contra apoyada por el gobierno de los Estados Unidos por lo que "el incidente fue el inicio de toda una acción de propaganda política concertada en toda América Central, que empezó a legitimar la intervención militar en Nicaragua como una guerra santa, una cruzada" (HINKELAMMERT, 1984, p.8)

proyecto parece fundamental para el avance de la sociedad burguesa y la supresión de cualquier expresión religiosa ajena al cristianismo imperial.

Para avanzar en el análisis de este neoconservadurismo cristiano se presentarán las tres estrategias que aunque llamadas de teologías carecen de fundamento racional, es decir, no son elaboraciones intelectuales, son más bien respuestas ideológicas de los líderes a las políticas de Estado y a las demandas del crecimiento económico, que movilizan a los fieles desde sus propias experiencias u ocurrencias (revelaciones directas de Dios). Estas son la Teología de la Prosperidad, la Teología del Dominio o Dominionismo y la Guerra Espiritual⁸. Estas tres estrategias tienen sus entrecruzamientos.

4. La Teología de la Prosperidad

Se trata de un discurso sin mucha reflexión teológica por lo que algunos como Schäfer prefieren llamarlo de *movimiento de la Prosperidad* (SCHÄFER, 2023, p. 108, Tomo 1). Es una de las doctrinas centrales del fundamentalismo contemporáneo que emergió en los Estados Unidos en la década de 1950. Esta doctrina sostiene que el éxito financiero es una manifestación de la gracia de Dios, mientras que la pobreza se considera una falta de fe o una señal de pecado. Con el auge del neoliberalismo en los años 80, la Teología de la Prosperidad cobró especial relevancia, ya que su énfasis en la responsabilidad individual y en el éxito personal encaja perfectamente con la ideología neoliberal que promueve la autosuficiencia económica. No es extraño entonces que este movimiento haya estado liderado por empresarios religiosos independientes de fuerte ascendencia entre creyentes neopentecostales⁹, que promueven prácticas

⁸ La guerra espiritual puede considerarse parte de la llamada *guerra cultural* que va más allá de lo religioso para enfrentar a progresistas y conservadores en todos los ámbitos de lo social sobre temas como el aborto, el porte de armas, la inmigración, la homosexualidad, la eutanasia, entre muchos otros. La noción fue acuñada en Estados Unidos en 1991 por el sociólogo James Davison Hunter. La guerra cultural incide en los asuntos que más polarizan a la sociedad norteamericana. "Ideólogos como Steve Bannon, asesor de Donald Trump, dicen que lo que está en juego es el alma de América". (SÁNCHEZ GALERA, 2024; ARAGONÉS, 2023).

⁹ El neopentecostalismo es un movimiento carismático que tiene su origen en el pentecostalismo clásico, si bien también encontró expresiones propias en el protestantismo histórico y en la Iglesia Católica. No pone el énfasis

empresariales dentro de las iglesias como el principal medio para alcanzar bienes económicos como el objetivo del cristianismo.

El auge del emprendimiento en América Latina, especialmente en contextos de precariedad económica, se encuentra íntimamente ligado a la teología de la prosperidad, que promueve la idea de que el éxito financiero es un signo de bendición divina. Los líderes religiosos son ahora entrenadores (coaches) a menudo presentados como "apóstoles" o "profetas". Se trata según Schäfer de una versión religiosa del paradigma cultural estadounidense que obliga al individuo al éxito y lo carga con la responsabilidad del fracaso, una metáfora dessecularizada del sueño americano (SCHÄFER, p. 215, tomo I.)

La Teología de la Prosperidad ha sido particularmente atractiva para comunidades empobrecidas, ya que ofrece la promesa de una vida mejor, aunque a costa de exigir que los fieles realicen donaciones significativas a la iglesia. Este modelo, que permite a los individuos "pactar con Dios" mediante contribuciones monetarias, responsabiliza al creyente de su situación económica, ignorando las causas estructurales de la pobreza. A través de un lenguaje de "éxito", "fe" y "semillas de prosperidad", esta doctrina inculca la creencia de que la riqueza es una señal de salvación y que la pobreza es un problema moral, falta de fe o posesión demoníaca. Sin embargo, esta ideología refuerza un sistema desigual en el que solo las élites tienen acceso a los recursos y privilegios necesarios para alcanzar el éxito económico, ignorando las barreras que enfrentan las comunidades negativamente racializadas.

en la glosolalia. Nació a mediados del siglo XX, afirma Schäfer que como fecha decisiva de su formación " se puede considerar el día de la fundación del Full Gospel Business Men's Fellowship International (FGBMFI, Hombres de Negocios del Evangelio completo), en 1951" por el armenio-estadounidense , miembro de las Asambleas de Dios y acaudalado productor de leche, junto con Oral Roberts, evangelista y sanador. (SCHÄFER, 1992, p. 59). Schäfer dice "con seguridad se puede afirmar que Shakarian quería llegar con su mensaje a personas de su clase social, sin que las prácticas y doctrinas del pentecostalismo tradicional, que correspondían fuertemente a las necesidades religiosas de las capas bajas, fueran un obstáculo para ello. (...) Los miembros son, desde los primeros días de vida de la organización, en su mayoría, comerciantes adinerados, industriales, militares, empresarios (muchos de estos provenientes del complejo militar-industrial), y otros miembros de la clase alta" (SCHÄFER, 1992, p.60).

Las iglesias que predicán la Teología de la Prosperidad suelen ser megaiglesias con grandes congregaciones y estructuras de poder económico que terminan dando origen a otras a partir de la deserción de un líder (apóstol) que decide formar su propio negocio¹⁰. Estos líderes eclesiales capitalizan la fe de sus seguidores, comercializando objetos y rituales “bendecidos” que prometen mejorar la vida de los creyentes. Además, estas megaiglesias son centros de poder donde se imparte un mensaje de obediencia y sumisión, y se fortalece la conexión entre éxito económico y favor divino, desvinculando al sistema económico de cualquier responsabilidad por las desigualdades que genera.

Este discurso de la prosperidad en una sociedad racista neoliberalizada responsabiliza a las mayorías empobrecidas por su situación. Al responsabilizar a los individuos por su pobreza, el fundamentalismo cristiano desvía la atención de las injusticias sistémicas que perpetúan la desigualdad racial y económica. Si, aunque se oferte y se pacte con Dios, su situación no mejora es porque se tiene algún pecado oculto que no permite que Dios obre.

Cifras de la Datafolha, según una muestra del 2020, encontró que el perfil de los evangélicos en Brasil es el de ser personas negras de baja renta y la mayoría mujeres¹¹. En su mayoría dedicadas al trabajo informal, sin perspectivas de mejorar sus condiciones de vida, sólo encuentran consuelo en la iglesia y en la autoridad del pastor. Los datos estadísticos sobre Brasil (IBGE) muestran que la población negra, en particular las mujeres negras, están sobrerrepresentadas entre la población más empobrecida. En este país quienes más están golpeadas por la pobreza multidimensional son mujeres negras (TOSTES, 2023). ¿Cómo es posible entonces que se llegue a la conclusión de que las personas negras mejoran su calidad de vida cuando se hacen evangélicas si los datos contradicen esta creencia? En la iglesia, dependiendo de su corriente teológica, la persona negra

¹⁰ Ver, por ejemplo, el registro de STORIESCRENTE (2024) en la red social Instagram.

¹¹ Datos del Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística reunidos (IBGE) em 2023 (TOSTES, 2023).

empobrecida, precarizada e individualizada, algunas veces encuentra sentido de grupo y otras fortalece su individualización.

Es recurrente el discurso de que la conversión mejora la condición social de las personas y de que las personas negras encuentran en las iglesias evangélicas respetabilidad, sociabilidad y hasta recreación. Lo cierto es que la tesis de Lalive D´Epinay (1968) de que el pentecostalismo es el refugio de las masas no parece haber sido superada. Si bien las personas negras pueden encontrar un refugio material y espiritual en estas iglesias, la acción social asistencialista que ellas despliegan aporta a la fijación del significado de lo racial: lo negro como carente, inferior, necesitado de ayuda, y se fortalece el imaginario racista que ubica a las personas negras en los lugares más subalternizados de la sociedad. El asistencialismo define al otro como objeto de caridad, de asistencia, no como sujeto de derechos. El asistencialismo sustituye a la política social del Estado.

La conversión de una persona alcohólica o drogadicta puede liberar recursos económicos para su familia e incluso mejorar la convivencia, no obstante, el predominio de los evangélicos entre las personas más pobres revela que la situación general de la población no se transforma por las conversiones individuales. Según Schäfer, habría que reconocer que,

el vínculo postulado entre la conversión y la mejora social es un juego de manos religioso. En efecto, hay pruebas razonables de que una vida de austeridad sin consumo de alcohol y tabaco libera más recursos; pero la conversión significa ante todo que la gente se organiza en una iglesia y esto contribuye a aumentar el capital simbólico y económico de estas organizaciones. No hay evidencia alguna de un efecto colectivo de la conversión masiva en términos de mejora social de la situación general. Si se necesitara una refutación, solo hace falta echar un vistazo a Guatemala". (SCHÄFER, 2023, p. 216, Tomo 1).

También se puede analizar la situación de cualquier otro país latinoamericano donde el crecimiento de las iglesias evangélicas viene avanzando de forma acelerada como Colombia y Brasil. En Estados Unidos, la derecha religiosa que propone la Prosperidad respalda activamente las renegociaciones de los tratados de libre comercio de este país con el resto

del mundo colonizado, pretendiendo fortalecer las relaciones desiguales de estos tratados que favorecen a Estados Unidos y generan desempleo e inestabilidad económica en los otros países (SCHÄFER, 2023, p. 245, Tomo 1). Todo esto se liga con la Teología del Dominio o Dominionismo.

5. Teología del Dominio o Dominionismo

La Teología del Dominio, también conocida como Dominionismo, es otra doctrina fundamental en el neoconservadurismo cristiano. Inspirada en una interpretación literal de la Biblia, especialmente del Génesis, esta doctrina sostiene que los cristianos tienen la obligación de ejercer dominio sobre todo lo viviente¹², incluyendo la política, la economía y la cultura. Este movimiento comenzó a ganar fuerza en los años 70 (BOFF, 2023a) y promueve la idea de que Estados Unidos es una nación cristiana que tiene la misión divina de co-gobernar el mundo con Dios, a través de la extensión de su modelo de democracia y economía capitalista a otras naciones. El Dominionismo es la versión religiosa de la doctrina expansionista estadounidense del “Destino Manifiesto”.

El Dominionismo tiene una alianza estrecha con la derecha política y los sectores militares estadounidenses, defendiendo la posesión de armas, oponiéndose al aborto y promoviendo una moralidad estricta. Este movimiento se opone al pluralismo y busca imponer una moral cristiana fundamentalista en la sociedad, atacando los derechos civiles, la igualdad de género y los derechos LGBTQ+. Según el Dominionismo, los cristianos tienen la responsabilidad de ocupar cargos de poder para imponer la voluntad divina y crear una “nación santa”, donde se cumplan los valores bíblicos sin interferencia secular (SCHÄFER, 2023. Tomo I).

Líderes dominionistas, como Pat Robertson, han expresado su apoyo a políticas extremas y han justificado acciones violentas en nombre de Dios. La meta del Dominionismo no es solo influir en la política, sino dominar todas las áreas de la vida pública y privada, afirmando que solo los cristianos pueden garantizar una sociedad justa. Esta ideología transforma el gobierno en una extensión de la iglesia, y la participación de los

¹² Génesis 1:25-28 Reina Valera Contemporánea.

cristianos en la política se considera un mandato divino que justifica la imposición de sus creencias.

La guerra la llevan los fundamentalistas a todos los frentes, siendo su fuerte la “guerra Espiritual”.

6. Guerra Espiritual: Satanización del adversario

La Guerra Espiritual es otra estrategia fundamental del neoconservadurismo cristiano, que representa los conflictos sociales y políticos como batallas entre el bien y el mal. Esta doctrina surgió durante la Guerra Fría (1947-1991) cuando un grupo de empresarios, muchos de la industria militar, formaron la organización laica no denominacional Fraternidad Internacional de Hombres de Negocios del Evangelio Completo (FGBMFI), en 1951 (SCHÄFER, 1992, p. 59). Uno de sus líderes, Oral Roberts, en 2013, predicaba sobre los millones de demonios que los cristianos deben combatir, tal como lo hizo Jesucristo. En sus sermones, describía el comunismo y sus líderes como engañosos y mentirosos, atributos que vinculaba a una influencia demoníaca. Desde esta perspectiva, el comunismo no puede dialogar, ya que no reconoce la verdad – Jesucristo es considerado la verdad que se opone a esta ideología, lo que perpetúa la satanización del adversario.

Los fundamentalistas comenzaron a identificar al comunismo y al socialismo como enemigos de Dios, satanizando a todos los movimientos sociales antisistémicos e incluso a muchos reformistas. La Guerra Espiritual proporciona una narrativa que enmarca estos movimientos no solo como conflictos sociales, sino también espirituales, con el fin de preservar los valores de un orden que consideran amenazado.

Todo movimiento que desafíe la moral cristiana fundamentalista es considerado como parte de una guerra cósmica contra el mal, donde no

hay cabida para la negociación. En América Latina, la Guerra Espiritual ha sido utilizada como justificación para campañas que buscan expulsar lo que los fundamentalistas consideran "adoctrinamiento ideológico", como la inclusión de derechos de género, sexuales y reproductivos en los currículos educativos.

En este contexto, los fundamentalistas han creado narrativas polarizantes como la "ideología de género" o la "dictadura gay". En países como Brasil y Colombia, estos discursos han influido en la política y en la opinión pública, generando un rechazo hacia la inclusión y el pluralismo. La Guerra Espiritual legitima, además, la represión de los grupos marginalizados y facilita el establecimiento de políticas autoritarias que buscan restringir los derechos de mujeres y personas LGBTQ+, aunque no solo eso.

7. Expansión y consolidación del Fundamentalismo Cristiano

El fundamentalismo cristiano ha tenido un crecimiento notable en América Latina, donde su influencia ha moldeado tanto la política como la sociedad. Este movimiento ha creado alianzas con partidos de derecha y ha formado una "base electoral" sólida que le permite intervenir en asuntos de gobierno. En Estados Unidos, por ejemplo, el fundamentalismo cristiano ha estado alineado con el Partido Republicano, promoviendo políticas neoliberales y generando un ambiente conservador en temas de derechos individuales (SCHÄFER, 1992).

En América Latina, el fundamentalismo cristiano ha impactado en las políticas de los diferentes países. En Colombia, por ejemplo, se le ha otorgado un papel importante en el triunfo del NO en el plebiscito de 2016, que pretendía refrendar el Acuerdo de Paz del gobierno del presidente Juan Manuel Santos (2010-2018) con la guerrilla de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia - Ejército del Pueblo (FARC-EP). Hubo una

fuerte campaña de desprestigio del acuerdo acusándolo de contener ideología de género.

La estrategia del fundamentalismo se basa en ofrecer un “refugio” espiritual que refuerza los valores tradicionales y promueve una visión conservadora que respalda el sistema capitalista. Al atacar los derechos de los trabajadores y las políticas sociales, el fundamentalismo cristiano actúa como una herramienta que perpetúa la desigualdad, a menudo justificando la pobreza y la violencia como pruebas de fe o la acción de demonios que deben ser exorcizados. La alineación del fundamentalismo con el neoliberalismo permite a las iglesias cristianas conservar una influencia significativa en la política.

8. Fundamentalismo, Violencia y Racismo Estructural

En sociedades profundamente desiguales como Brasil, el fundamentalismo cristiano ha sido un catalizador de la violencia policial y racial, respaldando políticas represivas y legitimando la persecución de jóvenes negros y pobres. La narrativa de la Guerra Espiritual, que predica una lucha constante contra el mal, ha sido aprovechada por la policía y las fuerzas de seguridad para justificar la represión y la violencia en las favelas y en otras áreas marginadas. Brasil, donde se reporta que un joven negro muere cada 23 minutos debido a la violencia policial, ilustra el impacto devastador de la alianza entre el fundamentalismo y el Estado punitivo.

Asegura Manso (2023), un periodista brasileiro que ha entrevistado por largo tiempo personas evangélicas con algún tipo de conexión con los grupos del crimen organizado en Rio de Janeiro que:

El foco de la batalla espiritual lo asumieron distintas denominaciones: el diablo estaba en la otra; se dejó de lado la comunión y la predicación del amor al prójimo. El Dios guerrero del Antiguo Testamento tomó el mando de la lucha, defendiendo a quienes se someten a sus mandamientos, contra los pecadores o infieles que se niegan a convertirse. (MANSO, 2023, p. 80)

En este contexto, el fundamentalismo cristiano se convierte en un mecanismo de control sobre las comunidades marginalizadas, en una mezcla de moralidad religiosa y política de seguridad, que legitima la violencia estructural y justifica el racismo como una medida de “autodefensa” en un contexto de inseguridad. Pero además,

las milicias se ven reforzadas por el descontrol de la policía y se aprovechan de la prédica de un pentecostalismo punitivo y tolerante con la violencia uniformada. Siempre habría un versículo bíblico para justificar la acción violenta del policía contemporáneo, como lo explican influyentes policías en las redes sociales con Éxodo 22:1: “Si un ladrón es sorprendido irrumpiendo en un muro, y al ser herido muere, el que lo hirió no será culpable de la sangre”; o el Libro de Proverbios 19,19: “El hombre violento se expone al castigo; si lo perdonas, aumentarás su maldad”. (MANSO, 2023, p. 80)

A través de esta colaboración con las fuerzas de seguridad, el fundamentalismo cristiano contribuye a consolidar un sistema de violencia y represión que mantiene el control sobre las comunidades racializadas. A los jóvenes negros no se los mata por subversivos, se los mata como una acción preventiva.

En términos de la guerra espiritual llevada a la práctica, Guatemala ha sido un gran laboratorio desde la dictadura del genocida José Efraín Ríos Montt que se inicia con el golpe de Estado de 1982. Ríos Montt era dirigente de la iglesia evangélica “El Verbo” cuando hizo parte de la junta militar que asumió el gobierno.

En la guerra de contrainsurgencia, los simpatizantes de Ríos Montt legitimaron la violencia militar contra los indígenas, hasta el uso de napalm, alegando que no se mataba a las personas, sino a los demonios. El jefe de la Policía Nacional de Guatemala, el suizo Erwin Sperisen, tenía algo parecido en mente cuando creó escuadrones de la muerte y participó en sus acciones. El objetivo era llevar a cabo una “limpieza espiritual” mediante la ejecución extrajudicial de los miembros de las bandas de la conocida Mara Salvatrucha, pero también de delincuentes (de poca monta) como los traficantes callejeros (WILSON, 2012). El asunto estaba en los medios de comunicación internacionales desde el 19 de abril de 2006 (Boston Globe); pero solo salió a la luz cuando, en febrero de 2007, los policías de la unidad de élite de Sperisen ejecutaron accidentalmente a tres parlamentarios de El Salvador y se supo que los escuadrones de la muerte tenían sus raíces en las iglesias

protestantes, más concretamente en El Shaddai. (SCHÄFER, 2023, p. 511-512, Tomo 1).

Antes de salir huyendo a Suiza, Sperisen hizo comentarios sobre lo ocurrido en su programa televisivo Valor y Servicio, de amplia audiencia, diciendo que

[n]o es una justificación, es, más bien, un reconocimiento humilde cuando uno está y es un instrumento de la JUSTICIA DIVINA. [...] Los escuadrones de la muerte que funcionan aun dentro de la PNC y el Ministerio de la Gobernación son un trabajo santo y está organizado por agentes y personal de las iglesias evangélicas que conocemos nuestras obligaciones con la sociedad (WILSON, 2012, *apud* SCHÄFER, 2023, p. 512, Tomo 1).

La población indígena guatemalteca fue ofrecida en hecatombe¹³ al dios Mammon¹⁴ del neoconservadurismo, al igual que los jóvenes negros en Brasil.

9. El Fundamentalismo y su poder político en América Latina

En América Latina, el fundamentalismo cristiano ha penetrado en la política, formando alianzas tanto con líderes de derecha como con gobiernos de izquierda, lo que le ha permitido asegurar concesiones políticas y expandir su influencia electoral. Estas alianzas resultan en una mezcla de valores conservadores y políticas neoliberales que limitan el avance de derechos en temas de género, diversidad sexual y justicia social. En países como Brasil y Colombia, el fundamentalismo ha sido clave en la movilización de votantes y en la creación de una base de apoyo para políticas que priorizan la seguridad y el control social sobre los derechos individuales y colectivos.

¹³ *Hecatombe*, es el sacrificio de un conjunto enorme de inocentes, el concepto ha sido usado por algunos historiadores para referirse al genocidio de los pueblos originarios a partir de la invasión al Abya Yala y atribuible también al genocidio africano.

¹⁴ Mammon es un término arameo que significa 'dios de la avaricia', su etimología es un demonio al cual denominan como Mammón, representando uno de los pecados capitales como lo es la avaricia.

Para Brasil nos cuenta Manso que

[e]n el Congreso Nacional, diputados de la Bancada de la Bala¹⁵ comenzaron a caminar de la mano de representantes de la Bancada de la Biblia, todos concentrados en los mismos partidos del centro. En las Marchas por Cristo aparecieron réplicas gigantes de armas de fuego y los pastores adoptaron gestos con armas desde sus púlpitos. La mayoría de ellos apoyaban al expresidente Jair Bolsonaro, a quien muchos veían como el comandante ungido de esta guerra santa. Las bancadas Bala y Biblia se complementan mutuamente. Mientras los del primero ganaron el poder gritando contra el crimen, los del segundo alzaron la bandera contra el mal, unidos en defensa de la guerra. Fue en ese contexto que se unieron para aprobar el aumento de la venta de armas y municiones. En noviembre de 2019, los evangélicos fueron decisivos en la aprobación, en la Cámara, del proyecto de ley que flexibilizaba el Estatuto de Desarme. 112 diputados del Frente Parlamentario Evangélico votaron a favor, mientras que 28 se mostraron en contra. Cuando la policía no pudiera cumplir su papel, correspondería al ciudadano defenderse eliminando al criminal. Los pentecostales llegaron a la política con espíritu armado, alentados por líderes que gritaban la furia de un Dios vengativo. El Jesús fraterno y pacifista había sido silenciado y cancelado (MANZO, 2023, p. 82-83).

En Brasil, el apoyo a figuras políticas conservadoras ha permitido al fundamentalismo cristiano consolidarse en el escenario político y promover su agenda que no es solo moral.

En esa guerra espiritual han entrado también los gobernantes que intentan manipular a la masa de creyentes para sus intereses particulares. En el contexto de las elecciones presidenciales en Venezuela en el 2024, hubo acusaciones mutuas de satánicos entre el presidente Nicolás Maduro (2013-) de Venezuela y el presidente Javier Milei de Argentina (2023-) (EL EFE, 2024). Mientras Maduro afirmó que Milei hace parte de círculos diabólicos y sectas satánicas, Milei aseguró que el cielo aplastará a los comunistas. Ambos se ubican en el lugar del bien que lucha contra el mal que es representado por el otro. El mal está en el otro. Se trata de la ya mencionada práctica de la satanización del adversario.

¹⁵ Como la Bancada de la Bala es conocido el grupo de parlamentarios de partidos conservadores que frente a la situación de seguridad pública defienden el libre comercio y porte de armas. La Bancada de la Biblia la conforman a su vez el grupo de parlamentarios evangélicos fundamentalistas que defienden los valores morales del cristianismo. Estas dos bancadas también realizan alianza con la Bancada del Buey como es popularmente llamada la bancada de los agronegociantes, conformando así la sigla BBB de Biblia, Buey y Bala. Estos constituyen las mayorías bolsonaristas de extrema derecha.

Lo cierto es que tanto la derecha como la izquierda ven en las iglesias evangélicas un potencial electoral que no quieren perder y que está afectando las llamadas democracias latinoamericanas. No solo la derecha hace acuerdos con el fundamentalismo religioso, también la izquierda o el llamado progresismo. En Brasil, por ejemplo, los fundamentalistas han hecho acuerdos políticos con los gobiernos de Dilma Rousseff (2011-2016) e Ignacio Lula (2003-2011; 2023-), en Colombia con el de Gustavo Petro (2022-) (RODRÍGUEZ, 2024) y con Nicolás Maduro en Venezuela.

La agenda de los fundamentalistas religiosos parece ser secundaria para el progresismo, que como nos lo demuestra la relación de las bancadas de la Biblia con las de la Bala y el Buey en Brasil, va más allá de asuntos “morales”. La izquierda o el progresismo ha reconocido a estos líderes religiosos fundamentalistas como una fuerza política electoral necesaria de tener en cuenta, a eso parece responder la presencia de la presidenta del Brasil Dilma Rousseff en julio de 2014 en la inauguración del Templo de Salomón, tal vez uno de los templos no católicos más grandes del mundo con capacidad para diez mil personas, ubicado en São Paulo y que pertenece a la Iglesia Universal del Reino de Dios. Fundada en Brasil hace 47 años por el contador Edir Macedo, es una de las organizaciones religiosas más expoliadoras que se conozca en la actualidad¹⁶.

En algunos países, el fundamentalismo ha sido capaz de aliarse con sectores católicos en un "ecumenismo de derecha" que fortalece su influencia y refuerza una narrativa de moralidad cristiana que busca mantener el statu quo del capitalismo racial y refuerza las jerarquías raciales.

Entiéndase “capitalismo racial” como un concepto que quiere superar la definición que reduce el capitalismo a las relaciones de producción dejando de lado o solo incorporando de forma marginal, la

¹⁶ Hay numerosos testimonios de expastores y exmiembros de esta organización religiosa que pueden verse en diversos canales de YouTube, recomendando especialmente el canal del prof. Daniel Gontijo, disponible en: <https://www.youtube.com/danielgontijo>. Consultado en: 23 nov. 2023.

noción de “raza”. Siendo raza una construcción social, no biológica, sobre la cual, afirma el sociólogo peruano Aníbal Quijano se fundó “el eurocentramiento del poder mundial capitalista y la consiguiente distribución mundial del trabajo y el intercambio” (1999) . No debería ser necesario al hablar del capitalismo utilizar el adjetivo racial, no obstante se hace perentorio para subrayar el hecho de que el capitalismo está intrínsecamente ligado a las jerarquías raciales, por lo tanto las estructuras económicas y políticas del estado - nación están diseñadas de tal manera que perpetúan la desigualdad racial, beneficiando a ciertos grupos mientras marginan y explotan a otros. Al hablar de capitalismo racial se pretende resaltar la interconexión entre la economía, la política y las dinámicas raciales, sugiriendo que el capitalismo no puede ser entendido plenamente sin considerar su relación con la raza y el racismo.

10. Inversión Luciférica y la Justificación del Genocidio

Uno de los conceptos fundamentales en la justificación del fundamentalismo es lo que Hinkelammert (1978, p. 205) llama “inversión luciférica”. Según esta lógica, cualquier movimiento que busque justicia social y liberación es considerado una amenaza demoníaca que debe ser exterminada. Esta narrativa se basa en la idea de que aquellos que se oponen al orden establecido son seres “malignos” que representan el caos y el vicio, mientras que el fundamentalismo y sus seguidores se presentan como los defensores del orden y la virtud. Esta dualidad entre “virtud” y “vicio” refuerza la polarización y justifica la violencia contra los pueblos que desafían el sistema dominante, lo cual se traduce en políticas que afectan de manera desproporcionada a los pueblos “no blancos” perpetuando un ciclo de pobreza y violencia.

La inversión luciférica permite que el fundamentalismo cristiano justifique la represión y el genocidio en casos como el conflicto de Gaza, presentando el exterminio de poblaciones como una “limpieza espiritual”

que debe realizarse en defensa de la civilización occidental. Esta narrativa legitima la violencia extrema como una forma de salvaguardar la moralidad y el orden cristiano, considerando el genocidio como una guerra justa y necesaria. En última instancia, el fundamentalismo cristiano convierte a sus enemigos en figuras demoníacas que deben ser eliminadas para preservar una sociedad que se percibe como amenazada.

Este concepto se extiende más allá de las fronteras de Estados Unidos o Israel, generando una “Palestina global” en la que todas las naciones que buscan justicia social y equidad se convierten en objetivos de represión y violencia. La narrativa de la inversión luciférica convierte al fundamentalismo cristiano en un motor de guerra, legitimando el exterminio y el genocidio como estrategias para mantener el control sobre las poblaciones oprimidas.

11. Conclusiones

El fundamentalismo cristiano, en su versión neoconservadora, se ha consolidado como un actor político central en América Latina, con un impacto significativo en países como Colombia y Brasil. En estos contextos, el fundamentalismo refuerza el sistema capitalista y las jerarquías raciales, justificando la opresión de comunidades negativamente racializadas. A través de sus doctrinas de la Prosperidad, el Dominio y la Guerra Espiritual, el fundamentalismo cristiano se convierte en una herramienta de control social y de legitimación de las desigualdades. Este neoconservadurismo no sólo busca eliminar la separación entre iglesia y Estado, sino que aspira a imponer una moral cristiana en todos los ámbitos de la vida pública y privada, promoviendo las asimetrías y justificando la violencia contra los grupos marginados.

Al adoptar una postura que glorifica el éxito económico y culpa a los individuos por su pobreza, el fundamentalismo cristiano actúa como un

brazo ideológico del neoliberalismo, responsabilizando a las personas por su situación en lugar de cuestionar las estructuras de poder. La narrativa de la Guerra Espiritual justifica la represión y convierte a los movimientos de justicia social en amenazas demoníacas, mientras que la Teología del Dominio promueve una visión de control absoluto que rechaza cualquier forma de diversidad.

En Colombia, el fundamentalismo cristiano ha jugado un papel crucial en la polarización política, especialmente en el contexto del plebiscito de 2016 sobre el Acuerdo de Paz. La fuerte oposición de grupos evangélicos, que acusaron al acuerdo de contener "ideología de género", refleja cómo el fundamentalismo puede movilizarse para deslegitimar procesos de inclusión y justicia social. Esta dinámica no solo afecta la política, sino que también perpetúa un discurso que ignora las realidades de las comunidades afrocolombianas, indígenas y campesinas, que han sido históricamente violentadas.

En Brasil, la relación entre el fundamentalismo religioso y la política ha sido evidente, en particular, en el ascenso de líderes políticos que se alinean con las doctrinas evangélicas más conservadoras. El fundamentalismo cristiano se ha convertido en un actor clave en la política nacional, apoyando políticas neoliberales y promoviendo una agenda conservadora que busca restringir derechos individuales y sociales. La influencia de grupos evangélicos en los gobiernos, especialmente los de derecha pero no únicamente, ha facilitado la implementación de políticas que refuerzan la desigualdad y la violencia. La narrativa de la Guerra Espiritual ha sido utilizada para justificar políticas represivas que afectan desproporcionadamente al pueblo negro, convirtiendo al fundamentalismo en un mecanismo de control social que legitima la violencia estructural especialmente contra jóvenes negros y pobres. Este fenómeno ilustra cómo el fundamentalismo cristiano se convierte en un aliado del Estado punitivo,

reforzando las jerarquías raciales y económicas en un contexto de desigualdad extrema.

El fundamentalismo cristiano se presenta como un salvador de la civilización occidental, para lo cual funciona como un catalizador de las crisis sociales y económicas, desviando la atención de las causas estructurales y responsabilizando a los individuos. Esta combinación de ideología neoliberal y moralidad cristiana refuerza las jerarquías raciales y económicas, generando un ciclo de pobreza y violencia que afecta a las comunidades empobrecidas y racializadas. En última instancia, el fundamentalismo cristiano se convierte en una fuerza que justifica la opresión, perpetuando un sistema de dominación que se disfraza de salvación espiritual.

12. Referencias

ARAGONÉS, El Pirineo. ¿Qué son las guerras culturales? **El Pirineo Aragonés** [elpirineoaragones.com], Huesca, 3 feb. 2023. Disponible en: <https://elpirineoaragones.com/2023/02/03/que-son-las-guerras-culturales/>. Consultado en: 6 ago. 2024.

BELTRÁN, William; LAROTTA SILVA Sonia. **Diversidad religiosa, valores y participación política en Colombia: Resultados de la encuesta nacional sobre diversidad religiosa 2019**. Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas. Departamento de Sociología. Sede Bogotá, 2020. Disponible en: https://repositorio.unal.edu.co/bitstream/handle/unal/80990/Beltran%20%26%20Larotta_Diversidad%20Religiosa%20valores%20y%20participaci%c3%b3n%20pol%c3%adtica%20en%20Colombia.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Consultado en: 11 nov. 2023

BOFF, Leonardo. Los crímenes en la Franja de Gaza muestran la demencia de la razón y la falta de corazón. **Leonardo Boff** [leonardoboff.org]. 16 dic. 2023a. Disponible en: <https://leonardoboff.org/2023/12/16/los-crimes-en-la-franja-de-gaza-muestran-la-demencia-de-la-razon-y-la-falta-de-corazon-2/>. Consultado en: 2 ago. 2024.

BOSCH, Aurora. **Historia de Estados Unidos 1776-1945**. Barcelona: Planeta, 2019. DOI: <https://doi.org/10.36132/hao.v0i21.426>.

D´EPINAY, Christian L.. **El refugio de las masas: estudio sociológico del protestantismo chileno**. Santiago: Editorial del Pacífico S.A., 1968.

EFE, Maduro llama 'satánico' a Milei y él le responde: 'El cielo aplastará a los comunistas'. **El Debate**, 5 ago. 2024. Disponible en: https://www.eldebate.com/internacional/20240805/maduro-llama-satanico-milei-le-responde-cielo-aplastara-comunistas_218297.html. Consultado en: 5 ago. 2024.

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org.). Por um feminismo Afro-latino-americano: Lélia González. Rio de Janeiro: Zahar/Schwarcz, 2020[1979].

HINKELAMMERT, Franz. **El asalto al poder mundial y la violencia sagrada del imperio**. San José: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 2003.

HINKELAMMERT, Franz. La política del mercado total, su 'fundamentación' teológica y nuestra respuesta [A 50 años de Barmen para una Nueva Iglesia confesante]. *In*: **Congreso 'Barmen 1984' 50 Aniversario del 1 Sínodo de la Iglesia Evangélica Alemana**. Barmen (Alemania): Ponencia publicada en Evangelio y Sociedad, separata, 1 jun. 1984, pp. 3-11. Disponible en: <http://repositorio.uca.edu.sv/jspui/bitstream/11674/3196/1/La%20pol%C3%ADtica%20del%20mercado%20total%2C%20su%20fundamentaci%C3%B3n%20teol%C3%B3gica.pdf>. Consultado en: 15 jul. 2024.

HINKELAMMERT, Franz. El Dios Mortal: Lucifer y la Bestia. La legitimación de la Dominación en la Tradición Cristiana, Tomo I, *In*: TAMEZ, Elsa; TRINIDAD, Saul (Eds.). **Capitalismo: violencia y anti-vida. La opresión de las mayorías y la domesticación de los dioses**. San José: EDUCA, 1978, p. 199-313. Disponible en: <https://coleccion.uca.edu.sv/files/original/1c6cfae1934a7403ea0310126d12fb3c84c5eb61.pdf>. Consultado en: 5 ago. 2023.

HINKELAMMERT, Franz J. MORA JIMÉNEZ, Henry M. **Hacia una economía para la vida**. San José: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 2005. 427 p. (Colección Economía-Teología). Disponible en: <https://irp.cdn-website.com/5be65b2b/files/uploaded/FranzHinkelammertpdf-hacia-final.pdf>. Consultado en: 23 feb. 2024.

LOZANO, Betty Ruth. **Aportes a un feminismo negro decolonial**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Editorial Abya Yala, 2018.

MANSO, Bruno P. **A fé e o fuzil: Crime e Religião no Brasil do Século XXI**. São Paulo: Editora Todavia, 2023.

MSNBC. **Israeli president: War against Hamas intended 'to save the values of Western Civilization'**. [s.l.: s. n.], 5 dic. 2023. 1 video (7min27seg). Publicado por el canal PODER360. Disponible en:

<https://www.youtube.com/watch?v=v64TVMo2vKw>. Consultado en: 20 febrero 2024.

PODER360. **Michelle Bolsonaro discursa e faz oração durante ato na avenida Paulista**. São Paulo [s.n.], 25 fev. 2024. 1 video (15min50seg). Publicado pelo canal PODER360. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=07q82feYjck>. Consultado en: 25 jul. 2024.

QUIJANO, Aníbal. ¡Qué tal raza! (Tema central). In: **Ecuador Debate. Etnicidades e identificaciones**, Quito: CAAP, n. 48, pp. 141-152, dic. 1999. Disponible en: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/5724/1/RFLACSO-ED-48-09-Quijano.pdf>. Consultado en: 5 ago. 2024.

RODRIGUEZ, Paula V. Gobierno Petro firmará convenio para que 800 iglesias puedan contratar con el Estado, aunque no paguen impuestos. **Infobae**. 31 mar. 2024. Disponible en: <https://www.infobae.com/colombia/2024/03/31/gobierno-petro-firmara-convenio-para-que-800-iglesias-puedan-contratar-con-el-estado-aunque-no-paguen-impuestos/>. Consultado en: 5 ago. 2024.

SÁNCHEZ GALERA, José M. En qué consiste la 'guerra cultural', y por qué es 'guerra' y es 'cultural'. [**El Debate**.] 20 ene. 2024. Disponible en: https://www.eldebate.com/cultura/libros/20240120/consiste-guerra-cultural-guerra-cultural_168055.html. Consultado en: 6 ago. 2024.

SCHÄFER, Heinrich W.. **Protestantismo y crisis social en América Central**. 1a ed. San José: Universidad Luterana Salvadoreña-DEI, 1992.

SCHÄFER, Heinrich Wilhelm. **El bautizo del Leviatán: protestantismo y política en Estados Unidos y América Latina**. Tomo I., CABA/Guadalajara: CLACSO/CALAS, 2023. Disponible en: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/249247/1/Bautizo-Leviatan-Tomo-1.pdf>. Consultado: 15 mar. 2024.

STORIESCRENTE, Ap. **Valdemiro manda recado para o Bispo Luciano Neves**. Brasil. 16 jul. 2024. Instagram: @storiescrente. Disponible en: <https://www.instagram.com/reel/C9fwGRoybSK/?igsh=MWVmb2cxbTQyNm5hYQ%3D%3D>. Consultado en: 16 jul. 2024.

TOSTES, Angélica. A classe trabalhadora e sua nova identidade evangélica: Diálogos da Fé. **Carta Capital**, São Paulo, 29 set. 2023. Disponible en: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/a-classe-trabalhadora-e-sua-nova-identidade-evangelica>. Consultado en: 22 out. 2023.

TRATA DE ESCLAVOS [Trata de esclavos: los intentos de justificación]. In: GONZALEZ FERNANDEZ, Fidel; LOUVIER CALDERÓN, Juan (Coords.). **DICCIONARIO de Historia Cultural de la Iglesia en América Latina**. Puebla: Universidad Popular Autónoma de Puebla, [s.d.], Disponible en:

https://www.dhial.org/diccionario/index.php?title=TRATA_DE_ESCLAVOS:_Los_intentos_de_justificaci%C3%B3n. Consultado en: 5 nov. 2023.

VOZ DE AMÉRICA. Pat Robertson, quien ayudó a que la religión fuera central en la política republicana, muere a los 93 años. **Voz de América** [Vozdeamerica.com], Washington, 8 jun. 2023. Disponible en: <https://www.vozdeamerica.com/a/pat-robertson-quien-ayudo-a-que-la-religion-fuera-central-politica-republicana-muere-a-los-93-/7128350.html>. Consultado en: 16 octubre 2023

EL DESARROLLISMO MILITAR PERUANO DE LOS AÑOS SETENTA REVISITADO DESDE URUGUAY. UNA ETAPA PARTICULAR EN EL DESARROLLO DEL CAPITALISMO DE ESE PAÍS Y LA ATRACCIÓN QUE EL "PERUANISMO" EJERCIÓ DURANTE ESOS AÑOS CRÍTICOS EN LA REGIÓN¹

*O DESENVOLVIMENTISMO MILITAR PERUANO DOS ANOS 1970
REVISITADO A PARTIR DO URUGUAI: UMA FASE PARTICULAR NO
DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO NAQUELE PAÍS E A ATRAÇÃO QUE
O "PERUANISMO" EXERCIA DURANTE AQUELES ANOS CRÍTICOS NA
REGIÃO*

*PERUVIAN MILITARY DEVELOPMENTALISM OF THE 1970S REVISITED
FROM URUGUAY: A UNIQUE PHASE IN THE DEVELOPMENT OF
CAPITALISM IN THAT COUNTRY AND THE ATTRACTION THAT
"PERUVIANISM" EXERTED DURING THOSE CRITICAL YEARS IN THE
REGION*

Antonino Zunino² 
Universidad de la República, Uruguay

Resumen: Este texto propone una interpretación del período de la historia económica de Perú comprendido entre 1968 y 1975, el “progresismo militar” liderado por Velasco Alvarado, y la recepción favorable que tuvo este fenómeno en el Uruguay de la época, particularmente entre algunos sectores de izquierda. El análisis se apoya en la literatura académica existente, y se concentra en el carácter de clase del gobierno de Alvarado y la política económica que implementó. Procura insertar el proceso con sus especificidades en la historia económica latinoamericana más general, estableciendo contrastes con el caso uruguayo. Las conclusiones ponen

¹Artículo elaborado a partir del curso Historia Económica del Perú, a cargo del Dr. Carlos Contreras Carranza, para el Doctorado en Ciencias Sociales (opción Historia Económica) de la Universidad de la República (Uruguay). El autor agradece los comentarios realizados por el revisor anónimo de BJLAS, que ayudaron a mejorar sustancialmente la versión original.

² Doctorando en el Programa de Historia Económica y Social, Facultad de Ciencias Sociales Universidad de la República, Uruguay. Correo: zunino.antonino@gmail.com

ênfasis en las diferencias entre las trayectorias y los niveles de desarrollo relativo de ambos países, y destacan la imposibilidad de reproducir la experiencia del desarrollismo militar de Perú en el Uruguay de inicios de los años 1970.

Palabras clave: Historia económica del Perú; Industrialización; Velasco Alvarado; Izquierda en Uruguay; Modernización.

Resumo: Este texto propõe uma interpretação do período da história econômica do Peru compreendido entre 1968 e 1975, conhecido como o "progressismo militar" liderado por Velasco Alvarado, e a recepção favorável desse fenômeno no Uruguai daquela época, particularmente entre certos setores da esquerda. A análise apoia-se na literatura acadêmica existente e concentra-se no caráter de classe do governo de Alvarado e na política econômica que implementou. Busca inserir o processo, com suas especificidades, na história econômica latino-americana mais ampla, estabelecendo contrastes com o caso uruguaio. As conclusões enfatizam as diferenças entre as trajetórias e os níveis relativos de desenvolvimento de ambos os países, destacando a impossibilidade de replicar o desenvolvimentismo militar do Peru no Uruguai do início dos anos 1970.

Palavras-chave: História econômica do Peru; Industrialização; Velasco Alvarado; Esquerda no Uruguai; Modernização.

Abstract: This text proposes an interpretation of the period in Peru's economic history between 1968 and 1975, known as the "military progressivism" led by Velasco Alvarado, and the favourable reception this phenomenon had in Uruguay at the time, particularly among certain left-wing sectors. The analysis draws on existing academic literature and focuses on the class character of Alvarado's government and the economic policies it implemented. It seeks to situate the process, with its specificities, within the broader context of Latin American economic history, establishing contrasts with the Uruguayan case. The conclusions emphasise the differences between the trajectories and relative levels of development of both countries, highlighting the impossibility of replicating Peru's military developmentalism in early 1970s Uruguay.

Keywords: Economic history of Peru; Industrialization; Velasco Alvarado; Uruguayan Left; Modernization.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227602](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227602)

Recebido em: 31/07/2023
Aprovado em: 31/12/2024
Publicado em: 01/01/2025

1. Introducción

Este texto propone una reflexión sobre el “progresismo militar” liderado por Juan Velasco Alvarado en Perú entre 1968 y 1975, enmarcada en la historia económica latinoamericana, a partir de la siguiente pregunta: ¿por qué no se reprodujo esta experiencia en el Uruguay de la época? La pertinencia del problema radica en la irradiación de este fenómeno hacia otros países latinoamericanos en el período, entre los cuales estuvo Uruguay, lo que dio lugar al llamado “peruanismo” (ARANDA; RUIZ, 2023; CAVIASCA, 2020; LEANIZ, 2023; TRICÁNICO, 2005), que ejerció una influencia relativamente importante en el devenir político uruguayo durante los años cruciales que preceden al golpe de Estado de 1973.

El período de nuestro interés se enmarca en el turbulento contexto de las luchas sociales y políticas de las décadas de 1960 y 1970 en América Latina, que en Perú se caracterizaron por un alejamiento del liberalismo económico y el conservadurismo político y social adoptados hasta entonces. El desarrollismo militar peruano comienza en 1968 con el golpe de Estado del general Juan Velasco Alvarado y se extiende hasta 1975, con su deposición. El Gobierno Revolucionario de la Fuerza Armada encabezado por Velasco Alvarado implementó una política nacionalista y antioligárquica, realizó una importante reforma agraria y nacionalizó sectores estratégicos como el petróleo, la minería y las telecomunicaciones. Este proceso coincidió con un momento histórico de grandes transformaciones en la sociedad peruana, que el gobierno procuró acompañar llevando a cabo importantes tareas históricas de modernización y construcción nacional que continuaban pendientes en el país. Entre los principales sectores sociales afectados estuvieron los indígenas, que fueron campesinizados a través de la reforma agraria. El modelo de desarrollo se apoyaba en mayor medida que antes en el mercado interno, que el gobierno buscaba fortalecer, reduciendo las desigualdades sociales y fomentando una mayor participación de los

sectores populares.

La particularidad principal del gobierno de Velasco radica en la implementación de este tipo de política por parte de un gobierno militar, en un momento histórico en que buena parte de América Latina se encaminaba hacia regímenes autoritarios cuya política económica era de orientación contraria, pautada por el regreso al liberalismo económico y la represión de los sectores populares.

La atracción que ejerció esta política de orientación más nacional y popular comparada con lo ofrecido por el panorama latinoamericano de la época, y más en general el fenómeno novedoso de un “militarismo progresista” (ARANDA; RUIZ, 2023, p.254), provocó su irradiación hacia otros países de la región. En Argentina, por ejemplo, inspiró al jefe del ejército nombrado por Juan Domingo Perón en su gobierno de 1973 - el general Jorge Raúl Carcagno, de tendencia abiertamente peruanista y abierto al diálogo con las organizaciones armadas de izquierda (CAVIASCA, 2020). La memoria histórica del velasquismo también guarda resonancia en procesos latinoamericanos contemporáneos como el chavismo venezolano: Hugo Chávez señalaba a Velasco Alvarado como un referente en su pensamiento político, ejemplo de “otro tipo de militar latinoamericano” antagónico al “estereotipo” representado por militares como Augusto Pinochet en Chile (RAMÍREZ, 2024).

Aquí exploramos la recepción de la experiencia peruana en Uruguay, donde el desarrollismo militar encontró cierta aceptación entre algunos sectores de izquierda en los años previos al golpe de Estado que inauguró la dictadura cívico militar (1973-1985). Al contrario de las expectativas que estos sectores pudieron tejer al respecto de la orientación política que tendrían las Fuerzas Armadas en el gobierno, el gobierno militar uruguayo estuvo completamente alineado con los regímenes autoritarios del resto del Cono Sur en la época, pautados por la aplicación de la Doctrina de Seguridad Nacional y una política económica antipopular (PADRÓS, 2005).

Como argumentamos al final, las diferencias entre las trayectorias históricas y los niveles de desarrollo relativo de los dos países en los años 1970 hacían que fuese imposible la reproducción de un fenómeno semejante al progresismo militar peruano en el Uruguay de la época.

El texto se organiza en seis partes. Tras esta introducción, la segunda parte presenta el marco de análisis utilizado, que refiere a la conformación de coaliciones en el poder en los países periféricos y la estrategia de desarrollo que estas adoptan, constituyéndose en agentes que llevan a cabo la transición entre distintas fases de la historia económica latinoamericana. En la tercera parte se describe el pacto de clases vigente en Perú durante el período elegido y la política económica implementada por la coalición en el poder, caracterizada por la adopción de un nuevo modelo de desarrollo respecto a etapas históricas anteriores. La cuarta parte hace una presentación de la recepción que tuvo el peruanismo dentro de la izquierda uruguaya. En la quinta sección se reflexiona al respecto de las diferencias entre la historia económica de ambos países, que explican la imposibilidad de reproducir la experiencia de Perú en el Uruguay. Finalmente, la sexta sección ofrece unas breves consideraciones finales.

2. Marco teórico

Se propone una interpretación del Estado capitalista que considera que las dos coaliciones de clase básicas que pueden tener lugar en las formaciones sociales de la periferia son de carácter “desarrollista” o “liberal-dependiente” (BRESSER-PEREIRA; IANONI, 2015). En el primer caso, la coalición estaría centrada en los intereses del capital productivo nacional y el proletariado organizado (con mediación del Estado y su “tecnoburocracia”). En el segundo, la burguesía rentista/financiera y el capital extranjero serían principalmente beneficiados, asignando un rol

menos protagónico para el Estado productor y planificador. En ambos casos se trata de tipos ideales estilizados para analizar una realidad compleja y dinámica, en que los equilibrios de fuerzas internos y externos no son fijos.

Tales coaliciones producen "pactos políticos" (con grados variables de explicitación) que se organizan en torno a liderazgos o partidos para el ejercicio efectivo del poder político. Al conformar gobiernos, la praxis de los mismos estará informada por paradigmas no siempre claros de economía política, y limitada por las relaciones de fuerza que los hicieron posible, así como constreñimientos estructurales propios de cada país (entre los que destaca la gravitación del sistema internacional). Esta dinámica cristaliza en un tipo de política pública determinada, que al ser implementada sobre el modelo de desarrollo ya existente en el país, producirá ciertos resultados y en última instancia una variedad específica de capitalismo nacional con grados variables de éxito. Sólo en este sentido acotado puede decirse que un país "persigue una estrategia de desarrollo" determinada.

La caracterización más extendida en la historia económica latinoamericana suele establecer tres grandes modelos de desarrollo, que tipifican la relación Estado-mercado y el tipo de producción realizada en los territorios en cada momento. El modelo primario exportador (hasta la década de 1930), la industrialización por sustitución de importaciones (hasta la década de 1970³), y el modelo neoliberal, que lo sustituye a partir de entonces (BULMER-THOMAS, 1998; PALAZUELOS MANSO, 2000; TALAVERA, 1989). Nuevamente, se trata de hechos estilizados: "modelos de organización económica" (TALAVERA, 1989) inspirados en las experiencias de las economías más importantes de la región - Brasil, México y Argentina -, que permiten ordenar la diversidad latinoamericana en fases históricas distintas para abstraer las particularidades de cada país y comprender el recorrido general de la región en el tiempo.

³ Otros autores, como Bértola y Ocampo (2010) prefieren conceptualizarla como una industrialización dirigida por el Estado.

La historia económica latinoamericana vería entonces la oscilación entre modelos liberal-dependientes ligados a la exportación primaria, un hiato desarrollista y la restauración neoliberal, que lo sucedió a partir de la segunda globalización. A la hora de interpretar la transición entre estas distintas etapas - normalmente operadas por vía autoritaria, y en la mayoría de los casos con participación militar directa - son comunes las lecturas similares a la de Octavio Ianni (1975) sobre los "populismos" clásicos latinoamericanos, que recogen las ideas de Marx y Gramsci sobre bonapartismo y crisis de hegemonía. Figuras como Lázaro Cárdenas (presidente de México entre 1934 y 1940), Getúlio Vargas (presidente de Brasil en 1930-1945 y 1951-1954), y Juan Domingo Perón (presidente de Argentina entre 1946 y 1955) habrían pretendido ejercer un liderazgo autoritario por encima de las clases sociales, articulando intereses contradictorios a través de un discurso nacionalista, para conformar una coalición de clases desarrollista donde los intereses de los sectores beneficiados por el modelo liberal-dependiente quedan subordinados.

A pesar de su valor heurístico, este abordaje por etapas de desarrollo presenta el problema de conducir a una falsa homogeneización, que no contempla el recorrido de aquellos países que no emprendieron estrategias de industrialización exitosas a partir del quiebre en la economía mundial del siglo XX temprano, y en los cuales no se produjo una ruptura de la dominación oligárquica en ese momento (ya sea a través de procesos nacional-populares o de la extensión de la ciudadanía por vías similares a las de los países de Europa occidental).

En este sentido, Uruguay y Perú representan casos antagónicos en el contexto latinoamericano. El primero – junto con otros casos como el de Chile - atravesó un proceso temprano de extensión de la ciudadanía y los derechos políticos, civiles y sociales similar al esquema clásico propuesto por Marshall y Bottomore (1996)⁴ a partir de la experiencia europea. Para

⁴Este proceso consistiría en una extensión progresiva de la ciudadanía a partir de los Estados oligárquicos que sucedieron a las independencias, hasta abarcar a toda la sociedad, en tres etapas: derechos civiles (libertad individual, propiedad y justicia), derechos políticos (sufragio, representación) y derechos sociales (bienestar y

cuando llega el quiebre de los años 1960 y 1970, la sociedad uruguaya ya había completado importantes tareas de modernización política e iniciado cierto desarrollo industrial y de servicios, y había establecido un Estado social relativamente incluyente. Perú, en cambio, se encuentra entre los países de la región – con otros casos como el de Bolivia o la mayoría de América Central - que continuaron mostrando rasgos de dominación oligárquica durante buena parte del siglo XX, y profundizando la exportación primaria. Cuando efectivamente estos países comienzan un proceso industrializador en la segunda mitad del siglo, lo realizan directamente bajo la dependencia del capital transnacional, sin una industria nacional preexistente (CONTRERAS, 2023). La modernización dependiente de la sociedad que este proceso desencadena (activación obrera, ideas modernas, migración a la ciudad, capas medias, etc.) conduce a una fuerte crisis de dominación, que explica la virulencia del conflicto social que sufren estos países en las décadas de setenta y ochenta, muchos de ellos en forma de guerras civiles prolongadas.

Estas diferencias históricas constituyen el centro de nuestro argumento para explicar el signo político opuesto entre las experiencias militares de los dos países durante la misma época: en Perú el gobierno militar se propone ejecutar una política progresista por vía autoritaria, mientras que en Uruguay se propone revertir conquistas sociales ya alcanzadas.

3. Pacto de clases y política implementada durante el gobierno de Velasco Alvarado

Bajo ese lente, el período desarrollista que se abre en Perú en 1962 y se consolida a partir de 1968 puede ser interpretado como una crisis de la hegemonía oligárquica tradicional ligada al modelo primario-exportador

protección social, acceso a la educación).

“mejorado” (CONTRERAS, 2023) que sucedió a la Guerra del Salitre (1879 - 1884) desde fines del s. XIX.

La participación de Perú en la división internacional del trabajo a partir de su incorporación colonial se hizo, como el resto de la región latinoamericana, en tanto proveedor de materias primas. La derrota en la Guerra tuvo el efecto de profundizar esta inserción (CONTRERAS, 2023). Se agregaron a la canasta exportadora nuevos productos primarios (cobre, lana, caucho, petróleo, café), cuya explotación, más compleja que la del guano tradicional, quedaba en manos de la inversión privada (CONTRERAS, 2023, p. 273). La perpetuación del modelo primario-exportador no condujo a la diversificación y complejización de la estructura productiva peruana, como ocurrió en los países que emprendieron procesos de industrialización. Por el contrario, en Perú se exacerbó, durante el siglo XX, el patrón de desarrollo dual o heterogéneo característico del capitalismo latinoamericano (PINTO, 1970)⁵.

Esta economía desintegrada no acompañó las importantes transformaciones que atravesó la sociedad en ese tiempo. Ocurrieron en simultáneo una explosión demográfica y grandes procesos migratorios internos, desde la sierra hacia la costa y la selva. Entre 1930 y 1980 la población pasó a ser más del triple, de 5,4 a 17,1 millones; la proporción de habitantes rurales y urbanos se invirtió, pasando de 64% en el campo y 36% en las ciudades a 31% y 69% respectivamente (CONTRERAS, 2023). La modernización de la sociedad trajo aparejada la emergencia de numerosas demandas que permanecieron insatisfechas, como la aspiración del acceso a la tierra, al empleo asalariado y la integración social. Fueron surgiendo partidos “mesocráticos”, representantes de los intereses de nuevas camadas sociales y portadores de ideologías antioligárquicas, que demandaban otro tipo de política económica más nacionalista e

⁵Este patrón estaría compuesto por una dinámica viciosa entre dos sectores fragmentados que se refuerzan mutuamente, pujante uno (ligado a la economía mundial y la modernidad, con altos niveles de productividad y tecnología), y estancado el otro (caracterizado por la informalidad y la baja productividad del trabajo), en el que se desempeña gran parte de la población.

integradora⁶ (CONTRERAS, 2023): “La explosión demográfica provocó fuertes tensiones sociales, que hicieron de la reforma agraria y el crecimiento del empleo público hechos inevitables” (2023, p. 426).

De ese desfase, nace la crisis, cuando al cabo de décadas eclosionan estas contradicciones y, en los años 1960, los nuevos actores políticos desplazan a los representantes directos de la oligarquía y llegan al gobierno por primera vez, aunque sin producir las reformas profundas que reclamaban numerosos sectores de la población por vía de la democracia representativa (AGUIRRE; DRINOT, 2018, p. 12).

3.1 Crisis de hegemonía y pacto de clases

¿Existió realmente una nueva coalición de clases desarrollista que desplazó a la oligarquía de su posición hegemónica y reemplazó el pacto político liberal-dependiente por uno distinto? No de forma duradera y mucho menos estable, sino con numerosos vaivenes que nunca llegaron a resolver la crisis de hegemonía. Los sectores oligárquicos tradicionales ya eran incapaces de seguir detentando el poder prácticamente solos, pero tampoco aparecía un actor nuevo capaz de aglutinar los distintos intereses emergentes y constituirse como representante del interés general.

Este vacío de poder es el que vienen a rellenar las Fuerzas Armadas. A partir de 1968 y hasta 1975 radicalizaron el cambio de rumbo que alejaba al país del modelo liberal exportador antes vigente para perseguir uno desarrollista, ejerciendo un gobierno militar en el nombre del pueblo. Si la totalidad del período 1962-1989 es la versión peruana del nacional-desarrollismo latinoamericano, desfasado de los casos clásicos que tuvieron lugar a partir de los años 1930 en los países más avanzados de la región, Velasco es la versión peruana (y, como se argumenta después,

⁶ Los ejemplos paradigmáticos son el APRA (Alianza Popular Revolucionaria Americana) y el Partido Socialista Peruano (luego devenido Partido Comunista).

tardía) del líder bonapartista popular latinoamericano.

Aranda y Ruiz (2023, p. 256) distinguen los regímenes militares existentes en la región en los años 1970. Por una parte estarían las expresiones del Estado Burocrático-Autoritario descrito por O'Donnell (1996), gobiernos militares de derecha con una política económica liberal, anticomunistas y alineados a EE.UU., e informados por la Doctrina de Seguridad Nacional (como los de Argentina desde 1977, Chile y Uruguay desde 1973)⁷. Por otra parte, estarían los “militarismos progresistas” - militares autoidentificados como nacionalistas y designados también como “militarismos reformistas”, “populismos militares” y “bonapartismos progresistas” -, como el de Perú o los de Panamá (1968-1981) y Ecuador (1972-1976). Estos serían detentores de un proyecto “comunitarista de participación popular”, y habrían implementado una política más redistributiva y la nacionalización de importantes sectores económicos como los de hidrocarburos. También anticomunistas, estarían no obstante menos alineados geopolíticamente a EE.UU. por su orientación antiimperialista. Aranda y Ruiz (2023, p.256) asocian estos últimos, a mi entender acertadamente, con fenómenos como el chavismo venezolano en el mundo actual posterior a la Guerra Fría (ARANDA; RUIZ, 2023, p. 256).

La orientación política del velasquismo es difícil de caracterizar debido a su carácter “peculiar” (AGUIRRE; DRINOT, 2018). Buena parte de la literatura académica ha debatido al respecto de qué signo político asignar al “experimento peruano” (2018, p. 15), tanto en el eje tradicional izquierda / derecha, como por su carácter corporativista, o su orientación nacionalista pero carente de participación. “El gobierno militar fue en ocasiones acusado de querer seguir un modelo “comunista”. Por otro lado, el gobierno de Velasco fue también acusado de fascista por la ultraizquierda, en particular por facciones maoístas con influencia en organizaciones campesinas, laborales y estudiantiles” (2018, p. 13).

⁷Estos autores también colocan a Brasil en el primer grupo, si bien en este caso yo identifico - quizá por las dimensiones de su economía industrial - una tendencia más marcada hacia el autoritarismo desarrollista.

¿Cuál era entonces la base de apoyo del “militarismo progresista” al desplazar del poder político - al menos en forma provisoria - a los sectores ligados a la exportación primaria? Al configurarse una nueva correlación de fuerzas entre las clases sociales con mayor protagonismo del Estado como organizador de la vida económica del país, la burocracia pública, un actor social relativamente nuevo, pasa a tener mayores cuotas de poder. Y lo ejerce en alianza con un conjunto muy diverso de otros actores: “[hubo] grupos políticos, sindicales, intelectuales y empresariales que apoyaron el proyecto militar y colaboraron con él. El prosoviético Partido Comunista Peruano, el Partido Demócrata Cristiano, ex miembros del fenecido Movimiento Social Progresista, ex guerrilleros, sectores progresistas de la Iglesia católica, dirigentes sindicales y ex militantes del APRA y otros partidos políticos aplaudieron la agenda de los militares y participaron en su implementación o la apoyaron desde afuera” (AGUIRRE; DRINOT, 2018, p. 13).

Esa heterogeneidad implicó que se tratase de un arreglo frágil; estos autores describen numerosas fracturas y tensiones entre las distintas facciones, que Velasco equilibra desde el gobierno con la ambigüedad de clases característica del bonapartismo⁸. En cuanto a los sectores oligárquicos tradicionales, si bien ocupan una posición subordinada dentro del bloque en el poder, no desaparecen sino que trasladan sus actividades hacia los nuevos sectores económicos de acumulación más dinámica, la banca y el comercio (CONTRERAS, 2023, p. 406).

3.2 La política económica implementada por el desarrollismo militar peruano y sus resultados

En cuanto a la política efectivamente implementada por el gobierno,

⁸Contreras (2023, p. 415) señala, apoyado en la literatura, cómo la inconsistencia ideológica del régimen militar (“ni izquierda, ni derecha, ni centro”) representó una de sus principales debilidades, impidiéndole ganar el apoyo masivo de los trabajadores al negarse a virar decididamente hacia la izquierda, y el de los capitalistas domésticos y extranjeros al atacar a los intereses comerciales y a la derecha.

a través de reformas que afectaron prácticamente todas las esferas de la sociedad peruana, mi conclusión es que tuvo más de nacionalista que de popular, si bien existieron ambos elementos.

La más emblemática acción de nacionalismo económico fue la nacionalización del petróleo a sólo seis días de comenzar el mandato, recurso hasta entonces controlado por empresas estadounidenses cuyas renegociaciones con el gobierno anterior de Belaunde habían generado descontento entre los peruanos (AGUIRRE; DRINOT, 2018, p. 13). A partir de entonces el Estado pasó a jugar un rol central en la economía, y el eje dinámico del crecimiento pasó a ser el gasto público; se nacionalizaron numerosas empresas extranjeras, y se comenzó la promoción de la cultura y las poblaciones indígenas acompañada por “una fuerte retórica nacionalista” (AGUIRRE; DRINOT, 2018, p. 13). También hubo un importante aumento del gasto militar para comprar armamento y modernizar al ejército, hacia el que se fue gran parte de las divisas generadas por las exportaciones, lo que generó un importante aumento de la deuda externa; después de Brasil, Perú fue el país latinoamericano que más gastó en armamento durante el período (CONTRERAS, 2023, p. 412).

Dentro del eje popular destaca la reforma agraria, caracterizada como “ambiciosa” y “radical” e iniciada a menos de un año de tomar el gobierno. Se trata de la medida que tuvo los efectos más hondos y duraderos sobre la estructura de la sociedad peruana, algo sobre lo que hay amplio consenso en la literatura (AGUIRRE; DRINOT, 2018; CONTRERAS, 2023; ROJAS ROJAS, 2021). La reforma expropiaba las haciendas de gran extensión (a partir de 50 hectáreas en la costa y 150 hectáreas en la sierra) y las entregaba a sus trabajadores junto con el capital contenido en ellas (animales, maquinaria, etc.). Los bienes eran transferidos en usufructo a empresas cooperativas para que no pudiesen venderse individualmente a la vez que se conservaban las economías de escala de los latifundios, y en la práctica las antiguas haciendas dedicadas a la exportación pasaron a estar

bajo control del gobierno (CONTRERAS, 2023, p. 403).

Destacan también avances en los derechos laborales, y subsidios a los alimentos para apoyar a los sectores populares. Se procuró, también, que estos últimos se constituyesen como base de apoyo del proceso:

Para promover el apoyo popular al régimen se creó, en 1971, el Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social (Sinamos) [a cargo de] movilizar a los sectores populares detrás de los cambios que se estaban implementando. Las tácticas verticales y de cooptación del Sinamos generaron conflictos con organizaciones populares y de base, así como con el APRA y varios grupos de izquierda. También produjo tensiones dentro del aparato estatal. El apelativo con el que se conoció al grupo de intelectuales que controlaba el Sinamos —«la aplanadora»— revela las percepciones existentes de su rol en el proceso político. (AGUIRRE; DRINOT, 2018, p. 14)

Los resultados cosechados por el desarrollismo peruano en su totalidad no fueron espectaculares; dentro del período, el de los militares no fue el de peor desempeño, pero tampoco produjo una mejoría económica inequívoca. Contreras (2023, p. 411) señala que “en cuanto a las exportaciones per cápita el país era más pobre en los años ochenta que en los sesenta”. También apunta a una grave crisis fiscal decorrente de la inversión pública en actividades no redituables, como la compra de armamentos y el subsidio a los alimentos, así como un fuerte incremento de la deuda externa, que se quintuplicó entre 1968 y 1980 (2023, p. 413).

El autor señala, pese a todo, algunos logros en la instauración de industrias básicas que sustituían la importación de bienes de consumo, especialmente los de consumo duradero (electrodomésticos, muebles y automóviles), que pasaron a ser ensamblados en Perú. Notablemente, el desarrollo de la siderúrgica, el PVC y la construcción naval permitieron la aparición de actividades conexas y la transformación de la exportación algodonera “en una industria textil capaz de dar el salto a las ventas al exterior en el periodo siguiente”, si bien todo esto fue logrado al costo de una “pavorosa” crisis hiperinflacionaria que marcó el fin de la era desarrollista (2023, p. 427–428).

En definitiva, el mayor logro del gobierno fue, como señala toda la literatura revisada, el fin de la servidumbre agraria y la ruptura de las formas tradicionales de dominación que la acompañaban, logrando el propósito de Velasco Alvarado de “quebrarle el espinazo a la oligarquía” (2023, p. 405). Contreras considera que se trataba de una “tarea pendiente” en la historia económica y social peruana desde la época de la Independencia (2023, p. 427).

Esto se hizo fundamentalmente a través de la reforma agraria, sobre cuyos resultados podemos agregar tres comentarios. Primeramente que, a diferencia de otros intentos similares emprendidos en América Latina, en este caso pudo ser llevada a cabo sin verse interrumpida:

La propiedad agropecuaria retirada a lo que presumiblemente serían 16.000 familias [...] fue repartida entre casi 400.000 familias. Habría que retroceder probablemente hasta la independencia, y quizás incluso antes, para dar con una reasignación de la tierra de esta magnitud en el Perú. [...] Cuando se cumplió una década de la [...] reforma agraria [...] habían sido expropiados 15.826 fundos al amparo de dicha norma, con un total de 9,1 millones de hectáreas, que significaban más o menos la tercera parte de todas las tierras agrícolas o de pastoreo del país. Pero lo importante es que se traba del tercio más valioso y productivo. (CONTRERAS, 2023, p. 403–405)

En segundo lugar, matizando un poco esta valoración exitosa, la expropiación de tierras se hacía a cambio de bonos agrarios que se pagarían con un pequeño interés, cuyo valor fue, en la práctica, destruido por la inflación de los años siguientes. Un aspecto importante de la reforma en tanto pieza central de un programa desarrollista era que, como medida de fomento a la actividad industrial, el gobierno ofrecía el pago inmediato de una parte importante de los bonos a los terratenientes que se transformasen en empresarios industriales. “Amargados con la expropiación (se los sacó de las haciendas a punta de fusil, la maquinaria y los animales fueron tasados a precios ínfimos, igual que las tierras, y algunos fueron juzgados por los tribunales agrarios montados para la ocasión, acusados de haber sido malos patronos), pocos de los antiguos terratenientes aceptaron tomar esta alternativa” (2023, p. 406).

Por último, con respecto a los beneficiarios de la reforma y al proyecto político de fondo del velasquismo, es importante precisar que la idea original era que los primeros pagasen las tierras al Estado en el largo plazo, pero esta “deuda agraria” acabó siendo eliminada por la inflación y condonada por la Asamblea Constituyente en 1979. Muchos de los receptores de tierras promovieron la parcelación de las cooperativas y el derecho a su venta individual en las décadas siguientes, ya que “no participaban de la idea de gestión colectiva que el gobierno militar quiso imponer” (2023, p. 405).

Hay dos citas interesantes en la literatura revisada que aportan perspectiva histórica a las políticas descritas. La primera permite captar la especificidad de este capítulo de la historia peruana, imposible de subsumir en la generalidad latinoamericana y todavía interesante para pensar la economía política del desarrollo periférico. Como dicen Aguirre y Drinot (2018, p. 34), se trató de

una iniciativa extraordinaria y única: en un contexto dominado por regímenes dictatoriales de derecha latinoamericanos y la lucha contra el comunismo, las Fuerzas Armadas peruanas se embarcaron en un proceso destinado a conseguir la liberación nacional y la promoción de justicia, que se basó en una evaluación incómoda e inusualmente sincera de las profundas causas históricas y estructurales de la desigualdad social y el subdesarrollo en el país, y promovió la movilización popular como el medio para lograr la emancipación social y económica.

La segunda, en cambio, describe la reversión de los logros del “progresismo militar” durante la etapa posterior con un tono más amargo, vigente en el Perú hasta el día de hoy:

La herencia velasquista se desvaneció con las reformas neoliberales de Alberto Fujimori, reformas que acabaron con el papel central del Estado en la economía, debilitaron la sindicalización, incrementaron la informalidad y cooptaron a las organizaciones vinculadas a los programas de ayuda social. Como ocurrió con Velasco, las reformas de Fujimori reestructuraron a la sociedad peruana, cancelaron un ciclo histórico y abrieron uno nuevo, basado en la desregulación de los mercados. (ROJAS ROJAS, 2021, p. 277)

4. El peruanismo en Uruguay

En el caso uruguayo, el veredicto es que no existió cosa semejante a un verdadero peruanismo, sino acaso como maniobra discursiva de las Fuerzas Armadas en su aproximación al poder político durante una época de deslegitimación de la democracia representativa, y en la imaginación de ciertos sectores políticos que se apresuraron a darles crédito.

Los años previos al golpe de Estado que suspendería la continuidad republicana excepcionalmente larga del país en la región, dando inicio a la dictadura cívico-militar (1973-1985)⁹, son el escenario en que el peruanismo adquirió particular gravitación en Uruguay. El contexto uruguayo de los años 1960 y 1970 es de una crisis socioeconómica profunda, violencia política de parte del Estado y la guerrilla, además del deterioro de las instituciones democráticas. La economía uruguaya había disfrutado históricamente de un crecimiento constante que permitió a su sociedad alcanzar elevados niveles de bienestar social y consolidar una democracia representativa con sistema de partidos estable. A partir de los años 1950, la expansión económica y su concomitante desarrollo institucional se detuvieron, desembocando en una crisis estructural (PADRÓS, 2005; TRICÁNICO, 2005). El deterioro sostenido de las condiciones socioeconómicas y la efervescencia regional de la época vieron surgir grupos políticos armados¹⁰ y los primeros episodios de terrorismo de Estado, así como una creciente injerencia de las Fuerzas Armadas en la vida política.

En 1971 se funda el Frente Amplio, una coalición electoral que reunía a la mayor parte de la izquierda con tendencias muy heterogéneas en su seno, como el Partido Demócrata Cristiano, el Partido Socialista y el Partido

⁹Padrós (2005) hace un estudio de la dictadura uruguaya desde la perspectiva del Terrorismo de Estado y la aplicación de un programa económico autoritario, que apuntó al disciplinamiento de la fuerza de trabajo demandado por las transformaciones del capitalismo mundial. Su estudio abarca también los años previos al golpe de 1973.

¹⁰El más importante siendo el Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros, cuyo nombre precisamente está inspirado en la experiencia altoperuana colonial y el apodo despectivo que las autoridades españolas de la colonia utilizaban en el Río de la Plata contra los independentistas.

Comunista, entre otros grupos. Para 1972, el movimiento guerrillero se encontraba desarticulado y sus principales dirigentes se encontraban presos. La prórroga de la restricción de las libertades y garantías individuales¹¹, que tenían como objetivo declarado otorgar mayor poder a las Fuerzas Armadas en la lucha contra la guerrilla, “no sólo no tenía justificación, sino que implicaba que las Fuerzas Armadas se habían superpuesto a los organismos del poder civil” (TRICÁNICO, 2005, p. 16). Entre febrero y junio de 1973 ocurrió un “golpe en cámara lenta” en que el poder civil se vio crecientemente desplazado por parte del militar (TRICÁNICO, 2005, p. 21). En febrero el Ejército y la Fuerza Aérea se opusieron a la destitución del Ministro de Defensa por parte del Presidente, la Armada aceptó al nuevo ministro, y el Presidente convocó a una manifestación ciudadana en rechazo a la insubordinación, que no tuvo una convocatoria importante: “se juntaron doscientas personas, incluyendo a periodistas y curiosos” (TRICÁNICO, 2005, p. 16). Esta primera crisis se resolvió a través del Acuerdo de Boiso Lanza, en que el Presidente acató las exigencias de los mandos militares para permanecer en el cargo. El jefe de la Armada sería sustituido y esta rama se alinearía a las otras dos. En junio de 1973 se consumaría el inicio de la dictadura, con la disolución del parlamento por parte del Presidente y el establecimiento de un gobierno militar.

Días antes de alcanzar el Acuerdo de Boiso Lanza, durante la primera etapa del golpe de Estado - el llamado “febrero amargo” (TRICÁNICO, 2005) - las Fuerzas Armadas emitieron un conjunto de señales a la ciudadanía al respecto de la crisis en que se encontraba el país y sus posibles soluciones, la visión que tenían para el futuro del país, y cuáles deberían ser sus propias funciones dentro de este proyecto. Estos mensajes se sintetizan principalmente en los comunicados N° 4 y N°7¹² de los mandos conjuntos de 9 y 10 de febrero de 1973. En ellos se anunciaba un plan político que

¹¹Las Medidas Prontas de Seguridad, implementadas en democracia desde 1967.

¹²El texto completo de los comunicados puede consultarse en <https://www.uypress.net/au.aspx?74973%> (UY Press, 2017); también se incluyen en Tricánico (2005).

incluía “eliminar la deuda externa, erradicar la desocupación, combatir los ilícitos económicos y la corrupción, reorganizar y racionalizar la administración pública, redistribuir la tierra, [y] garantizar el acceso a la propiedad a quien la trabaje” (LEANIZ, 2023, p. 4). Se proponía también atender al desarrollo de las comunicaciones y el transporte, la modernización y tecnificación de la enseñanza de acuerdo a las necesidades de la seguridad nacional, combatir la inflación y “defender el poder adquisitivo del ciudadano, además de garantizar a todos la mejor asistencia médica posible” (2023, p. 4).

Tricánico (p. 11) señala el peruanismo “explícito” de estos comunicados, que fue reportado por las agencias de prensa nacionales e internacionales¹³. Las disposiciones “l” y “m” del ítem 5° del Comunicado N°4 son las de carácter más popular. En ellas, las Fuerzas Armadas (todavía sin participación de la Armada) se plantean “alcanzar o impulsar la obtención de los siguientes objetivos”:

- l) Realizar los mayores esfuerzos, a fin de canalizar la mayor cantidad posible del ingreso nacional fortaleciendo la capacidad productiva de toda la población y aumentando simultáneamente el ahorro. En ese sentido, conscientes de que la distribución del ingreso es de las cuestiones que más estrechamente se encuentran asociadas a la distribución de poder, asegurar paralelamente al aumento del ingreso nacional que se obtenga en cada período, un aumento en la participación de los grupos menos favorecidos, tanto en términos absolutos como relativos.
- m) Establecer disposiciones que permitan combatir tan eficazmente como sea posible los monopolios, instrumentando medidas que posibiliten la mayor dispersión de la propiedad y un mayor control público de los medios de producción. Asegurar el interés obrero por impulsar y mejorar la producción, arbitrando soluciones que estimulen la participación de los mismos en la dirección de las empresas, tanto en el sector público como en el privado.

La distancia entre esta orientación popular anunciada y las acciones efectivamente emprendidas por la dictadura posterior conducen a discutir si la emisión de los comunicados se trató de una “operación psicopolítica de inteligencia para dividir y/o confundir a la izquierda política y sindical” o

¹³Por ejemplo, el Diario *Le Monde* de París (13/2/1973): “Los jefes del ejército han confeccionado un plan político al que no le falta cierta analogía con el de los militares peruanos” (TRICÁNICO, 2005, p. 167).

bien de la “manifestación de las contradicciones internas de los militares” (TRICÁNICO, 2005, p. 11). Existían tensiones y diferencias profundas en el seno de las Fuerzas Armadas, entre sectores antigolpistas, una línea “dura”, de derecha, y una línea peruanista, más popular (ARANDA; RUIZ, 2023; LEANIZ, 2023; TRICÁNICO, 2005). “El predominio de los militares denominados ‘duros’ dentro del Ejército reafirmó aún más las ideas golpistas. Los llamados ‘febreristas’, quienes habían creído firmemente en las ideas progresistas y que eran sindicados como reformistas, fueron desplazados, destituidos o presos” (TRICÁNICO, 2005, p. 21).

Los comunicados tuvieron recepciones encontradas en la sociedad y el sistema político (ARANDA; RUIZ, 2023; LEANIZ, 2023; TRICÁNICO, 2005). La ausencia de un rechazo unánime a la injerencia militar es sintomática del descreimiento generalizado de los uruguayos de la época en sus instituciones; la débil convocatoria del llamado a manifestarse en rechazo de la insubordinación fue interpretada por los militares, en un comunicado posterior al Acuerdo de Boiso Lanza, como un “apoyo tácito” brindado por la población¹⁴. Tanto en la derecha como en la izquierda hubo expresiones de simpatía y de rechazo a los comunicados. En este trabajo me concentro solamente en la izquierda por haber sido la gran derrotada en los sucesos históricos posteriores, con sus organizaciones políticas y sindicales proscritas y perseguidas por el Terrorismo de Estado, siendo que su proyecto económico estaba bastante alineado con lo que se proclamó en los comunicados N°4 y N°7.

Importantes sectores de la izquierda como el Partido Comunista y buena parte del Partido Socialista “quisieron leer los comunicados como la irrupción pública del ala peruanista” (ARANDA; RUIZ, 2023, p. 266). Otra corriente (según estos autores “minoritaria”) se opuso a la intervención militar, entendiendo que la misma estaría más inspirada en la Doctrina de Seguridad Nacional que en el peruanismo. Tricánico (2005) ofrece un

¹⁴Comunicado N°13 de 13 feb. 1973. Disponible en: <https://www.uypress.net/Secciones/Documentos-sobre-el-9-de-febrero-de-1973-uc74973>. Consultado en: 6 dic. 2024.

panorama de la división de la izquierda, que se reflejó en las opiniones encontradas dentro de la Mesa Política que dirigía el Frente Amplio. Enrique Erro¹⁵, uno de sus dirigentes (que sería en los años siguientes exiliado por la dictadura, primero en Argentina y luego en Francia hasta su fallecimiento) se manifestó en contra (2005, p.18). El dirigente socialista Vivián Trías (1922-1980) apoyó los comunicados, lo que “generó una polémica bastante dura dentro del Partido Socialista”, dado que no todo su Comité Central acompañaba esta postura (2005, p.19). El Partido Demócrata Cristiano se vio dividido entre el dirigente Juan Pablo Terra, que defendió los comunicados, y la juventud del partido, que “sostenía que el apoyo a los mismos resultaba peligrosamente engañoso” (2005, p.19).

Las dos actitudes antagónicas al interior de la izquierda se ejemplifican bien al contrastar los editoriales de El Popular (órgano de prensa del Partido Comunista) de 11/2/1973, y de la revista Marcha de 16/2/1973¹⁶. El editorial de El Popular valoraba como “positivo” el mensaje transmitido en los comunicados, insistía en que el dilema importante no era “entre poder civil y poder militar” sino “entre oligarquía y pueblo”, y consideraba que se abría una nueva etapa en la que los militares patriotas desempeñarían “un rol de primer orden” en la superación de la crisis. Encontraba “razonable” que las Fuerzas Armadas que “no se consideran una simple fuerza de represión o vigilancia” quisieran dar su opinión sobre la problemática del país; y sentenciaba que “quienes tienen menos derecho que nadie a discutir esa actitud son los que les han dado determinadas funciones en los últimos tiempos”.

El argumento de fondo era que, puesto que las garantías constitucionales y la democracia representativa ya habían sido largamente subvertidas en la práctica - amén de representar un resabio obsoleto del orden burgués - la defensa de la institucionalidad republicana era deshonesto y carecía de sentido. Se culpaba del incipiente terrorismo de

¹⁵Enrique Erro (1912-1984), político de origen nacionalista que a partir de 1962 se incorporó al Frente Amplio.

¹⁶Disponibles en: <https://www.uypress.net/Secciones/Documentos-sobre-el-9-de-febrero-de-1973-uc74973>. Consultado en: 3 dic. 2024. También se incluyen en Tricánico (2005).

Estado, no a las Fuerzas Armadas sino a la oligarquía que las había puesto a ejercer esa función. Hasta aquí, el argumento es atendible, al menos desde las posturas más críticas con el orden liberal. No obstante, se pretendía adivinar en estos comunicados y las acciones de los militares asociados a ellos una toma de conciencia al respecto de esta perversión de sus funciones que, como se argumenta a continuación, era infundada y constituyó un error histórico grave.

Entre las “salvedades” de las que se distanciaba, aparece una insuficiente definición antiimperialista, y la omisión en los documentos de la “preservación de los derechos sindicales, como, en general, el restablecimiento de las libertades democráticas – comprendiendo la libertad de presos sin proceso”. Pero principalmente se criticaba la profesión ideológica anticomunista del comunicado N°4, que establecía entre sus objetivos “evitar la infiltración y captación de adeptos a las doctrinas y filosofías marxistas-leninistas”. El Popular calificaba esto de “evidente error”, puesto que “los marxistas-leninistas, los comunistas, integrantes de la gran corriente del Frente Amplio, estamos de acuerdo en lo esencial con las medidas expuestas por las Fuerzas Armadas”. No obstante, se concluía que “este error, sin minimizarlo, no invalida el concepto general que tenemos del documento”.

El editorial de Marcha, escrito por Carlos Quijano¹⁷, hacía la lectura opuesta, sosteniendo que “es preferible tener una constitución, aun mala, aun violada, a no tener ninguna”. Criticaba a quienes, “movidos en el mejor de los casos por cegadores espejismos”, entendían que el poder militar podía “hacer o impulsar la ‘revolución’ que el país necesita”, consolándose con la idea de que el fin justificaría los medios. Y sostenía que al poder militar “no le corresponde ejercer el poder político”, siendo esta “una conmixtión peligrosa”.

En esta instancia, como en otras, Quijano se muestra preclaro.

¹⁷Carlos Quijano (1900-1984) fue un intelectual uruguayo de izquierda, de pensamiento antiimperialista y latinoamericanista, fundador y director de la revista Marcha, en la que divulgaba sus ideas.

Percibiendo que “la sombra” de la dictadura estaba ya “al alcance de la mano”, aludía a la polarización dentro de la izquierda diciendo: “tiempos hay para todo. Tiempo para quedar solo, también. No sería la primera vez”. Su lectura contemporánea de los hechos condice con el análisis general propuesto aquí al respecto de las diferencias estructurales que marcan distintas etapas históricas de desarrollo dentro de la región latinoamericana, e impiden la reproducción de fenómenos como el peruanismo en el Uruguay. “Se suele hablar de experiencias extranjeras para cohonestar ciertos alborozos y ciertos deseos: la de los militares revolucionarios de Perú, la de los no menos revolucionarios de Ecuador; o la de los también revolucionarios de Panamá. [...] ¿Por qué volar tan lejos, a tierras que son distintas de las nuestras, a países con estructuras económicas y sociales y superestructuras políticas que no se asemejan a las de Uruguay? ¿Por qué, en cambio, olvidar a Argentina que está ahí cerquita, allende el disputado río?”.

Al respecto de este último país, cuya realidad sería más cercana a la uruguaya y sí permitiría extrapolar conclusiones, Quijano evocaba los debates que había tenido con militantes argentinos unos años antes, que habían depositado su confianza en los militares para realizar la “revolución nacional” que Argentina necesitaba, y que el gobierno militar llevaría a cabo por no tener “otra salida”¹⁸. “Nos repetían hasta el cansancio, razones y expresiones que ahora [en el Uruguay de 1973] extrañamente hemos vuelto a oír. A la basura con los formalismos democráticos, nos decían en síntesis; todo eso ha muerto; es el legado del podrido liberalismo del siglo XIX. [...] No les fue muy bien a nuestros amigos de siempre, que volvieron a luchar por lo que nunca debían haber abandonado”, sentenciaba, en referencia a la democracia.

El editorial abogaba por la convocatoria a nuevas elecciones como salida a la crisis. No obstante, advertía lo improbable de este desenlace en un escenario tan degradado: “no nos hacemos muchas ilusiones al

¹⁸En referencia al gobierno de Juan Carlos Onganía, que gobernó Argentina entre 1966 y 1973.

respecto [...] El horizonte es [...] oscuro”.

Leaniz (2023, p. 6) resalta que “los comunicados marcan objetivos, pero no dicen cómo lograrlos, cuando ese era el gran problema a resolver. Todo el mundo estaba de acuerdo con esas metas, lo que justamente había que decidir era el proceso para lograr tales fines y eso no estaba establecido. Por eso para algunos, las propuestas carecían de seriedad”.

En los hechos, cuando la dictadura cívico-militar uruguaya (1973-1985) implementa efectivamente su programa económico, el mismo resulta estar en las antípodas del velasquismo. Apuntó a la compresión del consumo de los sectores populares para contener la inflación, buscando normalizar nuevamente la vida económica (O'DONNELL, 1996). A su vez, suspendió el movimiento sindical mientras sentaba las bases para el ingreso del país a la segunda globalización y preparaba el terreno para la reforma neoliberal (PADRÓS, 2005). Esta última significó una regresión al modelo liberal-dependiente basado en la agroexportación, y el abandono de todo proyecto industrializador para el país.

En la política económica llevada a cabo por la dictadura, las medidas de inspiración peruanista de los comunicados 4 y 7 no se vieron aplicadas. Por el contrario, a partir de 1974 las políticas económicas asumidas fueron de neto corte neoliberal y alineadas con los organismos financieros multilaterales como el BID y FMI. Esto abre una discusión sobre si tales comunicados fueron simplemente enunciados para una rápida aceptación de la propuesta militar o si el grupo “peruanista” de las Fuerzas Armadas fue perdiendo terreno frente a otras corrientes dentro de las mismas. (LEANIZ, 2023, p. 6)

Para Tricánico (2005, p. 165) “la prensa extranjera desde hacía tiempo venía denunciando el predominio de los militares en la vida política uruguaya. Todo hace parecer que desde el exterior fue vista con mayor claridad la situación vivida por aquellos tiempos”. Algunos protagonistas de la época se muestran autocríticos al respecto; por ejemplo, el ex dirigente comunista Esteban Valenti declaraba en 2003: “hoy, con la historia vista no tengo la menor duda de que cometimos un error [...] en una visión 'peruanista', de un posible atajo nacionalista hacia la liberación, que influyó

de manera muy fuerte en la izquierda del continente" (TRICÁNICO, 2005, p. 19).

Aranda y Ruiz (2023) asignan un peso importante al “mito del guerrero” para explicar el atractivo que habría tenido para la izquierda la imagen de unos militares que reemplazan a los representantes de la oligarquía e implementan una política que rompe con la anterior. En su interpretación, esta fascinación constituye un error histórico de esa parte de la izquierda, que la lleva a bajar la guardia frente al inminente golpe de Estado.

El carácter militar del mito revolucionario de la Nueva Izquierda — en un momento crítico para su sobrevivencia y de devaluación democrática desde su interpretación — favoreció las tendencias al interior de las izquierdas ilusionadas con un gobierno militar “a la peruana”, de un reformismo profundo para acometer cambios en el sistema político económico, lo que les llevó a ignorar la amenaza castrense que se concretaría en las dictaduras de la Seguridad Nacional. (2023, p. 254)

5. La distancia entre los dos escenarios

¿Cómo se explican las diferencias notables entre el “progresismo militar” de algunos países andinos y centroamericanos y las dictaduras neoliberales del Cono Sur, que transcurren durante la misma época? ¿Por qué no hubo un verdadero peruanismo en el Uruguay y el Cono Sur? Si se trata de proponer una respuesta a estas preguntas emparentadas, entiendo que la esquematización por etapas de la historia económica latinoamericana reseñada antes ofrece el punto de partida más fecundo.

Los países que atravesaron el proceso particular del progresismo militar en los años 1960 y 1970 se encontraban en una fase anterior del desarrollo capitalista latinoamericano, que hacía estructuralmente posible - y, para las visiones más mecanicistas, quizá necesaria - su aparición. En todos los casos, se trataba de un desarrollo relativamente tardío, con formas de dominación oligárquica, cuyo origen remontaba hasta la Colonia, todavía vigentes al comenzar el último tercio del siglo XX.

En la historia económica de Perú se dio un proceso en que las nuevas modalidades productivas y sus relaciones sociales correspondientes se fueron superponiendo a las que ya existían en el territorio, más que sustituirlas. Es el caso de los españoles durante el Virreinato, establecido sobre un territorio densamente poblado y en el que ya había desarrollo urbano, donde la dominación colonial se apoyó en el sistema incaico precedente. También es el caso de la república oligárquica posterior, aún a través de los ciclos del guano y el salitre del siglo XIX, que particularmente en el medio rural conservaba importantes trabas para la consolidación de una economía moderna con trabajo asalariado¹⁹. Estas estructuras dispares de largo arraigo conforman “sociedades abigarradas” (ZVALETA MERCADO, 1986), en las que coexisten diversos tiempos históricos y relaciones de producción.

Este recorrido se distingue hondamente de la experiencia de los “pueblos trasplantados” del Cono Sur (RIBEIRO, 1970), que habitan territorios que tenían menor densidad de población al momento de la Conquista, y donde la población indígena fue en gran parte eliminada durante la construcción de los Estados nacionales, especialmente en el caso uruguayo. En estos países, como se planteó al comienzo, se hizo posible mucho antes la ruptura con el modelo primario exportador, del que la república oligárquica posterior a las Independencias era correlato político. Esto se hizo mediante la extensión temprana de la ciudadanía en un marco de relativa continuidad republicana, como en Uruguay; o, en forma más típica con respecto a la totalidad de América Latina, a través de los nacionalismos populares que sucedieron a la crisis mundial de los años 1930, como el peronismo argentino²⁰.

La falta de un proceso robusto de industrialización anterior había

¹⁹Las resistencias que enfrentaba la inserción de la economía campesina indígena en la economía de mercado nacional, incluso muchos años después de la abolición tributaria hecha a mitad del siglo XIX, son un ejemplo ilustrativo (CONTRERAS, 2023, p. 263).

²⁰En Uruguay, el régimen político y económico que sucedió a la república oligárquica primario-exportadora tenía en su centro ya desde fines del siglo XIX a un Estado de bienestar social, y postulados que - en parte por las dimensiones de su economía, y en parte por su arraigada tradición liberal - estaban más emparentados con la socialdemocracia que con el desarrollismo industrialista que tuvo lugar en Argentina y Brasil.

impedido en Perú la formación de una clase asalariada urbana significativa y un capital industrial nacional de porte suficiente para permitir una alianza nacional-popular a la par de esas experiencias durante la primera mitad del siglo XX. Como se señaló, en Perú solamente hacia los años 1980 terminaron de eclosionar las transformaciones demográficas – explosión poblacional y migración masiva a la ciudad - que les dieron sustento en otros países. Es verdad que la emergencia de nuevos actores sociales y partidos políticos inquietó en su momento a las clases dominantes peruanas de comienzos del siglo XX, y produjo incluso un gobierno modernizador como el de Augusto Leguía en los años 1920 (un “temprano Velasco”, a decir del Dr. Carlos Contreras durante sus clases). Esta preocupación con un posible levantamiento de masas continuaba presente, de hecho, y estaría en la raíz de los esfuerzos por promover la justicia social por parte de los militares peruanos durante los años 1960 y 1970. Pero la débil respuesta a los intentos del gobierno de Velasco por activar (y cooptar) una movilización popular que brindase apoyo al proceso a través del Sinamos, parecería demostrar que, aún tan tarde como en los años 1970, la sociedad peruana se encontraba en un estadio de desarrollo anterior al que hubiese permitido una movilización de masas “populista” como las analizadas por Ianni (1975).

Una diferencia fundamental causada por este desfase histórico entre la experiencia desarrollista peruana y la de otros países de la región radica en el plano externo, que antes señalamos como el principal constreñimiento enfrentado por los actores a la hora de adoptar una determinada estrategia de desarrollo en contextos periféricos. El capitalismo internacional estaba en una fase muy distinta durante los desarrollismos iniciados en 1930-1940 si lo comparamos con los años 1970. El primer escenario permitió recoger paradójicos beneficios del quiebre de 1929 para la industrialización latinoamericana, en la forma de un proteccionismo natural que conjugaba la fuerte demanda de productos primarios con la ventaja de no tener que competir con la producción

industrial más avanzada de los países centrales, ocupados con el esfuerzo de guerra. Esto fue seguido después por la expansión mundial de la posguerra y los “treinta gloriosos”. La era de la segunda globalización, por el contrario, estuvo marcada por la recesión de los picos del petróleo en la década de 1970, un tipo de capital volátil que comenzaba a enfrentar menores barreras geográficas, el declive del fordismo como modo de producción predominante, y la tendencia general de Occidente (tanto en el centro como en la periferia) a la desindustrialización, la pérdida de centralidad del trabajo y la expansión del sector de servicios. Los “treinta gloriosos” del Perú, que Contreras (2023, p. 393) ubica, provocativamente, entre 1962 y 1990, no coinciden con la era dorada del crecimiento mundial²¹.

Al tomar en cuenta todos estos elementos, la aparición de un tipo de militares que parecerían - cuando vistos desde afuera del Perú - pertenecer más a un libro de historia que a los albores de la segunda globalización, deja a un tiempo de resultar tan insólita para el contexto peruano, y se revela irreproducible en otras latitudes. Ocurrió en un escenario en que aún había numerosas tareas históricas de construcción nacional pendientes, que no habían sido completadas ni por una burguesía nacional inexistente - al estilo de las experiencias de los países centrales - ni por el estatismo popular de las economías más desarrolladas de América Latina.

En Uruguay, un proceso de este tipo hubiera sido imposible en los años 1970. No había una oligarquía tradicional cuya dominación pudiese quebrarse a través de un liderazgo militar que representase a los sectores populares, sino un sistema político liberal consolidado, con partidos y sindicatos de larga trayectoria. Ya no existía un verdadero campesinado con peso demográfico importante desde décadas atrás, al cual entregar efectivamente la tierra mediante una reforma agraria como la realizada en Perú. Y tampoco existía un sector exportador concentrado que se pudiese

²¹A la hora de hacer un balance del desarrollismo peruano y comparar su desempeño con el modelo de desarrollo que lo precedió, Contreras (2023, p. 426) señala que esta diferencia entre un contexto mundial favorable y otro marcadamente desfavorable debe ser considerada. A modo de hipótesis, creo que esta diferencia explica en buena medida el relativo fracaso del velasquismo en el plano económico descrito antes. En el plano político – en cuanto a su corta duración con respecto a otras experiencias de la región y su abrupta caída - se explicaría por la ausencia de condiciones sociales para la movilización popular indicada recién.

nacionalizar (típicamente los hidrocarburos, como suelen hacer las experiencias nacional-populares tanto de ese entonces como de la actualidad). Entiendo que esto es muy claro desde la mirada contemporánea; que no lo fuese para numerosos observadores en aquel momento sólo habla de lo voluntarista que podía llegar a ser la izquierda de la época.

Retomando las categorías teóricas presentadas en la segunda sección, en Uruguay ya había una coalición de clases desarrollista relativamente exitosa en el poder; no estaba pendiente, como en el caso peruano, su construcción, ya sea por vía civil o militar. Las distintas fuerzas en pugna percibían los límites estructurales alcanzados por el modelo de desarrollo industrializador dirigido por el Estado (BÉRTOLA; OCAMPO, 2010) y la necesidad de trascender su énfasis en el mercado interno. Prueba de ello es la prominencia de los temas ligados a la economía y el desarrollo en los comunicados de los militares, así como la afirmación explícita de la necesidad de estimular la exportación y hacer del comercio exterior una prioridad, más allá de la ausencia señalada de propuestas concretas para su solución, y de su incongruencia con la conducción económica posterior. Lo que estaba siendo contestado con creciente virulencia era la propia hegemonía de esa coalición, tanto por la izquierda – que pretendía avanzar hacia el socialismo – como por la derecha, que pretendía (y acabó implementando) una restauración del orden liberal-dependiente concentrado en las exportaciones primarias.

6. Consideraciones finales

Se ha procurado contextualizar históricamente la experiencia del desarrollismo militar peruano, sintetizando las principales políticas implementadas por el régimen para captar su orientación socioeconómica más general. Posteriormente, analizamos el impacto de este fenómeno en

el Uruguay de los años 1970, a partir de la recepción favorable que tuvo entre algunos sectores de este país. El énfasis estuvo puesto en las importantes diferencias que separan ambos contextos históricos y el desfase entre las expectativas de la izquierda peruanista con respecto a la práctica real de las Fuerzas Armadas una vez en el poder.

La conclusión central de estas reflexiones es que la reproducción de fenómenos idénticos entre escenarios históricos tan distintos es imposible. Esto se aplica, como acabamos de argumentar, al caso de países con niveles de desarrollo relativo muy desigual. Pero también es relevante para las ocurrencias más contemporáneas de reivindicación de la figura de Velasco Alvarado, y de una posible vía militar para el desarrollo latinoamericano.

El velasquismo tuvo su razón de ser exclusivamente en el Perú de su época, en el marco de un proceso de construcción nacional y modernización económica y social que aún permanecía pendiente, de manera tardía respecto a otros países de América Latina. Otras experiencias similares se dieron en sociedades que tuvieron un recorrido histórico parecido, como en el caso ya mencionado de Ecuador o Panamá. No obstante, si se desea evitar en el presente equivocaciones históricas como las señaladas para una parte de la izquierda uruguaya de los años 1970, es importante tener presente el carácter peculiar de la experiencia peruana, y las grandes diferencias que alejan al capitalismo latinoamericano contemporáneo del que existía en aquellos años.

7. Referencias

AGUIRRE, Carlos; DRINOT, Paulo. **La revolución peculiar: repensando el gobierno militar de Velasco**. 1a. ed. Lima: IEP, Instituto de Estudios Peruanos, 2018. (Perú problema, v. 57).

ARANDA, Gilberto; RUIZ, María Olga. Los imaginarios “peruanistas” en la izquierda uruguaya: el debate de febrero del 73. **Confluenze. Rivista di Studi Iberoamericani**, v. 15, n. 2, p. 251-274, 2023. Disponible en: <https://confluenze.unibo.it/article/view/17891>. Consultado en: 11 mar. 2024.

BÉRTOLA, Luis; OCAMPO, José Antonio. **Desarrollo, vaivenes y desigualdad: una historia económica de América Latina desde la independencia**. España: Secretaría General Iberoamericana, 2010. Disponible en: <https://dds.cepal.org/redesoc/publicacion?id=2161>. Consultado en: 5 dic. 2024.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; IANONI, Marcus. **Developmental class coalitions: historical experiences and prospects**. São Paulo: [s. n.], 2015. Texto para Discussão EESP/FGV n. 386. Disponible en: <https://bresserpereira.centrodeeeconomiapolitica.org/index.php/discussion-papers/9657-6002>. Consultado en: 15 nov. 2024.

BULMER-THOMAS, Victor. **La historia económica de América Latina desde la Independencia**. México: FCE, 1998.

CAVIASCA, Guillermo Martín. **Fuerzas armadas y guerrilla en el año 1973**. Debate de prensas partidarias. Question/Cuestión, v. 2, n. 66, p. e506, 2020. Disponible en: <https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/6058>. Consultado en: 11 mar. 2024.

CONTRERAS, Carlos. **Historia económica del Perú: desde la conquista española hasta el presente**. 1a ed. Lima: IEP, Instituto de Estudios Peruanos, 2023. (Serie Estudios históricos, v. 88 [i.e. 89]).

IANNI, Octavio. **La formación del Estado populista en América Latina**. México: Ediciones ERA, Serie Popular, n. 30, 1975.

LEANIZ, Juan. **Los comunicados 4 y 7, las peripecias de febrero de 1973**. Espacio de Formación Integral «Historia pública, historia en discusión».

Montevideo: FHCE, Universidad de la República, 2023. Disponible en: <https://fhce.edu.uy/efi-historia-publica-historia-en-discusion-2>. Consultado en: 18 mar. 2024.

MARSHALL, Thomas Humphrey; BOTTOMORE, Tom. **Citizenship and social class**. London: Pluto Press, 1996. (Pluto perspectives).

O'DONNELL, Guillermo. **El Estado Burocrático-Autoritario**. Belgrano, 1996.

PADRÓS, Enrique Serra. **Como el Uruguay no hay...: terror de Estado e segurança nacional Uruguai (1968-1985)**: do pachecato à ditadura civil-militar. Orientador: César Augusto Barcellos Guazzelli. 2005. 434f. (Tesis de Doctorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2005. Disponible en: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6149>. Consultado en: 13 nov. 2024.

PALAZUELOS, Antonio. Introducción a la realidad económica latinoamericana. In: HARTO DE VERA, F (org.). **América Latina: Comunicación y globalización**. Madrid: La Catarata, 2000.

PINTO, Aníbal. Notas sobre la naturaleza e implicaciones de la heterogeneidad estructural de la América Latina. In: **Dos Polémicas sobre el Desarrollo de América Latina**. Santiago: ILPES, 1970.

RAMÍREZ, Gonzalo. Entrevista a Hugo Chávez. **El Viejo Topo** [online]. 21 jul. 2024. Disponible en: <https://www.elviejotopo.com/topoexpress/entrevista-a-hugo-chavez/>. Consultado en: 26 nov. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos**. Civilização Brasileira, 1970.

ROJAS ROJAS, Rolando. **Los años de Velasco (1968-1975)**. 1a ed. Lima: IEP

Instituto de estudios peruanos, 2021. (Serie Estudios históricos, v. 88).

TALAVERA, Pedro. Tipología de las formaciones sociales capitalistas periféricas (I) y (II). In: PALAZUELOS, Enrique. **Las economías capitalistas durante el período de expansión: 1945-1970**. Madrid: Akal, 1989.

TRICÁNICO, Santiago. **Comunicados 4 y 7: treinta y tres años después**. Montevideo: Rumbo, 2005.

UY PRESS. **Documentos sobre el 9 de febrero de 1973**. Montevideo: Agencia Uruguay de Noticias. 2017. Disponible en: <https://www.uypress.net/auc.aspx?74973%> . Consultado en: 13 nov. 2024.

ZAVALETA MERCADO, René. **Lo nacional-popular en Bolivia**. 1a ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1986. (Sociología y política).

**ASCENSOS E DESCENSOS NA POPULAÇÃO
AFRODESCENDENTE NA AMÉRICA LLATINA: AS
EXPERIÊNCIAS DA COLÔMBIA E BRASIL
NOS CENSOS DE 2018 E 2022**

*ASCENSOS Y DESCENSOS DE LA POBLACIÓN AFRODESCENDIENTE EN
AMÉRICA LATINA: LAS EXPERIENCIAS DE COLÔMBIA Y BRASIL EN LOS
CENSOS DE 2018 Y 2022*

*RISES AND DECLINES IN THE AFRO-DESCENDANT POPULATION IN LATIN
AMERICA: THE EXPERIENCES OF COLÔMBIA AND BRAZIL IN THE 2018
AND 2022 CENSUSES*

Carlos Augusto Viáfara López¹ 
Universidad del Valle, Colômbia

Yoná dos Santos² 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo analisa os fatores associados ao aumento e diminuição das populações negras nos censos recentes do Brasil e Colômbia. Esses resultados refletem processos históricos distintos de construção étnico-racial e as metodologias censitárias utilizadas em cada país. A pesquisa propõe uma perspectiva decolonial, considerando como a colonialidade, enquanto estrutura de poder global, perpetua desigualdades articulando racismo, exploração econômica e eurocentrismo. Nesse contexto, os censos são problematizados tanto como instrumentos de visibilização quanto como mecanismos de poder que reproduzem hierarquias coloniais em um contexto de multiculturalismo. Por meio de uma abordagem qualitativa e comparativa, o estudo investiga dados censitários, categorias étnico-raciais e discursos institucionais. A análise destaca a importância de uma reflexão crítica sobre os censos, enfatizando

¹ Economista, Mestre em Estudos Populacionais, Doutor em Sociologia, Professor Titular do Departamento de Economia, Universidad del Valle, Cali-Colômbia. Email: carlos.viafara@correounivalle.edu.co

² Graduada em Ciências Econômicas pela PUC SP e Filosofia pela USP, Mestre em Ciências Políticas pela USP e Doutoranda pelo PROLAM USP - Brasil. Membro do Nupedelas-USP. Email: yonasantos77@gmail.com

seu papel na construção de identidades, na promoção de justiça social e seu potencial de desafiar ideologias que minimizam ou negam o racismo.

Palavras-chave: Censo de população; População negra; Visibilidade estatística; Brasil; Colômbia.

Resumen: Este artículo analiza los factores asociados al aumento y la disminución de las poblaciones negras en los censos recientes de Brasil y Colombia. Estos resultados reflejan procesos históricos distintos de construcción étnico-racial y las metodologías censales utilizadas en cada país. La investigación propone una perspectiva decolonial, considerando cómo la colonialidad, como estructura de poder global, perpetúa desigualdades al articular racismo, explotación económica y eurocentrismo. En este contexto, los censos son problematizados tanto como instrumentos de visibilización como mecanismos de poder que reproducen jerarquías coloniales en un contexto de multiculturalismo. A través de un enfoque cualitativo y comparativo, el estudio investiga datos censales, categorías étnico-raciales y discursos institucionales. El análisis destaca la importancia de una reflexión crítica sobre los censos, enfatizando su papel en la construcción de identidades, en la promoción de la justicia social y su potencial de desafiar ideologías que minimizan o niegan el racismo.

Palabras clave: Censo de población; Población negra; Visibilidad estadística; Brasil; Colombia.

Abstract: This article analyzes the factors associated with the increase and decrease of Black populations in the recent censuses of Brazil and Colombia. These results reflect distinct historical processes of ethnic-racial construction and the census methodologies used in each country. The research proposes a decolonial perspective, considering how coloniality, as a structure of global power, perpetuates inequalities by articulating racism, economic exploitation, and Eurocentrism. In this context, censuses are problematized both as instruments of visibility and as mechanisms of power that reproduce colonial hierarchies in times of multiculturalism. The study investigates census data, ethnic-racial categories, and institutional discourses through a qualitative and comparative approach. The analysis highlights the importance of a critical reflection on censuses, emphasizing their role in identity construction, promoting social justice, and their potential to challenge ideologies that minimize or deny racism.

Keywords: Population census; Black population; Statistical visibility; Brazil; Colombia.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227696](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227696)

Recebido em: 05/08/2023
Aprovado em: 31/12/2024
Publicado em: 01/01/2025

1. Introdução

A população afrodescendente na América Latina, está composta por 134 milhões de pessoas, o que representa 21% do total da região. Os afrodescendentes enfrentam desvantagens significativas que os colocam na base da pirâmide social, e com maior vulnerabilidade durante crises como a pandemia de COVID-19. (CEPAL, 2020).

Nas últimas três décadas, a adoção do enfoque de autorreconhecimento étnico-racial nos censos, conforme recomendado pela Conferência Mundial contra o Racismo de 2001, aumentou a visibilidade estatística dos afrodescendentes na América Latina, fomentando estudos sociodemográficos sobre esse grupo (VIÁFARA LÓPEZ, s.d.). A análise censitária é essencial para compreender as desigualdades étnico-raciais, pois as práticas de classificação e categorização racial³, consolidadas desde o período colonial, justificaram a exploração e exclusão dessas populações, consolidando a raça como um critério de divisão social (WADE, 2022; QUIJANO, 2005).

Os dados censitários são fundamentais para identificar desigualdades e elaborar políticas públicas comprometidas com a igualdade e a luta antirracista (LOVEMAN, 2014; WADE 2022). Contudo, a falta de dados precisos sobre raça e etnia mascara disparidades raciais, dificultando o combate ao racismo (URREA GIRALDO; VIÁFARA LÓPEZ; VIVEROS VIGOYA, 2014). No Brasil, os censos recentes indicam um aumento da população preta e parda, associado a uma maior consciência racial, a mudanças no autorreconhecimento e à implementação de ações afirmativas que vêm gerando incentivos positivos para a autoidentificação da população negra. (IBGE, 2010; OLIVEIRA, 2020). Em contraste, na Colômbia, ocorreu uma redução estatística da população afrocolombiana (URREA et al., 2022),

³ Um importante atributo para a compreensão das desigualdades sociais e econômicas, a raça é abordada neste trabalho como um conceito político, entendido como um marcador social e não como uma categoria biológica (GUIMARÃES, 2011).

identificada como "genocídio estatístico", resultado de falhas metodológicas e uma marginalização histórica contra as populações de origem africana. (VIÁFARA LÓPEZ, s.d).

A hipótese central deste estudo sustenta que o padrão global de poder, ao categorizar e contabilizar populações, evidencia diferenças associadas aos distintos processos históricos de construção étnico-racial no Brasil (TELLES, 2014; PAIXÃO, 2016) e na Colômbia (URREA; RODRÍGUEZ, 2014). O marco teórico fundamenta-se na teoria da colonialidade do poder de Quijano (2005), dialogando com autores como Frantz Fanon (1980), Lélia Gonzalez (2020[1979]) e Peter Wade (2022). Essa abordagem permite aprofundar a análise das práticas censitárias como mecanismos que influenciam identidades, subalternidades e estatísticas raciais na América Latina.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e comparativa, examinando dados censitários, categorias étnico-raciais e discursos institucionais. O objetivo geral é analisar os fatores associados ao aumento e redução das populações negras nos censos recentes do Brasil e Colômbia.

Para atingir esses objetivos, a pesquisa se estrutura nas seguintes etapas: apresentação do marco teórico e conceitual, explorando as relações entre identidade latino-americana, colonialidade do poder e práticas censitárias; histórico da classificação racial no Brasil e na Colômbia, destacando as metodologias e a contabilização da população negra desde o primeiro até o último censo. Também se esboçam as diferenças do processo de recenseamento em ambos os países. Na conclusão expomos algumas interpretações sobre como os censos refletem e reforçam hierarquias raciais considerando suas especificidades históricas e políticas, tendo como base os pressupostos da teoria decolonial.

2. Identidade, Colonialidade do Poder e Censos Populacionais

A identidade latino-americana está profundamente enraizada na história da colonização europeia, que trouxe a exploração, escravização e extermínio dos povos originários e africanos. A diáspora africana e a escravidão moldaram a estrutura econômica e social da região, consolidando a raça como um critério de divisão do trabalho e justificando a exploração por meio de categorias como "índio", "negro" e "mestiço". Apesar do fim do colonialismo, as relações de poder estabelecidas nesse período persistem na forma de colonialidade, marginalizando populações indígenas e negras (QUIJANO, 2005). A ideia de raça, criada pelo colonizador, mantém esses grupos em uma posição de outridade- em termos de classificações e hierarquias sociais de grupos que são considerados diferentes desde o ponto de vista étnico/cultural, entre outros fatores- negando-lhes plena humanidade. Nesse sentido, as elites latino-americanas desempenharam um papel central na manutenção dessas dinâmicas, perpetuando narrativas e instituições que naturalizam a ideia de inferioridade racial e cultural de indígenas e negros (IANNI, 1993).

Diversos autores ampliaram essa análise. González (2020[1979]) destaca que negros e indígenas são relegados a funções subalternas no capitalismo global, enquanto Fanon (1980) analisa os impactos psicológicos do racismo e do colonialismo, evidenciando como os colonizados internalizam discursos de inferioridade. Já González Casanova (2008) desenvolve o conceito de colonialismo interno, demonstrando como as elites nacionais reproduzem dinâmicas coloniais ao explorar grupos racializados dentro de seus próprios países.

No século XIX, o liberalismo reforçou hierarquias raciais. Na Colômbia, a branquitude tornou-se sinônimo de cidadania, marginalizando negros e indígenas enquanto promovia uma identidade mestiça como ideal nacional (URREA GIRALDO; VIÁFARA LÓPEZ; VIVEROS VIGOYA, 2014). No

Brasil, o ideal de branqueamento⁴ sustentava a ideia de que a miscigenação "resolveria" o problema racial, promovendo políticas públicas de incentivo à imigração europeia para diluir a população negra local (SKIDMORE, 1976). Representações como a "democracia racial"⁵ no Brasil e a visão da Colômbia como uma nação mestiça ocultavam discriminações raciais persistentes (WADE, 1995).

É importante ressaltar que o giro multicultural das últimas décadas trouxe avanços legislativos e institucionais para o reconhecimento da diversidade étnica e cultural. Na Colômbia, a partir dos anos 1980, as comunidades afrodescendentes passaram a ser incluídas em políticas de alteridade, anteriormente restritas aos povos indígenas (IGREJA; AGUDELO, 2014). Isso levou indígenas e afrocolombianos a unirem-se em reivindicações por terra e direitos culturais, especialmente no litoral do Pacífico. (WADE, 1995). No Brasil, a Constituição de 1988⁶ reconheceu terras quilombolas e criminalizou o racismo, marcos na luta por justiça social. Em relação aos povos indígenas, a norma estabeleceu a proteção das terras que historicamente habitam, a fim de assegurar os direitos e a integridade territorial das comunidades nativas, reconhecendo a importância de preservar suas culturas e modos de vida. (GOMES; RODRIGUES, 2018; LIMA, 2010).

A articulação entre o conceito de colonialidade do poder e a realização de censos populacionais revela como essas práticas reproduzem e tencionam hierarquias raciais. Os censos, por serem a operação estatística mais importante de uma nação, permitem observar uma fotografia dos arranjos sociais e distribuição de bens e serviços que dão acesso a poder e prestígio em sociedades liberais de acordo com linhas étnico/raciais. Além

⁴ Propunha como solução para o problema racial dos países de população não branca a desaparecimento gradual dos negros pela via de sua absorção pela população branca. Foi aceita pela maior parte da elite brasileira de 1889 a 1914.

⁵ O mito da democracia racial, construído por intelectuais e pelo Estado, oculta as desigualdades e discriminações raciais no Brasil. Contrariamente a países como África do Sul e Estados Unidos, onde os conflitos raciais são evidentes, o Brasil é erroneamente visto como um exemplo de harmonia entre brancos, negros e indígenas.

⁶ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

do mais, permitem que a políticas distributivas sejam elaboradas pelo Estado sobre a base da informação socioeconômica dos grupos subalternizados. Contudo, no processo de construção dos Estados Modernos, esses mesmos grupos não participaram na construção das categorias raciais presentes nos censos, de modo que, em alguns casos elas seguem representando as classificações elaboradas durante o período colonial, como é o caso do Brasil e da Colômbia, onde a presença dos afrodescendentes foi invisibilizada até a emergência do giro multicultural.

3. Classificação Racial nos Censos Populacionais do Brasil e Colômbia

3.1 Caso do Brasil

As categorias raciais nos censos brasileiros estão profundamente influenciadas por fatores sociais, políticos e culturais, sendo resultado de como a sociedade percebe e classifica as questões de raça⁷ e cor. Essa complexidade se manifesta tanto na maneira como os indivíduos se auto definem quanto nas ideologias dominantes que moldam os padrões de interação racial e nas lutas sociais por reconhecimento e equidade. (PAIXÃO, 2016, p. 48 e p.49).

A primeira iniciativa censitária no Brasil ocorreu em 1808. A identidade étnica e racial, no entanto, somente foi considerada no censo oficial de 1872, o Censo Geral do Império, que já incluía uma pergunta sobre cor/etnia para as pessoas livres, que podiam se classificar em categorias raciais como branca, parda, preta e cabocla. Ao contrário, a condição étnico-racial das pessoas em condição de escravidão era determinada pelos seus proprietários (GOMES; MARLI, 2018).

⁷ A partir do século XX, o termo "raça" foi banido do vocabulário científico devido às tragédias associadas ao racismo, como o Holocausto e o apartheid. Contudo, retornou como ferramenta política de inclusão e afirmação identitária, liderada por movimentos sociais negros (GUIMARÃES, 2011, p. 266-267).

Já o censo de 1890, realizado após a abolição da escravatura, manteve as categorias branco, preto, pardo e caboclo⁸, sendo que esta última categoria registrou um aumento em relação ao censo anterior, enquanto a categoria de pardo teve uma queda. Tal fenômeno indica uma dinâmica de miscigenação entre indígenas e pretos. (OLIVEIRA, 1999). Com o passar dos anos, a investigação racial foi interrompida em alguns censos - 1900, 1910 e 1930 -, devido a cortes orçamentários ou a decisões políticas.

O mito da democracia racial no Brasil funcionou como uma base ideológica para a legitimação de políticas de embranquecimento, que, na prática, foram estratégias de exclusão racial. A ideologia do branqueamento, como era chamada, predominou no final do século XIX e início do século XX, período em que o governo incentivou ativamente a imigração europeia com o objetivo explícito de transformar a composição racial da população brasileira. (CARNEIRO, 2023).

De acordo com Guimarães (2011), essa política não apenas facilitava a entrada de imigrantes europeus, mas também visava a extinção ou diluição da população negra ao promover uma miscigenação controlada. Revelava uma intenção de homogeneização racial, negando a diversidade cultural e étnica do Brasil.

A construção simbólica da identidade nacional brasileira, fundamentada na miscigenação, entrelaça-se com transformações nas práticas censitárias e na autodeclaração racial, afetando a dinâmica das categorias raciais no país. Em 1940, o IBGE reintroduziu a pergunta sobre cor ou raça, adicionando 'amarela' para a imigração japonesa. Mas, a categoria parda foi retirada, redistribuindo este segmento em outras categorias, como branco ou preto, a depender da percepção dos recenseadores. Essa exclusão mostrou um aparente embranquecimento da população, como resultado da classificação de muitos pardos como brancos. Na década de 1940, o Brasil promovia a imagem de uma

⁸ Caboclo é uma categoria de mistura racial e que nesse contexto refere-se ao filho do indígena e negro. Em algumas regiões do Brasil essa mistura interracial também é chamada de cafuzo.

"democracia racial", exaltando a miscigenação como elemento central da identidade nacional. Intelectuais como Gilberto Freyre⁹ defenderam a mestiçagem como símbolo de harmonia racial. Contudo, essa narrativa não se refletia no Censo, que omitiu a categoria parda, representativa da mistura racial. Tal exclusão sugere uma falta de coerência entre a retórica oficial e as práticas burocráticas de classificação racial, possivelmente para simplificar a categorização ou reforçar uma polarização entre brancos e pretos, minimizando a visibilidade das populações mestiças. A ideia de mestiçagem, portanto, servia como um discurso político e cultural desvinculado da realidade demográfica. (SILVA; LEÃO, 2012).

A partir de 1950, a categoria parda foi reintroduzida no Censo através da pergunta "*Qual a sua cor?* " *Com opções de resposta pré-codificadas: preto, pardo, branco e amarelo, preenchidas por autodeclaração*" (SILVA; LEÃO, 2012, p. 121) e observou-se um aumento significativo na classificação de indivíduos como pardos.

É importante observar como o debate sobre desigualdades raciais no Brasil evoluiu, passando de uma visão romantizada de relações raciais harmoniosas para uma compreensão mais crítica do papel da raça na reprodução das desigualdades sociais. Na década de 1950, pesquisas patrocinadas pela UNESCO, pretendiam validar a imagem de harmonia racial, mas mostraram o contrário, ou seja, uma forte associação entre raça/cor e status socioeconômico. As pesquisas indicaram que, apesar do discurso de miscigenação e harmonia, o Brasil não era um "paraíso racial", mas um lugar onde a desigualdade racial era mascarada por explicações

⁹A primeira e mais tradicional linha de pesquisa sobre as relações raciais no Brasil, desenvolveu-se ao redor dos anos 30, e se baseava no argumento da contribuição positiva que africanos e indígenas teriam dado à cultura brasileira. Tal contribuição era resultado de dois fatores principais: a estratégia colonial portuguesa de tipo inclusivista e a ampla miscigenação racial. Essa concepção sustentava o argumento que o Brasil seria um exemplo de "democracia racial", juízo amplamente difundido sobretudo nos escritos de Gilberto Freyre e em sua obra de antropologia social: *Casa Grande e Senzala*, publicada em 1934. De acordo com o autor a sociedade brasileira dificilmente poderia ser racista, por causa da intimidade das relações mantidas, desde a época da escravidão, pelos filhos do senhor (e pelo próprio senhor) com a criadagem negra, particularmente a feminina. Essa intimidade doméstica das relações inter-raciais teria gerado um hábito recíproco de convivência com a diferença racial, favorecendo a mestiçagem da população. Freyre se opõe a visão de inferioridade atribuída aos negros e a negatividade de sua contribuição à cultura brasileira, visão está amplamente difundida nos escritos de Oliveira Vianna. (FREYRE, 1936, p.335).

baseadas em classe social. (HASENBALG, 1979; VALLE SILVA, 1980; WADE; 2021).

Nos anos 1970, Hasenbalg e Silva consolidaram a definição de "negro" como a soma de pretos e pardos, com base em indicadores sociais semelhantes aos dos brancos¹⁰. No período da Ditadura Militar, a coleta de dados raciais foi interrompida no Brasil. O Estado contribuiu fortemente para criar e alimentar o discurso da democracia racial. (SANSONE, 1998).

A pergunta "*Qual a sua cor ou raça?* " em 1990 foi finalmente modificada, e às categorias existentes se incorporou a categoria indígena, ampliando a autoidentificação racial. (GUIMARÃES, 2011). Analisando a distribuição percentual da população segundo cor/raça nos censos, Silva e Leão (2012, p. 120) destacam uma tendência de crescimento no percentual de brancos até 1950. A partir de 1940, ocorre também um aumento significativo no percentual de pardos, enquanto o de pretos diminui progressivamente até 1990. Essa dinâmica é explicada, em parte, pelas transformações nas categorias de classificação racial e pelas mudanças na metodologia dos censos, que influenciaram a forma como os dados foram coletados e interpretados.

Atualmente, o debate sobre as categorias raciais, não reflete só a diversidade étnico-racial, mas também as dinâmicas de poder e as políticas de identidade racial. (PAIXÃO, 2016). Um exemplo que corrobora o argumento anterior, é que Estatuto da Igualdade Racial¹¹, reconhece e define a categoria negros¹² como a soma de pretos e pardos, o que poderia refletir a persistente vulnerabilidade social desses grupos¹³. A presença de

¹⁰ Essa abordagem forneceu uma base científica para movimentos negros e futuras políticas de ações afirmativas. (SILVEIRA, 2021).

¹¹ O Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010), sancionado em 20 de julho de 2010, é um marco na defesa dos direitos da população negra. Seu objetivo é promover igualdade de oportunidades, valorizar a identidade étnica e garantir ações afirmativas, visibilizando e combatendo a desigualdade racial histórica.

¹² A categoria racial "negro" vai além de critérios biológicos ou de cor da pele, sendo uma resposta histórica e política à opressão sofrida por populações africanas e seus descendentes. A identidade negra se constrói a partir de uma consciência coletiva de uma história comum de desumanização, representando um movimento de resistência e afirmação cultural que promove solidariedade entre os que compartilham essa condição. (MUNANGA, 2019).

¹³ Pesquisas confirmaram que a disparidade de renda e mobilidade no Brasil é acentuada entre brancos e não-brancos, com pretos e pardos enfrentando menores oportunidades de ascensão social. (DAFLON, 2014, p.15).

indivíduos pretos ou pardos em uma família pode impactar negativamente indicadores socioeconômicos como renda e escolaridade. Isso destaca a importância de uma classificação consensuada com os movimentos sociais para direcionar eficazmente políticas públicas que combatam desigualdades e promovam inclusão social. (IBGE, 2022b).

As mudanças nas categorias de cor e raça nos censos brasileiros refletem o esforço de capturar melhor a diversidade populacional. Em 1980, as opções eram limitadas a branca, preta, amarela e parda, sem indígenas. O censo de 1991 incluiu a categoria indígena e reformulou a pergunta para refletir a autodeclaração. Em 2000, mantiveram-se as categorias. No censo de 2010, a maioria da população se identificou como preta ou parda, refletindo uma mudança significativa na autopercepção racial no Brasil. (IPEA, 2011). Na categorização usada no censo de 2022¹⁴ houve um avanço nas distinções entre origens indígenas e quilombolas¹⁵, mostrando o maior empenho do IBGE em abordar questões raciais e étnicas.

Segundo a **Tabela 1**, os dados do censo de 2022 mostram que, pela primeira vez, a população parda, com 45,2%, tem a maior participação no total da população brasileira. Logo, em ordem decrescente se localizou a população branca com de 43,4%, seguida pelos pretos (10,1%), indígenas (0,8%) e amarelos (0,4%). Esse comportamento resulta em uma redução de 3,1% para os brancos e um aumento para a população não branca, exceto para os amarelos, que também diminuíram.

¹⁴ A coleta do Censo Demográfico 2022 iniciou-se no dia 1º de agosto, sendo concluída em 28 de fevereiro de 2023.

¹⁵ O Censo do IBGE realizou, pela primeira vez, a contagem da população quilombola e dos quilombos, iniciativa fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à essa população e para a promoção de ações antirracistas, contribuindo assim para a valorização desses grupos. (OLIVEIRA, 2023).

Tabela 1: Participação e Variação Percentual da População por Cor/Raça - Brasil nos dois últimos censos de população

	Participação Percentual 2010	Participação Percentual 2022	Variação Percentual da População	Variação Pontos Percentuais na Participação da População
Branca	47,7%	43,4%	-3,1%	-4,4%
Parda	43,1%	45,2%	11,9%	2,1%
Preta	7,6%	10,1%	42,3%	2,5%
Indígena	0,4%	0,8%	107,2%	0,4%
Amarela	1,1%	0,4%	-59,2%	-0,7%

Fonte: Cálculos próprios com base na informação dos Censos do IBGE 2010 e 2022a.

Esses resultados refletem mudanças sociais e culturais importantes na composição da população brasileira ao longo da última década, desafiando o mito da democracia racial. A partir de 2000, o ideal de embranquecimento tem sido questionado, sendo que observa-se um aumento nas categorias "parda", "preta" e "amarela"; enquanto a categoria "branca" apresenta queda além do esperado pelas tendências demográficas. (GUIMARÃES, 2019).

Estudos sobre autodeclaração e identificação racial, no entanto, mostram que a maioria dos pardos e uma grande parte dos pretos não se identificam como negros¹⁶ (SILVA; LEÃO, 2012), tal como propõe o estatuto da Igualdade Racial. O termo "pardo" é criticado como um marcador genérico e ambíguo, que inclui pessoas que não se encaixam claramente nas categorias de "branco", "preto" ou "amarelo". Essa ambiguidade dificulta a medição precisa das desigualdades raciais no Brasil, apontando a necessidade de se revisar as categorias censitárias (BAILEY; TELLES, 2002).

¹⁶ Uma nota recente sobre esse assunto se pode ver em: BOLZANI, Isabela. DATAFOLHA: 60% dos pardos não se consideram negros. G1, Política, nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/24/datafolha-60percent-dos-pardos-nao-se-consideram-negros.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2024. Acesso em: 24 nov. 2024.

Embora pretos e pardos compartilhem condições socioeconômicas, suas percepções sobre a realidade racial, as fronteiras simbólicas e a discriminação diferem. Os pardos, em alguns casos, valorizam a ideia de mistura racial como um aspecto positivo, sem negar a existência da discriminação racial. Contudo, isso não impede que pardos em alguns casos se identifiquem como negros. A identidade parda precisa ser examinada com maior profundidade, dado seu peso demográfico e sua importância para compreender as relações raciais e os mecanismos de discriminação no Brasil. Muitos pardos se veem como um grupo distinto, nem branco nem negro, mas reconhecem sua posição socioeconômica similar à dos pretos. (SILVA; LEÃO, 2012).

As políticas de ação afirmativa¹⁷ implementadas no Brasil no início do século XXI alteraram a percepção das categorias raciais oficiais (preto, pardo e branco), promovendo um alinhamento entre a identificação popular e as classificações estatais. Esse fenômeno é interpretado como um processo de *fabricação de raça*. As cotas raciais, especialmente no ensino superior, definiram melhor as fronteiras entre brancos e pardos, revelando ambiguidades nas classificações raciais. (BAILEY; FIALHO; LOVEMAN, 2018).

Apesar de evidenciarem contradições, as categorias raciais têm sido cruciais para incluir pardos e pretos em espaços antes inacessíveis, promovendo uma identidade racial abrangente às experiências e às especificidades de ambos. (CARNEIRO, 2023). É importante ressaltar que a implementação de cotas raciais expôs tensões específicas para os estudantes pretos em comparação aos pardos, refletindo de maneira negativa os impactos de uma sociedade pigmentocrática. (SILVEIRA, 2021).

¹⁷As políticas afirmativas na educação superior foram instituídas no Brasil no início dos anos 2000 e nacionalizadas em 2012 por meio da Lei 12.711/2012, chamada de Lei de Cotas. Esta legislação estabelece a reserva de vagas para as populações negras (pretos e pardos) e indígenas no sistema de ensino superior público.

3.2 Caso da Colômbia

A Colômbia realizou seu primeiro censo em 1825, no qual foram identificadas as condições de sujeição (escravo ou livre), sem a classificação de cor/raça, exceto para a população indígena. Já no censo seguinte, em 1827, a população mestiça ficou em torno de 87,0%, os indígenas 8,6% e os afrocolombianos¹⁸ 4,4% (DANE, 2007). Em 1834, o Congresso estabeleceu a primeira legislação censitária, regulamentando a administração pública e definindo categorias como identificação familiar, idade, estado civil e situação dos escravizados. Governadores eram encarregados de coletar dados sobre indígenas nas províncias¹⁹. Durante a República de 1810, buscou-se fomentar uma identidade nacional centrada no "cidadão", ignorando divisões raciais, perpetuando desigualdades e marginalização das populações negras e indígenas. (ESTUPIÑÁN, 2021).

Em 1835, a população indígena foi incluída no censo, representando 6,0% da população total, enquanto os negros foram ainda excluídos. O censo de 1843, registrou a participação da população negra de 1,4%, indígenas 9,4% e mestiços 89,2%. (DANE, 2007). O censo populacional de 1905 na Colômbia coletou dados sobre nome, origem, sexo, idade, estado civil, profissão, religião e alfabetização, além de informações sobre enfermos de lepra, cegos e pobres extremos. Mas a inclusão da origem e raça permitiu quantificar somente a população indígena. O censo de 1912 revelou que 86,8% da população era mestiça, enquanto os grupos indígenas e negros representavam 6,8% e 6,4%, respectivamente. No censo de 1918, a população mestiça aumentou para 91,3%. O censo de 1928, sob a influência da elite conservadora, excluiu novamente a categoria "raça",

¹⁸ Os termos "afrocolombiano" e "afrodescendente" são sinônimos, refletindo uma dupla identidade que abrange tanto as origens negro-africanas, representadas pelo prefixo "afro", quanto a associação à nação colombiana. (DANE, 2007).

¹⁹ No caso colombiano, e de maneira geral nas colônias espanholas, os indígenas eram considerados vassallos da Coroa, o que lhes permitia certas prerrogativas como a administração de seus territórios. Essa situação foi diametralmente distinta para os africanos e seus descendentes que, desde sua chegada, foram localizados na base da pirâmide da sociedade colonial como escravizados. Enquanto os indígenas representavam a outridade, os africanos eram apagados.

justificando que a diversidade racial estava desaparecendo em favor da mestiçagem. (DANE, 2007).

A partir de 1938, o censo passou a incluir novamente a população indígena, enquanto a população negra foi mais uma vez excluída, sem justificativas claras. A inclusão da população indígena nos censos de 1938 e posteriores reforçou o viés estatal de que apenas os indígenas representavam a “outridade” e, portanto, a diversidade racial, enquanto os negros foram excluídos do censo e, conseqüentemente, da narrativa da construção do Estado-nação.

A Constituição de 1991²⁰ reconheceu a diversidade étnica e cultural da nação permitindo diálogos entre as populações negras e indígenas e o Estado, resultado de mobilizações que promoveram o multiculturalismo e direitos diferenciados (AGUDELO, 2005; WADE, 2021). Antes da implementação desse marco legal, havia uma lacuna significativa na quantificação e na caracterização demográfica e socioeconômica da população afrocolombiana. A ausência de dados limitava a compreensão das suas necessidades e potencialidades, dificultando tanto a elaboração de políticas públicas direcionadas quanto a promoção de sua diversidade cultural e social (VIÁFARA LÓPEZ, 2011, p. 12). O censo de 1993 na Colômbia representou um marco no reconhecimento oficial do multiculturalismo, ao introduzir a categoria "comunidade negra" e adotar o autorreconhecimento como método de resposta. (VIÁFARA LÓPEZ, s.d., p. 12). A pergunta foi a seguinte: “Pertence ...a alguma etnia, grupo indígena ou comunidade negra? 1. Sim. Qual? 2. Não”. O termo comunidade negra aproximou os afrocolombianos aos indígenas, e a representação da população negra foi insatisfatória, com apenas 1,5% da população total registrada, uma queda significativa em relação aos 6,0% do censo de 1918. O Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE) identificou falhas, como a exclusão de afrocolombianos que não se

²⁰ Constituição Política da República da Colômbia 1991. Disponível em: <https://www.funcionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma.php?i=4125>

autorreconheceram como *comunidade negra* ou não compreenderam o conceito de etnia. Especialistas como Barbary e Urrea (2004) afirmam que a ausência de um sentimento de identidade étnica entre as comunidades negras seria influenciada por questões históricas e sociológicas, bem como por falhas nas perguntas do censo.

Entretanto, esse grupo que se reconheceu como comunidade negra foi a população que na Constituição de 1991²¹ foi reconhecida como sujeita de direitos e consequentemente beneficiária das políticas de inclusão delineadas na lei 70 de 1993²². Alguns autores problematizaram que este grupo constituiu a visão institucionalizada de negritude no marco do multiculturalismo (PASCHEL, 2013), que exclui a maioria da população negra que não habitava esses territórios.

O baixo nível de autorreconhecimento, resultante de marginalização, invisibilidade histórica, racismo e desigualdade, representam um desafio para a produção de estatísticas confiáveis. Nesse sentido, no período pré-censo, discutiu-se de maneira incisiva a baixa participação da população afrodescendente no censo de 1993²³, e graças a esse processo existiram tentativas com novas categorias que foram incorporadas na Pesquisa de Qualidade de Vida de 2003²⁴ e na Pesquisa Contínua de Domicílios de 2004²⁵. É importante mencionar que houve um consenso entre o DANE e o movimento social para incorporar as perguntas testadas em 2004 e no censo de 2005. Entretanto, o DANE não cumpriu o que foi acordado e, unilateralmente, combinou os elementos étnicos e raciais em

²¹ Constituição de 1991. Disponível em: <https://www.funcionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma.php?i=4125>

²² Lei 70 de 1993, conhecida como a Lei de Comunidades Negras. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2006/4404.pdf>

²³ Esse momento foi marcado pela participação ativa das organizações sociais afrodescendentes, que estavam fora da região do Pacífico e se identificam pela cor ou raça, e não pela dimensão étnica. A academia também participou, juntamente com organismos multilaterais que apoiam o multiculturalismo e suas políticas culturais.

²⁴ “Em qual dos seguintes grupos étnicos você se considera: 1. Indígena, 2. Cigano, 3. Raizal do Arquipélago 4. Palenquero, 5. Negro, Mulato (afrodescendente), 6. Nenhum dos anteriores”. Nessa pesquisa os afrodescendentes alcançaram 8,0% da população, somando as categorias 3, 4 e 5.

²⁵ As perguntas foram: “De acordo com sua cultura você é a) afrocolombiano, b) indígena, c) ciganos, d) raizal de San Andrés y Providencia, e) palenquero, f) nenhum dos anteriores”. “De acordo com suas características físicas você é: a) negro, b) branco, c) mestiço, d) mulato, e) nenhuma das anteriores.” Nessa pesquisa os percentuais relativos a população afrodescendente chegaram em 1,2% e 9,8% respectivamente.

uma única pergunta, o que não contemplou os debates conceituais existentes, adotando uma abordagem eclética com implicações negativas²⁶

A pergunta do Censo 2005 foi: “De acordo com sua cultura, povo ou traços físicos. É ou se reconhece: (1). Indígena, (1,1) ¿A qual povo indígena pertence? (2) Rom (Cigano), (3) Raizal²⁷ do Arquipélago, (4) Palenquero²⁸, (5) negro (a), mulato (a), afrocolombiano (a) ou afrodescendente, (6) Nenhuma das anteriores”. Os resultados indicaram que 10,6% da população se autoidentificou e se reconheceu como afrocolombiana (a soma das categorias 3, 4 e 5).

Ainda que o Censo de 2005 constituísse um esforço relevante para abordar a invisibilidade estatística da população afrocolombiana, especialmente com a inclusão da pergunta de autorreconhecimento, esse dado foi contestado devido a limitações metodológicas.²⁹ A atuação do Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE) também foi criticada nesse momento pela restrição no acesso a microdados. Assim, o censo, embora pretendesse aumentar a visibilidade dessa população, evidenciou falhas que ressaltam a necessidade de melhorias significativas em censos futuros, visando maior envolvimento das comunidades e transparência na execução dos dados.

A pergunta de autorreconhecimento, embora fundamental para a inclusão racial, apresentou falhas significativas, como a desconsideração de acordos prévios com representantes afrocolombianos e a combinação

²⁶ A insuficiência de recursos financeiros para a realização das perguntas como estava acordado foi uma das justificativas levantadas pelo DANE.

²⁷ Comunidades de origem afro-anglo-antilhano preservam uma identidade caribenha distinta, caracterizada por traços socioculturais e linguísticos únicos em relação à população afrocolombiana. Essas comunidades utilizam o bandé como língua própria e adotam o protestantismo como religião originária, reforçando sua singularidade cultural. (DANE, 2007).

²⁸ Os palenqueros são indivíduos que se reconhecem como descendentes dos habitantes do Palenque de San Basílio, uma comunidade afrodescendente na Colômbia. Originários de negros cimarrones, eles preservam sua identidade cultural e histórica, mesmo vivendo em áreas urbanas, como Barranquilla, mantendo tradições e memórias compartilhadas. (DANE, 2007).

²⁹ As principais dificuldades incluíram mudanças metodológicas, como a adoção de um censo contínuo, a diminuição do número de recenseadores e a utilização de dispositivos móveis sem testes adequados, o que prejudicou a comparabilidade com dados históricos e gerou inconsistências no registro de residências. (URIBE MALLARINO, 2007, p. 104). Além disso, constatou-se uma falta de validade interna da pergunta de autorreconhecimento étnico racial, relacionada aos diversos critérios utilizados pelos recenseadores para responder a essa pergunta. (PCN, 2006).

inadequada de critérios étnicos e raciais. A exclusão da categoria 'moreno' e a aplicação arbitrária da pergunta pelos recenseadores resultaram na subestimação da população afrocolombiana. Além disso, lacunas nas informações, especialmente relacionadas a territórios coletivos, limitaram a compreensão das características socioeconômicas dessas áreas (VIAFARA LOPEZ, 2011).

Por outra parte, a pergunta do censo de 2018 apresentou continuidade em relação à formulada em 2005. Apenas foram adicionadas as categorias de povos Indígenas e Rom³⁰, e a resposta "nenhum dos anteriores" foi substituída por "nenhum grupo étnico". A pergunta de autorreconhecimento étnico-racial no censo de 2018 foi a seguinte: De acordo com sua cultura, povo ou traços físicos...É ou se reconhece como: (1) Indígena; (1.1) ¿A qual povo indígena pertence?; (1.2) A qual clã pertence; (2). Cigano ou Rom; (2.1) ¿A qual Vitsa³¹ pertence?; (2.2) A qual companhia pertence; (3). ¿Raizal do Arquipélago de San Andrés, Providencia y Santa Catalina?; (4). ¿Palenquero (a) de San Basílio?; (5). Negro (a), mulato (a), afrocolombiano (a) o afrodescendente; (6). Nenhum grupo étnico.

O censo de 2018 apresentou sérios desafios na contabilização da população afrodescendente, evidenciando falhas que comprometeram a precisão e a visibilidade deste grupo étnico-racial, em parte pela negativa do DANE de implementar as mudanças sugeridas pelas organizações e academia.³² Como resultado, a população negra representou apenas 6,2% da população total. O anterior apresentou uma redução de aproximadamente 4,2 pontos percentuais e uma redução de 30,3%. Este resultado representou para as comunidades um genocídio estatístico,

³⁰ Rom ou cigano: indivíduo pertencente ao povo nômade de origem egípcia e indiana, que preserva suas características culturais distintivas e mantém sua própria língua, denominada romani ou romanes. (DANE, 2007).

³¹ Subgrupos ou linhagens que se originam por meio da linha patrilinear, indicando assim o subgrupo de origem. Apesar de o povo Rrom constituir uma unidade, apresenta, internamente, uma considerável heterogeneidade, comportando diversos grupos patrilineares, cada um deles possuindo sua respectiva vitsa. (COLOMBIA, 2023).

³² Além das mudanças já assinaladas, o DANE também realizou a consulta prévia com o Espaço Nacional Autônomo e implementou mecanismos de capacitação e sensibilização para recenseadores, além de campanhas em áreas rurais principalmente nos territórios coletivos Lei 70. (VIAFARA LOPEZ, 2019).

simbolizando a exclusão e invisibilidade que esses grupos enfrentam nos censos. (VIÁFARA LÓPEZ, 2019).

De acordo com a **Tabela 2**, os dados do censo de 2018 mostram que a categoria “nenhuma das anteriores”, com 89,9%, registra maior participação percentual, no total da população colombiana. Logo, em ordem descendente: a população afrocolombiana com uma participação de 6,1%, os indígenas com 3,9%, os palenqueros com 0,1% e os ciganos (rom) e raizales com uma participação marginal. Este comportamento deriva de uma redução percentual no período entre censos de 31,1% para as populações afrocolombianas; 11% para a população raizal e 16,5% para os palenqueros. Também é importante ressaltar que os ciganos (rom) registraram uma redução de 45,5%, entretanto seu peso demográfico é marginal em comparação com o total da população colombiana. Em outro extremo, somente os indígenas e nenhum dos anteriores com 36,8% e 24,3% respectivamente apresentaram incrementos na população.

Tabela 2: Participação e Variação Percentual da População por grupos étnicos-raciais - Colômbia nos dois últimos censos de população

Grupos étnicos-raciais	Participação Percentual 2005	Participação Percentual 2018	Variação Percentual da População	Variação Pontos Percentuais na Participação da População
Indígena	3,4	3,9	36,8	0,5
Rom	0,0	0,0	-45,5	0,0
Palenquero	0,1	0,1	-16,5	0,0
Raizal	0,0	0,0	-11,2	0,0
Afrocolombiano; afrodescendente; negro; mulato	10,5	6,1	-31,0	-4,4
Nenhum dos anteriores	85,9	89,9	24,3	3,9

Fonte: Cálculos próprios com base na informação dos Censos do DANE 2005 e 2018.

Uma das principais causas da redução da população afrodescendente foi a alta omissão censitária³³ (8,5%), a qual foi

³³ O indicador de omissão censitária mede a proporção de pessoas não recenseadas em relação à população total estimada. Ele é fundamental para avaliar a qualidade dos dados censitários e estimar variáveis demográficas, como fecundidade, mortalidade e migração, ajudando a corrigir falhas nos censos. (CHAMY, 2006, p. 15-16).

significativamente mais alta especialmente em regiões com grande concentração de afrodescendentes, como Valle del Cauca e a região do Pacífico. Houve erros graves no preenchimento da pergunta de autoidentificação étnico-racial, comprometendo sua validade interna e tornando-a inútil para caracterizar a população afrodescendente (VIÁFARA LÓPEZ; 2019; URREA et al. 2022). Outro ponto crítico foi a falta de abrangência nas campanhas de sensibilização e nos treinamentos para os entrevistadores, que se concentraram apenas nos Conselhos Comunitários, a população que se reconheceu como comunidade negra no censo de 1993, excluindo significativas organizações afrodescendentes urbanas que foram fundamentais no censo de 2005. Este cenário restringiu a inclusão efetiva e a representatividade da população afrodescendente no processo de realização censitário. Adicionalmente, mudanças aparentemente menores na formulação das perguntas do censo também trouxeram consequências negativas, relegando questões pertinentes aos afrodescendentes em favor de subcategorias de outras etnias, como indígenas e ciganos, o que pode ter desencorajado os entrevistadores a apresentar todas as opções disponíveis. (VIAFARA LOPEZ; 2019).

Assim, o censo de 2018 falhou em proporcionar uma representação precisa e inclusiva dos afrodescendentes na Colômbia, ilustrando a necessidade de um processo censitário que seja corretamente conduzido e em colaboração com representantes deste grupo populacional. A falta de precisão e de visibilidade estatística dos dados colhidos reflete não apenas problemas técnicos, mas também falhas estruturais no reconhecimento e inclusão de diversidades étnico-raciais no país³⁴.

³⁴Na Colômbia, os grupos subalternos, constituídos por comunidades étnico-culturais cuja relação com a terra, práticas culturais e religiosas se configuram como elementos fundamentais para o fortalecimento do sentimento de pertencimento comunitário, são identificados por meio do Censo Populacional. Em contraposição, outros segmentos populacionais não são devidamente visibilizados no Censo, uma vez que se inserem no marco ideológico do projeto de mestiçagem nacional. Como resultado, categorias como "brancos" ou "mestiços" não são abrangidas nas classificações censitárias.

4. Diferenças na inclusão de cor/raça/etnia nos censos do Brasil e Colômbia

Os processos censitários no Brasil e na Colômbia, apesar de enfrentarem desafios semelhantes, apresentam diferenças significativas. Isto reflete a influência da matriz colonial de poder em ambos países, estabelecendo particularidades com o processo de construção do étnico/racial. Essas distinções ressaltam a importância de considerar as especificidades locais ao abordar temas relacionados à coleta e análise de dados populacionais. A seguir (**Quadro 1**) apresentamos as principais diferenças entre Brasil e Colômbia em relação à elaboração dos censos e às categorias raciais:

Quadro 1: Diferenças entre os Censos Recentes do Brasil (2022) e Colômbia (2018)

Aspectos	Diferenças	
	BRASIL	COLÔMBIA
Desempenho Censitário Recente	O censo de 2022 demonstrou avanços significativos na inclusão de populações negras, com uma abordagem mais detalhada e inclusiva para identificar grupos racializados.	O censo de 2018 foi marcado por falhas metodológicas graves, incluindo alta taxa de omissão e falta de treinamento adequado para recenseadores, prejudicando a precisão dos dados.
Narrativas Nacionais	O mito da "democracia racial" influenciou por muito tempo as práticas censitárias, promovendo a invisibilidade das desigualdades raciais. Recentemente, movimentos sociais e acadêmicos têm desafiado essa visão, assim como o ideal de embranquecimento, que agora enfrenta uma valorização crescente das identidades afrodescendentes. Políticas públicas, como cotas raciais em universidades e concursos, impulsionaram a reafirmação das identidades negras.	A exaltação da mestiçagem como identidade nacional predominante marginalizou tanto afrodescendentes quanto indígenas, resultando na invisibilidade de suas contribuições históricas e contemporâneas.
Ênfase no Multiculturalismo	Reconhecimento mais recente de diversidade étnico-racial, com ênfase em ações afirmativas para negros e indígenas desde a década de 1990, mas sem um enfoque explícito em	A Constituição de 1991 estabeleceu explicitamente a Colômbia como um Estado multicultural, reconhecendo a diversidade étnico-racial e

	multiculturalismo até a implementação de políticas como cotas raciais.	promovendo direitos coletivos para afrodescendentes e indígenas.
Aspectos	Diferenças	
	BRASIL	COLÔMBIA (Continua)
Introdução e Exclusão de Categorias Raciais	Desde o censo de 1872, o Brasil utiliza as categorias de "branco", "preto", "pardo" e "caboclo". As categorias foram ajustadas ao longo do tempo, como a introdução de "amarelo" em 1940 e "indígena" em 1991. A categoria "pardo" foi reintroduzida em 1950, refletindo a miscigenação como característica marcante do país.	No censo de 1825, as categorias raciais foram eliminadas, voltando apenas em 1993 com a introdução do termo "comunidade negra". No entanto, a abordagem era mais voltada para identidades coletivas (étnicas) do que individuais, como no Brasil
Método de Identificação Racial	Adota predominantemente a autoclassificação, permitindo que os indivíduos escolham sua cor ou raça com base na percepção pessoal. Esse método tem uma base mais individualizada.	Adota o autorreconhecimento e as perguntas censitárias frequentemente misturam critérios étnicos e raciais. A identidade é mais associada ao pertencimento a comunidades específicas: "raizales" ou "palenqueros", afrocolombianos, afrodescendentes e também à cor da pele.
Debate público e Campanhas de Sensibilização	A questão das cotas raciais e da identidade racial tem ocupado um lugar significativo no debate público brasileiro. Além da formulação de uma base conceitual mais robusta, que implica na discussão teórica das categorias censitárias e suas utilizações para as políticas de ação afirmativa. A produção teórica tem sido mais difundida, especialmente em períodos recentes, devido à implementação de ações afirmativas.	Apesar da preocupação crescente de alguns intelectuais e acadêmicos, os estudos não pautam um debate nacional. Assim mesmo, as campanhas de sensibilização são mais restritas e frequentemente mal conduzidas, especialmente em áreas urbanas, o que contribui para a sub-representação das populações afrodescendentes nos censos.
Problemas de Omissão	Embora existam desafios, os dados censitários no Brasil apresentam menor taxa de omissão em comparação com a Colômbia. As mudanças na percepção racial têm aumentado a autodeclaração como preto ou pardo.	Alta taxa de omissão censitária em regiões com alta concentração de afrodescendentes, como o Pacífico, resultou em um "genocídio estatístico" que subestimou significativamente a população negra. Historicamente, Colômbia registrou emissões censitárias muito maiores que as do Brasil.
Uso de Categorias Raciais e Étnicas	Utiliza categorias mais amplas baseadas na cor da pele e características fenotípicas (ex.: branco, preto, pardo), que são reconhecidas nacionalmente para políticas públicas	Introduz categorias específicas para grupos étnico-culturais, como raizales, palenqueros e afrodescendentes, afrocolombianos, o que pode diluir a identificação de

	como cotas raciais.	indivíduos afrodescendentes que não pertencem a essas comunidades. Com as políticas de ação afirmativa baseadas em um critério étnico territorial, a maioria das pessoas não têm incentivo de aderir a esta autoidentificação.
Aspectos	Diferenças	
	BRASIL	COLÔMBIA (Conclusão)
Política de Ações Afirmativas	Ações afirmativas, como cotas raciais, incentivaram mudanças significativas na autodeclaração racial, aumentando o número dos que se identificam como pretos ou pardos.	Políticas afirmativas estão mais voltadas para populações indígenas, com menores impactos sobre afrodescendentes, especialmente em áreas urbanas.
Participação de Movimentos Sociais	Movimentos negros têm papel fundamental na formulação de políticas de ação afirmativa e no fortalecimento das categorias raciais nos censos	Movimentos afrodescendentes têm foco mais no reconhecimento de territórios coletivos e direitos culturais, com menor influência direta na formulação censitária, o que resulta em uma abordagem menos representativa para populações urbanas.
Separação entre Critérios Raciais e Étnicos	Os censos diferenciam cor/raça e etnia, permitindo uma abordagem mais clara na análise das desigualdades sociais entre grupos raciais e étnicos.	Os censos frequentemente combinam critérios raciais e étnicos em uma única questão, dificultando uma análise precisa de populações afrodescendentes que não se identificam com comunidades específicas.
Impacto das Categorias Regionais	A heterogeneidade regional reflete-se em variações na autodeclaração racial. Por exemplo, o conceito de "pardo" pode ter significados diferentes dependendo da região.	As categorias censitárias frequentemente priorizam populações do Pacífico colombiano e negligenciam afrodescendentes urbanos, criando lacunas de representatividade.
Complexidade das Categorias	As categorias são amplas e baseadas principalmente em cor da pele e características fenotípicas, o que facilita a inclusão, mas também gera ambiguidades, especialmente com o uso da categoria "pardo".	As categorias são mais específicas, incluindo termos como "raizales" e "palenqueros", mas podem excluir afrodescendentes que não se identificam com essas comunidades.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

5. Conclusão

Este artigo parte da hipótese de que a formação das identidades raciais e étnicas no Brasil e na Colômbia é moldada pela matriz colonial de poder, que organiza e classifica as populações segundo um padrão global de dominação. Essa matriz colonial, que aqui chamamos colonialidade de poder, a partir de Quijano (2005) impôs um padrão de identidade eurocêntrico que idealiza a homogeneidade cultural e racial, enquanto marginaliza e nega as populações indígenas e negras. A ideia de raça, central para legitimar as relações de dominação, foi construída durante a colonização como uma identidade fática que sustentava a estrutura social, sendo mantida posteriormente para reforçar hierarquias herdadas do colonialismo e consolidar um sistema global de dominação econômica, social, política e epistêmica. Esse sistema perpetua desigualdades e estrutura as relações sociais e econômicas em torno de hierarquias racializadas.

A análise desenvolvida, a partir dos dados de Censos ao longo da história, corrobora essa hipótese ao evidenciar as distintas trajetórias políticas e culturais no Brasil e na Colômbia para identificar ou invisibilizar os povos negros e indígenas. No caso brasileiro, o componente social negro impôs variáveis que foram mais determinantes para a inclusão desta população nas políticas públicas, enquanto na Colômbia o componente indígena foi considerado com maior cuidado nas políticas estatais. Nessa esteira, no Brasil, o Censo de 2022 demonstrou avanços significativos na inclusão de populações negras, com uma metodologia mais detalhada e inclusiva para a identificação de grupos racializados. Tais progressos indicam uma longa luta e fortalecimento de movimentos sociais de matriz negra que se plasmaram em avanços pela implementação de políticas afirmativas, como as cotas raciais. Tal processo consolidou a conscientização e a valorização das identidades afrodescendentes, desafiando narrativas históricas como o mito da "democracia racial". A

predominância da autoclassificação racial e o uso de categorias amplas, como pardo e negro, permitiram debates consistentes sobre identidade racial e sua utilização em políticas públicas.

Por outro lado, a Colômbia apresentou limitações significativas no Censo de 2018, incluindo altas taxas de omissão e treinamento inadequado dos recenseadores, limitadas campanhas de sensibilização para fomentar a ascendência africana, resultando numa sub-representação expressiva da população afrodescendente. As narrativas nacionais, centradas na exaltação da mestiçagem como identidade predominante, contribuíram para a invisibilidade histórica e contemporânea das populações afrodescendentes e indígenas. Embora a Constituição de 1991 tenha reconhecido o país como um Estado multicultural, as políticas afirmativas baseadas em critérios étnico-territoriais tiveram impacto limitado, especialmente nas áreas urbanas. Enquanto o Brasil diferencia claramente critérios raciais, baseados na cor e étnicos enfocados na cultura, permitindo uma análise mais robusta das desigualdades sociais entre indígenas e negros, a Colômbia tende a combinar esses critérios, dificultando a representação precisa das populações racializadas, as quais incluem as populações negras que se autoidentificam pela cor da pele ou raça e também os grupos que tiveram maior acesso a recursos e privilégios como as populações brancas e mestiças, com implicações negativas na medição de desigualdades étnico/raciais. Essas disparidades refletem como as políticas censitárias reforçam estruturas sociais e raciais, moldando as relações entre identidade, narrativas nacionais e políticas públicas. Por fim, os resultados apresentados confirmam a hipótese central e ressaltam a necessidade de aprimorar os censos de ambos os países, com ajustes metodológicos e políticos que sejam capazes de enfrentar desigualdades históricas, promovam justiça social e auxiliem na efetivação de reparações históricas das populações racializadas.

As distinções entre os censos realizados no Brasil e na Colômbia evidenciam oportunidades recíprocas de aprendizado. A Colômbia pode

incorporar o debate técnico e as políticas de gestão brasileiras com o intuito de fortalecer a representatividade racial e aprimorar as metodologias censitárias. Em contrapartida, o Brasil pode se beneficiar da ênfase colombiana em políticas da diversidade - que no país se formulam como multiculturais - e no reconhecimento de direitos coletivos. Essa troca de experiências poderá contribuir para o aperfeiçoamento das práticas censitárias e para a promoção de maior equidade racial em ambos os países.

As cotas raciais no Brasil, voltadas para o acesso a universidades e concursos públicos, têm incentivado a autodeclaração de indivíduos como pretos ou pardos, resultando em maior visibilidade das populações negras nos dados censitários. A implementação de políticas semelhantes na Colômbia poderia estimular o aumento da autodeclaração de afrodescendentes. O Brasil adota uma separação clara entre critérios de cor/raça e étnicos, permitindo análises mais detalhadas e inclusivas, o que poderia servir como modelo para a Colômbia. Além disso, o Brasil possui um debate público e acadêmico ativo sobre a questão racial, enquanto a Colômbia poderia fomentar um ambiente similar. Investimentos em treinamentos específicos para recenseadores no Brasil garantem a coleta de dados de populações marginalizadas, prática que a Colômbia poderia replicar para aumentar a efetividade de suas operações censitárias.

O fortalecimento do debate teórico e a visibilidade de dados sobre populações racializadas são fundamentais para promover a justiça social e a equidade na formulação de políticas públicas, além do reconhecimento das diversidades culturais e históricas. A ausência desse debate aprofundado sobre as relações raciais impacta negativamente a geração de dados censitários e contribui para a invisibilização de grupos como indígenas e afrodescendentes, perpetuando desigualdades estruturais que prejudicam diretamente a inclusão e o desenvolvimento dessas comunidades.

A carência de dados precisos compromete o planejamento e a execução de políticas educacionais que considerem a diversidade étnico-racial, resultando em currículos descontextualizados e na ausência de programas específicos de valorização cultural. Além disso, a distribuição de recursos públicos em áreas como saúde e habitação não atende de forma equitativa às necessidades das populações marginalizadas. A ausência de dados detalhados dificulta o reconhecimento legal de territórios indígenas e quilombolas, atrasando o acesso a direitos territoriais essenciais.

Por fim, sugere-se que futuros estudos investiguem a relação entre as categorias censitárias e a autopercepção racial, além de explorar metodologias inovadoras para capturar identidades híbridas e dinâmicas de raça e etnia que ultrapassam as classificações tradicionais. Essas iniciativas podem contribuir para a construção de censos mais inclusivos e representativos, que atendam às demandas de justiça social e reparação histórica na América Latina. A invisibilidade de dados limita a implementação de ações afirmativas, como cotas raciais e étnicas, e a formulação de políticas públicas eficazes, perpetuando as exclusões históricas e dificultando a superação das hierarquias raciais existentes.

6. Referências

AGUDELO, Carlos Efrén. **Retos del multiculturalismo en Colombia: política, inclusión y exclusión de poblaciones negras**. Bogotá: ICANH, 2005.

BAILEY, Stanley R.; FIALHO, Fabrício M.; LOVEMAN, Mara. How states make race: new evidence from Brazil. **Sociological Science**, v. 5, p. 722-751, 2018. Disponível em: https://sociologicalscience.com/download/vol-5/november/SocSci_v5_722to751.pdf Acesso em: 30 nov. 2024.

BAILEY, Stanley R.; TELLES, Edward E. **From ambiguity to affirmation: challenging census race categories in Brazil**. 2002. Disponível em:

https://www.sscnet.ucla.edu/soc/faculty/telles/Paper_AffirmationandAmbiguity.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

BARBARY, Olivier; URREA, Fernando (org.). **Gente negra en Colombia: dinámicas sociopolíticas en Cali y el Pacífico**. Cali: CIDSE-Univalle, 2004.

BOLZANI, Isabela. **DATAFOLHA: 60% dos pardos não se consideram negros**. G1, Política, nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/24/datafolha-60percent-dos-pardos-nao-se-consideram-negros.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BRAGA NETTO, Tathina Lúcio; SANTOS, Antonio César de Holanda. Qual a sua cor? (Re)construção de subjetividades negras através de políticas afirmativas. **Revista Ensaios e Pesquisa em Educação e Cultura**, v. 5, n. 9, p. 30-44, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29327/211303.5.9-3>.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 nov. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial: Lei nº 12.228, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata**. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 24 nov. 2024.

CAMILLOTO, Bruno; CAMILLOTO, Ludmilla. Comissões de heteroidentificação racial: por quem os sinos deveriam dobrar? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 43, e254673, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.254673>.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Dispositivo de racialidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe). **Afrodescendentes e a matriz de desigualdade na América Latina: desafios para a inclusão**. Santiago: CEPAL, 2020. Disponível em: Link: <https://repositorio.cepal.org/bitstreams/4e30cacd-cfb5-4034-b33d-428bb4822684/download> Acesso em: 30 nov.2024.

CHAMY, Odette Tacla. **La omisión censal en América Latina, 1950-2000**. Santiago de Chile: CEPAL, 2006. (Serie Población y Desarrollo, n. 65). Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/75308871-335d-4008-b768-2630150b15b5/content> Acesso em: 30 nov.2024.

COLOMBIA. **Lei nº 70 de 1993.** Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2006/4404.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2024.

COLOMBIA. **Constitución Política.** Bogotá: Asamblea Nacional Constituyente, 1991. Disponível em: <https://www.funcionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma.php?i=4125>. Acesso em: 24 nov. 2024.

COLOMBIA. Ministerio de Ambiente y Desarrollo Sostenible. **Informe de gestión 2023: Pueblo Rrom.** Bogotá: Ministerio de Ambiente y Desarrollo Sostenible, 2023. Disponível em: <https://www.minambiente.gov.co/wp-content/uploads/2024/04/Informe-de-Gestion-2023-Pueblo-Rrom-VF.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2024.

COSTA, Eliane Silvia; SCHUCMAN, Lia Vainer. Identidades, identificaciones e classificações raciais no Brasil: o pardo e as ações afirmativas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 466-484, maio a agosto de 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.68631>.

DAFLON, Verônica Toste. **Tão longe, tão perto: pretos e pardos e o enigma racial brasileiro.** Orientador: João Feres Júnior. 2014. 198 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DANE (DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA). **Colombia: una nación multicultural.** Su diversidad étnica. [s.l.] :DANE, 2007. Disponível em: http://www.dane.gov.co/files/censo2005/etnia/sys/colombia_nacion.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

DANE (DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA). **Censo de 2005.** Disponível em: <https://microdatos.dane.gov.co/index.php/catalog/421> Acesso em 30 nov.2024.

DANE (DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA). **Censo de 2018.** Disponível em: <https://microdatos.dane.gov.co/index.php/catalog/643> Acesso em 30 nov.2024.

DE LA FUENTE, Alejandro.; ANDREWS, George Reid (Eds.). **Estudios afrolatinoamericanos: una introducción.** Buenos Aires: Harvard University/CLACSO, 2018. Disponível em:

https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20181206023201/EstudiosAfro_ES.pdf Acesso em: 24 nov. 2024.

ESTUPIÑAN, Juan Pablo. Negro ou afrocolombiano? Disputas pelas classificações raciais/étnicas nos censos colombianos. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 26, n. 2, p. 272-291, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2021v26n2p272>

FANON, Frantz. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Difusão Europeia, 1936.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. As cores da desigualdade. **Retratos: a revista do IBGE**, n. 11, p. 14-19, maio 2018. Disponível em: Link: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf Acesso em: 24 nov. 2024.

GOMES, Nilma Lino; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Resistência democrática: a questão racial e a Constituição Federal de 1988. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 145, p. 928-945, out.-dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018200256>.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Colonialismo interno [una redefinición]. In: BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina. **La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20100715084802/cap19.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020 [1979].

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A democracia racial revisitada. **Afro-Ásia**, n. 60, p. 9-44, 2019. DOI: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i60.36247>

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça, cor, cor da pele e etnia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 265-271, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v20i20p265-271>

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

- IANNI, Otávio. **O labirinto latino-americano**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1993.
- IBGE. **IBGE – Censo Demográfico 2010**. s/d. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9662-censo-demografico-2010.html>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- IBGE. **IBGE – Censo Demográfico 2022a**. s/d. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/conhecendo-o-brasil.html>. Acesso em: 24 nov. 2024.
- IBGE. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/19361f45cc3e3b003f0a552ecde1c45f.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.
- IBGE. **Manual de entrevista. CD-1.04**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://nacaomestica.org/blog4/wp-content/uploads/2017/02/ibge_manual_do_recenseador_censo2020p02.pdf
- IBGE. **Manual do recenseador: parte 2**. CD-1.09-2. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://nacaomestica.org/blog4/wp-content/uploads/2017/02/ibge_manual_do_recenseador_censo2020p02.pdf Acesso em: 30 nov. 2024.
- IGREJA, Rebecca Lemos; AGUDELO, Carlos. Afrodescendentes na América Latina e Caribe: novos caminhos, novas perspectivas em um contexto global multicultural. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 13-28, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/11502/8128>. Acesso em: 24 nov. 2024.
- IPEA. **Censo 2010: dinâmica demográfica da população negra brasileira. Comunicados do IPEA**, n. 91, maio 2011.
- LIMA, Márcia. Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 87, p. 77-94, jul. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002010000200005>
- LOVEMAN, Mara. **National colors**. New York: Oxford University Press, 2014.
- MATTOS, Hebe. ‘Pretos’ and ‘pardos’ between the cross and the sword: racial categories in Seventeenth Century Brazil. **Revista Europeia de Estudios Latinoamericanos y del Caribe**, n. 80, p. 43-55, 2006. DOI: [10.18352/erlacs.9654](https://doi.org/10.18352/erlacs.9654)
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. Disponível em:

[file:///C:/Users/User/Downloads/docslide.com.br%20rediscutindo-a-mestica-gem-no-brasilkabengele-munanga%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/docslide.com.br%20rediscutindo-a-mestica-gem-no-brasilkabengele-munanga%20(2).pdf) Acesso em: 28 nov. 2024.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Entrando e saindo da “mistura”: os indígenas nos censos nacionais. *In: Ensaaios em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. p. 124-154.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Territórios quilombolas em cidades negras no Brasil: primeiras observações censitárias para as políticas públicas. **ODEERE**, v.8, n. 3, p. 140-159, 2023.

PAIXÃO, Marcelo. Quinientos años de soledad: estudios sobre las desigualdades raciales en Brasil. *In: ROSERO-LABBÉ, Claudia Mosquera (Ed. académica); SÁNCHEZ LANDAZÁBAL, Paula Ximena; LOBATO JR., Antonio (Trad.). Biblioteca Abierta. Trabajo Social*, n. 438. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, 2016.

PASCHEL, Tianna. ‘The Beautiful Faces of my Black People’: race, ethnicity and the politics of Colombia's 2005 census. **Ethnic and Racial Studies**, v. 36, n. 10, p. 1544-1563, out. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/01419870.2013.791398>.

PCN (PROCESO DE COMUNIDADES NEGRAS EN COLOMBIA). **Y el chocolate espeso: evaluación del Censo General 2005 y la pregunta de autorreconocimiento étnico entre afrocolombianos**. Bogotá: Proceso de Comunidades Negras en Colombia-PCN, 2006.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: CLACSO. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 30 nov. 2024.

SANSONE, Lívio. Racismo sem etnicidade: políticas públicas e discriminação racial em perspectiva comparada. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 751-783, 1998.

SILVA, Graziella Moraes; LEÃO, Luciana Teixeira de Souza. O paradoxo da mistura: identidades, desigualdades e percepção de discriminação entre brasileiros pardos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 117-133, out. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300007>

SILVEIRA, Marcos Silva. Pensando distinções entre pretos e pardos no Brasil a partir das cotas raciais nas universidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37, n. 109, p. 1-18, 2021. DOI: <http://orcid.org/0000-0002-3860-6425>

SKIDMORE, Thomas Elliott. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Coleção Estudos Brasileiros, v. 9. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TELLES, Edward Eric. **Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil**. Princeton: Princeton University Press, 2004. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt6wpzpb>.

URREA-GIRALDO, Fernando; VIÁFARA-LÓPEZ, Carlos Augusto; VIVEROS-VIGOYA, Mara. From whitened miscegenation to try-ethnic multiculturalism. In: TELLES, Edward; THE PROJECT ON ETHNICITY AND RACE IN LATIN AMERICA (PERLA). **Pigmentocracies: Ethnicity, Race and Color in Latin America**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014. p. 81-125. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.5149/9781469617848_telles.6 Acesso em: 30 nov. 2024.

URREA-GIRALDO, Fernando; et al. Análisis de la dinámica intercensal del autorreconocimiento en la población negra, afrocolombiana, raizal y palenquera en el periodo 2005-2018. Fase 1. In: **Estudios Poscensales. Censo Nacional de Población y Vivienda 2018**. Bogotá: DANE, 2022. Disponível em: https://colombia.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/estudio_poscensal_po_b_negra_afro_raizal_palenquera.pdf Acesso em: 30 nov. 2024.

URREA-GIRALDO, Fernando; RODRÍGUEZ-SANCHEZ, Diego Alejandro. Collecting ethnic and racial data in censuses and surveys: The Latin American experience in the cases of Brazil, Colombia, Mexico and Peru. **Revista de História Comparada**, v. 8, n. 1, p. 7-35, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/1262/1182> Acesso em: 30 nov. 2024.

URIBE MALLARINO, Consuelo. Borrón y cuenta nueva: las estadísticas en Colombia se reinventan a sí mismas. **Universitas Humanística**, n. 63, p. 91-110, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/2299/1620> Acesso em: 30 nov. 2024.

VALLE SILVA, Nelson do. O preço da cor: diferenciais raciais na distribuição de renda no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 57-67, 1980.

VIÁFARA-LÓPEZ, Carlos Augusto. Visibilidad estadística y estudios sociodemográficos para afrodescendientes en Colombia: una primera aproximación. In: BARONA, Angélica; DE LA FUENTE, Alejandro; VERGARA,

Aurora (Eds.). **Manual de Estudios Afrocolombianos: lecturas esenciales**. Cali: ICESI, [s.d.]. [no prelo].

VIÁFARA-LÓPEZ, Carlos Augusto. Aprendizajes sobre la incorporación de la etnicidad y la raza en los censos: el caso de la población afrocolombiana. *In: Afrodescendientes en los censos del siglo XXI: avances en el reconocimiento de la realidad afro*. Grupo de Trabajo sobre Afrodescendientes en los Censos de las Américas, San José, Costa Rica, 2011. p. 11-19.

VIÁFARA-LÓPEZ, Carlos Augusto. Genocidio estadístico de la población NARP: algunas consideraciones. Debate de control político al Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE), Censo Poblacional Comunidades Negras y resultados para el municipio Riosucio (Chocó). **Comisión I de la Cámara de Representantes**, Bogotá, 25 nov. 2019. Disponible em: https://www.researchgate.net/publication/337654766_Genocidio_estadistico_de_la_poblacion_NARP_Algunas_consideraciones. Acesso em: 24 nov. 2024.

WADE, Peter. **Racismos latinoamericanos desde una perspectiva global**. **Nueva Sociedad**, n. 292, p. 25-41, 2021. Disponible em: <https://nuso.org/articulo/racismos-latinoamericanos-desde-una-perspectiva-global/> Acesso em: 30 nov. 2024.

WADE, Peter. The Cultural Politics of Blackness in Colombia. **American Ethnologist**, v. 22, n. 2, p. 341-357, maio 1995. Disponible em: <https://personalpages.manchester.ac.uk/staff/peter.wade/articles/AE%20paper.pdf> Acesso em: 30 nov. 2024.

WADE, Peter. El concepto raza y la lucha contra el racismo. **Estudios Sociológicos De El Colegio De México**, v. 40, n. especial, p. 163-192, 2022. <https://doi.org/10.24201/es.2022v40nne.2071>.

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A AMÉRICA LATINA POR GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL: CARACTERÍSTICAS, POTENCIAIS E DESAFIOS¹

*PRODUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO SOBRE AMÉRICA LATINA POR LOS
GRUPOS DE INVESTIGACIÓN EN BRASIL:
CARACTERÍSTICAS, POTENCIALES Y LÍMITES*

*PRODUCTION OF KNOWLEDGE ON LATIN AMERICA BY RESEARCH
GROUPS IN BRAZIL: CHARACTERISTICS, POTENTIALS, AND CHALLENGES*

Flávia Lessa de Barros² 

Lília Gonçalves Magalhães Tavoraro³ 

Universidade de Brasília, Brasil

Resumo: Apresentamos um panorama sobre um conjunto de 76 Grupos de Pesquisa registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq-MCT, parte de um conjunto maior e diverso de iniciativas institucionais, acadêmicas e não acadêmicas, identificadas em pesquisa para o mapeamento dos campos de produção e difusão de conhecimento e informação sobre a América Latina no Brasil, no período de 2016 a 2020, com o apoio da FAP-DF. O Grupo de Pesquisa é o tipo de iniciativa institucional com foco especializado na região numericamente mais importante, segundo os resultados da pesquisa, e, por conseguinte, priorizado em nossas análises. O objetivo é compreender as condições de organização e funcionamento destes Grupos de Pesquisa. Dados

¹ Contamos com versões anteriores deste artigo, apresentadas nos seguintes eventos acadêmicos (quando os dados se encontravam em fase de levantamento e consolidação): i) "A produção do conhecimento sobre a América Latina no Brasil e integração regional: os grupos de pesquisa registrados no diretório do CNPq, laboratórios, núcleos e observatórios", na mesa-redonda MR23 "Intelectuais e agenda de pesquisa sobre a América Latina no Brasil: os dilemas da regionalização", no 42º Encontro Anual da Associação Brasileira de Ciências Sociais, 22-26 de outubro de 2018, Caxambú-MG; ii) "Processos de integração regional e latino-americanismos no Brasil", no I Congresso Internacional Pensamento e Pesquisa sobre a América Latina, 6-10 de maio de 2019, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; iii) "A produção do conhecimento latino-americanista no Brasil: uma abordagem a partir dos Grupos de Pesquisa registrados no CNPq", no Comitê de Pesquisa 12 do 21º Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, 11 e 14 de julho de 2023, na Universidade Federal do Pará.

² Doutora em Sociologia e professora do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Brasília (UnB). flaviabarros@unb.br

³ Doutora em Sociologia e professora do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Brasília (UnB). liliatavolaro@unb.br

quantitativos e qualitativos levantados por meio de sites das iniciativas na internet, questionários junto aos Líderes de Grupos de Pesquisa, formulários do Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq e da Plataforma Lattes/CNPq subsidiam a nossa caracterização do conjunto de Grupos de Pesquisa selecionados em termos de criação; distribuição no país; vinculação a IES; natureza; missão; agendas temáticas; perspectivas de abordagem; trajetórias de formação dos líderes; dinâmicas de atuação e avaliação de políticas governamentais. O objetivo também é, tendo-se em vista a conjuntura política nacional e internacional mais recente, explorar alguns potenciais e desafios para a consolidação dos campos latino-americanistas no Brasil e a influência destes campos sobre processos de integração regional em dimensões socioculturais.

Palavras-chave: Produção de conhecimento sobre América Latina; Grupos de Pesquisa/CNPq-MCT; Instituições de Ensino Superior públicas brasileiras; Latino-americanismo; Integração regional.

Resumen: Presentamos un panorama respecto a un conjunto de 76 Grupos de Investigación registrados en el Directorio de Grupos de Investigación del CNPq-MCT, que forma parte de un conjunto más amplio y diverso de instituciones académicas y no académicas, seleccionadas en una investigación sobre los campos de producción y difusión del conocimiento sobre América Latina en Brasil en el período de 2016 a 2020, con el apoyo de FAP-DF. El Grupo de Investigación es el tipo de institución especializada sobre la región numéricamente más relevante según datos de la investigación y, por lo tanto, priorizado en nuestros análisis. El objetivo es comprender las condiciones de organización y funcionamiento de estos Grupos de Investigación. Datos cuantitativos y cualitativos recopilados en los sitios web de estas instituciones, en los cuestionarios a los Líderes de los Grupos de Investigación, en los formularios del Directorio de Grupos de Investigación del CNPq y en la Plataforma Lattes respaldan nuestra caracterización de estos grupos en términos de su período de creación, distribución geográfica, afiliación institucional, su naturaleza pública o privada, misión, agendas, planteamientos teóricos, temas y problemas investigados, dinámicas de operación, trayectoria de actividad profesional de sus líderes y evaluaciones de políticas gubernamentales. El objetivo es también, considerando la coyuntura política y de los cambios recientes en los contextos nacional y regional, explorar algunos potenciales y retos para la consolidación de los campos latinoamericanistas en Brasil y las influencias de estos campos sobre los procesos de integración regional en dimensiones socio-culturales.

Palabras clave: Producción del conocimiento sobre América Latina; Grupos de investigación/CNPq; Instituciones de Enseñanza Superior públicas brasileñas; Latinoamericanismo; Integración regional.

Abstract: We present an overview of a set of 76 Research Groups registered on the CNPq Directory of Research Groups that constitute part of a larger and more diverse set of academic and non-academic institutions that were mapped out between 2016 and 2020, as part of a research on the fields of

production and diffusion of knowledge and information on Latin America in Brazil, supported by FAP-DF. Research Groups are, quantitatively speaking, and according to data collected in our research, the most important type of institution focused on the region amongst, the different types of institutions selected in the research and were therefore prioritized in our analyses. Our goal is to understand the organizational and operational conditions of these groups. Based on quantitative and qualitative data gathered from these institutions' websites, the CNPq-MCT Directory forms, and the CNPq Lattes Platform, we present the main characteristics of these groups regarding their period of creation, geographical distribution, institutional affiliation, public or private nature, mission, research agendas, theoretical approaches, issues investigated, dynamics of operation, the professional trajectories of their leaders and their evaluation on public policies. Considering the political conjuncture in this period and recent changes in the national and regional scenarios, we also aim to explore potential opportunities and challenges for the consolidation of the Latin Americanist fields in Brazil and their influence on regional integration processes on sociocultural dimensions.

Keywords: Production of knowledge on Latin America; Research groups/CNPq; Brazilian public Institutions of Higher Education; Latin Americanism; Regional integration.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227628](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227628)

Recebido em: 01/08/2023

Aprovado em: 31/12/2024

Publicado em: 01/01/2025

1. Introdução

Apresentamos um panorama sobre um conjunto de 76 Grupos de Pesquisa registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (CNPq/MCT), com foco em América Latina, que fazem parte de um conjunto maior e diverso de 181 iniciativas institucionais (144 acadêmicas e 37 não acadêmicas), selecionadas em pesquisa realizada pelas autoras entre 2016-2020⁴. O objetivo do projeto foi

⁴ Intitulado "Campos de produção e difusão de conhecimento e informação sobre a América Latina no Brasil", o projeto de pesquisa teve o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) no período 2018-2020, sob a coordenação geral de Flávia Lessa de Barros. O projeto segue em etapa avançada sob a nossa cocoordenação, com diversos desdobramentos. Na fase inicial, o projeto contou com a colaboração dos colegas Prof. Paulo Henrique Martins (UFPE) e Profa. Adélia Ribeiro-Miglievich (UFES). Até o presente, a coleta e a sistematização dos dados compreenderam 16 estudantes de graduação (Anna Luiza Ramos Rodrigues, Aryell Calmon Gonzaga Borges; Clarissa Dias Nascimento; Daniel Victor Lima Felix; Domitila Ferreira Evangelista Ramos;

mapear os campos de produção e difusão de conhecimento e informação especializados em América Latina no Brasil e, assim, compreender as características, os potenciais e desafios dos estudos e pesquisas latino-americanistas no país na atualidade e suas possíveis influências em processos de integração regional (BARROS; TAVOLARO, 2017).

Dentre as iniciativas institucionais com foco em América Latina selecionadas, criadas no Brasil nas últimas quatro décadas e meia e em operação no período da coleta dos dados⁵, os Grupos de Pesquisa se destacaram como o tipo de formato institucional numericamente mais relevante. Também consideramos os Grupos de Pesquisa como o tipo de maior importância estratégica nos campos acadêmicos-científicos, pois é principalmente por meio deles que são desenvolvidas abordagens sobre a América Latina em instituições sem foco especializado na região - e/ou que, meio a tradições disciplinares e interdisciplinares influenciadas por perspectivas eurocêntricas e norte-cêntricas, em geral, priorizam escalas de análise internacional-global e nacional-local, em detrimento das escalas regional e sub-regional.

É através dos Grupos de Pesquisa selecionados que estimamos os potenciais avanços na capilarização da produção latino-americanista no Brasil, ou seja, da expansão da produção acadêmica especializada em América Latina com o desenvolvimento de novos focos de abordagem no país sobre a região⁶. Ao mesmo tempo, é através deles que buscamos

Eliei dos Reis Almeida; Evelyn da Silva Bernardo; Guilherme Cogo; Guilherme Queiroz da Silva; Jasmin Leonhardt Pavan; Leonardo Muniz; Luyana Ladislau; Mariá Brilhante; Marina Dutervil, Ricardo Lavanere e Tamyres Batista) e 5 estudantes de pós-graduação (Alina da Silva Ribeiro, Débora Fernandes Pereira Machado, Emmanuel de Nazareth Brasil, Larissa do Carmo Inácio e Vinícius Gürtler).

⁵ O período definido para a seleção da amostra se inicia na década de 1960 até o final de 2020, quando o projeto é finalizado. Nesse período se realizou a seleção do conjunto total dos diversos tipos de iniciativas institucionais que produzem e difundem conhecimento e informação sobre a América Latina em operação no país. Conforme esse critério de busca, o Grupo de Pesquisa mais antigo, identificado na pesquisa, foi criado em 1989 e o mais recente em 2017.

⁶ A seleção dos Grupos de Pesquisa se deu inicialmente através de ferramenta de busca na Internet e, em seguida, na Plataforma do Diretório do CNPq, de acordo com o mesmo critério adotado para o levantamento das demais iniciativas institucionais na pesquisa. Foram assim selecionados os Grupos de Pesquisa que não consistiam em atividade vinculada a nenhuma outra iniciativa institucional com foco em América Latina (tais como programa de pós-graduação, departamento, centro ou instituto) e que, no período da coleta dos dados constavam no Diretório do CNPq como grupo “em preenchimento” ou “certificado pela instituição”. A adoção deste critério visou evitar sobreposições e distorções de dados, especialmente na comparação entre os diferentes tipos de iniciativas, e, ao mesmo tempo, identificar as iniciativas com potencial de gerar novas abordagens regionalistas em instituições onde a perspectiva especializada sobre a América Latina ainda era ausente ou muito

compreender algumas das condições de formação, organização e funcionamento dos campos acadêmicos latino-americanistas brasileiros e suas possíveis influências em processos de cooperação e integração regional em dimensões socioculturais, acadêmicas e científicas. Elegemos também os Grupos de Pesquisa como o tipo de iniciativa de referência na identificação de alguns dos principais desafios para o fortalecimento e a continuidade desses campos, dado que compreendem o formato acadêmico institucional tendencialmente mais suscetível a déficits estruturais e crises conjunturais, políticas e econômicas.

O recorte deste artigo é justificado, portanto, pela relevância numérica e estratégica dos Grupos de Pesquisa em comparação aos demais tipos de iniciativas institucionais acadêmicas identificadas na pesquisa. Para tanto, amparamo-nos em dados dos grupos disponíveis na Internet e, principalmente, nos formulários do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, relativos à criação, distribuição no país, vinculação institucional; natureza; missão; perspectivas de abordagem; agendas, dinâmicas de atuação e trajetórias de formação dos Líderes⁷. Outra fonte de informação primordial foi o questionário concebido para os Líderes dos Grupos de Pesquisa, através do qual procuramos complementar uma série de informações indisponíveis na Internet⁸. Para a análise das temáticas, perspectivas de abordagem e agendas priorizadas pelos Grupos de Pesquisa selecionados, contamos ainda com um inventário da produção

fragmentada. Os Grupos de Pesquisa vinculados a outros tipos de iniciativas institucionais com foco sobre região serão tratados noutros trabalhos, em especial aqueles vinculados aos programas de pós-graduação no Brasil.

⁷ Os formulários compreendem informações sobre ano de criação, instituição de vinculação, unidade de vinculação institucional, área e subárea do conhecimento, linhas de pesquisa, instituições parceiras, recursos humanos e repercussões dos trabalhos do grupo, dentre outras. Estas informações podem ser acessadas na página de cada grupo por meio de busca no site do Diretório: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

⁸ O questionário, disponibilizado para os Líderes dos Grupos de Pesquisa por meio do Google Forms, compreendeu questões de múltipla escolha e discursivas, organizadas em três blocos: 1) Missão, trajetória de funcionamento e atuação; 2) Parcerias, redes e dinâmicas de interação e 3) Avaliação de políticas, estratégias e perspectivas. Ao todo responderam ao questionário 28 (dos 76) Líderes dos Grupos de Pesquisa, de diferentes áreas e subáreas do conhecimento, vinculados a Instituições de Ensino Superior - IES públicas e privadas, distribuídas em praticamente todas as regiões do país. São 13 grupos na área de Ciências Sociais Aplicadas (4 na subárea Comunicação, 3 em Arquitetura e Urbanismo, 2 em Serviço Social, 2 em Economia 1 em Direito e 1 em Turismo); 12 na área de Ciências Humanas (6 em Ciência Política, 2 em História, 1 em Geografia, 1 em Sociologia, 1 em Teologia e 1 em Arqueologia) e, finalmente, 3 grupos na área de Linguística, Letras e Artes (um em cada uma dessas subáreas, respectivamente). Dentre os grupos cujos líderes responderam ao questionário, 23 são vinculados a IES públicas, e 5 a IES privadas. Dentre estes grupos, 11 estão localizados na região Sudeste, 9 na região Sul, 4 na região Centro-Oeste e 4 na região Nordeste. Trata-se, portanto, de um subconjunto qualitativamente representativo do conjunto maior de 76 Grupos de Pesquisa selecionados na pesquisa que são objeto do presente artigo.

bibliográfica de seus Líderes, elaborado através de consulta aos seus currículos na Plataforma Lattes. Informações relativas às trajetórias de formação e atuação profissional dos Líderes, também disponíveis em seus Currículos Lattes, foram consideradas para a análise do potencial e escopo das parcerias, redes e dinâmicas de atuação dos Grupos de Pesquisa.

Na primeira década e meia do século XXI, assistimos a uma significativa correlação entre a emergência de diferentes tipos de iniciativas institucionais latino-americanistas no Brasil (acadêmicas e não acadêmicas, que apresentavam a América Latina como foco prioritário em suas análises e atividades), a ascensão de agendas governamentais progressistas e integracionistas na região, que buscavam um reposicionamento mais vantajoso nas arenas geopolíticas mundiais, e o papel político que o governo brasileiro assumiu neste contexto - em articulação com outros de base progressista - na construção de propostas alternativas de modelos e estratégias de cooperação e integração regional, de resistência ao neoliberalismo e ao imperialismo na região (BARROS; TAVOLARO, 2017)⁹.

A partir de meados da segunda década do século XXI, todavia, em contraposição a tais avanços e em defesa de movimentos regressivos e disruptivos, testemunhamos o recrudescimento da direita e da extrema direita no país, na região e no mundo (associado às crises do capitalismo neoliberal e à crise de hegemonia no sistema mundial capitalista), com desdobramentos prejudiciais às instituições culturais e de produção e difusão do conhecimento e da informação – sobretudo às universidades públicas¹⁰. No Brasil, foram devastadores os impactos da postura anticientífica do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), também

⁹ A agenda de pesquisa coordenada por Ingrid Sarti (2013), por exemplo, oferece análises sobre a participação do Brasil nesses processos em diversos aspectos relevantes.

¹⁰ A análise de Francisco López Segrera (2016), nos auxilia na compreensão de discursos e práticas de setores conservadores e autoritários emergentes desde a segunda década do século XXI, os quais, mesmo sem ocupar posições de governo, associados a grupos privados, exercem forte influência sobre espaços de poder e a opinião pública, com um alcance transversal de diferentes frações de classe, e promovem ataques frontais à cultura, à ciência e à educação, especialmente à educação pública e à universidade pública, reforçando a ideologia da mercantilização e, ao mesmo tempo, incitando a perseguição e a censura contra acadêmicos e intelectuais, propiciando um ambiente de retrocesso e distopia que vulnerabilizada sobretudo iniciativas acadêmicas com baixo grau de institucionalidade.

anti-latinoamericanista, em ferrenha divergência com os projetos contra hegemônicos que se configuravam.

Vislumbramos alguns cenários mais favoráveis desde o terceiro governo Lula, empossado em janeiro de 2023, apesar dos desafios referentes à sua sustentação por uma coalizão bastante heterogênea e tensionada nas políticas interna e externa pelos ditames da hegemonia neoliberal que cerceia a América Latina e o país desde as últimas décadas do século XX. Assim, persistimos em contribuir para o debate sobre meios de fortalecimento da produção do conhecimento acadêmico-científico latino-americanista que possam subsidiar agendas governamentais e intergovernamentais (em intersecção com agendas não governamentais), em prol de projetos soberanos e solidários para a cooperação e a integração na região em diversas dimensões, bem como estratégias alternativas de inserção no sistema mundial relacionadas a estes projetos. Nossa expectativa é que a maior compreensão da produção de Grupos de Pesquisa latino-americanistas no país que vêm apresentando importantes resultados, ainda sem a devida visibilidade, possa favorecer alguns caminhos promissores nesse sentido.

Nossa hipótese de trabalho é que a produção e a difusão de conhecimento sobre a América Latina no Brasil podem contribuir para a dinamização e o fortalecimento da cooperação e da integração regional em dimensões socioculturais, também acadêmicas e científicas, muito além das dimensões político-econômica, financeira e comercial, inclusive de modo a embasar mais significativamente estas últimas¹¹.

O marco teórico-metodológico da pesquisa e análise dos dados que respaldam o panorama apresentado neste artigo compreende contribuições de algumas subáreas da Sociologia, especialmente da Sociologia do Conhecimento, da Sociologia da Ciência, da Sociologia

¹¹ Dentre outros autores, não obstante a necessidade de uma revisão da perspectiva modernizadora que lhe é subjacente em certos aspectos, valemo-nos das reflexões instigantes de Angel Rama (2021) em suas teses sobre a integração cultural latino-americana e os papéis que poderiam ser desempenhados pela universidade pública na região com este objetivo.

Política; da Sociologia do Desenvolvimento e da Sociologia da Globalização. À luz de perspectivas geopolíticas críticas que permeiam as abordagens de vertentes nessas subáreas, as quais também estabelecem interfaces interdisciplinares relevantes para as nossas referências, consideramos a articulação de diversas escalas de processos (nos níveis macro, meso e micro) e dimensões (político, econômica e sociocultural) para contextualizar e definir o nosso objeto. Nesse sentido, inicialmente, são centrais os modelos empreendidos por Immanuel Wallerstein¹² (1995, 1996, 1997), e Pierre Bourdieu¹³ (2003, 2002).

Nossas análises são também subsidiadas pelo diálogo com autores clássicos e contemporâneos de destaque nas Ciências Sociais latino-americanas, em torno de diversas problemáticas e questões tais como a história do pensamento e da teoria social latino-americana (ZEA, 1976, 1986; ARDAO, 1986, 1980; MARINI; MILLAN, 1994; IANNI, 2000; BORÓN, 2004; BETHELL, 2009; ROITMAN ROSENMAN, 2009; RIBEIRO 2012), os desafios metodológicos no tratamento da América Latina em razão de sua natureza una e diversa e os legados das Ciências Sociais produzidas na América Latina (IANNI, 1993; SANTOS; BAUMGARTEN, 2005; LÓPEZ SEGRERA, 2005; DE SIERRA, 2008); a condição periférica e dependente da América Latina e as disputas nos processos de consolidação das Ciências Sociais e da Sociologia na região (LARRAIN, 1994; FERNANDES, 1966, 1975;

¹² A Teoria do Sistema-Mundo de Wallerstein é uma grande referência para as análises do lugar da América Latina no mundo, nos processos compreendidos na história do desenvolvimento do capitalismo, em suas várias etapas. Esta teoria norteou a crítica de Wallerstein sobre os *Area Studies*, de modo a conduzir, em contraposição, concepções e análises do lugar da produção do conhecimento sobre a América Latina, na América Latina e para a América Latina. Vale lembrar da importância na construção teórica de Wallerstein da Teoria Marxista da Dependência (cujas elaboração contou com os brasileiros Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, dentre outros da região), ao tratar das condições de integração da periferia e da semiperiferia no sistema mundial, que considerou especialmente o caso da América Latina.

¹³ O conceito de campo tal como concebido por Bourdieu (2003) em sua teoria da ação norteou nossa classificação das iniciativas mapeadas conforme seus diferentes modos de produção de conhecimento e informação, bem como de atuação e interação com a sociedade civil, o Estado e o mercado. Assim, foram consideradas iniciativas não só do campo acadêmico (vinculadas e não vinculadas a Instituições de Ensino Superior), que certamente se destacaram na pesquisa, mas também iniciativas voltadas para atividades artístico-culturais, religiosas, educacionais; de militância política; assessoria especializada; lobby e *think tanks*, de natureza privada, sem fins lucrativos, com maior ou menor grau de institucionalidade (BARROS; TAVOLARO; 2017). O conceito de campo também nos subsidiou na abordagem das especificidades da produção do conhecimento e difusão de informação sobre América Latina em cada uma dessas esferas sem perder de vista o fato de que estas ações são influenciadas pelo “macro-cosmo social” mais amplo no qual se encontram inseridas e sobre o qual também exercem algum tipo de influência. Nesse sentido, ressaltamos as contribuições dos desenvolvimentos posteriores de Bourdieu na crítica ao neoliberalismo e suas ameaças contra a autonomia dos campos, o que, segundo o autor, terminavam por significar ameaças à civilização, conforme destacado por Christian Laval (2020).

STAVENHAGEN, 2014); as propostas de modelos alternativos intergovernamentais de cooperação internacional e integração na região e as agendas, alianças e embates entre atores estatais e não estatais (BRICEÑO RUIZ; DE LOMBARDE, 2018; BRICEÑO RUIZ, 2023); os assaltos e ameaças do neoliberalismo ao campo científico e às universidades, e a importância do pensamento crítico (BORÓN, 2006; GONZÁLEZ CASANOVA, 2006; SOSA, 2012; LEHER, 2019); a continuidade do panamericanismo, a expansão do conservadorismo e a emergência de novas direitas em contraposição aos ciclos políticos progressistas na região no século XXI (LÓPEZ SEGRERA, 2016; PRECIADO CORONADO, 2023; TZEIMAN; MARTUSCELLI, 2024); a ciência mundial, a educação superior em nível mundial, os desafios e potenciais da internacionalização para a Ciência em geral, as Ciências Sociais na América Latina e as agendas de cooperação Sul-Sul e Norte-Sul (BORÓN, 2004; GONZÁLEZ CASANOVA 2006; LÓPEZ SEGRERA, 2006; SANTOS 2015; BEIGEL 2018), e as alternativas de integração sociocultural, acadêmica e científica na região (DEVÉS VALDÉS, 2007; 2023; RAMA, 2021)¹⁴.

No seu conjunto, as questões e problemáticas acima elencadas nos auxiliam na compreensão mais ampla dos processos e contextos em que se insere a produção do conhecimento sobre a região, os quais se apresentam ao mesmo tempo como objetos e fatores condicionantes da produção do conhecimento pelos Grupos de Pesquisa. Trata-se de um vasto universo de reflexões e análises que, desde as Ciências Sociais e áreas afins, nos oferecem bons exemplos de “foco latino-americanista”, expressão adotada ao longo deste artigo, em referência à especialização do conhecimento sobre a região, voltado para as suas singularidades, que corresponde ao sentido mais restrito de latino-americanismo como uma perspectiva de produção de conhecimento sobre uma área ou região, em

¹⁴ No seu conjunto, estes autores apresentam uma série de elementos que convergem para uma compreensão dos processos de construção da identidade da região e contribuem para aclarar a natureza e a especificidade do conhecimento ‘sobre’ e ‘a partir’ da América Latina produzido pelos Grupos de Pesquisa selecionados, de modo a também justificar as necessárias abordagens multi, inter e transdisciplinares ao revelarem a complexidade dos estudos na escala regional latino-americana. Eles também contribuem para critérios mais condizentes nas análises comparadas que envolvam a região e enfatizam a originalidade e a importância da perspectiva latino-americanista para o campo científico.

relação à qual “latino-americanista” é uma adjetivação dos especialistas engajados nas ações em tal processo. Esta é a definição de latino-americanismo adotada neste artigo, a fim de abarcar a diversidade de perspectivas assumidas pelos Grupos de Pesquisa selecionados.

As abordagens acima referidas, na sua maioria, também contribuem para o resgate e a atualização do latino-americanismo em sua acepção mais ampla, histórica¹⁵, como um movimento sociopolítico e cultural que encerra um sentido de internacionalismo fundamental, também presente na orientação dos campos acadêmico-científicos na produção e difusão do conhecimento especializado em América Latina. Este internacionalismo com perspectiva regional, latino-americanista, foi incorporado tardiamente, no século XX, pelo pensamento social e a teoria social no Brasil, os quais, entretanto, também colaboraram para o seu fortalecimento, sobretudo no pós-II Guerra, com o envolvimento de cientistas sociais de vertentes da teoria crítica¹⁶. Consideramos que este internacionalismo acadêmico latino-americanista favorece uma concepção subjacente de maior autonomia do campo científico, de acordo com a definição de Bourdieu (2003), que prioriza o investimento na produção do conhecimento sobre a região, desde a região e para a região. Associado a este sentido de latino-americanismo, o “latino-americanista” assume um perfil de intelectual comprometido e engajado com maior organicidade a agendas que levam em conta as especificidades históricas e socioculturais da região.

¹⁵ Conforme apontam alguns autores (ZEA, 1976, 1996; ARDAO, 1886, 1980; BETHELL, 2009; PRECIADO CORONADO, 2023), trata-se de um movimento gestado desde as lutas anticoloniais e independentistas e a formação das nações latino-americanas, em oposição ao projeto expansionista do EUA, amparado no século XIX pela Doutrina Monroe, a qual seguiu norteando nos séculos XX e XXI o panamericanismo, movimento hegemônico estadunidense na região. O latino-americanismo foi antecedido pelo americanismo (de matriz hispânica) e o hispano-americanismo, em sua origem, posteriormente também compreendendo o iberoamericanismo, de modo a incluir o Brasil.

¹⁶ No Brasil, na área das Ciências Sociais e da Sociologia, Florestan Fernandes (1966) é um grande exemplo da crítica ao americanismo (estadunidense) aos estudos de área realizados sobre a América Latina, que envolviam diagnósticos e prognósticos que não só resultavam no “colonialismo científico”, como também legitimavam a continuidade do imperialismo. Em oposição a esta tendência, Fernandes destaca a importância do papel dos cientistas sociais latino-americanos como latino-americanistas, dedicados ao ensino e à pesquisa com focos especializados na região e norteados pelo compromisso intelectual em suas abordagens sobre a realidade latino-americana, de modo a compreender uma conexão sociocultural e histórica de sentido, em prol de um novo padrão cultural de verdade. Deste modo, os cientistas sociais latino-americanos não seriam meros agentes de transplantação cultural.

Na segunda seção deste artigo, apresentamos as características gerais dos Grupos de Pesquisa no Brasil selecionados com foco em América Latina. Destaca-se sua vinculação institucional, a natureza (pública ou privada), o período de criação; distribuição geográfica; histórico; missão e meios de difusão. Na terceira seção, exploramos os principais temas, problemas e perspectivas de abordagem dos Grupos de Pesquisa, de modo a enfatizar os seus diversos tipos de foco geográfico-territorial, os quais compreendem uma multiplicidade de temáticas e questões que resgatam debates clássicos do pensamento e da teoria social latino-americana, mas também contribuem para pavimentar correntes emergentes, com destaque para os temas relativos a desenvolvimento, democracia e integração regional, que se mostraram passíveis de atualizações e ressignificações. Na quarta seção, à luz dos dados quantitativos e qualitativos sistematizados nas seções anteriores e das avaliações dos próprios Líderes do Grupos de Pesquisa (registradas nos questionários aplicados), sobre as políticas governamentais para a ciência e a educação, e as dinâmicas de interação em campos acadêmico-científicos nacionais e internacionais, discutimos os potenciais e desafios para a produção do conhecimento sobre a América Latina no país. Ressaltamos semelhanças e interfaces importantes entre os Grupos de Pesquisa em termos de questões e abordagens, mas também algumas diferenças substantivas quanto à definição do latino-americanismo. Nas considerações finais, num balanço das análises das problemáticas observadas a partir das experiências dos Grupos de Pesquisa e tendo vista a conjuntura política mais recente no país, consideramos o horizonte da consolidação da produção e difusão do conhecimento e informação sobre a América Latina no Brasil, seus desafios e possibilidades de influenciar e promover a integração regional em dimensões socioculturais e acadêmico-científicas, de modo a também identificar perspectivas de seguimento da agenda de pesquisa sobre o tema e outros relacionados.

2. Características gerais dos grupos de pesquisa latino-americanistas selecionados

No conjunto de dezessete tipos de formato institucional das iniciativas identificadas para o mapeamento dos campos latino-americanistas no Brasil¹⁷, o Grupo de Pesquisa é situado no nível mais baixo das hierarquias nas Instituições de Ensino Superior (IES)¹⁸ e outras instituições não voltadas para o ensino, mas que também promovem a pesquisa acadêmica¹⁹. Trata-se de um primeiro formato de organização da ação coletiva acadêmica em processos de produção e difusão do conhecimento, cujos líderes e coordenadores têm maior autonomia e flexibilidade em relação a outras instâncias nas quais os grupos são inseridos. Entretanto, para além das capacidades e realizações individuais que indispensavelmente norteiam e marcam a ação coletiva neste tipo de formato, o Grupo de Pesquisa permite a observação de iniciativas e protagonismos relativos a estruturas e dinâmicas que contribuem para a construção e o fortalecimento institucional de suas respectivas instituições de vinculação.

Vale lembrar, à luz da discussão de Bourdieu (2003) das estruturas e dinâmicas do campo científico e dos capitais simbólico e científico neste campo, a formação de grupos de pesquisa devidamente reconhecidos por suas universidades e registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq/MCT é condição fundamental para a avaliação da produção

¹⁷ O conjunto total das iniciativas acadêmicas e não acadêmicas compreende os seguintes tipos de formato (sendo alguns agregados): i. Agência de Informação e Comunicação e Plataforma Digital, ii. Associação, Campanha e Movimento; iii. Casa de Cultura; iv. Centro; v. Departamento; vi. Faculdade; vii. Fundação; viii. Grupos de Pesquisa; ix. Instituto, x. Laboratório, vi. Núcleo e Observatório; xii. Museu e Memorial; xiii. Programa de Extensão; xiv. Programa de Pós-Graduação; xv. Rede, Fórum, Aliança e União, xvi. Revista e xvii. Universidade.

¹⁸ Os grupos de pesquisa são normalmente vinculados a tipos de iniciativas que se encontram em nível superior a eles, conforme o organograma acadêmico-institucional das IES, tais como programas de pós-graduação ou centros e departamentos e estes últimos, por sua vez, a institutos, faculdades e universidades.

¹⁹ O levantamento das iniciativas institucionais com foco especializado em América Latina se deu através de ferramenta de busca em inúmeros sites no portal da internet, combinando os termos de busca “América Latina”, “América Latina e Caribe”, “Américas” e outros termos relacionados nos nomes das iniciativas, ou seja: i) adjetivações, como latinoamericano/a, americano; ii) sub-regiões, como “Cone Sul” e “América Platina”, e iii) organização internacional voltada para a “integração”, como “Mercosul”) com termos referentes a diversos tipos de formato de iniciativa institucional, (como “centro”, “núcleo”, “instituto”, “observatório”, “fundação”, “casa”, “revista”, “rede” entre outros). A seleção priorizou as iniciativas que se encontravam em posição superior nas hierarquias institucionais em que eram inseridas.

acadêmico-científica dos pesquisadores e a dotação de recursos para as suas respectivas unidades e programas. Este é também o modelo de referência dos Grupos de Pesquisa selecionados, constituídos por docentes, estudantes de graduação e pós-graduação e técnicos, que, desde suas áreas do conhecimento e especializações, desenvolviam atividades de pesquisa e extensão nas quais a região latino-americana era objeto central.

Das 144 iniciativas institucionais acadêmicas latino-americanistas mapeadas na pesquisa, 53% (76) são Grupos de Pesquisa, dos quais 88% (67) são vinculados a IES públicas. Dentre estes, é importante destacar que 62% (47) são vinculados a universidades públicas federais (**ver Quadro 1, Apêndice**). Tais dados por si só revelaram a importância estratégica da pesquisa, em especial daquela produzida em universidades públicas, para a produção e difusão do conhecimento e informação sobre a América Latina no Brasil.

A grande maioria dos Grupos de Pesquisa latino-americanistas selecionados na pesquisa, ou seja, 87% (66), foi criada nas primeiras duas décadas dos anos 2000, sendo o ápice de novos grupos nos anos 2010 e 2014, com queda brusca nos anos subsequentes, de 2015, 2016 e 2017. Além de ocorrer no contexto de emergência de propostas alternativas de integração regional, quando o Brasil teve participação estratégica²⁰, a expressiva criação de novos grupos de pesquisa com foco latino-americanista no período coincidiu com a expansão das universidades públicas federais mediante o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) em 2006, que envolveu um considerável aumento do investimento e a criação de

²⁰ Nesse período, que compreendeu os primeiros governos do Partido dos Trabalhadores (PT), em aliança com lideranças do campo progressista que se encontravam no governo de outros países da região (Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Uruguai e Venezuela) o governo brasileiro atuou em apoio a novos projetos integracionistas como ALBA (2006), UNASUL (2008), CELAC (2010), bem como ao projeto de um novo Mercosul. Estas iniciativas são concebidas como alternativas a projetos de tendência panamericanista e neoliberal, que visavam também uma integração política e cultural, além de econômica e comercial (BARROS; TAVOLARO, 2017).

novos campi universitários e vagas para a contratação de docentes e técnicos administrativos²¹.

Dados relativos à distribuição por região e estado da federação demonstraram que havia uma maior concentração nas regiões Sul e Sudeste, com quase três quartos de todos os Grupos de Pesquisa selecionados, em especial nos estados do Rio Grande do Sul 16% (12), São Paulo 13% (10) e Rio de Janeiro 12% (9). Contudo, os Grupos de Pesquisa estavam presentes em todas as regiões do país, distribuídos por 16 dos 26 estados, uma tendência que acompanhava o próprio sistema de universidades públicas federais no Brasil e, possivelmente, o crescimento e a disseminação de Programas de Pós-Graduação entre o final da década de 1990 até meados da década de 2010²² (**ver Quadro 1, Apêndice**).

Na distribuição por área e subárea do conhecimento²³, notamos que a maioria dos Grupos de Pesquisa selecionados se concentrava nas áreas de Ciências Humanas, com 41% (31) e Ciências Sociais Aplicadas, com 38% (29). O protagonismo das subáreas de Ciência Política e História resultou evidente, com 16% (12) e 16% (12), seguidas pelas subáreas de Letras e Direito, com 14% (11) e 13% (10), respectivamente. Sociologia ocupava apenas o 10º lugar no *ranking* de subáreas de concentração²⁴, com 3% (2), atrás de

²¹ Os dados apresentados no Portal do Ministério da Educação sobre os impactos do REUNI, indicam que o número de municípios que passaram a sediar campi universitários aumentou de 114 em 2003 para 237 em 2011. Nesse período, foram criadas 14 novas universidades e mais de 100 novos campi. Disponível em https://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100&Itemid=81. Acesso em: 28 jun. 2024. Para dados relativos ao investimento em educação, ciência e tecnologia neste período ver, por exemplo: Luz, Joice, Feres Jr, João e Gershon, Débora. "Ciências Sociais articuladas – o orçamento da Educação, Ciências e Tecnologia no Brasil: 22 anos de avanços e retrocessos". Disponível em: <https://olb.org.br/ciencias-sociais-articuladas-o-orcamento-da-educacao-ciencia-e-tecnologia-no-brasil-22-anos-d-e-avancos-e-retrocessos/>. Acesso em 14 mar. 2023.

²² Segundo dados apresentados no GEOCAPES – Sistema de Informações Georreferenciadas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES do Ministério da Educação -MEC, o expressivo aumento de cursos de Mestrado e Doutorado em todas as áreas do conhecimento no país levou à expansão regional da pós-graduação para além do eixo Sul e Sudeste, beneficiando também estados de outras regiões como Bahia, Pará e Goiás. Ver: CAPES, GEOCAPES – Sistema de Informações Georreferenciadas. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em: 23 maio 2022.

²³ A classificação por área e subárea dos Grupos de Pesquisa selecionados obedeceu à classificação dos grupos no formulário de registro do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq que, por sua vez, corresponde àquela da Tabela de Área do Conhecimento do CNPq.

²⁴ Importante observar que o baixo percentual de Grupos de Pesquisa resultantes na subárea Sociologia deve ser relativizado à luz dos critérios adotados para a seleção das iniciativas. Foram selecionados outros tipos de formato institucional na Sociologia ao invés de grupos de pesquisa, dado que esta subárea compreende maior consolidação do foco latino-americanista.

Comunicação 8% (6), Serviço Social 5% (4); Economia 4% (3); Artes 4% (3) e Arquitetura e Urbanismo 4% (3) (**ver Quadro 1, Apêndice**).

A análise da distribuição por área e subárea do conhecimento, porém, não se mostrou suficiente para retratar os Grupos de Pesquisa latino-americanistas selecionados quanto às suas abordagens. Uma dificuldade inicial resultou da limitação das políticas e estratégias do CNPq, conservadoramente ancoradas na disciplinaridade, o que termina por se traduzir nos mecanismos de registro e monitoramento na plataforma do site desta agência de fomento. A classificação por área e subárea nos formulários do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq não admite a categoria “inter ou “multidisciplinar”, de modo que nenhum dos grupos de pesquisa - latino-americanistas ou não - pode ser classificado como multi ou interdisciplinar²⁵. Esta dificuldade foi contornada por meio de outras informações constantes do formulário²⁶, que revelaram que cerca de 62% (47) dos Grupos de Pesquisa selecionados apresentavam algum indicador de interdisciplinaridade e multidisciplinaridade em suas atividades. Os dados coletados através do questionário dirigido aos Líderes dos Grupos de Pesquisa, em 2019 e 2020, demonstraram também uma alta relevância atribuída às perspectivas multi e interdisciplinares para o desenvolvimento de enfoques especializados em América Latina²⁷.

Dados resultantes dos questionários, referentes ao histórico dos Grupos de Pesquisa selecionados, destacaram a formação acadêmica dos Líderes – mais do que experiência profissional prévia nos setores governamental e não governamental – como o principal fator que os

²⁵ Esta é uma limitação considerável, sobretudo em se tratando de iniciativas voltadas para os estudos regionais, em especial a América Latina, os quais exigem, pela própria natureza de seu objeto, a interface entre diferentes disciplinas capazes de contemplar as várias dimensões e complexidade dos fenômenos implicados (Wallerstein, 1996). Ademais, conforme aponta López Segrera (2005) a tradição humanística e ensaísta das Ciências Sociais e Humanidades na América Latina as torna menos afeitas à cultura de superespecialização disciplinar.

²⁶ A referência à interface multi e interdisciplinar apareceu, por exemplo, no item do formulário “repercussões das atividades do grupo”, onde os líderes podem apresentar várias informações sobre os eventos e a natureza das atividades empreendidas. É esse também o caso do item “linhas de pesquisa”, em que é possível selecionar até três áreas do conhecimento e inserir as subáreas e especialidades não existentes na tabela das áreas e subáreas do CNPq, além dos setores de atividades em que as pesquisas podem ser aplicadas.

²⁷ Dos 28 Líderes dos Grupos de Pesquisa que responderam ao questionário, 82% (23) consideraram as perspectivas multi e interdisciplinares muito relevantes para o desenvolvimento de enfoques especializados em América Latina.

motivou na criação de seus grupos, o que confirmou a importância das instituições acadêmicas de ensino e pesquisa para a gestação de novas iniciativas voltadas para a produção e a difusão do conhecimento e informação sobre a região. Embora em menor proporção, o engajamento dos Líderes em agendas políticas também foi apontado dentre as principais motivações para a criação de seus respectivos grupos²⁸.

Os Grupos de Pesquisa selecionados, a despeito do caráter intrinsecamente acadêmico assumido pelos Líderes, não se mostraram alheios ao contexto político mais amplo marcado pelo protagonismo do Brasil em projetos alternativos de integração regional. Dados qualitativos referentes às missões destes grupos, compreendidos pelos questionários, apontaram que, além da “consolidação de espaços institucionais voltados para a pesquisa e a produção acadêmica de conhecimento especializado em fenômenos relativos à América Latina no Brasil”, a “formação de um acervo de conhecimento produzido desde a América Latina, sobre e para a região” e a “criação de redes de cooperação com outros pesquisadores latino-americanos” também consistiam em alguns dos principais propósitos de suas atividades.

Destacaram-se nos resultados dos questionários, dentre os principais objetivos elencados pelos Líderes dos Grupos de Pesquisa para a adoção da América Latina como foco de análise, “subsidiar e promover a cooperação internacional, a regionalização e a integração regional na América Latina e Caribe, acadêmica ou de outra natureza” (68%, 19 dos 28 grupos), ao que se somou “subsidiar e promover alternativas teóricas e paradigmáticas na academia sobre a América Latina e Caribe consideradas contra-hegemônicas e anti-sistêmicas no país, na região e no mundo” (64%, 18 grupos). Em menor escala, mas não menos importante, registramos a relevância atribuída a “subsidiar e promover iniciativas

²⁸ Dentre os Líderes que responderam ao questionário, 68% (19) destacaram a participação em projetos de pesquisa, 61% (17) priorizaram a própria formação acadêmica e 50% (14) ressaltaram a participação em encontros científicos dentre as motivações mais relevantes para a criação de seus grupos de pesquisa. Para 46% (13) dos Líderes, o engajamento político também foi indicado como uma das principais motivações nesse sentido.

governamentais e políticas públicas relacionadas à América Latina e Caribe” (46%, 13 grupos).

A realização e a divulgação das atividades dos Grupos de Pesquisa latino-americanistas selecionados ocorriam, contudo, principalmente através de (em ordem de importância): i) publicações (82%, 23 grupos) ii) palestras e seminários (78,5%, 22 grupos), iii) pesquisas (75%, 21 grupos), e iv) cursos (64%, 18 grupos). Além disso, apesar de os Líderes dos Grupos terem se mostrado ativos quanto à participação em fóruns, redes e associações acadêmico-científicas latino-americanistas e de escopo regional²⁹, a maior parte das suas experiências em parcerias e colaborações interinstitucionais se dava com outras unidades acadêmicas de suas próprias instituições de vinculação ou de outras instituições acadêmicas no Brasil (25%, 7 grupos e 28,5%, 8 grupos, respectivamente) e muitos não tinham experiência de parceria e colaboração com outras iniciativas institucionais com foco em América Latina não acadêmicas, governamentais ou não governamentais (64%, 18 dos 28 grupos). Some-se a isso o fato de que essas relações interinstitucionais se concentravam principalmente nas regiões Sudeste e Sul, de modo a indicar maiores dificuldades para as demais regiões do país.

No mapeamento geográfico-institucional da formação dos Líderes dos 76 Grupos de Pesquisa selecionados, foram identificadas poucas experiências de Mestrado ou Doutorado Pleno no exterior, dentre as quais predominaram a formação nos Estados Unidos e na Europa (dois Doutorados Plenos na França, um na Espanha e um na Inglaterra), sendo registrados apenas dois Líderes com Mestrado no Chile e no México, respectivamente. Até o período da pesquisa, as relações de intercâmbio e cooperação com outras instituições no exterior também ocorreram, na sua maioria, com instituições europeias ou estadunidenses. Quando envolviam instituições acadêmicas latino-americanas, tratava-se das modalidades

²⁹ Dentre os Líderes dos Grupos de Pesquisa que responderam ao questionário, 68% (19) afirmaram que os integrantes de seus grupos participavam em fóruns, redes, associações acadêmico-científicas ou noutros tipos de coletivos com foco especializado em América Latina e de escopo regional.

Doutorado-Sanduiche, Estágio Pós-Doutoral ou Pesquisador-Professor Visitante, sobretudo na Argentina e no México.

3. Temas, problemas e perspectivas de abordagem

Os dados da pesquisa revelaram que as agendas de investigação e atividades relacionadas dos Grupos de Pesquisa latino-americanistas selecionados abarcavam, em larga medida, os principais aspectos que caracterizavam os contextos econômico, político, social e cultural das sociedades latino-americanas no período pesquisado (últimas quatro décadas e meia). Os dados também revelaram o resgate e a atualização de teorias, categorias e conceitos caros ao pensamento e à teoria social latino-americanas para pensar a realidade na região, histórica e contemporaneamente, em diferentes prismas e dimensões, inclusive a partir do cruzamento de diversas vertentes disciplinares³⁰. Os dados ainda apontaram, em diversas áreas e subáreas do conhecimento, para a incorporação de novas e diversas abordagens disseminadas na região, sobretudo a partir da década de 1990.

Deparamo-nos com uma significativa diversidade na própria referência à América Latina e na sua configuração como objeto de análise, o que procuramos sistematizar como foco geográfico-territorial (**ver Quadro 2, Apêndice**). Trata-se de uma representação que também é político-econômica, histórico-cultural, étnico-identitária e ambiental, em conformidade com as questões e perspectivas de análise priorizadas pelos grupos. Assim, procuramos visibilizar em nossa caracterização as abordagens definidas por eles próprios, consideradas correlatas ao que elegemos como ponto de partida e referência, “América Latina”.

³⁰ As análises foram baseadas em dados qualitativos relativos aos títulos da produção bibliográfica disponíveis nos currículos Lattes dos Líderes. Para tanto, foram selecionados 34 Grupos de Pesquisa que, no período da pesquisa, apresentavam maior continuidade e quantidade de produção acadêmica sobre América Latina desde a criação. As análises também se basearam nas respostas de 28 Líderes de Grupos de Pesquisa às questões qualitativas do questionário sobre a missão, histórico, temas e problemas investigados e abordagens adotadas (do total de 76 grupos que receberam o questionário).

Conforme os dados resultantes da pesquisa sobre a distribuição do foco geográfico-territorial, a maioria dos grupos priorizava “América Latina” 56,7% (43), nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas (19), Ciências Humanas (15) e Linguística, Letras e Artes (9). Em segundo lugar, identificamos “Américas” 14,47% (11), nas áreas Ciências Humanas (8), Linguística, Letras e Artes (2) e Ciências Sociais Aplicadas (1); e, em terceiro lugar, “Mercosul” 11,84% (9) nas áreas Ciências Sociais Aplicadas (7) e Ciências Humanas (2)³¹. Delimitadas por tais perspectivas de abordagem sobre a região, as agendas se multiplicaram num vasto universo de temas e problemas pesquisados, pertinentes a várias áreas e subáreas do conhecimento. Destacaram-se questões relativas a “desenvolvimento”, “democracia” e “integração regional”, temas em torno dos quais se mobilizaram alguns dos mais influentes intelectuais e acadêmicos latino-americanos, clássicos e contemporâneos, desde a institucionalização das Ciências Sociais na região, também priorizados no projeto de pesquisa como subsídios em nossas análises.

Desenvolvimento e democracia prevaleceram suscitando questões relevantes no conhecimento produzido pelos Grupos de Pesquisa selecionados, com diversos enfoques disciplinares, como, por exemplo, as relativas à dinâmica do capitalismo dependente e suas consequências sociais e políticas; às características da modernidade e dos processos de modernização na região; à desigualdade social e às lutas de classe; aos movimentos sociais e à cidadania; aos golpes militares e aos regimes de exceção. A retomada destas questões coincidiu com o acirramento dos problemas sociais e econômicos decorrentes da globalização neoliberal³²,

³¹ Outras configurações observadas com menor incidência foram “Cone Sul” (3), “Afro-América” (2), Panamazônia (2); “Mercosul e Cone Sul” (1); “América Latina e Caribe” (1), “América Latina e Sul Global” e “Ibero-América” (1). “Caribe”, “Região do Prata” e “Mediterrâneo, África e Américas” são configurações identificadas noutras iniciativas selecionadas, acadêmicas e não acadêmicas, com outros formatos institucionais, que não apareceram na análise dos dados dos grupos de pesquisa.

³² É precisamente no momento de agravamento dos problemas sociais decorrentes das políticas neoliberais na América Latina, conforme aponta Beigel (2006), que categorias e conceitos de vertentes importantes da teoria social latino-americana, assim como as perspectivas mais críticas da teoria da dependência, são novamente evocados para compreender as dinâmicas do desenvolvimento na região.

bem como dos desafios impostos, neste contexto, à justiça social e à consolidação da democracia na região.

Conforme se depreende dos Quadros 3 e 4, a seguir, desenvolvimento e democracia continuaram como eixos articuladores de diversos outros temas, abordados a partir de diferentes subáreas e enfoques (tais como urbanização e vulnerabilidade social, modernidade e modernização; redes sociais e democratização da mídia; o novo constitucionalismo latino-americano; extrativismo e movimentos sociais, e impactos do neoliberalismo sobre a consolidação da democracia na região). Surpreende, inclusive, a presença de categorias e conceitos, formulados sobretudo a partir de referências teóricas e paradigmáticas da Sociologia, por exemplo, em outras subáreas tais como Arquitetura, o que afirma a importância da interdisciplinaridade no tratamento da América Latina pelos Grupos de Pesquisa³³.

³³ O Grupo de Pesquisa “Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina”, por exemplo, se volta para o estudo sobre “imaginários e representações sobre América Latina”, além da conceituação, histórico e ressignificação das categorias “Terceiro Mundo”, “subdesenvolvimento”, marginalidade e dependência.

Quadro 3 - Temas e questões relativas a “desenvolvimento” investigadas pelos Grupos de Pesquisa selecionados, por subárea do conhecimento (2016-2020)

DESENVOLVIMENTO	
Subárea	Temas e questões investigadas
Ciência Política	Desenvolvimento e cidadania; desenvolvimento, nacionalismo e segurança; desenvolvimento do capitalismo na América Latina (dependência, processo de transição capitalista/industrialização, substituição de importações, economias de enclave, economia dos países andinos); debates da CEPAL sobre dilemas do desenvolvimento na AL; Estado e neodesenvolvimentismo na AL; implicações do neoliberalismo para o desenvolvimento sustentável; extrativismo e movimentos sociais; impacto das reformas neoliberais na AL (desemprego e pobreza); neoliberalismo e dependência na América Latina; políticas sociais e desenvolvimento
Arquitetura e Urbanismo	Ressignificação das categorias “Terceiro Mundo” e “subdesenvolvimento”; dependência; marginalidade; modernidade e modernização na América Latina
Comunicação	Representações do atraso e da modernidade no cinema; da modernização do Estado mexicano
Direito	Direito ao meio ambiente à luz do conceito de desenvolvimento como liberdade (Amartya Sen); dependência do Estado latino-americano e a condição periférica da região
Economia	Vantagens comparativas no comércio exterior; modelo gravitacional e efeito fronteira no comércio internacional e inter-regional; impactos da abertura comercial sobre a economia brasileira
Serviço Social	Situação periférica da América Latina no capitalismo mundial; o debate sobre desenvolvimento da CEPAL; o papel do Estado no desenvolvimento; neodesenvolvimentismo e o papel dos governos de centro-esquerda no Brasil e Argentina; impactos da globalização neoliberal na América Latina (pobreza, violência e desigualdade)
Sociologia	Urbanização e vulnerabilidade social
Turismo	Ócio como fator de desenvolvimento humano

Fonte: dados da pesquisa (questionário e inventário da produção bibliográfica dos líderes dos Grupos de Pesquisa). Elaboração: Lília Tavoraro e Daniel Felix.

Quadro 4 - Temas e questões relativas à “democracia” investigadas pelos Grupos de Pesquisa selecionados, por subárea do conhecimento (2016-2020)

DEMOCRACIA	
Subárea	Questões/problemáticas investigadas
Ciência Política	Qualidade da democracia; consolidação/transição democrática (avanços e retrocessos); democracia digital, cidadania, limites da participação política/representação política; Comissão da Verdade, Direitos Humanos, acesso à justiça; movimentos sociais; regionalismo e democracia na América do Sul; construção da democracia no Mercosul e UE – papel dos parlamentos regionais; implicações da democracia e da autocracia na AL para a integração regional (Parlasul); partidos e movimentos sociais na construção da democracia; Estado e democracia; hegemonia política das classes dominantes; participação política e processos decisórios na AL; democracia na política externa venezuelana; crítica à visão liberal da democracia; democracia procedimental e redemocratização na América Latina; peso da dimensão social na performance da democracia; pós-democracia e neoliberalismo; ressignificação do conceito de sociedade civil na América Latina
História	Construção da cidadania na América Latina
Sociologia	Democracia participativa; políticas públicas e cidadania
Comunicação	Processos democráticos, representação das vozes e narrativas no texto jornalístico; democratização da mídia (avanços e limites); democracia e redes sociais, inclusão digital
Direito	Experiências de construção da cidadania na Venezuela; democracia ambiental na América Latina; controle social no contexto do constitucionalismo latino-americano; controle de constitucionalidade no Chile; democracia e processos eleitorais
Serviço Social	Democracia e desigualdade; limites da democracia formal; movimentos sociais na América Latina, serviço social crítico no contexto da redemocratização da América Latina

Fonte: dados da pesquisa (questionário e inventário da produção bibliográfica dos líderes dos Grupos de Pesquisa). Elaboração: Lília Tavoraro e Daniel Felix

A proliferação de Grupos de Pesquisa latino-americanistas no contexto de emergência de projetos alternativos de integração na região foi refletida no destaque da “integração regional” nas agendas destes grupos. Dos 76 Grupos de Pesquisa selecionados, cerca de um terço, ou seja, 34% (26), apresentaram foco em integração regional e cooperação internacional no nome e/ou missão, temática que também se mostrou relacionada a questões referentes aos avanços, limites e desafios da democracia ou dos processos de desenvolvimento na região, como indicado no Quadro 5³⁴.

³⁴ A relevância da temática da integração regional poderia ser ainda maior, vale enfatizar, se contabilizados os Grupos de Pesquisa com foco em América Latina que constavam como atividades compreendidas por outros tipos e iniciativas selecionadas na pesquisa, como os PPGs latino-americanistas, mas não computados em razão dos critérios adotados para a seleção das iniciativas principais, segundo o esclarecimento na seção introdutória. A título de exemplo, dentre diversos outros possíveis, esse é o caso do Grupo de Pesquisa Direito da Integração: a América Latina e o Caribe diante da Alta Institucionalização, criado em 2016, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM/USP), não computado, uma vez que o PROLAM foi o

Quadro 5 - Temas e questões relativas à “integração regional” investigadas pelos Grupos de Pesquisa selecionados, por subárea do conhecimento (2016-2020)

INTEGRAÇÃO	
Subárea	Questões/problemáticas investigadas
Ciência Política	Integração da América Central – CELAC (cenários prospectivos); energia e política intrarregional; o Brasil e os países do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA); unidade, diversidades e assimetrias na CELAC; novas políticas de regionalismo; Brasil e Argentina em processos de integração regional; cooperação “sul-sul”; papel das ideias na institucionalização do Mercosul; construção do Parlasul; a visão dos partidos brasileiros sobre o regionalismo; cooperação jurisdicional entre União Europeia e Mercosul; politização da integração regional; construção de um espaço sul-americano de justiça; regulação de direitos sociais no Mercosul; relação do governo Dilma com o Mercosul; parceria Brasil e UE; eleições do Parlasul; relações Mercosul e EU; Mercosul e possibilidades e limites de uma integração política (para além da econômica); carência de poder parlamentar para o Mercosul; política externa do Brasil e integração regional (preferências políticas, utilização de redes sociais para debater política externa, continuidade e mudanças vinculados à política doméstica); características atuais do regionalismo latino-americano; pragmatismo e ideologia no regionalismo latino-americano; UNASUL; visões e iniciativas brasileiras nos campos de cooperação e integração com países do Mercosul ou sul-americanos; possibilidades e limites da integração regional e Mercosul no contexto político de ascensão de governos conservadores na região; dilemas, disputas e rupturas no processo de integração da “América Platina”; contribuição de parlamentares brasileiros para a integração regional no contexto do Parlasul; implicações da democracia e autocracia na AL para o Parlasul; impactos da globalização para a integração regional no âmbito do Mercosul; diplomacia venezuelana entre ALBA e UNASUL; papel intermediador do Brasil nas relações Venezuela e Mercosul; impactos políticos e econômicos da adesão da Venezuela ao Mercosul; representação política do Brasil no Parlasul; relação Brasil/AL e reorganização do sistema interestatal; parlamento andino, relações Mercosul e ALCA (considerações teóricas), sentidos da integração
Comunicação	Formação de identidades latino-americanas em contextos de fronteiras; dimensão simbólica subcontinental
Direito	Perspectivas institucionais da criptomoeda no Brasil e Mercosul; direito ambiental no Mercosul
Economia	Formação de blocos econômicos e instituições latino-americanas; ALCA e Mercosul
Serviço Social	Seguridade e proteção social no Mercosul; globalização e Mercosul; universidade e resistência à ALCA; desafios da integração latino-americana (Mercosul)
Letras	Intelectuais e a integração latino-americana

Fonte: dados da pesquisa (questionário e inventário da produção bibliográfica dos líderes dos Grupos de Pesquisa). Elaboração: Lília Tavoraro e Daniel Felix

Deve-se considerar também que, mesmo entre grupos para os quais os processos de integração regional não tenham se destacado como tema

selecionado como a iniciativa institucional principal na pesquisa, na categoria dos PPGs, objeto de outro trabalho, em curso.

principal, estes processos apareceram como aspecto importante na contextualização dos objetos de pesquisa ou como tema eventualmente abordado para tratar de questões relacionadas às dinâmicas das sociedades latino-americanas - política, econômica, sociocultural, artística e educacional³⁵.

Outros destaques relevantes nas agendas dos Grupos de Pesquisa analisados se referem a pesquisas e estudos que resgatavam expoentes da produção intelectual e artístico-cultural latino-americana e à circulação de ideias e de intelectuais latino-americanos, o que pode ser observado não apenas nos próprios nomes dos grupos³⁶, mas principalmente nos títulos de suas produções bibliográficas. Assim, a contribuição de intelectuais latino-americanos para o pensamento político diplomático (Ciência Política), o pensamento comunicacional e industrial cinematográfico (Comunicação e Artes), o pensamento jurídico-crítico (Direito) e o pensamento educacional (Educação) revelou-se pervasiva e foi abordada a partir de diversas vertentes disciplinares. Mostraram-se também relevantes as pesquisas sobre a formação, a circulação, o diálogo e as interfaces de redes de escritores e intelectuais latino-americanos nas subáreas História, Comunicação, Direito e Letras.

Os temas concernentes às relações de gênero e étnico-raciais também se mostraram recorrentes e transversais às diversas áreas e subáreas (**ver Quadro 6 abaixo**), de modo a refletir no conhecimento sobre a América Latina produzido pelos Grupos de Pesquisa selecionados uma tendência marcante no campo das Humanidades, que tem início a partir da segunda metade do século XX, principalmente a partir das décadas de

³⁵ O Grupo de Pesquisa "Formação do Professor de Espanhol em Contexto Latino-Americano" não tem foco em integração, mas considera o contexto das iniciativas em prol da integração regional para abordar o tema da formação do professor de espanhol no Brasil, dentre outros aspectos relacionados à formação do professor de espanhol na América Latina. Da mesma forma, o Grupo de Pesquisa "Grupo de Estudos de História do Jornalismo na América Latina", cuja pesquisa sobre imagens e representações de países e personagens históricos latino-americanos na mídia e no Brasil e em outros países latino-americanos leva em conta o contexto do Mercosul, conforme se vê pela produção intelectual do grupo. Por fim, o Grupo de Pesquisa "Mídia e Política: Narrativas sobre a América Latina" embora não produza pesquisa com foco em processos de integração, tem publicação sobre a representação do Mercosul na mídia.

³⁶ Grupo de Pesquisa "Pensamento comunicacional latino-americano", Grupo de Pesquisa "Pensamento Jurídico Crítico Latino-Americano"; Grupo de Pesquisa "José Veríssimo e o pensamento educacional latino-americano"; Grupo de Pesquisa "Pensamento Social Latino-Americano".

1960 e 1970, na esteira das lutas anticolonialistas na África, do multiculturalismo e da emergência e consolidação dos Estudos Culturais, Pós-Coloniais e Estudos Feministas na academia (WALLERSTEIN, 1996)³⁷.

Quadro 6 - Temas e questões relativas às relações de gênero e étnico-raciais nos Grupos de Pesquisa, por subárea

Subárea	Temáticas investigadas
Ciência Política	Violência de gênero; pluralismo étnico; direitos indígenas; gênero, Estado e políticas públicas; participação política das mulheres
Educação	Educação para a autonomia das mulheres; estudo do gênero feminino nas canções cantadas na educação infantil; concepção de educação de autoras latino-americanas; educação negros e indígenas
História	Estudos sobre movimento feminista latino-americano; narrativas sobre alteridades, identidade nacional (México), mestiçagem, pluralidade étnica, construção da nação, poder feminino/mulheres escravas
Direito	Gênero nas reformas legislativas brasileiras, pluralismo étnico e novo constitucionalismo
Comunicação	Mulheres no cinema; representações dos indígenas na mídia/imprensa; personagens negros no cinema; mulheres na mídia/participação das mulheres nos estudos comunicacionais
Linguística	O lugar da tradição oral e afrodescendente na formação de professores interculturais latino-americanos
Letras	Literatura afro-latino-americana/afro-uruguaia; mulheres na literatura no contexto da ditadura; violência na poesia feminina; conexões culturais na produção de autoria feminina; poesia negra hispano-americana; música afro-cubana, mulheres negras cubanas; peregrinas/viajantes latino-americanas no século XIX

Fonte: dados da pesquisa (questionário e inventário da produção bibliográfica dos líderes dos Grupos de Pesquisa). Elaboração: Lília Tavalaro e Daniel Felix

³⁷ Como observamos anteriormente, na América Latina, em diversas áreas e subáreas do conhecimento, a difusão de abordagens que priorizavam a contribuição de “outros saberes”, formulados a partir da perspectiva dos sujeitos “subalternizados” ou “negados” (como indígenas, mulheres, afrodescendentes, camponeses), para a interpretação de processos históricos e sociais na região, ganharam maior vulto no início dos anos 2000, quando inaugurada uma nova fase de projetos de cooperação e integração regional, motivada pela ascensão de governos de esquerda e progressistas em alguns países latino-americanos (BARROS; TAVOLARO, 2017).

Perspectivas de abordagem adotadas pelos Grupos de Pesquisa latino-americanistas selecionados também envolviam convergências multi e interdisciplinares, com maior destaque para a História. É notória a perspectiva histórica nas investigações dos grupos em diversas subáreas, tais como Educação, Arquitetura e Urbanismo, Comunicação, Direito e Letras³⁸. As abordagens e perspectivas teórico-metodológicas gestadas a partir de interfaces disciplinares como os Estudos Culturais, Pós-Coloniais, Subalternos, Decoloniais, Epistemologias do Sul, também foram evidenciadas nas agendas dos grupos para tratar de temas também diversos como: integração regional e Direito internacional, na Ciência Política; o novo constitucionalismo na América Latina, no Direito; educação no campo e educação indígena, na Educação; narrativas e representações da América Latina, na Comunicação Social, e representação de gênero, étnica e racial na Literatura, na subárea das Letras.

A abordagem comparada constituiu outra característica da produção dos Grupos de Pesquisa selecionados para tratar de temas diversos, principalmente na Ciência Política, mas também constou como recurso metodológico em outras diferentes subáreas do conhecimento, conforme indicado no Quadro 7.

³⁸ O Grupo de Pesquisa "José Veríssimo e o Pensamento Educacional Latino-Americano" adota como referência teórica em suas análises as "redes de significado" de Roger Chartier, um historiador da Escola dos Annales, e abordagens dos Estudos Culturais. O Grupo de Pesquisa "História do Jornalismo na América Latina" se propõe a promover os estudos sobre história do jornalismo e o Grupo de Pesquisa "Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina", que prioriza a pesquisa histórica sobre a habitação e a historiografia crítica da arquitetura e urbanismo na América Latina, para mencionar alguns exemplos.

Quadro 7 - Temas e questões desenvolvidas a partir da comparação pelos Grupos de Pesquisa selecionados, por subárea (2016-2020)

Subárea	Temas investigados sob a perspectiva comparada
Ciência Política	Comparação de sistemas e regimes políticos, processos de consolidação democrática, integração na América do Sul (comparação dos parlamentos regionais), impactos das políticas públicas no tratamento do legado das ditaduras militares em países do Mercosul
História	Propaganda política no varguismo e peronismo, contribuições teóricas para a história e historiografia comparada
Comunicação	Estudos comparados sobre audiovisual na América Latina
Direito	Democracia ambiental; reformas de controle constitucional; reforma do judiciário (os Conselhos Nacionais de Justiça no Brasil e Argentina)
Educação	Estudo comparado sobre concepção de educação de autoras latino-americanas
Letras	“Diálogo e comparativismo entre Brasil e países hispano-americanos no Suplemento Literário do Minas Gerais”; narrativa autobiográfica e memória da ditadura (comparação Brasil e Argentina)

Fonte: dados da pesquisa (questionário e inventário da produção bibliográfica dos líderes dos Grupos de Pesquisa). Elaboração: Lília Tavoraro e Daniel Felix

É importante ressaltar que os dados da pesquisa revelaram a existência de diferentes concepções de latino-americanismo ou de uma agenda de produção do conhecimento com perspectiva latino-americanista (ou latino-americana) entre os Grupos de Pesquisa com foco em América Latina selecionados. Apesar das perspectivas e abordagens comuns e a significativa transversalidade de temas e questões entre Grupos de Pesquisa de diferentes áreas e subáreas do conhecimento, observamos que o próprio termo “latino-americanismo” não encontrou um consenso entre os Líderes quanto aos seus significados e usos no campo acadêmico e de pesquisa.

Para boa parte dos Líderes, a agenda de produção latino-americanista se traduzia sobretudo em pesquisas e estudos sobre as especificidades históricas, sociais, políticas e culturais da América Latina decorrentes do lugar periférico da região no sistema mundial capitalista, o que também fazia com que se constituísse como contexto particular a

partir do qual se produz conhecimento sobre a realidade social. Em consonância com um legado do latino-americanismo empregado em sua acepção mais ampla, histórica, enquanto movimento sociopolítico e cultural que encerra um sentido utópico, alguns associaram direta e explicitamente esta agenda ao compromisso com um projeto contra hegemônico de construção de interpretações e narrativas sobre a região e à valorização da integração política e cultural da América Latina³⁹. Mas houve quem utilizasse o termo “latino-americanismo” simplesmente como delimitação espacial das abordagens - como previmos inicialmente em nossa metodologia, a fim de abarcar uma possível diversidade prevista entre as iniciativas institucionais. Entretanto, em alguns casos, esta definição compreendeu uma postura reticente ou mesmo de rejeição do uso do termo para designar a produção do conhecimento especializado na região. Postura justificada em função da polissemia do latino-americanismo, e, mais particularmente, de seu significado eminentemente político na compreensão de processos relacionados à América Latina⁴⁰.

³⁹ É o caso do Grupo de Pesquisa Eduardo Galeano de Estudos e Pesquisas Latino-americanas em Comunicação Social, cuja busca por intercâmbio de conhecimento com outros países da região visava contribuir para a integração da América Latina. Outro exemplo é o Grupo de Pesquisa Religião e Periferia Urbana na América Latina, para o qual a inserção em uma agenda comum regional de estudos e pesquisas era uma condição para as possibilidades de mudança social dos países da região. Também o Grupo de Pesquisa “América Latina: Política, Sociedade e Transformações Globais” sugeriu ser a perspectiva latino-americanista um esforço para promover “o diálogo com outros colegas da região” em prol da consolidação democrática no continente. Para o Grupo de Pesquisa Processos Políticos e Políticas Públicas na América Latina, a produção do conhecimento com perspectiva latino-americanista era crucial para a construção da soberania das sociedades latino-americanas.

⁴⁰ Para o Grupo de Pesquisa Jesuítas nas Américas, “latino-americanismo” remetia simplesmente a uma delimitação espacial que dialoga com a noção de transnacionalização. Do mesmo modo, o Grupo de Pesquisa e Extensão em Cooperação Regional - Oirã se limitava a compreender os processos de cooperação regional na América Latina, “no sentido de diagnóstico”. O Grupo de Pesquisa Integração na América do Sul e o Papel do Brasil não usava o termo “latino-americanismo”, segundo seu líder, por este ter sido construído a partir de percepções de identidade que considera duvidosas, de modo que a produção do conhecimento com perspectiva latino-americana consistiria na promoção de pesquisas sobre temas latino-americanos a partir de abordagens teóricas latino-americanas. O Grupo de Pesquisa “Estudos de Arquitetura Moderna Latino-Americana” não considerava o termo produtivo por “estar mais propenso a conservar mitificações do que a ensinar novas interpretações”. O Grupo de Pesquisa “Questão Social e Direitos Humanos na América Latina” afirmou não adotar a expressão “latino-americanismo” por entender que se tratava de algo mais ligado à agenda cultural na região. Para o Grupo de Pesquisa Economia Internacional e Políticas Regionais, o termo “latino-americanismo” “não funcionava”, pois estaria relacionado à ideologia marxista que “sustenta ditaduras na América Latina” e “não deveria ser confundido com projetos acadêmicos de pesquisas e estudos sobre a região” (respostas das lideranças ao questionário da pesquisa).

4. Potenciais e desafios para a produção do conhecimento sobre a América Latina no Brasil a partir dos grupos de pesquisa selecionados

Grande parte dos Líderes dos Grupos selecionados no período da realização da pesquisa considerava que os estudos e pesquisas sobre a região ainda não encontravam um ambiente muito propício para o desenvolvimento e a consolidação de uma agenda latino-americanista de produção do conhecimento no país. No período da aplicação dos questionários (2019-2020), 61% (17 grupos) avaliaram que a conjuntura política brasileira após o golpe jurídico-parlamentar-midiático de 2016 seria desfavorável à expansão e à consolidação de um campo latino-americanista no país⁴¹. Dentre os obstáculos apontados, foram ressaltados o isolamento do Brasil em relação aos outros países da região, a falta de uma consciência latino-americana no campo acadêmico-científico; a política externa avessa à integração da região, e as políticas neoliberais e seus impactos na educação⁴², em especial sobre o investimento e expansão das universidades públicas. Segundo dados resultantes do questionário, 39,29% (11 grupos) consideraram que as políticas de investimento e expansão das universidades públicas eram indispensáveis para a consolidação do campo latino-americanista de produção de conhecimento e informação no Brasil.

De um modo geral, os Líderes avaliaram negativamente as políticas governamentais brasileiras de apoio à educação, ciência e tecnologia, em especial as relacionadas à “internacionalização”. Nesse sentido, foram

⁴¹ Autores latino-americanos e latino-americanistas contribuem para as análises da problemática formulada por Bourdieu acerca da autonomia e da heteronomia na perspectiva das experiências dos campos científicos latino-americanistas nas últimas décadas, de modo a auxiliar na explicitação de constrangimentos que podem impactar iniciativas acadêmicas, suscitados tanto por fatores internos, nacionais, e externos, que envolvem processos internacionais. É o caso, por exemplo, de Pablo González Casanova (2006), Atílio Boron (2004), Raquel Sosa (2012) e Roberto Leher (2019) que, em contraposição, enfatizam a função social da ciência em defesa da democracia.

⁴² Para dados sobre os cortes de orçamento em educação, ciência e tecnologia no referido período ver: Luz, Joice, Feres Jr, João e Gershon, Débora. “Ciências Sociais articuladas – o orçamento da Educação, Ciências e Tecnologia no Brasil: 22 anos de avanços e retrocessos”. Disponível em <https://olb.org.br/ciencias-sociais-articuladas-o-orcamento-da-educacao-ciencia-e-tecnologia-no-brasil-22-anos-de-avancos-e-retrocessos/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

destacadas as políticas que envolviam programas de intercâmbio no nível de graduação e pós-graduação, bolsas de Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado e Professor Visitante e bolsas PEC-PG (para estudantes estrangeiros no país). Ao mesmo tempo, foram destacados programas de auxílio para publicação no exterior, organização de eventos internacionais e consórcios de pesquisa com participação de iniciativas de outros países latino-americanos. Em suma, para a maioria dos Líderes, as políticas e programas governamentais não seriam favoráveis à produção e difusão do conhecimento e informação sobre a América Latina no Brasil⁴³. Um limite que deveria ser enfrentado, amplamente apontado pelos Líderes dos Grupos era a falta de recursos e financiamento.

Para boa parte dos Líderes, as interações do campo acadêmico-científico latino-americanista no Brasil se davam de forma mais ou menos equilibrada com campos acadêmicos e científicos latino-americanistas e caribenhos noutros países da região, da Europa e dos Estados Unidos. Na perspectiva dos Líderes, as interações ocorriam com: i) o campo científico-acadêmico com foco em América Latina e Caribe em outros países da região (61%, 17 grupos), ii) o campo acadêmico-científico latino-americanista na Europa (57%, 16 grupos), iii) o campo acadêmico-científico latino-americanista da América do Norte (53%, 15 grupos) e iv) outros países do sul global (50%, 14 grupos).

Alguns Líderes (7) avaliaram, no entanto, que havia um maior incentivo às redes de cooperação internacional com o “Norte Global” em

⁴³ Nota-se que tal informação se ampara na própria experiência e percepção dos nossos interlocutores. Dos 28 líderes que responderam aos questionários, 71% (20 grupos) consideraram, em geral, inexistente (3 grupos), muito ruim (7 grupos) e ruim (10 grupos) o apoio das políticas governamentais brasileiras de educação, ciência e tecnologia para a produção e difusão do conhecimento e informação sobre a AL no Brasil. Mais especificamente, 53% (15 grupos) consideraram o apoio das políticas de internacionalização das agências de fomento governamentais brasileiras desfavoráveis à produção e difusão do conhecimento e informação sobre a AL no Brasil no tocante a programas de intercâmbio no nível de graduação. Com relação a bolsas (Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado e Professor Visitante), 46% (13 dos 28 grupos) consideraram as políticas desfavoráveis, enquanto 32% (9 grupos) consideraram favoráveis (6 não responderam). Encontramos a mesma proporção - 46% (13 grupos) que as consideram desfavoráveis e 32% (9 grupos) que as consideraram favoráveis - no que diz respeito a bolsas PEC-PG (estudantes estrangeiros no país). Quanto ao apoio para publicação no exterior, 61% (17 grupos) consideraram as políticas desfavoráveis, contra 18% (5 grupos) que as consideraram favoráveis (6 não responderam). Já com relação à avaliação do apoio à organização de eventos internacionais, 53% (15 grupos) consideraram as políticas desfavoráveis e 25% (7 grupos) as consideraram favoráveis (6 não responderam). Por fim, no tocante a consórcios de pesquisa com participação de iniciativas de outros países latino-americanos, 53,3% (15 grupos) consideraram as políticas desfavoráveis e 25% (7 grupos) consideraram favoráveis (6 não responderam).

detrimento das parcerias “Sul-Sul”⁴⁴, o que, na opinião deles, impactava diretamente a produção e circulação do conhecimento, favorecendo ainda a maior difusão de ideias e conceitos produzidos pelos países “centrais”⁴⁵. Contudo, a maioria dos Líderes dos Grupos de Pesquisa latino-americanistas selecionados considerou que os fóruns, redes e associações científicas de escopo regional com foco em América Latina ensejavam um grande potencial articulador⁴⁶, além de constituírem importantes instâncias de reflexão sobre a situação política atual dos países latino-americanos e as perspectivas e obstáculos à cooperação e à integração regional, não só econômica, mas sobretudo política e cultural⁴⁷. Para cerca de metade dos Líderes dos Grupos de Pesquisa (15 dos 28 que responderam ao questionário, 53,5%), as análises e debates sobre a região vinham sendo reconhecidas e encontrando boa receptividade nos principais eventos acadêmicos de associações nacionais, em suas respectivas áreas. Os Líderes também registraram a percepção de uma crescente demanda no Brasil por estudos sobre temas regionais, com foco no Cone Sul, Caribe e Amazônia. Contudo alguns sublinharam a predominância de visões eurocêntricas e norte-cêntricas nas redes e fóruns, bem como a falta de incentivo no interior do próprio campo

⁴⁴ Os termos “Norte” e “Sul” globais foram empregados na pesquisa assim como evocados pelos próprios grupos, seja em sua produção acadêmica e intelectual ou nas respostas dadas aos questionários, para se referir sobretudo à prevalência, no campo acadêmico, daquelas perspectivas teóricas centradas na Europa e Estados Unidos e que se tornaram canônicas nos campos das humanidades, em detrimento de outras perspectivas e abordagens elaboradas a partir de experiências societais fora do “centro” do capitalismo global.

⁴⁵ Destacamos as contribuições de Atilio Borón (2005) e Fernanda Beigel (2018) para o debate sobre os desafios da circulação e da internacionalização da produção acadêmica realizada na América Latina, “periferia”, dada a prevalência de parâmetros e critérios de avaliação e produção estabelecidos pela Ciência Mundial, no “centro”, determinados principalmente pelos EUA. Pablo González Casanova (2006), também chama atenção para os desafios da cooperação internacional de pesquisadores de diferentes regiões mediada por projetos promovidos por organismos internacionais, e apresenta alternativas para contornar os conflitos identificados, de modo a preservar um maior equilíbrio na gestão coletiva das estratégias dos projetos que envolvem perspectivas de abordagens relacionadas a realidades diferenciadas.

⁴⁶ A concepção de “rede intelectual” evocada por Eduardo Devés Valdés, além de encontrar lastro nos estudos e pesquisas sobre trajetórias e histórias intelectuais na América Latina, constitui recurso analítico indispensável à análise dos diferentes tipos de interação e integração cultural, acadêmica e científico-tecnológica entre intelectuais para além do Estado Nação e, por isso, também de grande valia para as análises aqui desenvolvidas (DEVÉS VALDÉS, 2007).

⁴⁷ Esse foi, por exemplo, o caso do Grupo de Pesquisa “Integração da América do Sul e o Papel do Brasil”, para o qual o grande desafio que se impunha aos fóruns regionais era “refletir, analisar e debater a situação política atual dos países do continente, assim como as dificuldades das iniciativas de cooperação e/ou integração”. Também o Grupo de Pesquisa “Formação do Professor de Espanhol em Contexto Latino-Americano – PROELE” argumentou que “sem fóruns, redes e associações acadêmico-científicas não haverá produção de conhecimento sobre a América Latina e nem cooperação regional, já que as políticas públicas de nossos países, em particular o Brasil, não se interessam por esses temas. Quando ocorrem, se limitam ao econômico, deixando o cultural sempre de fora”.

acadêmico brasileiro ao conhecimento produzido a partir da América Latina⁴⁸. Outra dificuldade destacada referiu-se à fragmentação do campo no país e à resistência nos fóruns e associações brasileiras à recepção de temas com foco sobre a região, contrariando a avaliação de parte dos grupos a respeito⁴⁹.

Vale registrar ainda uma certa variação na avaliação dos Líderes quanto às interações dos Grupos de Pesquisa no campo acadêmico brasileiro, o que sugere uma certa dispersão e fragmentação entre eles. Para 21,5% (6 grupos) este campo era atravessado por tensões e conflitos significativos entre os atores e agendas com perspectiva latino-americanista. Já outros 25% (7 grupos) responderam que havia poucas concorrências, tensões e conflitos e para 28,57% (8 grupos), essa questão não se mostrou relevante. Tais percentuais levam-nos a considerar que as interações entre os próprios Grupos de Pesquisa não constituíam um problema marcante para a maioria dos Líderes que responderam ao questionário no período da pesquisa, sobretudo quando se leva em conta as demais dificuldades apontadas. Contudo, trata-se de questão sensível quanto à organicidade do campo latino-americanista no país, que merece continuidade no monitoramento⁵⁰.

⁴⁸ Para o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos em História das Américas - NEHA, "faltava incentivo ao pensamento local, não importando do Norte". O Grupo de Pesquisa "Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina" considerou que o maior desafio é consolidar os temas latino-americanistas nos fóruns, redes e associações brasileiros.

⁴⁹ Para o Grupo de Pesquisa "Eduardo Galeano de Estudos e Pesquisas Latino-Americanas em Comunicação Social" a cooperação de grupos que realizavam pesquisas e estudos sobre América Latina no Brasil era maior com pesquisadores de outros países latino-americanos do que com grupos latino-americanistas no Brasil. Já o Grupo de Pesquisa "Mídia e Política: Narrativas sobre a América Latina" considerava que a consolidação de temas pertinentes à América Latina no Brasil era o maior desafio a ser enfrentado em fóruns brasileiros.

⁵⁰ Os dados coletados até o momento da finalização da pesquisa não nos permitiram aprofundar a dinâmica de interação dos próprios Grupos de Pesquisa latino-americanistas selecionados, entre si, devido à dificuldade de acesso a esse tipo de informação mediante as fontes pesquisadas. De todo modo, conforme aponta Bourdieu (2003), como todo campo social, o campo acadêmico-científico não é imune às disputas por poder internas, ainda que possam ser estas – a depender das condições para a autonomia do campo – regidas segundo princípios outros que não aquelas que caracterizam o campo político ou econômico, por exemplo. É de esperar, ainda, que também entre esses Grupos se façam sentir os impactos das métricas de avaliação estabelecidas segundo critérios quantitativos de produção acadêmica (Borón, 2006) que tende a atomizar para otimizar resultados de pesquisa levando a uma fragmentação do campo.

5. Considerações finais

Os dados resultantes de nossa investigação enfatizaram a importância do campo acadêmico, em especial dos Grupos de Pesquisa latino-americanistas para a produção e a difusão do conhecimento e informação sobre a região no Brasil, não somente em razão de sua expressão quantitativa, mas, sobretudo, devido à capilaridade empreendida no país. Com efeito, é através deste tipo de formato institucional, vale sublinhar, predominantemente em IES públicas federais, que a pesquisa e o conhecimento sobre a América Latina são semeados naqueles espaços institucionais nos quais este enfoque especializado é ainda ausente ou marginal. Não obstante as grandes desigualdades regionais no Brasil, que também se refletem na distribuição de iniciativas institucionais latino-americanistas acadêmicas, os Grupos de Pesquisa selecionados encontravam-se sediados em todas as regiões, desenvolvendo agendas sobre as mais diversas problemáticas que caracterizavam a realidade latino-americana, a partir de várias subáreas do conhecimento.

Os dados qualitativos sobre principais temas, problemas e perspectivas de abordagem adotadas pelos Grupos de Pesquisa selecionados refletem algumas das questões cruciais das sociedades latino-americanas, tais como o problema do desenvolvimento, os déficits e entraves à consolidação da democracia e os obstáculos para a integração regional, por exemplo. Ressalta-se, sobretudo, a relevância do foco sobre a integração regional, seja como objeto de análise ou missão dos Grupos de Pesquisa, o que também espelha o engajamento dos mesmos não só com as questões prementes relativas a América Latina, mas como agentes de processos de integração regional, especialmente no que se refere às dimensões socioculturais e acadêmico-científicas.

Os Grupos de Pesquisa podem se constituir em importantes agentes na consolidação dos estudos e pesquisas sobre a América Latina nas

instituições onde estão abrigados, em diversas frentes temáticas, a depender de fatores condicionados por políticas científicas e de educação no Brasil que viabilizem os recursos necessários às articulações em redes de cooperação interinstitucional de âmbito nacional e internacional. Esta fragilidade institucional também foi confirmada por dados da pesquisa referentes à alta representatividade dos grupos dentre as iniciativas de diversos formatos institucionais descontinuadas no período abarcado pela pesquisa (do total de 166 iniciativas descontinuadas, 36% eram grupos de pesquisa).

Em suma, apesar de sua relevância numérica e estratégica para a produção e difusão do conhecimento sobre a América Latina no Brasil, os Grupos de Pesquisa enfrentam insuficiência de recursos e financiamento e, principalmente, de acordo com os seus Líderes, de políticas específicas de fomento que incentivem a internacionalização e as relações de cooperação com outros países da região. Estas limitações susceptibilizam o campo latino-americanista no país, sobretudo em cenários políticos desfavoráveis às agendas de integração regional e ao conhecimento produzido a partir Humanidades, principal área observada pesquisa.

O panorama do Grupos de Pesquisa com foco latino-americanista evidencia uma diferenciação entre as noções de “internacionalização” e “internacionalismo”, que, a princípio, podem subentender uma estreita correlação. Diferenciação necessária para a melhor compreensão dos potenciais e limites dos campos de produção de conhecimento e informação sobre a América Latina no Brasil. Como apontam os resultados da pesquisa, apesar do caráter internacionalista observado, cerca de 50% dos grupos têm suas parcerias e redes principalmente em âmbito nacional. Na percepção dos Líderes dos Grupos de Pesquisa selecionados, os avanços necessários para o desenvolvimento e a circulação da pesquisa sobre a América Latina no país e no exterior requerem algumas mudanças mais imediatas e de maior alcance, que envolvam a revisão crítica das premissas e objetivos de estratégias de “internacionalização” vigentes nos órgãos

voltados para a educação superior, que reificam hierarquias geopolíticas e desigualdades regionais. Em consonância com o que argumentam os Líderes, de acordo com a definição de Bourdieu (2003), a qual, na questão em causa, vem ao encontro das análises de Fernandes (1966), entendemos que o internacionalismo acadêmico latino-americanista favorece uma concepção subjacente de maior autonomia do campo científico, que prioriza o investimento na produção do conhecimento sobre a região, desde a região e para a região⁵¹.

Consideramos oportuna a promoção de debates plurais que possam aproximar a academia, organizações e movimentos sociais e, ao mesmo tempo, embasar o fortalecimento de estratégias governamentais em prol da latino-americanização da produção e difusão do conhecimento e informação no Brasil, como forma também de um maior protagonismo no sistema mundial - para além do campo acadêmico-científico mundial. Um ponto de partida importante, elementar para a melhor visibilidade e fomento dos Grupos de Pesquisa latino-americanistas, seria uma remodelação dos formulários do Diretório do CNPq/MCT com a inclusão de outras informações tais como abordagens interdisciplinares, periódicos vinculados e idiomas de difusão, bem como espaços para sugestões de indicadores de avaliação e alternativas de apoio mais condizentes com os estudos regionais latino-americanos.

O seguimento da agenda de pesquisa propiciará uma avaliação mais aprofundada que considere os impactos da produção acadêmica realizada pelos Grupos de Pesquisa latino-americanistas no Brasil sobre processos de cooperação e integração regional na América Latina⁵². Contudo, podemos

⁵¹ De outro modo, como observam Borón (2006); González Casanova (2006); e Beigel (2018), por exemplo, a tendência hegemônica da internacionalização ditada pela Ciência Mundial, embasada por modelos de produção, difusão e avaliação que replicam no campo acadêmico-científico a geopolítica de relações de poder e dominação no sistema internacional mundial, é desfavorável às alternativas regionalistas, latino-americanistas e outras relacionadas a outras regiões do mundo.

⁵² Foram encontrados alguns limites diante dos dados até aqui coletados. O levantamento de dados qualitativos mostrou-se desafiador face à quantidade significativa de iniciativas institucionais de diversos tipos envolvidas na pesquisa. Apesar de termos contado com a colaboração de boa parte dos Líderes que responderam ao questionário, muitos também não deram retorno. São pouquíssimos os Grupos de Pesquisa que contam com uma página própria na Internet, havendo informações sistematizadas a respeito destes apenas no Diretório do CNPq. Nota-se ainda que os limitados recursos da pesquisa e o longo período de Pandemia subsequente inviabilizaram alternativas para contornar tal situação.

afirmar que, além de inédito, o panorama aqui apresentado é uma contribuição para os estudos e pesquisas sobre a produção do conhecimento sobre a região no país que possam favorecer a maior aproximação com os demais países latino-americanos, de modo a romper um distanciamento que é observado historicamente (BETHELL, 2009). Quando analisadas à luz de cenários políticos e econômicos mais amplos, as características dos Grupos de Pesquisa aqui sistematizadas auxiliam na avaliação dos limites e possibilidades da consolidação dos campos latino-americanistas no Brasil e suas possíveis influências sobre processos de integração regional, em dimensões socioculturais e acadêmico-científicas, ainda pouco exploradas. Mais além, vale notar, a metodologia desenvolvida na pesquisa é passível de replicação noutros países, na América Latina e noutras regiões e poderia beneficiar uma agenda alternativa de pesquisa, em escala internacional e com perspectiva comparada, diferenciada das agendas dos *Area Studies*, para um mapeamento analítico e crítico do campos latino-americanistas – e outros com foco noutras regiões. O contexto mundial de grandes reconfigurações geopolíticas em curso nos sinaliza positivamente em tal direção.

6. Referências Bibliográficas

ARDAO, Arturo. **Génesis de la idea y el nombre de América Latina**. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallegos, 1980.

ARDAO, Arturo. Panamericanismo y latinoamericanismo. In: ZEA, Leopoldo (Coord.). **América Latina en sus ideas**. México: Siglo Veintiuno Editores/UNESCO, 1986.

BARROS, Flávia Lessa de; TAVOLARO, Lília Gonçalves Magalhães. Latino-americanismos, campos de produção e difusão de conhecimento e informação sobre a 'América Latina' - mapeamento preliminar do caso brasileiro. **REALIS - Revista de Estudos Anti-Utilitaristas e Pós-Coloniais**. v.7, n.1, p. 42-76, 18 nov. 2017. DOI: <https://doi.org/10.51359/2179-7501.2017.230904>.

BEIGEL, Fernanda. Vida, muerte y resurrección de las 'Teorías de la Dependencia'. In: BEIGEL, Fernanda et al. (Eds). **Crítica y teoría en el**

pensamiento social latinoamericano. Buenos Aires: CLACSO, 2006, p. 287-326. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/becas/20140227054137/C05FBeigel.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2024.

BEIGEL, Fernanda. Las relaciones de poder en la ciencia mundial: un anti-ranking para conocer la ciencia producida en la periferia. **Nueva Sociedad**, n. 274, p. 13-28, mar./abril 2018. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/las-relaciones-de-poder-en-la-ciencia-mundial/>. Acesso em: 2 mai. 2024

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de América Latina em perspectiva histórica. **Estudos Históricos**, v. 22, n. 44, p. 289-321, jul-dez, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200001>.

BOURDIEU, Pierre. A causa da ciência: como a história social das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. **Política e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 143-161, set. 2002. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

BORÓN, Atílio. **Estado, capitalismo y democracia en América Latina.** Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2004. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/15930/1/Estado-capitalismo-democracia.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

BORÓN, Atílio. Las ciencias sociales en la era neoliberal: entre la academia y el pensamiento crítico. **Tareas**, n. 122, ene.-abril, p. 45-73, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=535055620003>. Acesso em: 5 mai. 2024.

BRICEÑO RUIZ, José. Desarrolismo y autonomía: dos aportes latino-americanos para el estudio de la integración y cooperación regional. In: ROCHA VALENCIA, Alberto; LOZA VASQUEZ, Martha Guadalupe; BERMEJO PAJARITO (Coords.). **Aportes teóricos para la comprensión de América Latina.** Zapopan, Jalisco, México: Universidad de Guadalajara, Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades, Unidad de Apoyo Editorial, 1ªed, 2023.

BRICEÑO RUIZ, José; DE LOMBARDE, Phillipe. Regionalismo latino-americano: produção de saber e criação e importação de teoria. **Civitas**. v. 18, n. 2, p.262-284, maio/ago. de 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2018.2.29593>.

DE SIERRA, Gerónimo. América Latina, una y diversa. In: HERIBERTO, Cairo; DE SIERRA, Gerónimo (Orgs.) **América Latina, una y diversa: teorías y métodos para su análisis.** San José: Universidad de Costa Rica, 2008.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. **Redes intelectuales en América Latina**. Hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados, Universidad Santiago de Chile: Colección Idea, 2007.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo; ALVAREZ, Sílvia T.; DOMÍNGUEZ ÁVILA, Carlos Federico (Eds.). **Problemáticas Internacionales y mundiales desde el pensamiento latino-americano**. Teorías, Escuelas y Redes, Conceptos, Doctrinas, Figuras. Buenos Aires: CLACSO; Santiago: Ariadna Editores, 2023. Disponível em: <https://www.clacso.org/problematicas-internacionales-y-mundiales-desde-el-pensamiento>. Acesso em: 20 jun. 2024

FERNANDES, Florestan. Las Ciencias Sociales en Latinoamérica. Universidad Nacional Autónoma de México. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 28, n. 2, p. 251-289, apr./jun., 1966. DOI: <http://dx.doi.org/10.22201/iis.01882503p.1966.2.58609>

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**, Rio de Janeiro: Zahar, 2ª ed., 1975.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: LPP: Buenos Aires: CLACSO, 2002.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **As novas ciências e as humanidades**. São Paulo: Boitempo, 2006.

IANNI, Otávio. Enigmas do Pensamento Latino-Americano. Coleção Documentos. São Paulo: **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, 2000, p. 1-41. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/iannienigmas.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

IANNI, Otávio. **O labirinto latino-americano**. 2ªed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

LARRAIN, Jorge. La identidad latinoamericana. Teoría e historia. **Estudios Públicos**. v. 55, 1994, p. 31-64. Disponível em: <https://www.estudiospublicos.cl/index.php/cep/article/view/1247/2079>. Acesso em: 30 abr. 2024.

LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Ed. Elefante, 2020.

LEHER, Roberto. **Autoritarismo contra a Universidade**. O desafio de popularizar a defesa da educação pública. 1ª ed., São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.

LOPEZ SEGRERA, Francisco. Abrir, 'impensar' e redimensionar as Ciências Sociais na América Latina e Caribe. É possível uma Ciência Social não eurocêntrica em nossa região? In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103030/11_Lopez_Segrera.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

LOPEZ SEGRERA, Francisco. Notas para un estudio comparado de la educación superior a nivel mundial. In: **Escenarios mundiales de la educación superior. Análisis global y estudios de casos**. Buenos Aires: CLACSO, 2006. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20100719073843/03LSegrera.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

LOPEZ SEGRERA, Francisco. **América Latina: crisis del posneoliberalismo y ascenso de la nueva derecha**. Buenos Aires: CLACSO, 2016. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/buscar_libro_detalle.php?id_libro=1175. Acesso em: 2 jul. 2024.

MARINI, Ruy Mauro; MILLÁN, Mária. **La teoría social latino-americana. Los orígenes a la CEPAL, Tomo I**. México: UNAM, 1994.

PRECIADO CORONADO, Jaime Antonio. La nueva gramática democrática frente a la integración autónoma latinoamericana y caribeña. **Sociedade e Estado**, v. 29, n.1, p. 45-72, jan./abril, 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000100004>.

PRECIADO CORONADO, Jaime Antonio. El panamericanismo, instrumento geopolítico para la implementación de la Doutrina Monroe. In: CAMPOS Carlos Oliva (Coord). **La Doctrina Monroe contra América Latina y el Caribe 1823-2023**. Caracas, Venezuela: Monte Ávila Editores Latinoamericana 1ª ed., 2023. Disponível em: <http://libreriasdelsur.gob.ve/wp-content/uploads/2023/11/La-doctrina-Monroe.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2024.

RAMA, Angel. **América Latina, um povo em marcha**. Biblioteca Básica Latino-Americana, Rio de Janeiro, RJ: Fundação Darcy Ribeiro 2021.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina: A Patria Grande**. Biblioteca Básica Brasileira. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Darcy Ribeiro, 2012.

ROITMAN ROSENMANN, Marcos. Las maldiciones de pensar América Latina In: **Pensar América Latina**. El desarrollo de la sociología latino-americana. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2009. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/14493/1/roitman.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024

SANTOS, José Vicente Tavares dos; BAUMGARTEN, Maíra. Contribuições da Sociologia na América Latina à imaginação sociológica: análise crítica e compromisso social. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 178-243, jul./dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222005000200009>.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. La internacionalización de la sociología crítica y la superación de la colonialidad. In: **El pensamiento latinoamericano**. Un diálogo en ALAS. Sociedade y Sociologia. BIALAKOWSKY, Alberto; CATHALIFAUD, Arnold; MARTINS, Paulo Henrique (Comps.). Buenos Aires, Argentina: Teseo, 2015.

SARTI, Ingrid et al. (Orgs.). **Por uma integração ampliada da América do Sul no século XXI**. Fomerco, Fórum Universitário do Mercosul. E-book, 1ª ed. vol. 1, Rio de Janeiro, 2013.

SOSA, Raquel. Pensar con cabeza propia. Educación y pensamiento crítico en América Latina. In: MARTINS, Paulo Henrique; RODRIGUES, Cibeles (Orgs.). **Fronteiras abertas da América Latina. Diálogos na ALAS**. Recife, PE: Editora Universitária/UFPE, 2012.

STAVENHAGEN, Rodolfo. FLACSO, CLACSO y la búsqueda de una sociología latinoamericana. **Perfiles Latinoamericanos**, v. 43. pp.7-17, ene./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/perlat/v22n43/v22n43a1.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2024

TZEIMAN, Andrés; MARTUSCELLI, Danilo (Coords.). **La crises de la democracia latinoamericana** Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 1ª ed., 2024. Disponível em: <https://libreria.clacso.org/publicacion.php?p=3134&c=62>. Acesso em: 30 mai. 2024

WALLERSTEIN, Immanuel. **After Liberalism**. New York: City University of New York: New Press, 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. The Unintended Consequences of Cold War Area Studies. In: CHOMSKY, Noam et al. (Editors). **The Cold War and the University: Toward an Intellectual History of the Postwar Years**. New York: the New Press, 1997.

WALLERSTEIN, Immanuel et al. **Para abrir as Ciências Sociais**. Comissão Gulbenkian. São Paulo: Ed. Cortez, 1996.

ZEA, Leopoldo. **El Pensamiento Latinoamericano**. Barcelona, Espanha: Ariel, 1976.

ZEA, Leopoldo (coord.). **América Latina en sus ideas**. Série América Latina en su cultura. Paris: Unesco, México-DF: Siglo Veintiuno, 1ª ed. 1986.

Apêndices

Apêndice 1

Quadro 1: Grupos de pesquisa latino-americanistas selecionados no projeto, por área e subárea do conhecimento (2016-2020)

ÁREA DE CONHECIMENTO (CNPq)	SUBÁREA/DISCIPLINA	INICIATIVA INSTITUCIONAL	ANO DE CRIAÇÃO	NATUREZA	INSTITUIÇÃO DE VINCULAÇÃO	UNIDADE DE VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL	UF	FOCO GEOGRÁFICO-TERRITORIAL	FOCO EM INTEGRAÇÃO
Ciências Humanas	Arqueologia	Grupo de Pesquisa Laboratório de Arqueologia, Sociedade e Culturas das Américas (LASCA)	2014	Pública	UFSM	Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia do Departamento de História	RS	Américas	Não
	Ciência Política	Grupo de Pesquisa América Latina: Política, Sociedade e Transformações Globais	2008	Privada	UNIEURO	Departamento de Ciências Sociais	DF	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Democracia e Desigualdades de Condições	2011	Pública	UFSM	Centro de Ciências Sociais e Humanas	RS	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa e Extensão em Cooperação Regional - Oira	2012	Pública	UFSC	Departamento de Ciências Econômicas	SC	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Estado e Capitalismo na América Latina	2006	Pública	UFU	Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais (INCIS)	MG	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos de Política da América Latina (GEPAL)	2004	Pública	UEL	Departamento de Ciências Sociais	PR	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos Política, Lutas Sociais e Ideologias (GEPOLIS)	2007	Pública	UFMA	Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Departamento de Sociologia e Antropologia)	MA	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Integração na América do Sul e o Papel do Brasil	2010	Pública	UERJ	Centro de Ciências Sociais	RJ	América do Sul	Sim
		Grupo de Pesquisa Política, Estado e América Latina	2012	Pública	UEM	Departamento de Ciências Sociais	PR	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Práxis - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estado e Luta de Classes na América Latina	2010	Pública	UFMG	Departamento de Sociologia e Antropologia	PB	América Latina	Não

		Grupo de Pesquisa Processos Políticos e Políticas Públicas na América Latina	2011	Pública	UFGD	Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas	MS	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Relações Internacionais	1989	Privada	CEDEC	Não se aplica	SP	Mercosul	Sim
		Grupo de Pesquisa Subalternidades Globais	2012	Pública	UFPel	Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política	RS	América Latina	Não
	Educação	Grupo de Pesquisa José Veríssimo e o Pensamento Educacional Latino-americano	2007	Pública	UFPA	Faculdade de Educação (FAED) do Instituto de Ciências da Educação (ICED)	PA	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Formação de Professores no Mercosul/Cone Sul	1993	Pública	UFRGS	Faculdade de Educação	RS	Mercosul e Cone Sul	Sim
	Geografia	Grupo de Pesquisa Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe (GECIPA)	2014	Pública	UnB	Departamento de Geografia	DF	América Latina e Caribe	Não
	História	Grupo de Pesquisa Estudos Históricos Latino-americanos	2011	Pública	UFRRJ	Programa de Pós-Graduação em História	RJ	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Estudos sobre Política, Idéias e Fronteiras Americanas (EPIFAN)	2010	Pública	UFMT	Departamento de História do Instituto de Geografia, História e Documentação (IGHD)	MT	Américas	Não
		Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos de História da África e da Diáspora Africana nas Américas	2014	Pública	Unilab	Departamento de História	BA	Afro-América	Não
		Grupo de Pesquisa História das Américas: Fontes e Historiografia	2012	Pública	UFOP	Departamento de História (DEHIS) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS)	MG	Américas	Não
		Grupo de Pesquisa Identidades Americanas	2004	Pública	USP	Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)	SP	Américas	Não
		Grupo de Pesquisa Jesuítas nas Américas	2009	Privada	Unisinos	Escola de Humanidades	RS	Américas	Não
		Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Ibéricos e Americanos (LEIA)	2014	Pública	UFMT	Instituto de Geografia, História e Documentação (IGHD)	MT	Ibero-América	Não

		Grupo de Pesquisa LAméricas. Estudos e Pesquisas em História da América Colonial	2016	Pública	UFMT	Instituto de Geografia, História e Documentação (IGHD)	MT	Américas	Não
		Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos em História das Américas (NEHA)	2015	Pública	UEMA	Departamento de História e Geografia	MA	Américas	Sim
		Grupo de Pesquisa Relações Internacionais do Mercosul	2015	Pública	UnB	Departamento de História	DF	Mercosul	Sim
		Grupo de Pesquisa Sociedades Escravistas nas Américas	2005	Privada	UNIVERSO	Departamento de História	RJ	Américas	Não
		Grupo de Pesquisa Relações de Fronteira: História, Política e Cultura na Tríplice Fronteira Brasil, Argentina e Uruguai	2010	Pública	UNIPAMPA	Não se aplica	RS	Cone Sul	Sim
	Sociologia	Grupo de Pesquisa Pensamento Social Latino-americano	2010	Pública	UnB	Departamento de Sociologia (SOL) do Instituto de Ciências Sociais (ICS)	DF	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Religião e Periferia Urbana na América Latina (REPAL)	2006	Privada	UMESP	Escola de Comunicação, Educação e Humanidades	SP	América Latina	Não
	Teologia	Grupo de Pesquisa Cristologia no Contexto Latino-Americano Atual	1995	Privada	PUCRS	Escola de Humanidades	RS	América Latina	Não
Ciências Sociais Aplicadas	Administração	Grupo de Pesquisa Pluralismo, Interculturalidade, Decolonialidade e as Transformações nos Estados Latino-americanos	2016	Pública	UFRGS	Escola de Administração do Instituto de Administração	RS	América Latina	Não
	Arquitetura e Urbanismo	Grupo de Pesquisa ArqBras / LabLat -Grupo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo no Brasil e na América	1994	Pública	USP	Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP/São Carlos	SP	Américas	Não
		Grupo de Pesquisa Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina	2015	Pública	USP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)	SP	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Estudos de Arquitetura Moderna Latino-Americana	2010	Pública	UFRGS	Departamento de Arquitetura	RS	América Latina	Não
	Ciência da Informação	Grupo de Pesquisa Memórias da Repressão e da Resistência e Justiça Transicional no Cone Sul	2015	Pública	UFMG	Escola de Ciência da Informação	MG	Cone Sul	Não
	Comunicação	Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual na América Latina: Economia e Estética	2014	Pública	UFSCar	Departamento de Artes e Comunicação (DAC)	SP	América Latina	Não

		Grupo de Pesquisa Fronteiras Interamericanas: Imagens de uma Cartografia Cultural em Construção	2012	Pública	UFF	Departamento de Comunicação Social (GCO) do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)	RJ	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos de História do Jornalismo na América Latina	2008	Pública	UFSC	Departamento de Comunicação e Jornalismo	SC	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Grupo Eduardo Galeano de Estudos e Pesquisas Latino-Americanas em Comunicação Social	2014	Pública	UFRN	Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA)	RN	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Mídia e Política: Narrativas sobre a América Latina	2016	Pública	UFMT	Faculdade de Comunicação e Artes	MT	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino-americano	2004	Pública	UNESP	Departamento de Comunicação Social	SP	América Latina	Não
	Direito	Grupo de Pesquisa Constitucionalismo na América Latina	2012	Pública	UFRGS	Faculdade de Direito (FD)	RS	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Integração Regional e Blocos Econômicos	2002	Pública	FURB	Centro de Ciências Jurídicas	SC	Mercosul	Sim
		Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos do Mercosul	2003	Privada	UnICEUB	Programa de Pós Graduação em Direito	DF	Mercosul	Sim
		Grupo de Pesquisa Jurisdição e Processos Constitucionais na América Latina: Análise Comparada	2012	Pública	UFPE	Faculdade de Direito do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ)	PE	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Direito Constitucional Latino-Americano (LEICLA)	2011	Pública	UFF	Departamento de Direito Público da Faculdade de Direito	RJ	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Mercosul, Direito do Consumidor e Globalização	1992	Pública	UFRGS	Departamento de Direito Público e Filosofia do Direito	RS	Mercosul	Sim
		Grupo de Pesquisa Núcleo de Pesquisa em Direito Público do Mercosul	1998	Pública	UFPR	Programa de pós-graduação em Direito	PR	Mercosul	Sim
		Grupo de Pesquisa Pensamento Jurídico Crítico Latino-americano	2015	Privada	Unesc	Departamento de Direito	SC	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa sobre Constitucionalismo democrático latinoamericano, novas	2014	Pública	Unemat	Faculdade de Direito	MT	América Latina	Não

		intersubjetividades e emancipação social (MINGA)							
		Grupo de Pesquisa Teoria do Estado ,Constituição e América Latina (TECAL)	2014	Pública	UFAL	Faculdade de Direito	AL	América Latina	Não
	Economia	Grupo de Pesquisa Economia Internacional e Políticas Regionais	2010	Pública	UNESPAR	Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento	PR	Mercosul	Sim
		Grupo de Pesquisa em Economia Internacional	1985	Pública	UFPE	Centro de Ciências Sociais Aplicadas	PE	Mercosul	Não
		Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos de Pensamento Latino-americano (GEPLA)	2011	Pública	UFVJM	Departamento de Economia	MG	América Latina	Não
	Serviço Social	Grupo de Pesquisa Agenda Social do Mercosul e Proteção Social no Brasil	2012	Pública	UEPG	Departamento de Serviço Social	PR	Mercosul	Sim
		Grupo de Pesquisa Políticas Urbanas e Movimentos Sociais na Amazônia Globalizada	2017	Pública	UFPA	Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (Faculdade de Serviço Social)	PA	Panamazônia	Não
		Grupo de Pesquisa Questão Social e Direitos Humanos na América Latina	2009	Pública	UERJ	Faculdade de Serviço Social	RJ	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa Violência, Infância e Juventude na América Latina	2015	Privada	PUC-Rio	Departamento de Serviço Social	RJ	América Latina	Sim
	Turismo	Grupo de Pesquisa Lazer, Brasil & América Latina (OTIUM)	2008	Pública	UFMG	Departamento de Geografia do Instituto de Geociências (IGC)	MG	América Latina	Sim
Linguística, Letras e Artes	Artes	Grupo de Pesquisa Cinema Latino-americano	2003	Pública	UFF	Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)	RJ	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Música Étnica e Popular (Brasil/América Latina)	1995	Pública	UNESP	Instituto de Artes	SP	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Percursos de Performatividade: Mediterrâneo, África, Américas	2013	Pública	Udesc	Departamento de Artes Cênicas	SC	América Latina e Sul Global	Não
	Letras	Grupo de Pesquisa A gestação da memória, da literatura, da crítica no exílio e outras interlocuções latino-americanas	2002	Pública	UFMG	Faculdade de Letras	MG	América Latina	Sim
		Grupo de Pesquisa A Recepção Crítica de Darcy Ribeiro na América Latina	1998	Pública	UFMG	Faculdade de Letras	MG	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Afro-Latino-América: Estudos Comparados	2009	Pública	UFF	Departamento de Letras Estrangeiras Modernas	RJ	Afro-America-Latina	Não

		Grupo de Pesquisa Americanidades: Lugar, Diferença e Violência	2013	Pública	UFPI	Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL)	PI	Américas	Sim
		Grupo de Pesquisa Cartografia do Exílio e suas Manifestações na Literatura da América Latina	2013	Pública	UEL	Departamento de Letras Estrangeiras Modernas do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH)	PR	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Estudos Coloniais Latino-americanos	2004	Pública	UFPE	Departamento de Letras do Centro de Artes e Comunicação (CAC)	PE	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Legado Intelectual e Produção Literária de Autoria Feminina na América Latina	2013	Pública	UEL	Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH)	PR	América Latina	Não
		Grupo de Pesquisa Makunaíma: Literatura, Arte, Cultura, História e Sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina	2007	Pública	UFPA	Instituto de Letras e Comunicação (ILC)	PA	Panamazônia	Não
		Grupo de Pesquisa Representações Históricas nas Literaturas das Américas	2005	Pública	UNESP	Departamento de Letras Modernas	SP	Américas	Não
		Grupo de Pesquisa Temáticas, Narrativas e Representações Árabes, Africanas, Asiáticas e Sul-americanas e de Comunidades Diaspóricas	2009	Pública	USP	Departamento de Línguas Orientais	SP	América Latina e Sul Global	Não
		Grupo de Pesquisa Tradução, Alteridades e Interculturalidade em Narrativas Latino-americanas	2009	Pública	UFPA	Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia	PA	América Latina	Sim
	Linguística	Grupo de Pesquisa Projeto Terminológico Conesul (TERMISUL)	1991	Pública	UFRGS	Instituto de Letras	RS	Cone Sul	Não
		Grupo de Pesquisa Formação do Professor de Espanhol em Contexto Latino-americano (PROELE)	2012	Pública	UFBA	Instituto de Letras	BA	América Latina	Não

Fonte: dados da pesquisa coletados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Elaboração: Lília Tavoraro e Daniel Felix.

Apêndice 2

Quadro 2: Grupos de pesquisa latino-americanistas selecionados no projeto, por foco geográfico-territorial (2016-2020)

FOCO GEOGRÁFICO-TERRITORIAL	ÁREA DE CONHECIMENTO (CNPq)	SUBÁREA/DISCIPLINA	INICIATIVA INSTITUCIONAL
Afro-América	Ciências Humanas	História	Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos de História da África e da Diáspora Africana nas Américas
	Linguística, Letras e Artes	Letras	Grupo de Pesquisa Afro-Latino-América: Estudos Comparados
América do Sul	Ciências Humanas	Ciência Política	Grupo de Pesquisa Integração na América do Sul e o Papel do Brasil
América Latina	Ciências Humanas	Ciência Política	Grupo de Pesquisa América Latina: Política, Sociedade e Transformações Globais
			Grupo de Pesquisa Democracia e Desigualdades de Condições
			Grupo de Pesquisa e Extensão em Cooperação Regional - Oira
			Grupo de Pesquisa Estado e Capitalismo na América Latina
			Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos de Política da América Latina (GEPAL)
			Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos Política, Lutas Sociais e Ideologias (GEPOLIS)
			Grupo de Pesquisa Política, Estado e América Latina
			Grupo de Pesquisa Práxis - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estado e Luta de Classes na América Latina
			Grupo de Pesquisa Processos Políticos e Políticas Públicas na América Latina
			Grupo de Pesquisa Subalternidades Globais
		Educação	Grupo de Pesquisa José Veríssimo e o Pensamento Educacional Latino-americano
		História	Grupo de Pesquisa Estudos Históricos Latino-americanos
		Sociologia	Grupo de Pesquisa Pensamento Social Latino-americano
			Grupo de Pesquisa Religião e Periferia Urbana na América Latina (REPAL)
		Teologia	Grupo de Pesquisa Cristologia no Contexto Latino-Americano Atual
	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	Grupo de Pesquisa Pluralismo, Interculturalidade, Decolonialidade e as Transformações nos Estados Latino-americanos
		Arquitetura e Urbanismo	Grupo de Pesquisa Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina
			Grupo de Pesquisa Estudos de Arquitetura Moderna Latino-Americana
		Comunicação	Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual na América Latina: Economia e Estética

			Grupo de Pesquisa Fronteiras Interamericanas: Imagens de uma Cartografia Cultural em Construção
			Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos de História do Jornalismo na América Latina
			Grupo de Pesquisa Grupo Eduardo Galeano de Estudos e Pesquisas Latino-Americanas em Comunicação Social
			Grupo de Pesquisa Mídia e Política: Narrativas sobre a América Latina
			Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino-americano
		Direito	Grupo de Pesquisa Constitucionalismo na América Latina
			Grupo de Pesquisa Jurisdição e Processos Constitucionais na América Latina: Análise Comparada
			Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Direito Constitucional Latino-Americano (LEICLA)
			Grupo de Pesquisa Pensamento Jurídico Crítico Latino-americano
			Grupo de Pesquisa sobre Constitucionalismo democrático latinoamericano, novas intersubjetividades e emancipação social (MINGA)
			Grupo de Pesquisa Teoria do Estado, Constituição e América Latina (TECAL)
		Economia	Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos de Pensamento Latino-americano (GEPLA)
		Serviço Social	Grupo de Pesquisa Questão Social e Direitos Humanos na América Latina
			Grupo de Pesquisa Violência, Infância e Juventude na América Latina
		Turismo	Grupo de Pesquisa Lazer, Brasil & América Latina (OTIUM)
	Linguística, Letras e Artes	Artes	Grupo de Pesquisa Cinema Latino-americano
			Grupo de Pesquisa Música Étnica e Popular (Brasil/América Latina)
		Letras	Grupo de Pesquisa A gestação da memória, da literatura, da crítica no exílio e outras interlocuções latino-americanas
			Grupo de Pesquisa A Recepção Crítica de Darcy Ribeiro na América Latina
			Grupo de Pesquisa Cartografia do Exílio e suas Manifestações na Literatura da América Latina
			Grupo de Pesquisa Estudos Coloniais Latino-americanos
			Grupo de Pesquisa Legado Intelectual e Produção Literária de Autoria Feminina na América Latina
			Grupo de Pesquisa Tradução, Alteridades e Interculturalidade em Narrativas Latino-americanas

		Linguística	Grupo de Pesquisa Formação do Professor de Espanhol em Contexto Latino-americano (PROELE)
América Latina e Caribe	Ciências Humanas	Geografia	Grupo de Pesquisa Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe (GECIPA)
América Latina e Sul Global	Linguística, Letras e Artes	Artes	Grupo de Pesquisa Percursos de Performatividade: Mediterrâneo, África, Américas
		letras	Grupo de Pesquisa Temáticas, Narrativas e Representações Árabes, Africanas, Asiáticas e Sul-americanas e de Comunidades Diaspóricas
Américas	Ciências Humanas	Arqueologia	Grupo de Pesquisa Laboratório de Arqueologia, Sociedade e Culturas das Américas (LASCA)
		História	Grupo de Pesquisa Estudos sobre Política, Idéias e Fronteiras Americanas (EPIFAN)
			Grupo de Pesquisa História das Américas: Fontes e Historiografia
			Grupo de Pesquisa Identidades Americanas
			Grupo de Pesquisa Jesuítas nas Américas
			Grupo de Pesquisa LAméricas. Estudos e Pesquisas em História da América Colonial
			Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos em História das Américas (NEHA)
			Grupo de Pesquisa Sociedades Escravistas nas Américas
	Ciências Sociais Aplicadas	Arquitetura e Urbanismo	Grupo de Pesquisa ArqBras / LabLat -Grupo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo no Brasil e na América
	Linguística, Letras e Artes	Letras	Grupo de Pesquisa Americanidades: Lugar, Diferença e Violência
		letras	Grupo de Pesquisa Representações Históricas nas Literaturas das Américas
Cone Sul	Ciências Humanas	História	Grupo de Pesquisa Relações de Fronteira: História, Política e Cultura na Tríplice Fronteira Brasil, Argentina e Uruguai
	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	Grupo de Pesquisa Memórias da Repressão e da Resistência e Justiça Transicional no Cone Sul
	Linguística, Letras e Artes	Linguística	Grupo de Pesquisa Projeto Terminológico Conesul (TERMISUL)
Ibero-América	Ciências Humanas	História	Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Ibéricos e Americanos (LEIA)
Mercosul	Ciências Humanas	Ciência Política	Grupo de Pesquisa Relações Internacionais
		História	Grupo de Pesquisa Relações Internacionais do Mercosul
	Ciências Sociais Aplicadas	Direito	Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Integração Regional e Blocos Econômicos
			Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos do Mercosul
			Grupo de Pesquisa Mercosul, Direito do Consumidor e Globalização
			Grupo de Pesquisa Núcleo de Pesquisa em Direito Público do Mercosul

		Economia	Grupo de Pesquisa Economia Internacional e Políticas Regionais
			Grupo de Pesquisa em Economia Internacional
		Serviço Social	Grupo de Pesquisa Agenda Social do Mercosul e Proteção Social no Brasil
Mercosul e Cone Sul	Ciências Humanas	Educação	Grupo de Pesquisa Formação de Professores no Mercosul/Cone Sul
Panamazônia	Ciências Sociais Aplicadas	Serviço Social	Grupo de Pesquisa Políticas Urbanas e Movimentos Sociais na Amazônia Globalizada
	Linguística, Letras e Artes	Letras	Grupo de Pesquisa Makunaíma: Literatura, Arte, Cultura, História e Sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina

Fonte: dados da pesquisa coletados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Elaboração: Lília Tavoraro e Daniel Felix.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CONSTITUCIONALISMO DECOLONIAL: A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DA NATUREZA COMO FUNDAMENTO DA ORDEM ECONÔMICA

*DESARROLLO SOSTENIBLE Y CONSTITUCIONALISMO DECOLONIAL:
VALORANDO EL TRABAJO DE LA NATURALEZA COMO FUNDAMENTO DEL
ORDEN ECONÓMICO*

*SUSTAINABLE DEVELOPMENT AND DECOLONIAL CONSTITUTIONALISM:
THE APPRECIATION OF THE VALUE OF WORK OF NATURE AS
FOUNDATION OF THE ECONOMIC ORDER*

Marcelo Barros Jobim¹ 

Centro de Ensino Superior de Maceió, Brasil

*“Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.”
(KRENAK: 2020, p. 13)*

Resumo: O presente artigo visa identificar um novo fundamento, ainda que implícito, no artigo 170 da Constituição brasileira de 1988, referente aos fundamentos constitucionais da Ordem Econômica. Argumenta-se que se a valorização do trabalho humano, ao lado do fundamento na livre iniciativa, tem seu princípio correspondente no ideal de busca do pleno emprego (inciso VIII), deve o ideal de defesa do meio ambiente, enquanto princípio previsto no inciso VI, também ter o seu fundamento correspondente previsto no *caput*. A partir do pensamento decolonial, como método de análise voltado para a própria sistemática jurídica, sustenta-se que tal reconhecimento faria o Brasil acompanhar a evolução de outros Países da América Latina no sentido de um constitucionalismo que contemple a Natureza como sujeito de direito, a exemplo de países como Equador e Bolívia. Assim, sob a perspectiva do Constitucionalismo

¹ Professor de Direito Constitucional no Centro de Ensino Superior de Maceió (CESMAC), Brasil. Advogado em Alagoas, Brasil. Doutor em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil; mestre em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil; graduado em Direito pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Brasil. E-mail: jobimar@gmail.com

decolonial, aprimora-se o conceito de desenvolvimento sustentável para incluir a ideia de valorização do trabalho da Natureza.

Palavras-chave: Ordem econômica na Constituição brasileira; Meio ambiente na América Latina; Desenvolvimento sustentável; Trabalho da natureza; Constitucionalismo decolonial.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo identificar un nuevo fundamento, aunque implícito, en el artículo 170 de la Constitución brasileña de 1988, refiriéndose a los fundamentos constitucionales del Orden Económico. Se sostiene que si la valorización del trabajo humano, fundamentado en la libre iniciativa, tiene su correspondiente principio en el ideal de búsqueda del pleno empleo (fracción VIII), el ideal de defensa del medio ambiente, como principio previsto en la fracción VI, también debe tener su base correspondiente prevista en el *caput*. Partiendo del pensamiento decolonial, como método de análisis centrado en el propio ordenamiento jurídico, se sostiene que tal reconocimiento haría que Brasil siguiera la evolución de otros países latinoamericanos hacia un constitucionalismo que considera a la Naturaleza como sujeto de derecho, siguiendo el ejemplo de países como Ecuador y Bolivia. Así, desde la perspectiva del Constitucionalismo decolonial, se refina el concepto de desarrollo sostenible para agregarle la idea de valorar el trabajo de la Naturaleza.

Palabras clave: Orden económico en la Constitución brasileña; Medio ambiente en América Latina; Desarrollo sustentable; Trabajo de la naturaleza; Constitucionalismo decolonial.

Abstract: This paper aims to identify a new foundation in Article 170 of the Brazilian Constitution that is implicitly related to the constitutional fundamentals of Economic Order. It is argued that if the appreciation of the value of human work, alongside the foundation of free initiative, has its corresponding principle in the ideal of seeking full employment (Section VIII), the ideal of defending the environment, as a principle provided for in Section VI, must also have its corresponding foundation included in the *caput*. Based on decolonial thinking, which serves as a method of analysis focused on the legal system itself, it is argued that such recognition would enable Brazil to follow other Latin American countries toward a constitutionalism that considers Nature as a subject of rights, following the model of countries such as Ecuador and Bolivia. Thus, from the perspective of decolonial constitutionalism, the concept of sustainable development is improved to include the appreciation of the value of the work of Nature.

Keywords: Economic order in Brazilian constitution; Environment in Latin-American; Sustainable development; Work of nature; Decolonial constitutionalism.

1. Introdução

Os fundamentos constitucionais da Ordem Econômica estão previstos no artigo 170 da Constituição brasileira de 1988, **sendo proposto aqui investigar a existência de um novo fundamento, ainda que implícito**, naquele dispositivo, qual seja, o da valorização do trabalho da Natureza. Salienta-se que a valorização do trabalho humano se apresenta, ao lado da livre iniciativa, como fundamento previsto no *caput* do referido artigo, tendo ainda no inciso VIII o seu princípio correspondente: a busca do pleno emprego. No mesmo sentido, a relação entre a livre iniciativa e o seu correspondente princípio da livre concorrência (inciso IV).

Entretanto, embora considerada uma das Constituições pioneiras em sede de previsão de meio ambiente (art. 225), na sistemática constitucional da Ordem Econômica a defesa do meio ambiente aparece apenas como princípio previsto no inciso VI do artigo 170. A falta de uma referência expressa, no *caput* do artigo, a um valor de referência ambiental como fundamento da Ordem Econômica parece representar uma eloquente caracterização do modelo constitucional brasileiro na esteira do Constitucionalismo latino-americano, mas que não acompanhou a evolução ocorrida em outras constituições de Estados do mesmo Continente.

Sustenta-se aqui a ideia de que assim como o trabalho humano, enquanto fundamento, tem seu princípio correspondente no ideal de busca do pleno emprego, por sua vez o ideal de defesa do meio ambiente, enquanto princípio previsto no inciso, também deve ter o seu fundamento correspondente previsto no *caput*. E é neste sentido que se entende tratar, tal fundamento, da própria Natureza, como sujeito de direito, em perfeita

intonia com outras experiências constitucionais da América Latina, a exemplo da Constituição do Equador (2008) e da Bolívia (2009). Essa verdadeira consagração constitucional tem fortes reflexos positivos em povos originários, ainda vulneráveis em face do poder econômico.

Assim, o problema que se propõe aqui é a possibilidade jurídica de se ampliar o sentido de trabalho para nele reconhecer também as transformações processadas pela Natureza, que produzem os frutos e benefícios para a humanidade, bem como as matérias-primas para a industrialização.

Como marco teórico, utiliza-se a perspectiva da decolonialidade relacionada a uma proposta de constitucionalismo, que foi apresentada em tese de doutorado na qual o Constitucionalismo Decolonial (Jobim, 2022) foi estudado com base na questão da autonomia das comunidades quilombolas no País.

2. Economia, trabalho e Natureza: considerações iniciais

“Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (Krenak, 2020, p. 13). A epígrafe que abre este artigo consta da obra do líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro, Ailton Krenak, laureado em 2023 com a cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras, até então ocupada pelo saudoso historiador brasileiro José Murilo de Carvalho, falecido em agosto daquele ano. O desenvolvimento parece estar associado, para Krenak, à fragmentação do mundo moderno, não só nas relações sociais entre si, como também, e principalmente, nas relações humanas com o meio ambiente.

A análise ressoa o conceito de “tempos líquidos” de Bauman, onde o indivíduo é abandonado à própria sorte e as pessoas são como ferramentas que servem para promover terceiros (Bauman, 2007, p. 30). No livro com o

sugestivo título “A vida não é útil”, Krenak faz uma advertência sobre os riscos de uma vida utilitária, criticando o fato de como as religiões, a política, as ideologias se prestam a emoldurar uma vida útil. Para o indígena, “quem está interessado em existência utilitária deve achar que esse mundo está ótimo: um tremendo shopping” (Krenak, 2020, p. 59). De fato, não há como pensar em solidariedade sem envolvimento, seja social ou ambiental, ainda em uma sociedade competitiva e marcada pela lógica do desenvolvimento material e utilitarista.

As reflexões de Krenak são bastante pertinentes e orientam de forma precisa um olhar crítico e mais abrangente sobre os fundamentos da ordem econômica previstos na Constituição brasileira, quais sejam: a valorização do trabalho humano e a livre iniciativa. As questões discutidas na realidade do Brasil implicam uma correspondência com toda a vivência da América Latina, mais precisamente num cenário geopolítico da colonialidade (Quijano, 1992).

Como resultante de um período de três séculos de colonização, marcado pela exploração incansável da riqueza existente em seus territórios, por parte das nações europeias, as culturas e vivências dos povos nativos sempre foram obrigadas a se submeter a um processo dito civilizatório. Assim, tanto o Brasil quanto os demais países latino-americanos passaram a lidar, na formação de seus Estados, dentre outros fatores, com a dependência a um modelo de desenvolvimento econômico ainda centrado num extrativismo de recursos naturais.

As implicações entre trabalho e meio ambiente, de forma mais ou menos evidente, sempre receberam uma atenção especial entre os estudiosos do Direito e da Economia Política, pois não se pode identificar apenas a noção do trabalho, como atividade humana, um objeto de controle social, capaz de transformar a Natureza em prol da riqueza. A própria Natureza, por sua vez, vista aqui como sinônimo de meio ambiente natural, também se apresenta como objeto de controle, no âmbito das

relações econômicas. Ou seja, tanto o trabalho humano quanto os recursos naturais, aos quais se associa aqui o sentido de trabalho da Natureza, sempre foram e ainda são objeto de controle e de exploração do Capital.

Além disso, há ainda a abordagem sobre o próprio meio ambiente do trabalho, cujos contornos teóricos foram precisamente definidos por Julio Cesar de Sá da Rocha em importante obra sobre Direito Ambiental do Trabalho (Rocha, 2013, pp. 99 e segs.).

Nesse sentido, se é possível um meio ambiente do trabalho, por que não aceitar a ideia de trabalho na perspectiva de meio ambiente natural?

Entretanto, até então, o trabalho sempre esteve associado a uma experiência humana, dominada ou dominante, tendo a Natureza sempre uma compreensão atrelada ao fortuito, ou como um “produto final mais ou menos estável de um fabricante divino” (Arendt, 2010, p. 372), passível apenas de ser controlada ou dominada para atender às necessidades materiais do ser humano, na condição de *homo faber*. Mesmo quando o ambiente natural se permitia a uma instrumentalização e controle humanos, tal se dava por uma interferência humana no sentido do cultivo da terra e exploração sistemática dos recursos naturais.

Fazendo uma adaptação do pensamento de Maquiavel, se o trabalho humano fosse visto como a *virtú*, ou seja, como a iniciativa, a coragem e a capacidade do homem, as transformações da Natureza, onde “nada se perde e nada se cria”, para usar a divisa de Lavoisier, seriam vistas como a *fortuna*, relegada à álea das intempéries climáticas ou variações geológicas. Essas alterações ambientais, vistas, de forma ingênua ou irresponsável, como capricho da Natureza, passam a ter uma nova avaliação a partir, por exemplo, da formulação do conceito de Antropoceno, como uma nova época geológica da espécie humana.

É de se perguntar: a Natureza reage às investidas extrativistas do ser humano sobre ela?

Ainda objeto de controvérsia, o conceito de Antropoceno foi apresentado em 2000 pelo Nobel de Química de 1995, o holandês Paul Crutzen. Nas palavras do próprio cientista, pode-se dizer que o período geológico denominado Antropoceno teve seu início no final do século dezoito (Crutzen, 2016, p. 211), caracterizada como a “influência crescente da humanidade sobre o meio ambiente”. Tal característica já teria sido reconhecida em 1873, ainda segundo Crutzen, pelo geólogo italiano Antonio Stoppani ao se referir a uma nova força telúrica, que poderia ser comparada em poder e universalidade às grandes forças da Terra.

A relação entre os aspectos geológicos e culturais se torna clara quando se identifica o período indicado para o início do Antropoceno com o surgimento da Revolução Industrial, levando alguns autores a questionarem se o conceito referente a essa nova fase da humanidade não implicaria ambos os aspectos, e não um ou outro isoladamente (Trischler, 2017). Mais precisamente as questões econômicas, ou mesmo político-econômicas envolvidas, e, por consequência, as de caráter jurídico, ou seja, culturais enfim, vão saltar aos olhos para um observador mais atento sobre os novos fenômenos que, na falta de um termo melhor, vão definidos aqui como geoculturais, numa alusão proposital a Wallerstein.

É que, se para o mundo moderno ocidental as preocupações com as questões políticas e econômicas partem quase sempre da primeira Revolução Industrial, para Wallerstein, em termos de capitalismo histórico, “a gênese desse sistema social se situa na Europa no final do século XV” (Wallerstein, 2001, p. 18). E é exatamente essa opinião de Wallerstein, sobre o que ele chama de *The Modern World-System*, que vai combinar em certa medida com o histórico da colonização nas Américas, sendo o ponto de partida, por exemplo, das análises de Walter Mignolo (2003, p. 9) sobre a colonialidade.

Para sustentar ainda a pertinência do termo geocultura, cabe mencionar o trabalho de Mariutti explicando seu conceito, no âmbito do

entendimento de Wallerstein, como as “transformações fundamentais no próprio entendimento sobre o que é o mundo, a sociedade e o horizonte das experiências possíveis” (Mariutti, 2020). Não é demais reconhecer, no raio de ação dessas experiências possíveis, todas as consequências ambientais provocadas pelas investidas do homem no campo da Economia e da Política, bem como as limitações das regulamentações jurídicas.

Mas não parece que essa implicação entre o natural e o cultural seja algo inédito, pois, numa correlação direta com o tema aqui abordado, a exploração capitalista dos meios de produção vão encontrar em dois principais elementos o seu mais persistente alvo, ou seja, exatamente o trabalho (humano) e os recursos naturais. Por outro lado, a estreita conexão com as questões referentes à colonialidade na América Latina levou inclusive a utilização, por Astrid Ulloa, de um neologismo bastante sugestivo: o Capitaloceno (Ulloa, 2017). Para a autora, não se pode entender as discussões atuais sobre o Antropoceno “sem partir das análises das dinâmicas coloniais de extração, instauradas desde a Conquista e a Colônia, e que deram início a processos extrativistas que se exacerbaram no século XXI”. O Capitaloceno seria, segundo Ulloa, uma “lógica econômica particular” a qual responde esses processos.

Dando ênfase nas diferenças entre os debates que ocorrem sobre o Antropoceno na América Latina, de um lado, e na Europa e nos Estados Unidos, de outro, a antropóloga colombiana faz uma importante observação, que, pela relevância para o presente estudo, vale transcrever:

Assim mesmo, as mudanças ambientais e as transformações climáticas não podem entender-se sem partir não só da ontologia moderna, que separou a natureza da cultura, senão também das lógicas econômicas, as quais alimentam as relações desiguais e geram apropriações e despojos de naturezas e territórios. [...] Ao mesmo tempo, é importante nutrir um debate sobre as implicações do conceito de Capitaloceno, surgido como crítica ao Antropoceno, ao centrar-se na ação humana atravessada por relações desiguais de poder político e econômico, características do capitalismo global como causante da mudança climática, e propor análises que destacam a valorização e apropriação de naturezas e

territórios como eixos das transformações ambientais (Ulloa, 2017, *tradução livre*).

A partir dessa necessidade de se analisar de forma, pode-se dizer, convergente a relação entre Natureza e Cultura, é preciso que se entenda o sentido que aqui se atribui a trabalho humano como ponte para a compreensão de um trabalho da Natureza.

3. O valor do trabalho humano

É preciso advertir, desde já, que a ideia aqui proposta de valorização do trabalho da Natureza não se confunde, por óbvio, com as teses fisiocráticas do século XVIII de produtividade natural da terra como um dom da Natureza. Ao analisar a filosofia social de Adam Smith, Avelã Nunes mostra a diferença entre as teses fisiocráticas, que viam só a perspectiva concreta do trabalho agrícola como trabalho produtivo, e a noção de trabalho abstrato que fundamentou as concepções econômicas do autor de *Riqueza das Nações* (Nunes, 2010, pp. 5 e 6).

A tese fisiocrática de produtividade natural estava relacionada ao tema da divisão do trabalho, cujo desenvolvimento ensejou uma proliferação de tipos de trabalho concreto (Nunes, 2010, p. 7), mas sempre com um objetivo rentista de geração de riqueza. A quantificação, portanto, da produtividade da terra, em termos de lucros, não se confunde com a possibilidade do entendimento atual de valorização dos processos ecológicos naturais enquanto fundamento constitucional da Ordem Econômica.

No sentido clássico, a ideia de trabalho perpassa o embate ideológico com o seu oponente, o Capital. Nessa clivagem conceitual, o trabalho é visto desde uma concepção econômica liberal, como o meio de produzir a riqueza, na visão de Adam Smith, expoente máximo no pensamento liberal, até uma visão marxista de condição mesma do homem como ser social.

Essa concepção essencial ligada ao ser humano foi magistralmente desenvolvida por Lukács, que, vendo o trabalho como o “fato ontológico fundamental do ser social” (Lukács, 2018, p. 14) reproduzia a visão de Marx, para quem o ser ao qual pertence o produto do trabalho só poder ser o homem mesmo (Marx, 2010, p. 86).

Observe-se, que, nesse ponto, Marx não parece falar em uma ontologia do homem com o trabalho em si, mas, sim, do homem com o produto do trabalho, que apenas a ele pertence. A preocupação de Marx é com a exploração, quando afirma claramente em sua análise: “Se ele se relaciona com a sua própria atividade como uma [atividade] não livre, então ele se relaciona com ela como a atividade a serviço de, sob o domínio, a violência e o jugo de um outro homem” (Marx, 2010, p. 87, colchetes no original).

No modelo capitalista, na perspectiva hegemônica de origem europeia, o trabalho humano, ainda que associado à ideia de valorização, tem sua contraposição no fundamento da livre iniciativa, o que faz inferir, a *contrario sensu*, que se a liberdade econômica tem o seu móvel a partir da iniciativa do capital, ao trabalho resta a sua condição de subordinado. A pauta da Economia e da produtividade é definida pela iniciativa privada, cabendo ao trabalho a operacionalização de todo o sistema. Se o contrato, enquanto instituto liberal, nasceu sob a égide da igualdade jurídica entre os contratantes e da ideia de autonomia da vontade, já sob a perspectiva do contrato de trabalho, este passa a ser configurado a partir da lógica da subordinação daquele que participa da relação contratual com sua força de trabalho.

Ora, o modelo econômico reconhecido pela Constituição brasileira é nitidamente o capitalista, com nuances de limitações racionais máximas ou mínimas de cunho social. As ideias de livre iniciativa, livre concorrência, propriedade privada, dentre outras, são patentes na configuração com o

modelo capitalista liberal onde a exploração² da atividade econômica é livre para todos (Art. 170, parágrafo único).

É válido ressaltar a observação de Eros Grau, em obra clássica dedicada ao tema, sobre a ambiguidade da expressão “Ordem Econômica” na Constituição, que ora se apresenta como referência ao mundo dos fatos, ora com um sentido normativo. Para Grau, mais especificamente o artigo 170, que traz os fundamentos na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, a expressão não é usada no sentido normativo, “mas sim para indicar o modo de ser da economia brasileira, a articulação do econômico, como fato, entre nós” (Grau, 2015, p. 66).

A desigualdade material do campo social e econômico é transplantada para a relação jurídica e a valorização do trabalho humano, já marcada pela desigualdade jurídica legitimada pela subordinação, fica muitas vezes à mercê de uma retórica constitucional, no contexto de princípios políticos constitucionalmente conformadores. Para Eros Grau, são afirmações principiológicas cujo sentido é nebuloso (Grau, 2015, p. 196), citando a referência de Habermas à “utopia de uma sociedade do trabalho” (Habermas, 1987 *apud* Grau, 2015, p. 196) e a trivialidade dessa concepção na sociedade moderna.

Analisando o artigo 1.º, inciso IV, da Constituição brasileira, dentre os fundamentos da República Federativa do Brasil, estão previstos “os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa”. Ou seja, além de fundamento da ordem econômica, prevista no artigo 170, o trabalho humano e a livre iniciativa são também fundamentos do próprio Estado brasileiro. Mas o que pouco se vê discutir é que os valores sociais indicados no inciso IV, mencionado acima, não parece que deva ser associado apenas ao trabalho, mas também à livre iniciativa.

² Embora não haja a expressão “exploração” no dispositivo mencionado, ela aparece no *caput* do art. 173, exatamente o que traz os critérios que condicionam a atuação do Estado na atividade econômica, como claro contraponto à liberdade de todos nessa área, prevista no parágrafo único do artigo 170, aproximando, assim, o sentido de ambas as atividades.

Assim, pela Constituição de 1988, tanto o trabalho quanto a livre iniciativa possuem valores sociais. E essa ideia vai refletir em outros institutos clássicos do modelo liberal, tais como a função social da propriedade e do contrato e a responsabilidade social da empresa, apenas para citar alguns exemplos, embora o contrato de trabalho, pelo menos, conserve sua lógica da sujeição.

Se os valores sociais, no âmbito dos princípios constitucionais fundamentais (República e Ordem Econômica), não estão adstritos ao trabalho, mas se estendem ainda aos institutos clássicos do liberalismo, a própria ideia de trabalho também deve ser reconhecida como para além do seu referencial humano. Nesse sentido, caminhando para a parte final do presente estudo, apresenta-se a relevância do trabalho da Natureza que vem associado à defesa do meio ambiente como princípio da Ordem Econômica, com previsão no artigo 170, inciso VI, da Constituição brasileira.

4. A valorização do trabalho da Natureza e o Constitucionalismo decolonial

4.1 A Natureza como sujeito de direitos: os modelos constitucionais do Equador e da Bolívia

A visão mítica, que esteve presente de forma significativa no limiar do pensamento racional do ocidente, na Antiguidade Clássica, e que foi transmutada em uma teologia cristã na Idade Média, passou a ser repudiada pelo pensamento moderno, que definiu um padrão “laico” e de cientificidade secular, não só para o Ocidente, mas também, e até com base no dogma da universalidade, para todas as demais culturas no mundo. No entanto, do ponto de vista do pensamento jurídico, esse processo de secularização cultural resultou numa primazia ao método do conhecimento, cujo “excessivo pendor”, no dizer de Nelson Saldanha (2005, p. 79), teve como preço “o cunho artificial e até redundante de certos

trabalhos e de certas formulações desligadas de toda relação com a experiência do real e do humano”.

Essa artificialidade ou desligamento do real e do humano estão presentes tanto no *contratualismo* das relações sociais, na filosofia política, quanto na *divinização* do fenômeno religioso, na teologia medieval, ainda encontrada esta última na modernidade. A grande questão é como mudar para um outro padrão de pensamento que tanto recupere os valores que aproximem ou mesmo identifiquem o homem com a natureza, quanto veja as potencialidades humanas como um *além em si*, e não num plano metafísico inalcançável.

A resposta pode estar no ideal do Bem Viver, *Buen Vivir* ou *Vivir Bien*, oriundo principalmente dos mundos originários indígenas equatoriano e boliviano, e que também “pode ser interpretado como *sumak kawsay* (kíchwa), *suma qamaña* (aymara) ou *nhandereko* (guarani), e se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida” (Acosta, 2009, p. 23). Para Acosta, o pensamento do Bem Viver é um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza, como os indígenas.

Os indígenas não são pré-modernos nem atrasados. Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais. O Bem Viver faz um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinadas práticas existentes nos Andes e na Amazônia, assim como em outros lugares do planeta (Acosta, 2009, p. 24).

Essa postura mais voltada para a Natureza, vista como *Mãe Terra*, ou *Pacha Mama*, na língua *quéchua*, está cada vez mais presente nas discussões sobre meio ambiente natural ou social, e tem seu ponto de maior representatividade as Constituições do Equador e da Bolívia, que definem a Natureza como sujeito de direitos.

Ao se afirmar como um “Estado plurinacional”, a Bolívia não apenas reconhece, num sentido tradicional com viés ainda colonialista, os direitos de comunidades indígenas e suas vivências, mas assume também suas cosmovisões, dentre as quais uma relação inerente com a Natureza. Dessa forma, promovendo a superação de um sistema neoliberal de mera exploração dos recursos naturais, logo no preâmbulo da Constituição de 2009, o povo boliviano se afirma como aquele que povoa “esta sagrada Mãe Terra com diferentes faces, e desde então compreendemos a pluralidade que existe em todas as coisas e em nossa diversidade como seres humanos e culturas”.

A Constituição boliviana prevê ainda um Tribunal Agroambiental com competência, dentre outras, para “demandas que atentem contra a fauna, a flora, a água e o meio ambiente; e demandas sobre práticas que ponham em perigo o sistema ecológico e a conservação de espécies ou animais” (Artigo 189, 1).

Por sua vez, a Constituição do Equador, de 2008 (revisada em 2021), é bem mais direta, pois não só, no preâmbulo, celebra a natureza (Pacha Mama), da qual afirma que o povo equatoriano faz parte, como prevê expressamente a natureza como sujeito daqueles direitos que a Constituição lhes reconhece (Artigo 10). Adiante, o artigo 71 consagra o direito da natureza ao respeito integral de sua existência, com destaque à “manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos”.

Estas últimas referências em destaque são alusões ao que neste trabalho vem sendo abordado como um inconfundível *trabalho da natureza*, que, em termos de teoria constitucional na América Latina, tem conexão com o sentido de Constitucionalismo decolonial.

4.2 A Natureza na ótica do Constitucionalismo decolonial

Em tese de doutorado, o Constitucionalismo decolonial foi então apresentado em face da questão quilombola a partir da concepção metodológica de Guerreiro Ramos denominada, pelo sociólogo baiano, de redução sociológica. Ao tratar do racismo no Brasil, Guerreiro Ramos entendeu que não existia o “problema do negro”, mas, sim, uma “patologia ‘social’ do branco brasileiro” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 235).

Já na construção de uma ideia de decolonialidade associada ao constitucionalismo, portanto, numa abordagem que foi denominada de “autocrítica”, sustentou-se que não existe um problema quilombola, mas que este seria um reflexo da “patologia jurídica do Estado brasileiro” (Jobim, 2022, pp. 29 e 30).

No presente contexto, o Constitucionalismo decolonial está sendo apresentado para embasar a ideia de um novo fundamento da Ordem Econômica, de *lege ferenda*, ou mesmo reconhecido implicitamente no artigo 170 da Constituição brasileira. Uma interpretação sistemática permite que se avalie o referido dispositivo em consonância com o artigo 225, § 1.º, inciso I, do mesmo Texto Magno, quando este traz como incumbência do Poder Público, para fins de assegurar a efetividade do direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.

O dispositivo em questão menciona o dever de preservar e restaurar o que define como “os processos ecológicos essenciais”. Esses processos, naturais por excelência, são vistos como importantes para a restauração do meio ambiente degradado (Piovesan et al., 2013), e “são responsáveis pelo funcionamento e automanutenção dos ambientes naturais”. Para os autores, biólogos da Universidade Federal da Bahia, esses processos ecológicos podem se diferenciados em duas categorias: a) aqueles que fazem parte de diferentes etapas da reprodução de muitas espécies vegetais, como a polinização; e b) aqueles que garantem a variabilidade

genética necessária para a manutenção de populações viáveis, como a migração e o fluxo gênico.

Recorde-se aqui, apenas a título de ilustração, a dimensão da autopoiese, que fundamentou a teoria dos sistemas, do sociólogo alemão Niklas Luhmann, mas que tem sua origem nas teorias do biólogo chileno Humberto Maturana. Como observa Rios Neto, Maturana já advertia sobre os riscos de “um paradigma civilizacional totalmente incongruente com os processos de sustentação da vida, que tem afetado as mais diversas dimensões da experiência humana” (Rios Neto, 2021).

A partir de pesquisas biológicas, o cientista demonstrava a capacidade de autorreprodução dos seres vivos, mas que paradoxalmente necessitam dos recursos do meio ambiente para manter esse processo de reprodução. Essa aparente concepção contraditória ou mesmo a própria ideia aqui proposta trabalho da Natureza são inerentes à complexidade do real, metodologicamente discutida por Edgar Morin em seu livro *Introdução ao pensamento complexo*. Para Morin, se “o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores do pensar” (Morin, 2005, p. 6). Na visão do pensador francês, as verdades profundas, ainda que reciprocamente antagônicas, seriam complementares, embora conservassem seu antagonismo.

Dessas e de outras lições sobre a Natureza, pode-se concluir que não há ser vivo sem protagonismo, sem atividade imanente. A passividade dos meios naturais é fruto da visão instrumentalista e extrativista, que vê na Natureza apenas um dado passível de exploração para satisfação das necessidades materiais do ser humano. Como se vê, como forma específica de demonstrar a procedência de um trabalho da Natureza, existe um, pode-se dizer, protagonismo próprio que regula as espécies e os ecossistemas, muito além de um exclusivo controle, muitas vezes degradante, por parte do Homem.

Especificamente quanto ao Direito, este é dependente muitas vezes das conclusões científicas. Basta considerar as definições sobre o início ou o fim da vida para fins de se estabelecer certos parâmetros de decisões judiciais, como sucessão e aborto, apenas para citar alguns exemplos. Paradigmático o julgamento, também como exemplo, da ADI 3510, sobre a constitucionalidade da Lei Nº 11.105/2005 que surgiu para regulamentar a utilização de células-tronco embrionárias para fins terapêuticos e de pesquisa científica. Para o julgamento da ADI, o Supremo Tribunal Federal convocou uma audiência pública com renomados médicos e especialistas visando reunir informações científicas para embasar “um conceito jurisdicional sobre o vocábulo vida” (Leal; Mass, 2010).

Com relação ao tema ora debatido, no julgamento do REsp 1.198.727/MG, o Superior Tribunal de Justiça consignou importante posição jurisprudencial sobre o dano ambiental, levando em conta que esta espécie de dano é multifacetário. Considerado ética, temporal, ecológica e patrimonialmente, ele se apresenta “sensível ainda à diversidade do vasto universo de vítimas, que vão do indivíduo isolado à coletividade, às gerações futuras e aos próprios processos ecológicos em si mesmos considerados” (Brasil, 2012).

Exatamente esses mesmos processos ecológicos, numa perspectiva progressista de Ingo Sarlet e Tiago Fensterseifer, apresentam-se para esses autores como “exemplos expressivos de uma tutela jurídica autônoma dos bens jurídicos ecológicos em questão (por exemplo, Natureza em si, bem-estar animal, fauna e flora)”, os quais identificam ainda como direitos “dos animais à vida, à liberdade de locomoção, à integridade física, ao bem-estar, entre outros” (Sarlet; Fensterseifer, 2023, p. 111).

Os mesmos autores, embora não embasados numa perspectiva específica da decolonialidade, destacam a jurisprudência paradigmática da Corte Constitucional da Colômbia, tanto no campo dos Direitos da

Natureza quanto do Direito Animal. Por fim, enfatizam a possibilidade de afirmar de forma categórica a superação do “antropocentrismo clássico”.

No presente estudo, que não só admite direitos da Natureza em si, essa superação da visão antropocêntrica é encarada, ainda mais, numa perspectiva fundamental de se reconhecer, como inserida na ideia de trabalho, aquele que se apresenta em forma de processos ecológicos essenciais. Processos, estes, desenvolvidos autonomamente por espécies e ecossistemas com fins específicos, como o funcionamento e automanutenção dos ambientes naturais.

O princípio da igual condição de interesses semelhantes (Oliveira, 2011) fundamenta a tese de direitos dos animais, com base na ética prática de Peter Singer, vinculada à ideia de “bem-estar animal” ou da sensação de dor e prazer presente no animal não humano. Por sua vez, o trabalho desenvolvido naturalmente pelos processos ecológicos tem toda a racionalidade de fundamentar os direitos da Natureza, cuja necessária valorização deve ser reconhecido como fundamento da Ordem Econômica na Constituição brasileira de 1988.

O ponto central, que irá justificar um novo fundamento da Ordem Econômica na perspectiva do Constitucionalismo decolonial, reside especificamente na promoção de um diálogo de saberes (Santos, 2009). Um novo processo que permita ao ser humano um envolvimento sustentável, partindo das reflexões iniciais de Ailton Krenak, indo além de uma visibilidade dos saberes emergentes, mas identificando os seus potenciais (Jobim, 2022, p. 355) em termos de cosmovisão e promoção do bem viver.

Em termos ambientais, e por extensão, econômicos, a solidariedade intergeracional é a demonstração de que a humanidade não consegue se envolver com o presente, mas apenas anuncia promover uma preservação ambiental para as futuras gerações. Enquanto isso, as gerações presentes, também contempladas no dispositivo constitucional, artigo 225, sofrem os

reveses de uma ineficiência normativa em termos de direitos fundamentais de 3.^a dimensão.

Usando uma linguagem alegórica, não se percebe que o presente é como uma nave que conduz a todos pelo espaço do tempo. Assim, qualquer descuido ou falta de atenção pode provocar os acidentes, os desastres ambientais do cotidiano, em nome do progresso econômico, atingindo a humanidade no nível da atemporalidade.

O que se percebe é que, em termos jurídico-econômicos, o sentido de eficiência não pode se ater, como na denominada escola de análise econômica do direito, a uma maximização da riqueza. Tendo como um dos grandes representantes o jurista americano Richard Posner, a escola é tida, na análise de Coutinho, como “uma vertente interdisciplinar da economia neoclássica por buscar, na produção e aplicação do direito, explicações para comportamentos de agentes econômicos maximizadores de utilidade” (Coutinho, 2014, p. 11).

Tais análises correm o risco de reproduzirem, quase sempre, o viés pragmático e instrumental da racionalidade jurídica, em coerência com a genealogia do pensamento liberal capitalista, sempre atento aos objetivos de lucros e ganhos mais imediatos.

Por outro lado, as questões ambientais, no contexto da Economia política, parecem dialogar mais com o materialismo histórico, como bem fizeram Dalla Riva e Oliveira da Silva em estudo sobre a agroecologia, apresentada como alternativa ao modelo de “apropriação e exploração do ser humano sobre a natureza e sobre o próprio ser humano no modo de produção capitalista” (Dalla Riva; Oliveira da Silva, 2022).

Em contraposição ao sistema predatório do agronegócio, que, no atual sistema capitalista, tem na produção o foco principal, as autoras reforçam que “o sistema de produção agroecológico parte de realidades e necessidades locais, a depender de cada sociedade e de cada ecossistema”.

Assim, enaltecem o uso racional da terra como característica da agroecologia.

Partindo dessa premissa, ou seja, de um sistema de produção que leva em consideração as realidades e necessidades locais, mas que considera ainda não só a peculiaridade de cada sociedade, mas também de cada ecossistema, é que, ao sentido de racionalidade aplicado ao uso da terra, deve ser acrescentada a valorização do próprio trabalho da Natureza. Para fins de contribuição a essa perspectiva de agroecologia, sustenta-se que é fundamental entender a produção econômica, enquanto atividade humana, como viabilizada não a partir de um bem natural disponível ao puro extrativismo.

O reconhecimento da Natureza como sujeito de direito deve ser considerado para além de uma passividade dos fenômenos ambientais ou mesmo da riqueza dos recursos naturais, mas da ótica de processos ecológicos essenciais. Sob a lógica do *Deus sive Natura*, de Spinoza, filósofo que identificava Deus com a Natureza, é que se pode compreender a passagem de João 5, 17: “Meu Pai trabalha até agora, e eu também trabalho”, o que parece indicar a dupla dimensão do trabalho: humano e da natureza.

5. Considerações finais

É preciso reconhecer que o trabalho especificamente humano, quando se desenvolve sobre os recursos naturais, para fins de produção econômica, se dá a partir de frutos e produtos naturais, para usar termos do Direito Civil, que são, por sua vez, resultados de processos ecológicos essenciais. Suspendendo, por ora, o entendimento de que o significativo trabalho tem um significado restrito aos elementos sociais, históricos, ou mesmo ideológicos, puramente humanos, enfim, pode-se compreender

trabalho como tudo o que demanda tempo, transformações químicas e gasto de energia, evolução contínua etc., tendo ao final um resultado produtivo.

Se é possível, a partir de abordagens cada vez mais progressistas, o reconhecimento da Natureza como sujeito de direito, nada mais significativo e coerente com essas novas compreensões do que identificar tal processo de produção natural como trabalho, agora com uma outra conotação, valorizando-se, assim, o meio ambiente em seu aspecto dinâmico.

Não se espera que madeireiros nem políticos que consideram legítimo o marco temporal³ se sensibilizem com esse novo fundamento da Ordem Econômica. Entretanto, o Direito e a Economia serão enriquecidos em matéria principalmente de defesa do meio ambiente quando, de forma combinada, compreenderem que o valor da Natureza não está apenas em seus frutos e produtos, mas também em todo o processo ecológico essencial que engendrou sua elaboração.

Na presente proposta, tal compreensão não está relacionada apenas a um processo de evolução do pensamento ocidental moderno, mas comunga, principalmente, com uma postura de abertura metodológica aos saberes emergentes, na esteira de um típico pensamento decolonial, que dialoga com outros modelos constitucionais da América Latina.

6. Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Editora Elefante, 2009.

³ Tese jurídica desenvolvida inicialmente no âmbito do julgamento pelo Supremo Tribunal Federal em 2009 (PET 3388/RR) sobre a demarcação de terras indígenas, definindo a data da promulgação da Constituição brasileira, em 5 de outubro de 1988, como o marco temporal para a demarcação das terras aos povos indígenas que já ocupavam as respectivas terras na referida data. O entendimento foi alterado em 2023 pela própria Suprema Corte brasileira, mas foi fixado pelo Legislativo por meio da Lei n.º 14.701/2023.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça (2. Turma). **Recurso Especial 1198727/MG**, julgado em 14 de agosto de 2012. Disponível em: https://processo.stj.jus.br/processo/pesquisa/?num_registro=201001113499.

Acesso em: 08 jun 2024.

COUTINHO, Diogo R. **Direito e economia política na regulação de serviços públicos**. São Paulo: Saraiva, 2014. *E-book*. ISBN 9788502221727.

Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502221727/>. Acesso

em: 10 jun. 2024.

CRUTZEN, Paul. Geology of Mankind. *In*: P. J. Crutzen and H.G. Brauch (eds.), **Paul J. Crutzen: A Pioneer on Atmospheric Chemistry and Climate Change in the Anthropocene**, Nobel Laureates 50, Berlim: Springer, 2016.

DALLA RIVA, Leura; OLIVEIRA DA SILVA, Maria Beatriz. A essência da forma jurídica como entrave à agroecologia. **Revista Direito e Práxis**, [S. l.], v. 15, n.

1, p. 1–33, 2022. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/64761>. Acesso

em: 10 jun. 2024.

GRAU, Eros Roberto. **A ordem econômica na Constituição de 1988**. São Paulo: Malheiros, 2015.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995.

JOBIM, Marcelo Barros. **Constitucionalismo decolonial: a questão da autonomia quilombola no Brasil**. São Paulo: Dialética, 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEAL, Mônica Clarissa Hennig; MASS, Rosana Helena. Audiência pública realizada pelo Supremo Tribunal Federal sobre a lei de biossegurança como forma de ocorrência da figura do *amicus curiae*. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)** 2(1): 40-49, Porto Alegre, janeiro-junho 2010.

LUKÁCS, Georg. **Prolegômenos para a ontologia do ser social**: obras de Georg Lukács, volume 13 / Georg Lukács. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

MARIUTTI, Eduardo Barros. Notas sobre o conceito de geocultura. **Texto para Discussão**. Unicamp. Instituto de Economia, Campinas, n. 396, ago. 2020. Disponível em: www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD396.pdf. Acesso em: 07 junho 2024.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NUNES, Antônio José Avelã. A filosofia social de Adam Smith. **Prim@ Facie**, v. 4, n. 6, p. 5-41, Paraíba, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/view/4503>. Acesso em: 11 jun. 2024.

OLIVEIRA, Anselmo Carvalho de. O princípio de igual consideração de interesses semelhantes na ética prática de Peter Singer. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 34, p. 210-225, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jun 2024.

PIOVESAN, Juliana et al. **Processos ecológicos e a escala da paisagem como diretrizes para projetos de restauração ecológica**. In: **Revista Caititu**, Salvador, n. 1, p. 57-72, set 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revcaititu/article/view/5278>. Acesso em: 08 jun 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, 13 (29), 1992, pp. 11-20. Disponível em: <https://arqueologiageneralunca.wordpress.com/2018/04/07/quijano-colonialidad-y-modernidad-racionalidad/>. Acesso em: 29 out 2024.

RIOS NETO, Antônio Sales. Maturana: sem concepção e alteridade, não há futuro. **Outras Palavras**, São Paulo, 7 mai 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/maturana-sem-cooperacao-e-alt-eridade-nao-ha-futuro/#:~:text=Autopoiese%20e%20acoplamento%20estrutural%3A%20a%20din%C3%A2mica%20da%20vida&text=Como%20diz%20Maturana%2C%20a%20autopoiese,se%20autoproduzem%20e%20se%20autor regulam.> Acesso em: 10 jun 2024.

ROCHA, Julio Cesar de Sá da. **Direito ambiental do trabalho: mudanças de paradigma na tutela jurídica à saúde do trabalhador**. São Paulo: Atlas, 2013.

SALDANHA, Nelson. **Da teologia à metodologia: secularização e crise no pensamento jurídico**. 2. ed. Belo Horizonte, Del Rey, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.): **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, pp. 23-71.

SARLET, Ingo W.; FENSTERSEIFER, Tiago. **Curso de Direito Ambiental**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2023. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559648603-/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

TRISCHLER, Helmut. El Antropoceno, ¿un concepto geológico o cultural, o ambos?. **Desacatos. Revista de Ciencias Sociales**, [S. l.], n. 54, p. 40–57, 2017. DOI: 10.29340/54.1739. Disponível em: <https://desacatos.ciesas.edu.mx/index.php/Desacatos/article/view/1739>. Acesso em: 7 jun. 2024.

ULLOA, Astrid. Dinámicas ambientales y extractivas en el siglo XXI: ¿Es la época del Antropoceno o del Capitaloceno en Latinoamérica?. **Desacatos. Revista de Ciencias Sociales**, [S. l.], n. 54, p. 58–73, 2017. DOI: 10.29340/54.1740. Disponível em: <https://desacatos.ciesas.edu.mx/index.php/Desacatos/article/view/1740>. Acesso em: 7 jun. 2024.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

ALFONSO GARCÍA ROBLES Y EL TRATADO DE TLATELOLCO: ENTRE LA GUERRA FRÍA Y LA DESNUCLEARIZACIÓN EN AMÉRICA LATINA

*ALFONSO GARCIA ROBLES E O TRATADO DE TLATELOLCO: ENTRE A
GUERRA FRIA E O DESNUCLEARIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA*

*ALFONSO GARCIA ROBLES AND THE TREATY OF TLATELOLCO: BETWEEN
THE COLD WAR AND DENUCLEARIZATION IN LATIN AMERICA*

Martín López Avalos¹ 
El Colegio de Michoacán, México

Resumen: El presente artículo plantea que la participación mexicana en el proceso de negociación para la firma del Tratado de Tlatelolco se puede explicar por las características de la política exterior mexicana de la posguerra. México se afanó en construir una política exterior activa que expresara su evolución política reciente, surgida de la revolución de 1910-1920. Se toma como ejemplo la figura y pensamiento del embajador Alfonso García Robles como estrategia de las relaciones internacionales mexicanas. A través de este hilo conductor, podremos apreciar que la política exterior mexicana tiene una base doctrinal liberal, pero anclada en la historia latinoamericana. Esta experiencia se verá reflejada en el periodo de la guerra fría al incorporarse al Comité de las 18 Naciones en Ginebra y, posteriormente, al sopesar uno de sus acontecimientos más álgidos de este periodo, la crisis de los misiles en Cuba de octubre de 1962. Este acontecimiento justificaría lanzar la iniciativa de desnuclearización, pero como un llamado conjunto de la región latinoamericana, aunque México y Brasil llevaran la coordinación en las negociaciones. Se realiza una descripción minuciosa de la XVIII sesión de la Asamblea General de la ONU donde se concreta la voluntad de desnuclearizar América Latina.

¹ Doctor en Estudios Latinoamericanos por la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Profesor investigador del Centro de Estudios Históricos, El Colegio de Michoacán, A.C. (México). Correo electrónico: mlopez@colmich.edu.mx.

Palabras Clave: Desnuclearización; Guerra fría; América Latina; Organización de las Naciones Unidas; Colaboración México-Brasil.

Resumo: Este artigo propõe que a participação mexicana no processo de negociação para a assinatura do Tratado de Tlatelolco pode ser explicada pelas características da política externa mexicana do pós-guerra. O México esforçou-se por construir uma política externa ativa que expressasse a sua evolução política recente, decorrente da revolução de 1910-1920. A figura e o pensamento do Embaixador Alfonso García Robles como estrategista das relações internacionais mexicanas são tomados como exemplo. Através deste fio condutor, podemos perceber que a política externa mexicana tem uma base doutrinária liberal, mas ancorada na história latino americana. Esta experiência refletir-se-á no período da Guerra Fria, quando se juntou ao Comitê das 18 Nações em Genebra e, mais tarde, ao considerar um dos acontecimentos mais críticos deste período, a crise dos mísseis cubanos de Outubro de 1962. Este acontecimento justificaria lançando a iniciativa de desnuclearização, mas como um apelo conjunto da região latino-americana, embora o México e o Brasil estivessem coordenando as negociações. É feita uma descrição detalhada da 18ª sessão da Assembleia Geral da ONU, onde é especificada a vontade de desnuclearizar a América Latina.

Palavras-chave: Desnuclearização; Guerra Fria; América Latina; Organização das Nações Unidas; Colaboração México-Brasil.

Abstract: This paper argues that Mexican participation in the negotiation process for the signing of the Treaty of Tlatelolco can be explained by the characteristics of Mexican postwar foreign policy. Mexico worked hard to build an active foreign policy that expressed its recent political evolution, which emerged from the revolution of 1910-1920. The figure and thought of Ambassador Alfonso García Robles are taken as an example of a strategist of Mexican international relations. Through this guiding thread, we can see that Mexican foreign policy has a liberal doctrinal basis, but is anchored in Latin American history. This experience will be reflected in the period of the Cold War when it joined the Committee of the 18 Nations in Geneva and, later, when considering one of the most critical events of this period, the Cuban missile crisis of October 1962. This event would justify launching the denuclearization initiative as a joint call from the Latin American region, although Mexico and Brazil led the coordination in the negotiations. A detailed description is made of the XVIII session of the UN General Assembly where the will to denuclearize Latin America is made concrete.

Keywords: Denuclearization; Cold War; Latin America; United Nations; Mexico-Brazil collaboration.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227772](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227772)

Recebido em: 07/08/2024
Aprovado em: 01/01/2025
Publicado em: 01/01/2025

1. Introducción

El 10 de diciembre de 1982 se entregó el Premio Nobel de la Paz a Alfonso García Robles y Alva Myrdal por su labor a favor de la paz y seguridad mundiales. Para García Robles significaba un reconocimiento por su labor de hacer realidad que América Latina fuera la primera zona del mundo libre de armas nucleares cuando se firmó en 1967 el Tratado para la Proscripción de Armas Nucleares en América Latina y el Caribe, mejor conocido como el Tratado de Tlatelolco. Acorde con esta importancia para la diplomacia mexicana, la figura de García Robles merece ser estudiada y analizada de acuerdo con los tiempos que le tocaron vivir como diplomático y el papel que jugó en la política exterior de México. Tomaremos a García Robles como hilo conductor de la política exterior mexicana por medio de tres partes. La primera está dedicada a la trayectoria temprana del embajador Alfonso García Robles (1911-1991), donde se va mostrando su inclinación a los valores políticos liberales como solución a los dilemas en la construcción del sistema internacional derivado de la segunda guerra mundial y las nuevas tensiones mundiales por el uso de la energía nuclear como arma de ataque. En esos valores, sustentados en la experiencia mexicana y latinoamericana, García Robles se inclina por la creación de un organismo multilateral internacional, basado en el consenso de las naciones y ajeno a la geopolítica de las potencias. El joven García Robles está consciente que los proyectos de planificación de la posguerra están en marcha por las potencias aliadas de la guerra, sin embargo, conserva la esperanza de que el espíritu liberal de la Carta del Atlántico² se mantenga. El proyecto salido de la conferencia de Dumbarton

² Se trata de la declaración conjunta firmada por el presidente Franklin Delano Roosevelt y el primer ministro Winston Churchill el 14 de agosto de 1941. En ella se expresa una idea compartida por "dar a conocer ciertos principios comunes" que sostienen los Estados Unidos y la Gran Bretaña "en los cuales radican las esperanzas para un mejor porvenir para la humanidad". Su importancia para el futuro de las relaciones internacionales sería tal, que sus ocho puntos se incorporarían a la Declaración de las Naciones Unidas suscrita por los 26 gobiernos aliados, entre los que se encontraban Brasil y México, el 1 de enero de 1942 (PEREIRA y MARTÍNEZ, 1995, pp. 306-307).

Oaks,³ que daría origen a la Organización de las Naciones Unidas, elaborado por los Estados Unidos, define el primer tiempo de la posguerra, donde no cabe más que el interés geopolítico de las potencias aliadas vencedoras de la guerra, sin embargo, existe una rendija donde los países que no tienen un peso militar significativo pueden sobrevivir, como veremos más adelante. Las esperanzas de países como Brasil y México se centran en el funcionamiento del nuevo organismo multilateral, que no es perfecto ni responde a todas las expectativas expresadas en la Carta del Atlántico, como el respeto a la autodeterminación de los pueblos y el derecho al desarrollo económico, además de concentrar el control de la organización en las potencias militares y no en la comunidad representada en la asamblea general.

En la segunda parte, se establece el marco donde se desenvolverá la preocupación por el desarme nuclear, el cual forma parte de la agenda de la recién creada Organización de las Naciones Unidas (ONU). Para tal fin la ONU empezará a formar organismos *ad hoc* y comisiones específicas para su atención. Una de ellas es la Comisión para el Desarme, con sede en Ginebra, convertida en uno de los puntos en la cual se desarrolla la guerra fría, a partir de la carrera armamentista, sobre todo la nuclear. En este espacio, la diplomacia mexicana emprenderá una nueva agenda cuando, por iniciativa de la Unión Soviética, se decide ampliar el número de países integrantes de dicha Comisión y se extiende la invitación a Brasil y México para integrar el Grupo de 18 Naciones, que tendrá que establecer los parámetros de negociación de un Tratado de No Proliferación de Armas Nucleares (TNP). Esta experiencia permite enfrentar, como se verá en la tercera parte, las consecuencias de la crisis de los misiles soviéticos en Cuba (octubre 1962) con una propuesta del presidente mexicano Adolfo López Mateos (1958-1964) a cuatro presidentes de América Latina (abril 1963) para

³ Llamada así por la mansión del mismo nombre (Washington, D.C.) donde se llevaron a cabo del 21 al 29 de agosto de 1944 las conversaciones entre las potencias aliadas que acordarían la creación del nuevo organismo internacional, integrado por una asamblea general y un consejo de seguridad, como instancia permanente de la nueva organización. Posteriormente, en la conferencia de Yalta, 11 de febrero de 1945, se discutiría el derecho a veto de los miembros permanentes del consejo de seguridad, por encima de la asamblea general de miembros (HUGUET SANTOS, 2003, p.380).

integrar un grupo promotor con el objetivo de encontrar un espíritu común de llevar a la América Latina a convertirse en la primera zona desnuclearizada del mundo. A partir de esto, la iniciativa del presidente Adolfo López Mateos se trabaja afanosamente, junto con Brasil, en el principal organismo multilateral del mundo, para conseguir la construcción de consensos sucesivos para aprobar la resolución 1911 en la XVIII Asamblea General de la ONU, presentada oficialmente por Brasil. Este sería el primer paso, el primer consenso, al cual seguiría la formación de comisiones preparatorias para llegar al segundo consenso, el de la redacción de un Tratado de No Proliferación de armas nucleares en América Latina.

En este pequeño espacio que fue la XVIII sesión ordinaria de la Asamblea General de la ONU (septiembre de 1963 a diciembre de 1964) se desarrolla esta iniciativa multilateral latinoamericana, operada conjuntamente por México y Brasil, en el punto más candente de la guerra fría conocido hasta ese momento después de la crisis de los misiles en octubre de 1962 en Cuba, mostrando la importancia de la diplomacia brasileña para conseguir el propósito descrito. La colaboración brasileña-mexicana no ha sido estudiada con la importancia que tiene, sin embargo, queda abierto indagar a mayor profundidad en los archivos brasileños y mexicanos para establecer los objetivos de política exterior de ambos países, sobre todo al advertir la continuidad en la cooperación conjunta después del golpe de Estado contra el presidente João Goulart (1961-1964) y la instauración del periodo de la hegemonía militar sustentada en la doctrina de la seguridad nacional, mientras que del lado mexicano dos administraciones diferentes mantuvieron vivo el proyecto que fructificó con la firma del Tratado de Tlatelolco en 1967.

El trabajo de investigación se basa en la consulta del archivo particular de Alfonso García Robles del Archivo Histórico de la Secretaría de Relaciones Exteriores (AHSRE-APAGR) de México, debido a la importancia del papel jugado por el embajador García Robles en esta operación diplomática por el lado mexicano. Las citas corresponden al orden del

archivo mexicano, aunque la mayoría de los documentos sean las actas oficiales de la secretaría general de la ONU que dan cuenta de las sesiones de la Asamblea General. Se ha procurado destacar los informes confidenciales redactados por García Robles a la cancillería mexicana, donde se puede observar el peso de sus opiniones que se convierten en estrategias para la política exterior mexicana. El trabajo de archivo se complementa con la bibliografía dedicada como homenaje a García Robles como Premio Nobel de la Paz 1982, donde se recuerda su formación temprana como abogado y funcionario de la Secretaría de Relaciones Exteriores de México. Destacamos el interés de García Robles por la forma que iba adquiriendo el nuevo entramado jurídico de las instituciones establecidas para hacer funcionar el nuevo sistema internacional.

2. El mundo de la posguerra: proyecciones de Alfonso García Robles

El debate en torno al mundo de la posguerra no se inició cuando terminó el conflicto armado en 1945. Este era un tema mientras se desarrollaban los escenarios de guerra en Europa y el Pacífico, mientras los ejércitos de tierra, mar y aire peleaban, otro tipo de ejército se formaba en las oficinas de estudios estratégicos en Washington, Londres o Moscú. Este novedoso “ejército”, integrado por consultores de todo tipo, tenía la tarea de diseñar planes y escenarios aún no previstos en la realidad fáctica, para alimentar a los líderes políticos que tomaban las decisiones, grandes y pequeñas, que muy probablemente se verían reflejadas en el mundo por venir. En México, o desde México, un joven abogado, integrante del servicio exterior mexicano, Alfonso García Robles (1911-1991), asumía este compromiso de vislumbrar el futuro del mundo y el de México en particular. Si bien el joven García Robles le interesa el presente vivido, es decir, la segunda guerra mundial y sus consecuencias para el mundo, sus reflexiones están sustentadas en la experiencia histórica de México como nación emergente en el siglo XIX y la parte del siglo XX transcurrida

(GAYTÁN GUZMÁN, 2013, p. 45-83): a partir de ellas, de su reflexión con el pasado histórico del país, García Robles empieza a vislumbrar el futuro para México y la forma en cómo puede aprovechar la formación del nuevo sistema de relaciones internacionales que vendrá, sin duda, una vez que acabe el conflicto armado. A los soldados y estrategias militares, vendrán los estrategias civiles que permanecieron en segundo plano durante la guerra (ENRÍQUEZ PEREA, 2013, p. 131-182).

Tal es el papel que García Robles prefiere desarrollar en su carrera diplomática. Desde la subdirección general de asuntos políticos de la Secretaría de Relaciones Exteriores (SRE)⁴ se da a conocer en el medio mexicano por sus opiniones sobre política internacional, ya sea en artículos de opinión en periódicos, ofrecer conferencias a todo público y escribir y publicar libros. Destaca su participación en este ejercicio de planificación futura que realiza el gobierno (1940-1946) del general Manuel Ávila Camacho que se presentó como *El Primer ciclo de conferencias sobre el mundo de la posguerra*⁵ donde, además de García Robles participa un numeroso contingente de funcionarios del gobierno federal, intelectuales del momento y académicos mexicanos. Para entonces, García Robles ha desarrollado un discurso liberal acorde con el pensamiento angloamericano del presidente Franklin Delano Roosevelt de los Estados Unidos y el primer ministro británico Winston Churchill, expresado en *La Carta del Atlántico* (14 de agosto de 1941), donde se menciona, entre otras muchas cosas, la necesidad de habilitar a una comunidad internacional en la posguerra que, posteriormente, se registrará en la *Declaración de las Naciones Unidas* (1 de enero de 1942), en la cual confluyeron el compromiso

⁴ García Robles ingresó al servicio exterior mexicano en 1938 con el rango de tercer secretario; de 1939 a 1941 estuvo en la embajada mexicana en Estocolmo. Llamado a la SRE, se le asignó el cargo de subdirector de asuntos políticos. En el gobierno de Manuel Ávila Camacho formó parte de la Comisión Nacional de Planeación para la Paz como secretario de Asuntos Internacionales (1943) de donde partiría como representante de México ante la recién formada Organización de las Naciones Unidas; entre 1946 y 1957 mientras representaba a México, también se desempeñó como director de asuntos políticos de la ONU. Véase la semblanza de García Robles en El Colegio Nacional, disponible en: <https://colnacional.mx/integrantes/alfonso-garcia-robles/>. Consultado en: sept. 1 2023.

⁵ Este ciclo de conferencias se llevó a cabo en el Salón de Conferencias del Palacio de Bellas Artes entre el 23 de marzo y el 23 de abril de 1944. El segundo ciclo de conferencias fue del 11 de mayo al 6 de julio. Existe edición impresa por la Dirección Social del Departamento del Distrito Federal, 1944, 2v. Para una excelente reseña de estas véase (ENRÍQUEZ PEREA, 2013, p. 149-163), destacando la ponencia de García Robles, "Marco mundial y continental de la paz".

de 26 países aliados en la guerra contra Alemania y Japón, para terminar con el Acta de Préstamos y Arriendos (3 de septiembre de 1942), donde se prefiguraban las políticas económicas de la posguerra. En síntesis, cuando García Robles se desempeña como secretario de asuntos internacionales de la Comisión Nacional de Planeación para la Paz ya había desarrollado los cimientos de un pensamiento liberal que lo llevará el resto de su vida como funcionario internacional y como representante de México en los foros multilaterales de la posguerra.

El liberalismo de García Robles no era cosmopolita, el suyo era un liberalismo derivado de la historia mexicana en el siglo XIX y XX, es decir, con raíces en el liberalismo mexicano construido en la Reforma y la Revolución. Si bien coincidía con los postulados roosveltianos del *New Deal*, sobre todo en la construcción de un orden internacional basado en el equilibrio de una comunidad y no en el de las potencias, García Robles tenía muy claro que el interés nacional del Estado mexicano no se limitaba al desarrollo económico liberal (libre comercio), sino que este tenía que impulsar un nuevo orden internacional, sobre todo en su estructura jurídica, que diera un sentido de igualdad entre sus miembros. Los principios de no intervención y autodeterminación de los pueblos serán para García Robles principios emanados de la experiencia mexicana que deberían incorporarse a los preceptos jurídicos del nuevo orden. La experiencia del liberalismo mexicano tenía, a su vez, un vínculo con la experiencia latinoamericana en su lucha contra la intervención extranjera que expresaban las doctrinas Drago y Calvo⁶, por ejemplo. El diagnóstico que va madurando García Robles estará basado en la experiencia latinoamericana por hacer valer no sólo la soberanía nacional, sino, al mismo tiempo, la igualdad jurídica de los estados nacionales. Esto se puede observar en la manera en que refiere los artículos 4º y 5º de la Convención sobre Derechos y Deberes de los Estados, derivada de la VII Conferencia Internacional Americana (Montevideo, 1935):

⁶ No es extraño que García Robles publicara en 1939 *La cláusula Calvo ante el derecho internacional*. S.E.

Art. 4º: Los Estados son jurídicamente iguales, disfrutan de iguales derechos y tienen igual capacidad para ejercitarlos. Los derechos de cada uno no dependen del poder del que dispongan para asegurar su ejercicio, sino del simple hecho de su existencia como persona del Derecho Internacional.

Art. 5º: Los Derechos fundamentales de los Estados no son susceptibles de ser afectados en forma alguna⁷.

Sin duda que estas ideas han sido planteadas por García Robles en la Comisión Nacional de Planeación para la Paz donde participa activamente. Sabe del alcance, para cada Estado participante, de las resoluciones tomadas en cada reunión panamericana y, sobre todo, de los ejercicios de planeación o, por lo menos, de construir escenarios factibles después de la guerra, que se están llevando a cabo en cada una de estas reuniones. Por ejemplo, los temas de los problemas de la paz ya están incluidos en las comisiones de trabajo. Tal es el caso de la Resolución sobre problemas de la posguerra, aprobada en la tercera reunión de consultas de Río de Janeiro (1942). Aquí se conjugan dos cosas esenciales en el liberalismo de García Robles, por un lado, la fuerza del Derecho como norma que establece lazos contractuales entre los Estados, de tal forma que:

[...] ligen entre sí, para formar un todo congruente y articulado, los distintos procedimientos [...] establecidos por los diez tratados, convenciones y protocolos continentales en vigor sobre la materia, y que se añade a ellos el del recurso a una institución judicial interamericana, cuya creación ha sido sugerida (ENRÍQUEZ PEREA, 2013, p. 157).

La otra situación es la fuerza del liberalismo como mecanismo promotor de la economía de libre mercado que será, a la postre, el motor del desarrollo económico. El conjunto de ideas que García Robles va manteniendo en la difusión de la planeación de posguerra, es el de que los países latinoamericanos aumenten su productividad económica para mejorar los salarios, salud y prosperidad de los trabajadores con el fin de “desarrollar su civilización y cultura”:

[...] las naciones americanas continuarán manteniendo su adhesión a los principios liberales del comercio internacional con fines pacíficos basados en la igualdad de tratamiento y procedimientos

⁷Disponible en: <https://oas.org/juridico/spanish/tratados/a-40.html>. Consultado en: nov. 9 2024. Para ampliar la contribución latinoamericana hay que tomar en cuenta al Protocolo adicional relativo a la no intervención, aprobado y suscrito en Buenos Aires, 1936; La Declaración de principios americanos de la VIII Conferencia Internacional Americana, Lima, 1938.

justos y equitativos en el intercambio, y que harán cuanto estuviese al alcance de ellas para fortalecer su economía, aumentar su comercio y las relaciones económicas entre sí (ENRÍQUEZ PEREA, 2013, p. 198).

En síntesis, la idea de la cooperación internacional regulada por el derecho, junto con una fuerte convicción a favor de la economía liberal como mecanismo mundial, formarían los pilares fundamentales del mundo de la posguerra que García Robles vislumbra alrededor de 1942. El modelo no está planteado en abstracto: las relaciones de América Latina con los Estados Unidos, a través de las reuniones panamericanas, han dado la suficiente experiencia con el modelo en una aplicación práctica, es decir, para ese momento, ya existen organismos especializados en el terreno, tales como el Comité Consultivo Económico Financiero Interamericano, el Instituto Indigenista Interamericano y el Comité Interamericano de Agricultura, a los cuales se sumarían próximamente el Instituto Interamericano del Trabajo y el Instituto Interamericano de Cooperación Intelectual. Un optimista García Robles admitía que en ámbito americano se había avanzado mucho, pues había “un conjunto de instrumentos de realización” que podían servir “en muchos de sus aspectos de modelo para la organización mundial” (ENRÍQUEZ PEREA, 2013, p. 162)⁸. La idea es polémica y, sobre todo, herética, pues va a contracorriente de cualquier teoría de las relaciones internacionales al proponer que la historia de los países latinoamericanos constituyen un antecedente importantísimo de la comunidad internacional de naciones de la posguerra: la experiencia histórica latinoamericana desde el siglo XIX y el XX en su lucha contra el colonialismo y luego el imperialismo (las doctrinas Calvo, Drago y Carranza y el principio de autodeterminación de los pueblos), sentarían las bases de un modelo de organización mundial experimentado en las reuniones panamericanas⁹ y su fuerza reguladora está en las resoluciones tomadas y

⁸ Como bien se sabe, la primera experiencia internacional en este sentido fue la Sociedad de las Naciones, surgida al impulso de los 14 puntos del presidente Wilson y del fin de la primera guerra mundial en 1918. Sin embargo, la historia de este organismo evidenció las fallas del consenso y construcción de la asamblea general, como organismo máximo.

⁹ Celebradas entre 1889 y 1948, año de la celebración de la IX conferencia (Bogotá) donde se acordó fundar a la Organización de Estados Americanos (OEA); en 1954 se celebraría la X y última conferencia, pero bajo los auspicios de la OEA. Las conferencias panamericanas reunirían a jefes de estado y ministros de relaciones exteriores de todas las repúblicas americanas y se consideran un hito en la promoción de la cooperación económica y política para buscar la integración regional (MARICHAL, 2002).

citadas en las conferencias de Montevideo y Río de Janeiro, puestas como ejemplos. A excepción de la adhesión al libre comercio, que es un fenómeno global que ocurre en diferentes escalas desde el siglo XVI en todo el mundo, la idea de una comunidad internacional regulada por el Derecho entre iguales forma parte de la historia común de los estados latinoamericanos en su relación con los Estados Unidos. Esta experiencia funda y da forma a los primeros organismos de cooperación internacional, con la limitante de que su alcance es regional. No resulta extraño, en este contexto, que García Robles publicara un artículo de opinión en el diario capitalino *El Universal*, titulado “Proyecto mexicano para la creación de una Unión Panamericana de Naciones”, donde reflexiona sobre la coyuntura política internacional de los proyectos que ya se perfilan para crear el organismo internacional de la posguerra, sobre todo desde la oficina oval del presidente de Estados Unidos. El optimismo que prevalecía en García Robles se convierte en pesadumbre al analizar la iniciativa conocida como el Proyecto Dumbarton Oaks para el nuevo organismo internacional. El orden y armonía liberal pensados por García Robles no son tales; el interés geopolítico de las potencias aliadas vencedoras de la guerra prevalecerá por encima de un interés general de los países emergentes, el espíritu generoso de La Carta del Atlántico ha desaparecido y en su lugar se instala la paz de los vencedores.

La convención interamericana sobre problemas de la guerra y la paz (Chapultepec, febrero-marzo de 1945) convocado por el presidente mexicano Manuel Ávila Camacho (1940-1946) es, tal vez, un tenue intento por hacer visibles las aspiraciones del orden liberal de la Carta del Atlántico y evitar los problemas que ya se vislumbraban en el orden de la posguerra. García Robles forma parte de la organización del evento y encargado de recopilar los discursos y documentos para su publicación. La guerra estaba por tocar su fin y ya se preparaban las condiciones para fundar una nueva organización internacional que no tuviera las limitaciones estructurales que la Sociedad de las Naciones. En el discurso de apertura, Ávila Camacho

estableció las ideas rectoras que sintetizaban las condiciones prevalecientes en ese momento. 1) Ninguna de las delegaciones representadas pretendía presentarse como modelo único a seguir; 2) El orden internacional de la posguerra no debería fincarse tomando en cuenta únicamente la opinión de los poderosos; de lo contrario, la guerra resultaría “a la postre una enorme y grotesca ficción”; 3) la causa de México no estaba en contra de nadie que deseara la seguridad colectiva; 4) México creía en un orden civilizado basado en el bienestar de todos los países y pueblos que congregan a la comunidad de naciones.

La reunión en México sirve de marco para que el secretario de Estado de los Estados Unidos, Edward R. Stettinius, anunciara que, a nombre de las potencias aliadas (Estados Unidos, Gran Bretaña, China y la URSS), invitaba a reunirse en San Francisco (California) a celebrar una Conferencia de las Naciones Unidas, con el objetivo de suscribir una carta para formar una “Organización Internacional General”. Sin embargo, la conferencia de Chapultepec reclamaría los límites autoimpuestos en el proyecto de Dumbarton Oaks por las potencias aliadas que se discutiría en San Francisco (ENRÍQUEZ PEREA, 2013, p. 176-177). En Chapultepec, las repúblicas americanas reclamaron la indefinición del organismo, así como la falta de atribuciones de la Asamblea General para hacer efectiva su funcionamiento como máxima instancia del nuevo organismo. Por último, reclamaban un sitio para América Latina en el Consejo de Seguridad¹⁰.

3. El mundo de la posguerra: desarme y guerra fría

La fundación de la Organización de las Naciones Unidas (ONU) tras la segunda guerra mundial marcó el inicio formal de la posguerra. Este periodo estuvo caracterizado por la disolución de la alianza de naciones que había enfrentado el conflicto, dando paso a la confrontación entre Estados Unidos y la Unión Soviética. El nuevo conflicto – definido como

¹⁰ La Resolución XXX de la Conferencia Interamericana sobre Problemas de la Guerra y la Paz era Sobre el establecimiento de una organización internacional general.

“guerra fría” – marcaría el desarrollo en las siguientes cuatro décadas del rumbo de las relaciones internacionales y condicionaría el papel del nuevo organismo multilateral creado por la voluntad política de cincuenta y una naciones que firmaron su carta constitutiva en San Francisco el 25 de junio de 1945, con el objetivo de vigilar por la paz y la seguridad internacional para prevenir nuevos conflictos armados, es decir, su vocación era pacifista, guardando parte del espíritu liberal que le daría origen en la Carta del Atlántico, cuando la coalición aliada empezaba a formarse en 1942. Como parte de ese compromiso, la Carta de las Naciones Unidas (artículo 26) faculta al Consejo de Seguridad “la elaboración de planes que se someterán a los Miembros de las Naciones Unidas para el establecimiento de un sistema de regulación de los armamentos” (CARTA DE LAS NACIONES UNIDAS, 1945)¹¹.

Si bien la existencia de las Naciones Unidas significaba un logro relevante al convertirse en el mayor organismo multilateral creado por la voluntad expresa de un conjunto de la comunidad internacional, también reflejaba la voluntad de control de las potencias militares señaladas anteriormente. Esta tensión entre la voluntad de una comunidad internacional representada en el organismo por la Asamblea General y el control de “los poderosos” en el Consejo de Seguridad lograría superarse, bien que mal, por la agenda que en ambas instancias asumiría el organismo internacional como propio, tal sería el caso del desarme y la descolonización, como los temas centrales del periodo de posguerra y de la guerra fría. La atención de dicha agenda implicaría la construcción de diversos consensos en los dos niveles donde se movía la comunidad internacional, de tal manera que los asuntos de la agenda para el desarme, por ejemplo, involucrarían la participación de un variado conjunto de países que conformarían el comité de desarme creado como una instancia de

¹¹ Las atribuciones de la Asamblea General sobre el tema son reveladores de los alcances de esa idea de vivir en una comunidad internacional funcional: “La Asamblea General podrá considerar los principios generales de la cooperación en el mantenimiento de la paz y la seguridad internacionales, incluso los principios que rigen el desarme y la regulación de los armamentos, y podrá también hacer recomendaciones respecto de tales principios a los Miembros o al Consejo de Seguridad o a éste y a aquéllos”.

negociación para este tema, prioritario después de una guerra de las proporciones que el mundo viviría entre 1939 y 1945.

La existencia de arsenales de armas atómicas fue catalogada como un problema de atención prioritaria desde la primera sesión de la Asamblea General de la ONU (enero de 1946), marcando uno de los temas de agenda. Derivada de esta preocupación, la primera resolución aprobada 1(I) del 24 de enero de 1946 crearía la Comisión de Energía Atómica (1946) con la finalidad de garantizar que el uso de la energía atómica fuera para fines pacíficos, así como supervisar la eliminación de arsenales nucleares estableciendo un sistema de salvaguardas. Adicionalmente, y a partir de una recomendación de la Asamblea General al Consejo de Seguridad, se crearía la Comisión de Armamentos (1947), aunque sin atender el problema de armas nucleares, sí se ocuparía del desarme de armas convencionales, así como la reducción de efectivos de los ejércitos (BULL, 1976; MARÍN BOSCH, 1985; RODRÍGUEZ AQUINO, 2020).

Cabe señalar que llegar a la creación y, sobre todo, a la funcionalidad de un comité dedicado al desarme no fue sencillo, en primer lugar, por la dinámica impuesta por los bloques militares identificados y contrapuestos en la guerra fría que impedían por cuestiones de seguridad avanzar hacia un desarme amplio y sin cortapisas; en segundo lugar, y materia no menos importante que la anterior, por la metodología impuesta por los bloques militares en disputa: la agenda del desarme sería marcada por los bloques –en realidad los Estados Unidos y la Unión Soviética– que tenían la clara intención de evitar que, fuera de ellos, se ampliara el número de países capaces de producir armas tácticas y estratégicas, como eufemísticamente se les llamaba al armamento nuclear en esos momentos. El clamor pacifista de la comunidad internacional por regular y prohibir la producción y uso de este tipo de armamento sería utilizado como un instrumento de control para evitar que se ampliara el número de países con capacidad para producir este tipo de armas¹². Así pues, sería la dinámica de la guerra fría,

¹² Otra de las situaciones que se tuvieron que superar fue que, formalmente, el comité de desarme no pertenecía orgánicamente a la ONU, aunque muchos países –entre ellos México– le daban un rango de organismo

con sus tensiones y distensiones, la que marcaría el ritmo de la agenda de desarme, principalmente las derivadas del uso de energía atómica, pero también la de otro tipo de armas como las químicas y biológicas.

Al finalizar la década de 1940, el balance de la Comisión de Energía Atómica y el Comité de Desarme era desalentador (MARÍN BOSCH, 2022, p. 46). Las tensiones de la guerra fría hacían inoperante cualquier mecanismo de supervisión de los diversos arsenales, así como su producción, acumulada por los Estados Unidos y la Unión Soviética, sobre todo a partir de la guerra de Corea (1950-1953) como el primer conflicto de la guerra fría en el mundo. En el transcurso de 1950, mientras se desarrollaban las primeras escaramuzas en Corea, la Asamblea General en un intento por superar los resquemores entre las potencias que paralizaban a la Comisión y el Comité, propondría la creación del Comité de los Doce con el objetivo de integrar las funciones de ambas instancias en un solo organismo. Sin embargo, las realidades geopolíticas de la guerra fría terminarían por desechar este nuevo esfuerzo, en parte por la composición del grupo, integrado por los miembros del Consejo de Seguridad más Canadá. Como un campo de batalla cerrado, el Consejo de Seguridad impedía cualquier posibilidad de acuerdo o inicio de negociación de cualquier tema que implicara la limitación y control de armamentos (de cualquier tipo) ya no se diga plantear la posibilidad de un acuerdo general de limitación o desarme. El resto de la década de 1950 vería pasar un intento tras otro por destrabar esta situación, donde los organismos *ad hoc* de la ONU reproducían la lógica de confrontación de la guerra fría. Por ejemplo, en 1952 se crearía la Comisión de Desarme, a propuesta de la Asamblea General, con el mismo resultado ante las quejas soviéticas que insistía en una composición paritaria entre los bloques reconocidos por la OTAN y el Pacto de Varsovia.

En 1958, ante la amenaza soviética de abandonar los trabajos de la Comisión debido a la ampliación de los doce originales a veintiséis sin

internacional dependiente de las Naciones Unidas, al formar parte de la variedad de organismos multilaterales con sede en Ginebra (GARCÍA ROBLES, 1977).

respetar la paridad exigida anteriormente, el Comité de Desarme dejaría de existir al desvirtuarse su funcionalidad cuando la ONU anunció que podrían participar todos sus países reconocidos como miembros (MARÍN BOSCH, 1985; 2022). A partir de esta coyuntura, se hizo evidente que sin el acuerdo previo entre las potencias militares de ambos bloques no sería posible establecer mecanismos de negociación alrededor de cualquier tema de desarme. Hacia finales de 1959 esta situación cambiaría favorablemente, destacando que los acuerdos llegarían a partir de negociaciones bilaterales previas, de tal manera que tanto los Estados Unidos como la Unión Soviética, con la adhesión de Gran Bretaña, anunciarían la refundación del Comité de Desarme con la novedad en la paridad entre los bloques de la OTAN y el Pacto de Varsovia¹³, además que el organismo quedaría fuera de la estructura organizativa de la ONU, pero manteniendo una estrecha colaboración con ella. A este comité se le conocería como el Comité de las Diez Naciones, con sede en Ginebra, que funcionaría regularmente hasta el verano de 1960, cuando los miembros del Pacto de Varsovia lo abandonarían debido al incidente del avión U2 norteamericano en territorio soviético el 1 de mayo¹⁴. Al abandonar el marco multilateral de la ONU, ningún bloque se sentía obligado a negociar seriamente debido a las tensiones generadas en diferentes frentes, como consecuencia de la guerra fría (Corea, Indochina y el estatus de Berlín). En poco tiempo se añadiría uno de los mayores focos de tensión con la situación cubana a partir de 1962.

Sin embargo, pese a que todas las tensiones hacían ver que el mundo se dirigía a un nuevo enfrentamiento militar global, aparecerían rasgos de distensión en las políticas de las potencias de la guerra fría. Uno

¹³ Canadá, Estados Unidos, Francia, Italia y Gran Bretaña por la OTAN y Bulgaria, Checoslovaquia, Polonia, Rumania y la Unión Soviética por el Pacto de Varsovia.

¹⁴ El U2 fue un avión diseñado por la compañía Lockheed para volar a una altura de 24000 metros. El aparato fue utilizado por la CIA de los Estados Unidos para realizar operaciones de espionaje en territorio soviético, o cualquier otro de interés estratégico para los norteamericanos. Este incidente resultó en escándalo internacional cuando el gobierno de Estados Unidos tuvo que admitir que se trataba de una de sus operaciones encubiertas. Como respuesta el gobierno soviético anunció, el 16 de mayo, que no asistiría a la Cumbre de París, cuyo objetivo era limitar los arsenales nucleares de Estados Unidos y la Unión Soviética. El 23 de mayo, el gobierno soviético convocó al Consejo de Seguridad de la ONU para denunciar la provocación de los Estados Unidos. Este incidente se convertiría en un nodo de tensión de la guerra fría.

de ellos, tal vez el más importante, sería el planteamiento conjunto soviético-norteamericano a favor de crear un programa de desarme y recomponer la integración y funcionamiento del Comité de Desarme¹⁵. La novedad en esta propuesta estaría en la incorporación de países que no estaban marcadamente identificados con uno u otro bloque militar, al pasar de diez a diez y ocho¹⁶. La decisión resultaría altamente significativa, pues hasta ese momento, las potencias de los bloques consideraban que el desarme nuclear era un asunto exclusivo de su incumbencia y competencia, dejando fuera cualquier intento de que la comunidad internacional estuviera representada. Al mismo tiempo, podemos interpretarlo como un acto de pragmatismo político, al dale un viso de legitimidad y reconocer la importancia de la comunidad internacional que no reflejaba las tensiones de la guerra fría, pero que sí tenía un interés en mejorar el funcionamiento de las iniciativas multilaterales. Al volver al redil del multilateralismo, las potencias cambiarían el sentido de futuras negociaciones en la materia, pues ahora sí representaban a esa idea nebulosa que era la comunidad de naciones unidas, representada por la Asamblea General de la ONU.

Sin embargo, también habría que admitir que la apertura no significaba la pérdida de control por parte de las potencias. Estados Unidos y la Unión Soviética copresidían y solamente permitían que las sesiones plenarias fueran presididas rotativamente por los otros miembros. Los grupos de trabajo seguían segmentados en los bloques iniciales, por un lado, los de la OTAN y el Pacto de Varsovia, por otro, los independientes o neutrales de reciente ingreso. El nuevo comité de desarme iniciaría sus labores en marzo de 1962; en 1969 habría una modificación en su

¹⁵ El proceso de distensión se había iniciado al terminar 1959 con la adopción por parte de la Asamblea General de la ONU de la propuesta soviética de aceptar como suyo el objetivo de buscar un desarme total y completo. El 20 de septiembre de 1961 se daría a conocer la "Declaración conjunta de los principios convenidos para las negociaciones del desarme general y completo bajo un control internacional eficaz", firmada por los representantes de Estados Unidos, John J. McCloy, y de la Unión Soviética, Valerin A. Zorin (MARÍN BOSCH, 2022, pp. 47 y 48).

¹⁶ Las ocho naciones propuestas para incorporarse eran Birmania, Brasil, Etiopía, India, México, Nigeria, República Árabe Unida y Suecia. La propuesta inicial partió de la Unión Soviética, en carta de Nikita Krushev a la Secretaría General de la ONU, siendo aprobada en diciembre de 1961 (A.G. ONU A74509, 26 de septiembre de 1960; APAGR-AHSRE, Libro 11, Anexo 5, f 138).

funcionamiento al aumentar la membresía a veintiséis y cambiar el nombre a Conferencia del Comité de Desarme; nuevamente en 1975 habría otro ajuste al aumentar el número de sus miembros a treinta y uno, manteniendo la misma equivalencia de equilibrio de la organización original. Finalmente, en 1978 se decidiría acortar el nombre a Conferencia de Desarme, aprobándose un nuevo reglamento que suprimiría la copresidencia que hasta entonces mantenían la Unión Soviética y los Estados Unidos; se ampliaría la membresía a cuarenta destacando la inclusión de la República Popular China.

La corta historia del Comité de Desarme, con sus diferentes nomenclaturas, reflejaría de cierta manera las “distensiones” de la guerra fría, mismas que permitirían aumentar la capacidad de agencia de los mecanismos multilaterales. El aumento de los cupos en el comité podría indicarnos el éxito de este tipo de iniciativas, que poco a poco iría modificando las reglas internas de la construcción de consensos que permitirían llegar a acuerdos de desarme de mayor alcance al hacerlos extensivos a un mayor número de países¹⁷. Claro está que, en la medida que la guerra fría iba llegando a su fin, los mecanismos de consenso dentro del comité cobrarían mayor fuerza.

Es importante destacar que el Tratado de Tlatelolco (1967) forma parte integral de esta historia. Sin el referente multilateral salido de la Asamblea General de la ONU, así como las características de cada una de sus etapas a través del Comité de Desarme, la idea de un tratado de desnuclearización para América Latina hubiera sido una idea imposible de llevar a cabo. En el siguiente apartado veremos las condiciones que lo hicieron posible.

¹⁷ Entre la lista de los acuerdos logrados en Ginebra podemos mencionar los tratados de Prohibición Parcial de Ensayos Nucleares (1963); el de No Proliferación de Armas Nucleares (1968); las convenciones sobre las Armas Biológicas (1972); y sobre la Eliminación de Armas Químicas (1993) (MARÍN BOSCH, 2022, p. 50).

4. El Tratado de Tlatelolco

La guerra fría como acontecimiento o campo de acción en América Latina había pasado tangencialmente, hasta que los acontecimientos en Cuba, después de 1959, fueron cobrando mayor relevancia internacional, derivando en un marcado diferendo de la isla caribeña con los Estados Unidos. Las diferencias cubano-norteamericanas muy pronto derivaron en discrepancias de orden geopolítico. Usando como justificación los principios revolucionarios que daban legitimidad al nuevo régimen cubano, su dirigencia encabezada por Fidel Castro iniciaría un viaje sin retorno al buscar, y encontrar, ayuda del otro polo de la guerra fría, la Unión Soviética. El interés soviético en proporcionar ayuda al régimen de Castro en Cuba desencadenaría una de las crisis más peligrosas de la guerra fría. La llamada crisis de los misiles en octubre de 1962¹⁸ supuso no sólo una alteración del equilibrio geopolítico en el hemisferio americano cuando Cuba hizo patente su intención de convertirse en un país socialista, también significaría el mayor reto militar que los Estados Unidos habían enfrentado desde el fin de la segunda guerra mundial. Luego de arduas negociaciones contra reloj entre el presidente de Estados Unidos, John F. Kennedy, y el primer ministro soviético, Nikita Krushev, ambas potencias acordarían en nulificar a Cuba como una amenaza militar para Estados Unidos siempre y cuando este país aceptara el nuevo estatus político de la isla y evitara alterarlo de cualquier modo.

Las consecuencias de la crisis de los misiles serían variadas y en diversos sentidos, una de estas aristas se expresaría en la preocupación de diversos presidentes de la región en evitar caer en un trance de este tipo

¹⁸ El 14 de octubre de 1962 aviones U2 norteamericanos descubrieron el indicio de instalaciones militares balísticas soviéticas en Cuba. Este hecho iniciaría una de las mayores crisis de la guerra fría al enfrentar a las dos potencias nucleares. La amenaza de una guerra nuclear se convertiría en un hecho real por primera vez, sin embargo, luego de intensas negociaciones entre el más alto nivel, ambas potencias llegarían a un acuerdo que llevaría al retiro de los misiles soviéticos de Cuba, así como la promesa norteamericana de respetar el estatus político socialista de Cuba. Algunos historiadores (VEIGA, DA CAL y DUARTE, 1998, p.170) sostienen que la presencia soviética en Cuba fue una consecuencia del incidente del U2 en la Unión Soviética en mayo de 1960. Por su parte Jiménez Redondo (2003, pp. 436-438) considera que esta crisis motivaría a los Estados Unidos y a la Unión Soviética a apurar un acuerdo de limitación de armas nucleares.

nuevamente en el futuro. El primer paso lo daría el presidente mexicano Adolfo López Mateos el 21 de marzo de 1963 al enviar cartas dirigidas a cuatro presidentes latinoamericanos (Bolivia, Brasil, Chile y Ecuador) con la idea¹⁹ de realizar una declaración conjunta que expresara el interés por hacer de América Latina una región desnuclearizada, dados los acontecimientos recientes. Al encontrar una respuesta unánimemente favorable, López Mateos propuso redactar la declaración en torno a la desnuclearización de América Latina, firmada por los cinco presidentes de manera conjunta. Empero, entre el periodo del envío de las cartas de López Mateos a los demás presidentes y el lanzamiento público de la Declaración, pasarían varios meses que serían aprovechados por la delegación brasileña en la Asamblea General de la ONU para presentar las primeras iniciativas.

El 18 de julio de 1963 la delegación de Brasil solicitó incluir el tema “Desnuclearización de la América Latina” en el programa del XVIII sesiones de la Asamblea General de la Organización de las Naciones Unidas (AG/ONU). Con esto, se iniciaba un proceso que desembocaría con la firma del Tratado para la Proscripción de las Armas Nucleares en la América Latina en 1967, conocido como el Tratado de Tlatelolco. A partir de esta solicitud se empezaría a desplegar una serie de acciones y cabildos diplomáticos para pasar de las resoluciones a la materialización de la idea por medio de un tratado. La estrategia, desde entonces, estuvo en lograr un consenso a favor en el pleno de las Naciones Unidas.

El 19 de septiembre en su informe respectivo, la mesa de debates decidió incluir como tercer tema el propuesto por Brasil, “la Desnuclearización de la América Latina”. El tema fue examinado en cuatro sesiones de la primera comisión. El 11 de noviembre de 1963 Brasil, Bolivia, Costa Rica, Chile, Ecuador, El Salvador, Haití, México, Panamá y Uruguay

¹⁹ En un artículo de homenaje a García Robles (GONZÁLEZ OLVERA, 2013, p. 102) señala que García Robles era el embajador de México en Brasil y el medio por el cual llegaban las inquietudes e ideas de López Mateos al presidente Goulart y viceversa. En consecuencia, los embajadores mexicanos acreditados en los países citados hicieron lo mismo que García Robles. Cabe destacar que Goulart sería el primero en responder favorablemente a la iniciativa mexicana el 8 de abril, situación que es más reveladora cuando se advierte que ambos países trabajaban conjuntamente en el comité de diez y ocho naciones de Ginebra. A partir de esta coincidencia, no sería extraño que ambos mandatarios acordaran que la representación brasileña presentara oficialmente la iniciativa de desnuclearización en la Asamblea General de la ONU meses después.

presentaron un proyecto de resolución. La presidencia de la primera comisión toma nota de la iniciativa de desnuclearización de América Latina a partir de la Declaración conjunta patrocinada por Bolivia, Brasil, Chile, Ecuador y México. Al mismo tiempo, esta instancia espera que los estados latinoamericanos inicien los estudios, por los medios y canales adecuados, sobre las medidas que convenga acordar para realizar los propósitos de la Declaración a la que se hace referencia. La primera comisión confía que una vez que se llegue a un acuerdo satisfactorio, las potencias nucleares presten su plena cooperación para cumplir eficazmente los propósitos de la Declaración. Finalmente, se pide al secretario general de la ONU que prestase las facilidades técnicas que los países de América Latina pudieran requerir.

La Declaración conjunta vería la luz pública el 14 de noviembre del mismo año. Dirigida al secretario general de la ONU, contiene el espíritu del futuro tratado al señalar en tres puntos el objetivo de la iniciativa:

1. *Anunciar* desde ahora que sus gobiernos están dispuestos a firmar un acuerdo multilateral latinoamericano, por el cual los países se comprometían a no fabricar, recibir, almacenar ni ensayar armas nucleares o artefactos de lanzamiento nuclear.
2. *Dar a conocer* la presente Declaración a los Jefes de Estado de las demás Repúblicas Latinoamericanas haciendo votos por que sus gobiernos se adhieran a ella mediante el procedimiento que estimen adecuado.
3. *Coadyuvar* entre sí y con las demás Repúblicas latinoamericanas que adhieran a la presente Declaración, a fin de que la América Latina sea reconocida lo más pronto posible como una zona desnuclearizada (GARCÍA ROBLES, 1965, pp. 69-70)

El mismo día 14 de noviembre de 1963, los representantes de Brasil, Bolivia, Chile, Ecuador y México, solicitaron que el documento de la Declaración sea distribuido como documento oficial de la ONU. En su sesión del 19 de noviembre, la comisión aprobó el proyecto de resolución por 89 votos, cero en contra y 14 abstenciones (Cuba y Venezuela entre ellos). Por lo tanto, la primera comisión recomienda se apruebe el proyecto de resolución propuesta el 11 de noviembre. El proyecto aprobado se convertirá en la Resolución 1911 (XVIII), en el cual se establece.:

- Preservar a las generaciones futuras del flagelo de la guerra mundial.

- Recuerda las resoluciones 1380 (XVI), 1576 (XV) y 1665 (XVI) que alertan de peligro de la carrera armamentista, dificultándose un acuerdo para el desarme general.
- Atendiendo la resolución 1664 (XVI), que hizo notar que los países que no cuentan con armas nucleares son los más interesados en acordar un cese de los ensayos nucleares.
- Considerando que la firma del Tratado por el que se prohíben los ensayos con armas nucleares en el espacio ultraterrestre, atmósfera, y debajo del agua, ha creado un ambiente favorable para procurar la prevención de una mayor difusión de las armas nucleares.
- Considerando la Declaración sobre desnuclearización de cinco jefes de Estado de América Latina del 29 de abril de 1963, en donde están dispuestos a firmar un acuerdo multilateral latinoamericano, por el cual se comprometen a no fabricar, recibir, almacenar ni ensayar armas nucleares, o artefactos de lanzamiento nuclear.
- Reconocen la necesidad de preservar a la América Latina de unirse a la carrera armamentista.
- La AG/ONU toma nota “con satisfacción” de la iniciativa para la desnuclearización de América Latina, para lo cual, espera inicien estudios, “como estimen apropiado”, para realizar los propósitos de la Declaración referida; confía en que las potencias nucleares presten su ayuda para el propósito establecido de la presente resolución; pide al secretario general de la ONU preste las facilidades técnicas que los países latinoamericanos puedan requerir²⁰.

En el informe reservado de Alfonso García Robles del 17 de diciembre de 1963 sobre la primera comisión de “Desnuclearización de la América Latina”²¹ informa cuáles fueron las acciones encaminadas que se prepararon para: 1) obtener el apoyo de los países latinoamericanos (El Salvador, Panamá, Perú, Uruguay) que estaban indecisos, mediante acciones personales y conversaciones informales; 2) preparar un documento de resolución sobre la materia para su posible aprobación por la AG/ONU. Para ello fue necesario un acercamiento con el canciller brasileño João Augusto de Araújo en la ONU para mostrarle un borrador de resolución, redactado por García Robles. El diplomático brasileño responde con satisfacción por el documento, aceptando su contenido en lo básico, pero quedando a disposición para modificaciones posteriores²².

²⁰ AHSRE-APAGR, Libro 15, Anexo 12, 1963, ff 73 y 76.

²¹ AHSRE-APAGR, Libro 15, Anexo 1, 1963, f 21.

²² AHSRE-APAGR, Libro 15, Anexo 1, 1963, f 3.

Las acciones diplomáticas desplegadas por la cancillería mexicana y la brasileña irán dando resultados en corto tiempo, el destinado al XVIII periodo de sesiones de la Asamblea General de la ONU. En la sede la ONU y aprovechando la presencia de los cancilleres que asisten a ella y también con los representantes permanentes, tanto García Robles como Araújo se abocan a los contactos, formales e informales, para presentar el proyecto de resolución que llevaba en sí la idea de la redacción y firma de un tratado de no proliferación de armas nucleares en América Latina. Se realizó una reunión formal el 19 de septiembre entre los cancilleres de los países (Bolivia, Brasil, Chile, Ecuador y México) que habían firmado la Declaración Conjunta en abril para, posteriormente, el 23 del mismo mes, realizar una especie de plenaria con lo que se denominaba Grupo Latinoamericano, aprovechando la presencia de diez cancilleres de esos países en el XVIII sesiones de la AG/ONU. El fin de esta reunión, informal, era la de intercambiar opiniones. En la misma, García Robles intervendría para dar a conocer el sentido de la Declaración Conjunta: buscar como objetivo final la negociación de un tratado como instrumento multilateral²³.

Un día después, Araújo informaría a García Robles de su conversación con el secretario de Estado de los Estados Unidos, Dean Rusk, en torno a la idea de buscar la firma de un tratado de no proliferación de armas nucleares en América Latina. El funcionario norteamericano estimaba correcta la opción de que el marco de negociación lo diera la ONU y no la OEA, y opinaba que era necesario incluir a Cuba dentro del Grupo Latinoamericano. Sorprendentemente, el 26 de septiembre, el representante permanente de Estados Unidos en la ONU, embajador Adlai Stevenson, solicitó al Grupo Latinoamericano una reunión. En ella, el embajador Belaúnde de Perú, le preguntó si su país respetaría un tratado como el que estaba por proponer el Grupo Latinoamericano. Stevenson

²³ *Ibidem.*, f 5. En palabras textuales de García Robles, dijo que: “formulé una exposición bastante amplia destinada a permitir una perspectiva correcta de la Declaración Conjunta, precisando, entre otras cosas, que ésta no era, desde luego, un tratado, sino solamente una expresión de voluntad de negociar la concertación de dicho instrumento multilateral”.

respondió afirmativamente, siempre y cuando incluyese especificaciones indispensables para Estados Unidos.

El 30 de septiembre, el canciller Araújo comunicó a García Robles su acuerdo con la propuesta mexicana, solicitando solo una modificación en el resolutive 3 y designando al embajador Bernardes como contacto formal en la ONU. García Robles se reunió con Bernardes el 18 de octubre, acordando ajustar el resolutive 3 para que tuviera un tono "más suave y flexible" y eliminar el adverbio "urgentemente" del resolutive 2. Ambos decidieron que Bernardes presentaría el anteproyecto como un documento brasileño en colaboración con México al grupo original de la Declaración (Bolivia, Brasil, Chile, Ecuador, México). Durante la reunión, Bolivia, Chile y Ecuador aceptaron el contenido del anteproyecto. García Robles propuso que este grupo se encargara de convencer al resto del Grupo Latinoamericano, distribuyendo las tareas: Brasil contactaría a Colombia, Cuba, Haití y Jamaica; Chile, a Argentina, Paraguay y Uruguay; y México, a El Salvador, Panamá y Perú²⁴.

El 31 de octubre el Grupo Latinoamericano se reúne en plano para considerar el anteproyecto distribuido por el grupo promotor de la Declaración. Los representantes de Perú, Panamá y Uruguay dieron su voto a favor, con la salvedad de reservarse modificaciones en los resolutivos. Los representantes de Colombia y Argentina que al momento habían tenido una postura de reserva a la Declaración, la modificaron y se declararon a favor del anteproyecto, sin modificaciones. Al obtener un consenso casi unánime²⁵ se acordó constituir un grupo de trabajo, integrado por Brasil, México, Perú, Uruguay y El Salvador; este último, además fungía como vicepresidente de la AG/ONU, por lo cual se le pidió que presidiera el grupo

²⁴ AHSRE-APAGR, Libro 15, Anexo 1, 1963, f 8.

²⁵ La negativa de Venezuela era por su diferendo fronterizo con Guyana, donde los venezolanos querían el respaldo del grupo a sus demandas. La actitud negativa de Cuba a integrarse al grupo latinoamericano y formar parte de los patrocinadores del proyecto de desnuclearización eran obvias: la Declaración Conjunta había sido interpretada en La Habana como una acción en su contra luego de la crisis de los misiles, cuando Fidel Castro reclama el retiro de los misiles soviéticos sin su consentimiento, la Declaración Conjunta pide que se vayan y no vuelvan. Para fines prácticos, Cuba no pertenece ya al Grupo Latinoamericano en la ONU y no se cuenta con ella para cualquier tipo de iniciativas multilaterales que vengan de América Latina; las votaciones en la AG/ONU sobre desnuclearización nos dan una pista de donde se encuentra el interés cubano.

de trabajo²⁶ debido al peso que tendría al momento de presentar el anteproyecto.

Entre reuniones informales para cabildear el anteproyecto, que ya era de todo el Grupo Latinoamericano, se da la primera reunión del grupo de trabajo (1/11/1963) donde se aprobaría el anteproyecto con las modificaciones anunciadas previamente. El documento resultante se hizo oficial y se aceptó a Jamaica como parte del grupo. El 5 del mismo mes, el embajador de los Estados Unidos en el Comité de Desarme la ONU con sede en Ginebra, Charles C. Stelle, y los embajadores Bernardes y García Robles se reunieron informalmente para comentar la postura norteamericana al proyecto. Los norteamericanos piden omitir la expresión “satisfacción” en el resolutivo 1; suprimir los párrafos 2 y 3, además de incluir una nueva redacción en los considerandos, quedando de la siguiente forma: “Convencida de que medidas conexas de desarme adoptadas de conformidad con la Declaración Conjunta de los principios convenidos, contribuirán a la disminución de la tirantez internacional y al aumento de la confianza entre las naciones facilitando así la realización del desarme general y completo”²⁷. Tanto Bernardes como García Robles respondieron a bote pronto, que les resultaba imposible aceptar las observaciones que acaban de escuchar; para ambos embajadores, les llamaba la atención que se les pidiera suprimir la palabra “satisfacción”, referida a la Declaración conjunta de cinco jefes de Estado de América Latina que habían sido acogidas con entusiasmo por la opinión pública internacional. El intercambio de opiniones al tener un carácter informal no comprometía a nadie, no obstante, daba pistas sobre la orientación que podría tomar la postura norteamericana que, no hay que olvidar, negociaba al mismo tiempo en la Comisión de Desarme de la ONU en Ginebra con la Unión Soviética un Tratado de No Proliferación (TNP) que incluía todo tipo de armas, incluso las nucleares²⁸. Como veremos más adelante, cuando se

²⁶ AHSRE-APAGR, Libro 15, Anexo 1, 1963, f 9.

²⁷ *Ibidem.*, f 9.

²⁸ Al día siguiente de esta reunión, uno de los asesores del embajador Stelle contacta a García Robles para informarle que retiraban sus objeciones del proyecto de resolución, pero sugería cuatro mucho más moderadas que las primeras. *Ibidem.*, f 12.

cabildea con la Unión Soviética, surgen los mismos problemas de interpretación “lingüística” con los adverbios y verbos, además de incluir el problema geopolítico que representa Cuba.

El día 6 de noviembre se volvería a reunir el Grupo Latinoamericano con la oposición de Venezuela, que anuncia se abstendrá de votar a favor del proyecto. En pocos días se ha avanzado mucho, pues once países latinoamericanos anunciaron estar a favor del proyecto y del objetivo, es decir, votar la resolución y proseguir con la redacción de un tratado de no proliferación de armas nucleares en la región. Los encuentros son intensos y cotidianos, pues un día después, el 7, el Grupo Latinoamericano estaba reunido nuevamente para tratar la nueva versión realizada por el grupo de trabajo que se encargó de revisar la segunda ronda de objeciones hecha por los Estados Unidos un día antes. El grupo de trabajo recomienda aceptar la primera objeción, rechazar la segunda, modificar parcialmente la tercera y aceptar la cuarta ²⁹. En el fondo, el interés norteamericano está en su enfrentamiento con la Unión Soviética, pues la principal objeción se encuentra en una referencia al Tratado de Moscú (1953) como punto de partida de la distensión armamentista. Los norteamericanos no podían admitir que fueron los soviéticos los que buscaron la primera distensión de la guerra fría, al mismo tiempo que era inaceptable que Latinoamérica, como región, tuviera una postura independiente en temas álgidos, como el desarme. Se designa a García Robles para redactar la nueva versión del documento, acorde con las modificaciones convenidas. El día 8, los asesores del embajador Stelle de la Comisión de Desarme de la ONU aceptaron la nueva versión, pero pedían se considere la posibilidad de agregar en la segunda línea del párrafo 2 después de “inicien estudios” “como lo estimen apropiado”. Como se ve, la cuestión era desaparecer cualquier idea que vinculara a la Unión Soviética como parte de iniciativas de desarme.

²⁹ *Ibidem.*, ff. 11-14.

El 11 de noviembre se inició la discusión de la “Desnuclearización en América Latina” en la sesión de la primera comisión. La presentación del proyecto estuvo a cargo de los embajadores de Brasil, Chile y México. El 14, García Robles detecta errores sustanciales en la redacción de la Declaración inicial de los cinco presidentes, por lo cual solicita editar el documento para su cotejo con el original. El 18 ocurre la intervención del embajador cubano Carlos Lechuga Hevia, criticando al proyecto en dos sentidos. El primero, que el proyecto no reúne los elementos de seguridad que garanticen, en futuras negociaciones, la desnuclearización efectiva de América Latina. En segundo lugar, no existe un compromiso claro de los Estados Unidos, como potencia continental nuclear, “de que la medida será aplicable a los territorios bajo su jurisdicción en la América Latina y en las bases militares que posee en ella”³⁰.

En conversaciones informales, García Robles encaró a Lechuga Hevia para hacerle saber de su error de interpretación, al aclararle que el proyecto propuesto era de carácter procesal y que su adopción (voto a favor) no excluía que cualquier delegación en la Asamblea General adoptara la postura (voto) que mejor le conviniera; además, que el proyecto y discusión posterior a él convenía a Cuba, por lo que lo invitaba a integrarse tanto a la discusión general, como al interior del Grupo Latinoamericano. El embajador cubano respondió que simpatizaba con el proyecto en lo personal, sin embargo, la postura oficial dependía de las instrucciones de La Habana. Le aseguró que el contenido de su intervención reflejaba las instrucciones recibidas.

En la sesión del 19 de noviembre, la delegación soviética pone en contexto al discurso de Lechuga Hevia, al apoyar totalmente la postura cubana, sin embargo, se dejan ver fisuras en el bloque socialista al entrever un voto favorable de Polonia y Bulgaria, además del voto rumano expresado favorablemente³¹. Al terminar las deliberaciones, se somete a votación nominal del proyecto, quedando aprobado con 89, cero en contra

³⁰ *Ibidem.*, f 16.

³¹ *Idem.*, f 17.

y 14 abstenciones, entre ellas Cuba y Venezuela, aunque por razones diferentes. El 27 de noviembre en sesión plenaria de la AG/ONU, se aprobaría el proyecto transmitido por la primera comisión (aprobado el 19), por 91 votos a favor, cero en contra y 15 abstenciones. El 29 de noviembre de 1963 la resolución aprobada es distribuida por la Secretaría General de la ONU con el número 1911 (XVIII) y con el título “Desnuclearización de la América Latina”.

El 2 de diciembre, García Robles envía un Memorándum confidencial a la cancillería mexicana, recomendando elaborar una agenda para continuar el proceso³². García Robles pide celebrar lo antes posible una conferencia preparatoria o preliminar latinoamericana, a celebrarse en enero de 1964. Para ello envía una propuesta de “nota circular” a todas las cancillerías involucradas, o sea las que votaron a favor, incluyendo a Cuba y Venezuela que se abstuvieron.

5. A manera de conclusión

El inicio de las rondas de conversaciones para redactar el Tratado de no Proliferación de Armas Nucleares en América Latina, que se conocerá como el Tratado de Tlatelolco, se llevó a cabo de acuerdo con lo que García Robles consideró necesario: dividir en comisiones de trabajo con una coordinación general. La rapidez de la redacción, y su aprobación, son un indicativo de la existencia de una voluntad política en el seno del Grupo Latinoamericano para llegar a un acuerdo que diera luz al tratado como tal. Pese a la rapidez de la negociación en los diferentes grupos de trabajo, se encontraron obstáculos que fueron sorteados por la habilidad negociadora de García Robles. Cabe mencionar dos de ellos, junto con otro que impedía hacer funcional al Tratado de Tlatelolco.

³² AHSRE APAGR libro 15, Anexo 15, 1963.

Entre los obstáculos en el camino apareció el cambio abrupto del gobierno de Brasil, a partir del golpe de Estado en contra del presidente Goulart el 1 abril de 1964. Si bien el gobierno militar brasileño no abandonó el copatrocinio de la iniciativa que ya se estaba negociando en Tlatelolco, existieron cambios sutiles en la definición de varios puntos del tratado como, por ejemplo, la renuncia absoluta a todo uso de la energía nuclear. García Robles tuvo que enfrentar este cambio en la orientación del gobierno militar brasileño y admitir la existencia de programas nucleares sin una identidad muy clara en sus usos y objetivos pacíficos. Entre las tensiones de la guerra fría, la orientación de las dictaduras militares de seguridad nacional en América Latina alineadas contra el comunismo no dejaría de ser un punto de fricción y choque para la política exterior mexicana de las décadas de 1960 y 1970. Este tema es uno de los extremos de la guerra fría en América Latina. Incluso, habrá que decirlo, dentro del grupo latinoamericano no existía un consenso absoluto en torno a la idea de desnuclearización planteada por García Robles. Gobiernos como el de Chile y Argentina, por ejemplo, simpatizaban con la idea del desarrollo nuclear sin cortapisas por considerar lesivo a su soberanía no poder decidir el rumbo a tomar en este tema. Pese a estas tensiones, la habilidad negociadora de García Robles sacó adelante el proyecto con una rapidez increíble.

Existía otro nivel de negociación del cual dependía la existencia del Tratado de Tlatelolco. Como mencionamos, la negociación del Tratado de No Proliferación encargado al grupo de diez y ocho naciones en Ginebra, del cual Brasil y México formaban parte, era la piedra angular para el desarme, en general, pero también de armas nucleares. Sin un arreglo en este nivel, donde se enfrentaban los Estados Unidos y la Unión Soviética, la iniciativa de Tlatelolco no hubiera tenido el impacto y significación que tuvo finalmente. La diplomacia mexicana operó en dos niveles, uno regional como América Latina, y otro global con el comité de las diez y ocho naciones, donde la postura mexicana se hizo escuchar en varias ocasiones,

por ejemplo, con la Unión Soviética y otros países no alineados, como India y Egipto, quienes mantenía posturas opuestas a la mexicana dentro del grupo de diez y ocho naciones.

Por último, ante la negativa soviética de firmar el protocolo II del Tratado de Tlatelolco, García Robles hizo saber al viceministro de exteriores soviético Kutneztov que el voto de México en el comité de desarme de Viena cambiaría radicalmente hasta no ver un compromiso serio por parte de los soviéticos.

El Tratado de Tlatelolco fue un instrumento para impulsar la distensión en un momento complicado por la crisis de los misiles soviéticos en Cuba. En general, el tratado logró su objetivo, pese al rechazo cubano hasta 2002, año en el que Cuba firma el Tratado de Tlatelolco. Con él y, sobre todo, con la postura favorable de la Unión Soviética para desnuclearizar a América Latina, Cuba dejó de tener un valor estratégico en el conflicto bipolar visto como enfrentamiento militar. El tratado también significó un ejemplo de instrumento jurídico de negociación multilateral para fortalecer este tipo de esquemas, de allí su formalidad y rigurosidad jurídica.

6. Referencias

BULL, Hedley. Arms Control and World Order. **International Security**, v. 1 n. 1, p. 3-16, 1976. <https://doi.org/10.2307/2538573>.

CARTA DE LAS NACIONES UNIDAS, 26 jun. 1945. Disponible en: <https://www.un.org/es/about-us/un-charter/full-text>. Consultado en: nov. 9 2024.

CARTA DEL ATLÁNTICO. In: Pedro Antonio Martínez Lillo y Juan Carlos Pereira. **Documentos básicos sobre las Relaciones Internacionales (1815-1991)**. Madrid: Editorial Complutense, 1995, pp. 306-307.

CONVENCIÓN SOBRE DERECHOS Y DEBERES DE LOS ESTADOS. 1933. Disponible en: <https://www.oas.org/juridico/spanish/tratados/a-40.html>. Consultado en: nov. 9 2024.

ENRÍQUEZ PEREA, Alberto. Para ganar la guerra es preciso preparar la paz. *In*: Enríquez Perea, Alberto (coord.). **Alfonso García Robles. Homenaje. Premio Nobel de la Paz 1982**. México: FCPyS-UNAM, 2013.

GARCÍA ROBLES, Alfonso. **El tratado de Tlatelolco. Génesis, alcance y propósitos de la proscripción de las armas nucleares en la América Latina**. México: El Colegio de México, 1967.

GARCÍA ROBLES, Alfonso. **La desnuclearización de la América Latina**. México: El Colegio de México, 1965.

GAYTÁN GUZMÁN, Rosa Isabel. Alfonso García Robles, diplomático mexicano: el Panamericanismo, la Buena Vecindad y la construcción del orden internacional después de la segunda Guerra Mundial. *In*: Enríquez Perea, Alberto (coord.). **Alfonso García Robles. Homenaje. Premio Nobel de la Paz 1982**. México: FCPyS-UNAM, 2013. p. 46 y ss

GONZÁLEZ OLVERA, Pedro. Alfonso García Robles. Embajador en Brasil. *In*: Enríquez Perea, Alberto (coord.). **Alfonso García Robles. Homenaje. Premio Nobel de la Paz 1982**. México: FCPyS-UNAM, 2013.

HUGUET SANTOS, Montserrat. Balance de la Guerra. La nueva sociedad internacional: características generales, 1945-1989. *In*: Pereira, Juan Carlos (coord.). **Historia de las Relaciones Internacionales**. Barcelona: Ariel Historia. p. 379-403

JIMÉNEZ REDONDO, Juan Carlos. El nuevo orden internacional, 1945-1989. *In*: Pereira, Juan Carlos (coord.). **Historia de las Relaciones Internacionales**. Barcelona: Ariel Historia. p. 405-421.

MARICHAL, Carlos (coord.). **México y las conferencias panamericanas 1889-1938. Antecedentes de la globalización**. México: El Colegio de México, 2002.

MARÍN BOSCH, Miguel. **Armas nucleares, desarme y carrera armamentista: Homenaje a Alfonso García Robles**. México: Gernika, 1985.

MARÍN BOSCH, Miguel. México en las negociaciones de desarme: la Conferencia de Desarme de Ginebra. **Revista Mexicana de Política Exterior**, n. 65, p. 43-64, mar. 2022.

RODRÍGUEZ AQUINO, José Luis. Limitar las armas. Sobre la Formulación de normas internacionales en contra de la proliferación nuclear en América Latina. **Foro Internacional**, V. LX, N. 1, p. 97-137, 2020. DOI: 10.24201/fi.v60i1.2543.

VEIGA, Francisco; DA CAL, Enrique U; DUARTE, Ángel. **La paz simulada. Una historia de la guerra fría 1941-1991**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

UNA EXPLORACIÓN COMPARATIVA DE LAS ESTRATEGIAS DE POLÍTICA EXTERIOR ENTRE PANAMÁ Y CHINA: ¿CÓMO LA FALTA DE CONTINUIDAD GUBERNAMENTAL IMPACTA LA ACTIVIDAD ECONÓMICA?

*UMA EXPLORAÇÃO COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE POLÍTICA
EXTERNA ENTRE PANAMÁ E CHINA: COMO A FALTA DE CONTINUIDADE
GOVERNAMENTAL AFETA A ATIVIDADE ECONÔMICA?*

*A COMPARATIVE EXPLORATION OF FOREIGN POLICY STRATEGIES
BETWEEN PANAMA AND CHINA: HOW DOES THE LACK OF
GOVERNMENTAL CONTINUITY IMPACT ECONOMIC ACTIVITY?*

Sebastian Naranjo Rodriguez¹ 
Renmin Univeristy of China, China

Resumen: El siguiente artículo presenta una exploración comparativa de las estrategias de política exterior implementadas por dos administraciones en Panamá (2014-2019 y 2019-2024) hacia China y describe su impacto en la actividad económica bilateral. La investigación deduce que, a pesar de la alineación de las políticas respectivas de Panamá y China, el avance de su relación se vio impedido por la administración 2019-2024, que optó por crear distancia con China para mejorar los lazos con los Estados Unidos de América. En consecuencia, esto llevó a la suspensión o postergación de proyectos y esfuerzos comerciales que habrían sido ventajosos, como el Tratado de Libre Comercio (TLC) y diversas iniciativas de infraestructura. El artículo presenta una metodología que explora cómo las fluctuaciones en los vínculos políticos hacia China de un gobierno a otro repercutan en el ámbito comercial y de cooperación internacional. Este análisis es un punto de referencia para otros estados centroamericanos que han establecido relaciones diplomáticas con China.

¹ Doctorando en la School of International Studies de la Renmin University of China. Correo: sebastian@naranjo.com

Palabras clave: Panamá; China; Relaciones diplomáticas; Política exterior; Iniciativa de la franja y la ruta.

Resumo: O artigo seguinte apresenta uma exploração comparativa das estratégias de política externa implementadas por duas administrações no Panamá (2014-2019 e 2019-2024) em relação à China e descreve o seu impacto na actividade económica bilateral. A investigação deduz que, apesar do alinhamento das respectivas políticas do Panamá e da China, o avanço da sua relação foi impedido pela administração 2019-2024, que optou por criar distância com a China para melhorar os laços com os Estados Unidos da América. Consequentemente, isto levou à suspensão ou adiamento de projectos e esforços comerciais que teriam sido vantajosos, como o Acordo de Comércio Livre (ACL) e várias iniciativas de infra-estruturas. O artigo apresenta uma metodologia que explora como as flutuações nos laços políticos em relação à China de um governo para outro impactam o campo do comércio e da cooperação internacional. Esta análise é um ponto de referência para outros estados centro-americanos que estabeleceram relações diplomáticas com a China.

Palavras-chave: Panamá; China; Relações diplomáticas; Política externa; Iniciativa do cinturão e rota.

Abstract: The following article presents a comparative exploration of the foreign policy strategies implemented by two administrations in Panama (2014-2019 and 2019-2024) towards China and describes their impact on bilateral economic activity. The research deduces that, despite the alignment of the respective policies of Panama and China, the advancement of their relationship was impeded by the 2019-2024 administration, which chose to create distance with China to improve ties with the United States of America. Consequently, this led to the suspension or postponement of commercial projects and efforts that would have been advantageous, such as the Free Trade Agreement (FTA) and various infrastructure initiatives. The article presents a methodology that explores how fluctuations in political ties towards China from one government to another impact the commercial and international cooperation sphere. This analysis is a reference point for other Central American states that have established diplomatic relations with China.

Keywords: Panama; China; Diplomatic Relations; Foreign policy; Belt and road initiative (BRI).

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227616](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.227616)

*Recebido em: 31/07/2024
Aprovado em: 01/01/2025
Publicado em: 01/01/2025*

1. Introducción

El 6 de junio de 2017, los vínculos bilaterales entre la República de Panamá y la República Popular China experimentaron una transformación significativa con el establecimiento de relaciones diplomáticas durante el mandato del presidente Juan Carlos Varela (2014-2019). Este momento crucial, en el que Panamá adoptó la Política de Una Sola China, sirvió para mejorar los vínculos políticos que estimularon la actividad comercial. Este giro en la política exterior panameña reflejó una ambición internacional estratégica, orientada hacia los intereses nacionales y con la previsión de que las relaciones con China generarían beneficios económicos sostenibles a largo plazo para Panamá (XIANG; XIN, 2023, p.241) Dentro del bienio inicial de relaciones diplomáticas, ambas naciones firmaron una plétora de acuerdos, fomentando diversas ventajas comerciales como el inicio del vuelo directo inaugural de Panamá a China —transitando por Houston, Estados Unidos de América (EE.UU.)—, el aval de Panamá como un destino turístico autorizado, la firma de protocolos de exportación y el inicio de conversaciones para un Tratado de Libre Comercio (TLC). A partir de 2019, el recuento de acuerdos alcanzó más de 50 en los escalones gubernamental e interinstitucionales (MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES DE LA REPÚBLICA POPULAR CHINA, 2019).

No obstante, la transición de liderazgo en 2019, bajo la presidencia de Laurentino Cortizo (2019-2024), estuvo marcada por la disminución en la relación política entre ambos Estados, lo que, en consecuencia, impidió el avance de proyectos comerciales significativos entre China y Panamá. En palabras de varios autores, las relaciones entraron en un periodo de enfriamiento, cuando Cortizo reenfocó su política exterior hacia una política multipolar y balanceada (ILLUECA, 2023; MON PINZÓN, 2022), como se verá. Este enfriamiento fue una consecuencia de la presión ejercida por los EE.UU., que se expresó a través de las visitas del secretario de Estado, Mike

Pompeo, aún en la presidencia de Varela en 2018 (MARTÍN; BOSCÁN, 2023, p.246) y del secretario de Comercio, Wilbur Ross, al presidente Cortizo poco después de asumir el cargo el 1 de julio de 2019 (MON PINZÓN, 2022, p.786, 788). Como consecuencia, numerosos acuerdos y proyectos, como las negociaciones del TLC e iniciativas de infraestructura, fueron ignoradas, suspendidas o modificadas. Este reajuste en la política exterior panameña hacia China refleja la influencia de EE.UU. en las decisiones de política exterior de Panamá, dada la fuerte relación de dependencia y alineación en temas clave para los intereses estadounidenses (GUEVARA MANN, 2016, p.265).

El presente artículo tiene como objetivo explorar los cambios en la política exterior de dos períodos presidenciales panameños (Varela, 2014-2019 y Cortizo, 2019-2024) hacia China, con el propósito de identificar su impacto en las actividades económicas bilaterales. Para ello, el estudio compara las políticas exteriores y posturas de las administraciones de Juan Carlos Varela y Laurentino Cortizo, clasificándolas como variables independientes. Asimismo, debido a la influencia de EE.UU. en la política exterior panameña, las presiones ejercidas por este país se consideran una variable interviniente. Finalmente, el impacto de estas dinámicas en los acuerdos e iniciativas políticas y económicas se define como variables dependientes. La cooperación internacional también se incluye como una variable dependiente, aunque se concluye que está presente en niveles altos y moderados de las primeras dos variables.

En la primera parte de este artículo, el autor describe las relaciones entre Panamá y China previas al establecimiento de relaciones diplomáticas. En la segunda parte, se comparan las políticas exteriores hacia China de Varela del Partido Panameñista (PP) y Cortizo del Partido Revolucionario Democrático (PRD), a partir de las ideologías históricas. En la tercera parte, se examinan las políticas exteriores complementarias de Panamá y China, los libros blancos oficiales, legislaciones y acuerdos gubernamentales. Si bien estas políticas no fueron diseñadas

específicamente para Panamá, resuenan con las áreas que vieron desarrollo en tiempos del fortalecimiento de los vínculos políticos. Lo mismo puede extrapolarse a los documentos de política exterior de Panamá: si bien no están dirigidos explícitamente a China, transmiten una postura hacia el exterior que refleja las acciones emprendidas por cada gobierno respectivo. La cuarta parte describe el impacto de los cambios de la política exterior hacia China durante los dos períodos presidenciales, utilizando las variables previamente descritas. Entre estos cabe destacar que la administración Cortizo decidió no avanzar en las negociaciones de un TLC con China, priorizando en su lugar la revisión del Acuerdo de Promoción Comercial con EE.UU. (MINISTERIO DE DESARROLLO AGROPECUARIO, 2022). En contraste, el recientemente nombrado, en 2024, presidente José Raúl Mulino ha emprendido acercamientos con autoridades del gobierno chino, evidenciando un enfoque pragmático orientado a fortalecer los vínculos políticos y económicos bilaterales.

Metodológicamente, el contexto delineado fue complementado con información obtenida mediante diálogos y encuentros con figuras gubernamentales de las cancillerías y embajadas de ambas naciones, incluidas intervenciones de los expresidentes Juan Carlos Varela y Martín Torrijos entre 2015 y 2024.

Este artículo postula una asociación favorable entre los lazos políticos, referidos como vínculos políticos, y las actividades comerciales. Los niveles de vínculos políticos pueden evaluarse mediante el establecimiento de relaciones diplomáticas, el nombramiento de embajadores, la inauguración de embajadas y consulados, visitas oficiales de alto nivel y acuerdos sobre exenciones de visa. Desde el punto de vista económico, un alto grado de vínculos políticos da como resultado un mayor comercio, inversiones, discusiones sobre tratados de libre comercio, proyectos de infraestructura, el establecimiento de rutas de vuelo directas y el estímulo del turismo. La cooperación internacional puede manifestarse a través de diversos niveles de relaciones políticas; sin embargo, cuando los intercambios se limitan

únicamente a iniciativas dentro de esta esfera, representan un nivel inferior de vínculos. Dichos intercambios pueden materializarse en forma de becas educativas, donaciones, intercambio cultural e iniciativas financiadas a través de mecanismos de cooperación no reembolsables.

Este estudio de caso proporciona un valioso punto de referencia para otros países centroamericanos que han establecido o restablecido relaciones diplomáticas con China siguiendo el ejemplo de Panamá: República Dominicana y El Salvador en 2018, Nicaragua en 2021 y Honduras en 2023. Costa Rica y Nicaragua finalizaron el importante hito de firmar un TLC con China, respectivamente el 10 de febrero de 2010 y el 31 de agosto de 2023; mientras que Honduras inició negociaciones el 4 de julio de 2023. Estos hechos ponen de relieve el fuerte interés de China en cultivar asociaciones económicas en Centroamérica.

2. Previo al Establecimiento de Relaciones Diplomáticas

Para efectos de esta investigación, es imperativo hacer una distinción clara entre relaciones diplomáticas y comerciales. Con fecha anterior al año 2017, Panamá y China mantuvieron fuertes lazos culturales además de conexiones comerciales. Los importantes vínculos comerciales pueden atribuirse en gran medida al Canal de Panamá, con China clasificándose entre uno de los tres principales usuarios del Canal desde principios del siglo XXI. Así, según el informe anual del Canal de Panamá (2024), China ocupó la segunda posición en términos de uso del Canal, después de EE.UU., que representa más del 21% del flujo de carga total (CANAL DE PANAMÁ, 2024). Panamá también ha establecido una extensa conectividad con el resto de la región, posicionándose como un *hub* de distribución óptimo, lo que dilucida la condición de China como usuario primario de la Zona Libre de Colón. Las interacciones culturales comenzaron con oleadas sustanciales de migración china, particularmente para proyectos de

desarrollo de infraestructura en Panamá, un período en el que Panamá no era un Estado independiente sino parte de la Gran Colombia. Estas olas migratorias fueron fundamentales para tres proyectos clave que han dado forma a la economía basada en servicios de Panamá: la construcción del ferrocarril transatlántico entre 1850 y 1855, estimulada por la fiebre del oro de California (HERRERA; MONTENEGRO; TORRES-LISTA, 2020, p. 4); la construcción del Canal Francés en la década de 1880, orquestada por la Compañía Francesa del Canal de Panamá, conocida como *Universelle du Canal Interocéanique* (MON PINZÓN, 1989); y el Canal de Panamá de 1904 a 1914.² Muchos de los trabajadores optaron por quedarse en Panamá una vez finalizados los trabajos de construcción. La población local se transformó posteriormente en una de las diásporas chinas más extensas de América Latina, con una población superior a 150.000 individuos, ocupando el tercer lugar después de Brasil y Perú (MON PINZÓN, 2022).

A la luz de esta asociación, muchos años antes de la formalización de las relaciones diplomáticas, ambas naciones establecieron misiones comerciales y culturales en sus respectivos territorios, facilitadas por el refrendo del Acuerdo entre el Gobierno de República de Panamá y el Gobierno de la República Popular China sobre el Establecimiento Recíproco de Representaciones Comerciales No Gubernamentales de 1995 y su Acuerdo adicional de 19 de Agosto de 1996 (MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES DE PANAMÁ, 2020). Si bien las oficinas no gubernamentales tenían semejanza con las misiones diplomáticas, se caracterizaban por contar con sus enviados permanentes designados por el Ministerio de Relaciones Exteriores y proporcionar becas gubernamentales y servicios consulares a sus nacionales. Esencialmente, la oficina de representación funcionaba como una embajada *de facto* que encarnaba diversos aspectos del artículo 3 de la Convención de Viena de Relaciones Diplomáticas de fecha 18 de abril de 1961. Antes de 2017, Taipéi mantenía una embajada en Panamá, completa con un embajador acreditado.

² Se les conocía como "coolies" a los trabajadores de origen chino.

Además de sus funciones designadas, estas oficinas marcaron un avance significativo hacia la formalización de las relaciones diplomáticas. Fue sólo luego de la elección del Partido Progresista Democrático (PPD) en Taiwán y la finalización de la “tregua diplomática” entre el Partido Comunista Chino (PCCh) y el Kuomintang (KMT) en 2008, que Panamá estableció relaciones diplomáticas con China (JENKINS, 2019, p. 237). Posteriormente, la República Dominicana, que también tenía una oficina comercial y de desarrollo en Beijing, se convirtió en el próximo país latinoamericano en reconocer a la República Popular China, el 1 de mayo de 2018. Dada la considerable distancia geográfica que separa a China y las naciones centroamericanas, las oficinas establecidas proporcionaron un conducto tangible para la comunicación gubernamental.

Esta vía resultó especialmente valiosa ya que las discusiones sobre el reconocimiento diplomático con Panamá se mantuvieron confidenciales hasta después de la firma del memorando de entendimiento (MoU). Además, existen eventos concretos que evidencian los progresivos acercamientos de Panamá hacia China y, al mismo tiempo, el desconocimiento de estas intenciones por parte de Taiwán. Por ejemplo, durante la reunión de China-CELAC de 2015 en Beijing, representado por su vicescanciller Luis Miguel Hincapié, Panamá adelantó su interés en fortalecer lazos de cooperación con China (MON PINZÓN, 2022 p.780; MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES, 2015). Adicionalmente, a menos de un mes de la ruptura de relaciones diplomáticas, el gobierno de Taiwán, por medio de su embajada, realizó una donación de US\$2.9 millones destinados a cuatro proyectos de gran relevancia a nivel nacional, como muestra de amistad entre ambas partes (MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES, 2017). Pese a estos acercamientos, según resaltaron Thierry Kellner y Sophie Wintgens (2021), la ruptura de las relaciones diplomáticas con Taipéi tomó por sorpresa a muchos (KELLNER; WINTGENS, 2021).

Tras el establecimiento de relaciones diplomáticas, Panamá procedió a realzar el estatus diplomático de su oficina comercial y cultural en Beijing

a la de embajada, designándose a Francisco Escobar Pedreschi como embajador. Adicionalmente, Panamá estableció consulados en Beijing, Shanghái y Guangzhou, cada uno con sus respectivos cónsules generales. De igual manera, China elevó su oficina no gubernamental en la Ciudad de Panamá a embajada, con Wei Qiang asumiendo el papel de embajador; el consulado se mantuvo ubicado dentro de las mismas instalaciones que la embajada.

3. Dinamismo de la Política Exterior de Panamá: Ideologías Partidistas y Relaciones con China

La política exterior de Panamá se caracteriza por su neutralidad y el compromiso de participar activamente en discusiones multilaterales. Como nación en desarrollo, esta política funciona como una herramienta clave para fomentar el progreso económico y social. Tanto las administraciones de Varela como la de Cortizo subrayaron estos objetivos, aunque con matices distintos en sus enfoques hacia China. Dichos objetivos están fundamentados en la ideología de sus respectivos partidos políticos: el PP de Varela y el PRD de Cortizo.

El Partido Panameño fue establecido en el año 1931 por Arnulfo Arias Madrid, quien ocupó la presidencia de Panamá en tres ocasiones distintas: 1940-1941, 1949-1951 y 1968. La doctrina panameñista, la cual defiende los principios del anticomunismo y el antiimperialismo, junto con la justicia social, ha pasado por una transición del nacionalismo proteccionista al nacionalismo conservador, con el objetivo de fomentar el progreso nacional (PARTIDO PANAMEÑISTA, 2024). En concordancia con la doctrina de velar por el interés nacional, antes de ser electo como presidente en 2014, Juan Carlos Varela fungió como vicepresidente en coalición con Ricardo Martinelli (2009-2014) del partido Cambio Democrático (CD), periodo durante el cual la política exterior del país tuvo como rasgo más importante

la promoción del país como espacio privilegiado para la inversión extranjera (BROWN ARAÚZ; LUNA VÁZQUEZ, 2013, p. 297). Habría sido sensato iniciar relaciones diplomáticas con China durante este período, dadas las posibles inversiones que se derivarían; sin embargo, la “tregua diplomática” entre el PCCh y el KMT de 2008 a 2016 hizo que esta alternativa fuera inviable.

Varela, ya como presidente, finalizando su mandato introdujo una política exterior denominada como la “política halcón”. Este cambio estratégico se dio a conocer durante su visita oficial a los Emiratos Árabes Unidos en febrero de 2018, con el objetivo de establecer y fortalecer conexiones con regiones no tradicionales, como el sudeste asiático, Oriente Medio y África. El enfoque del gobierno se centró en estrategias de diversificación, potenciación de diálogos políticos, fomento de nuevas oportunidades de inversión y promoción de intercambios comerciales. Estas estrategias estuvieron en armonía con la decisión de establecer relaciones diplomáticas con China en 2017, enfatizando la importancia de las iniciativas de conectividad, logística y turismo. Para Varela, el hito diplomático con China se destacó como un logro significativo en su agenda de política exterior (MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES, 2018).

Por su parte, el PRD tiene como uno de sus principios fundamentales la defensa de la autodeterminación, integridad y soberanía, en pro de la defensa de los recursos naturales panameños (PARTIDO REVOLUCIONARIO DEMOCRÁTICO, 2024). Fundado en 1979 por Omar Torrijos Herrera, tras el golpe de Estado contra Arnulfo Arias Madrid durante su última presidencia en 1968, el PRD surgió en un contexto marcado por la dictadura militar en Panamá, que perduró por 21 años (MARTÍN; BOSCÁN, 2023, p. 263). A pesar de ser parte de este régimen militar, Torrijos dejó un legado positivo. Su política exterior se destacó por la firma de los Tratados Torrijos-Carter de 1977, que establecieron la reversión del Canal de Panamá y sus zonas aledañas a manos panameñas, a partir del mediodía del 31 de diciembre de 1999 (ILLUECA, 2023, p.13). Estas negociaciones fueron posibles gracias a dos sinergias claves: la comunicación de alto nivel con el

gobierno norteamericano, lo que demuestra altos vínculos políticos, y la internacionalización de la causa panameña, una estrategia del gobierno para negociar el Canal de Panamá como parte de un proceso de descolonización. En el marco de estos esfuerzos, el 15 de marzo de 1973 el gobierno panameño convocó una reunión del Consejo de Seguridad en Ciudad de Panamá, donde el proyecto de resolución final sobre el Canal de Panamá fue vetado por EE.UU., luego de recibir 13 votos a favor y una abstención del Reino Unido de Gran Bretaña e Irlanda del Norte (SEVERO, 1973). China, como miembro permanente del Consejo, no solo votó a favor del proyecto de resolución, sino que también manifestó, por medio de un telegrama firmado por el Presidente Mao Zedong, que “China apoyará la eliminación de las bases militares [estadounidenses] si Panamá lo pide” (YAO VILLALAZ, 2023). El apoyo de China contra la presencia de bases militares extranjeras en Panamá refleja un alto grado de simpatía con la causa panameña, a pesar de que ambos Estados no contaban con relaciones diplomáticas.

Dado este antecedente, hubiese sido coherente que la formulación de vínculos diplomáticos se hubiera producido durante las administraciones posteriores del PRD, como las presidencias de Ernesto Pérez Balladares (1994-1999) o Martín Torrijos (2004-2009), hijo de Omar Torrijos. Sin embargo, en conversaciones con Martín Torrijos, al preguntarle sobre este tema, el expresidente destacó que una de las principales prioridades de su gobierno fue la negociación y firma del Tratado de Promoción Comercial (TPC) con EE.UU., a lo que dedicó todos los recursos y esfuerzos posibles (información verbal).³ Otro proyecto clave de Torrijos fue la expansión del Canal de Panamá, iniciada en 2006 tras su aprobación en un referéndum nacional (MARTÍN; BOSCÁN, 2023, p. 259).

Enmarcado en estos lineamientos, Cortizo esbozó dos objetivos clave de política exterior: mejorar las relaciones con EE.UU. y salir de la

³ Información obtenida mediante una conversación con el expresidente Martín Torrijos, Pekín, China, en 15 mayo 2015.

jurisdicción no cooperativa en relación con los protocolos contra el lavado de dinero establecidos por el Grupo de Acción Financiera Internacional (GAFI) y la Unión Europea (UE). Es discutible cuánto estos objetivos beneficiaron al desarrollo nacional de Panamá. Respecto a China, desde el inicio del gobierno de Cortizo, las relaciones entraron en una etapa de enfriamiento, abogando por una diplomacia multipolar y balanceada (ILLUECA, 2023, p. 33). Analizando los resultados de sus esfuerzos de política exterior con EE.UU., la estrategia de Cortizo resultó exitosa. Cabe destacar que el 21 de noviembre de 2022, Mari Carmen Aponte presentó sus credenciales ante el presidente Cortizo como Embajadora Extraordinaria y Plenipotenciaria ante EE.UU. en Panamá, marcando un avance significativo desde la ausencia de un embajador en Panamá desde el 9 de marzo de 2018, lo que reflejaba una disminución de los vínculos políticos.

Cortizo estaba consciente de que, para potenciar las relaciones diplomáticas con EE.UU., necesitaba inclinar la balanza a favor de ellos. En sus entrevistas iniciales y discurso de toma de posesión, enfatizó la necesidad de un cuidadoso avance en las negociaciones con China. Este enfoque cauteloso se evidenció en la decisión de poner en revisión las discusiones del TLC por parte del Ministerio de Comercio e Industrias (MON PINZÓN, 2022, p. 788). Además, se hicieron ajustes a los planes para la construcción del cuarto puente que cruza el Canal de Panamá, llevado a cabo por el Consorcio Cuarto Puente (CPCP), integrado por las empresas chinas China Communications Construction Company (CCCC) y China Harbour Engineering Company (CHEC). Este proyecto se separó de los desarrollos concernientes a la Línea 3 del Metro, y se detuvo la idea del Ferrocarril Panamá-Chiriquí. Según Mon Pinzón (2022), estos cambios estratégicos fueron una respuesta a las presiones ejercidas por EE.UU. por pedido de la visita del Secretario de Comercio norteamericano, Wilbur Ross, en la toma de posesión de Cortizo, lo que indica la trascendencia de los intereses estadounidenses en la materia. En contraste con su predecesor Varela, quien también había enfrentado advertencias del entonces

secretario de Estado, Mike Pompeo, respecto a hacer negocios con China, el ajuste de Cortizo en el enfoque fue más pronunciado. Si bien la cautela de Pompeo pudo hasta cierto punto haber influido en Varela, no fue tan visiblemente impactante como el cambio de actitud demostrado por Cortizo.

Antes de su elección, Cortizo dio a conocer el “Plan de Acción: Uniendo Fuerzas”, que enfatizó cuatro áreas clave: gobernanza efectiva, adhesión al estado de derecho, competitividad económica, y esfuerzos para combatir la pobreza, la desigualdad, y mejorar la educación. En el plan se detallaron 125 proyectos e iniciativas específicos que se identificaron como prioridades gubernamentales, sin que ninguno involucrara la participación de empresas ni proyectos con China. A la luz de la pandemia de COVID-19, el enfoque de Panamá hacia China pasó a un enfoque de cooperación más humanitaria. Este cambio se hizo evidente durante la II Reunión de Consulta Política, donde los viceministros de Relaciones Exteriores de Panamá, Federico Alfaro Boyd y Erika Mouynes, se comprometieron con el viceministro de Relaciones Exteriores de China, Zheng Zeguang, para asegurar suministro de insumos para afrontar la pandemia del COVID-19, a través de fondos de cooperación no reembolsables (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2020). En diciembre del mismo año, la viceministra Mouynes fue ascendida al cargo de ministra de Relaciones Exteriores. En abril del año siguiente, viajó a Tunxi, China, para una reunión con su homólogo, Wang Yi. Los resultados de la reunión abarcaban la progresión de diversos proyectos como autobuses eléctricos, paneles solares, unidad médica móvil, equipos deportivos y perforadoras de pozos. Durante esta reunión, Panamá reiteró su invitación a China para ratificar el acuerdo relativo a la adhesión al Tratado de Neutralidad del Canal de Panamá de 1978. China acordó establecer una mesa de trabajo para adelantar negociaciones, citando reservas con Taipéi como uno de los signatarios originales (MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES, 2022; ILLUECA, 2023, p. 34). El autor sostiene que, en esa coyuntura particular,

inexistían niveles suficientes de vínculos políticos para que China consintiera.

En los meses anteriores a la conclusión del mandato de Cortizo, la ministra de Relaciones Exteriores Janaina Tewaney Mencomo, la sucesora de Mouyner, publicó un documento titulado “Una política exterior para Panamá 3.0: Manteniendo la Relevancia en un Mundo en Constante Cambio”. El documento delinea las eras históricas que conducen a la actual fase 3.0 de la siguiente manera: la era 1.0, que abarca el período colonial bajo dominio español hasta la independencia de Panamá de Colombia (1510-1903); la era 2.0 posterior desde la separación de Colombia hasta la terminación de la antigua Zona del Canal (1903-1999); y la época en curso, posterior a la transferencia del Canal a la jurisdicción de Panamá, otorgando soberanía completa sobre su territorio. Se subraya la importancia de China en relación con su papel fundamental en el tránsito por el canal. En esencia, el Libro Blanco define la política exterior de Panamá como un mecanismo para abordar las disparidades estructurales internas que restringen la influencia global de la nación, denotando esta como la “sexta frontera”. Una vez más, la política exterior de Panamá se apalanca como un medio para fomentar el progreso económico y social, incluyendo la promoción del país como un atractivo centro de inversión.

4 Políticas Complementarias de Panamá y China

En la premisa de esta investigación se destaca la correlación positiva entre las relaciones políticas y económicas, específicamente, las mejoras en las primeras conducen a mejoras en las segundas. El inicio de las relaciones diplomáticas con China sirve para reforzar los lazos políticos, particularmente el reconocimiento a la política de Una Sola China, que tiene importancia en las relaciones con los estados centroamericanos. Esta

medida se alinea con los esfuerzos de Panamá para impulsar las exportaciones, atraer inversiones y ampliar sus asociaciones comerciales.

Panamá posee tres marcos legales clave diseñados para promover y simplificar inversiones, atraer empresas constructoras para participar en licitaciones públicas y atraer a las empresas multinacionales a establecer sus *hubs* regionales en Panamá para brindar servicios a la región: el Régimen Especial de Sedes de Empresas Multinacionales (SEM) de 2007, los contratos de Asociaciones Público-Privadas (APP) para el Desarrollo de 2019 y el Régimen Especial de Empresas Multinacionales que Prestan Servicios Relacionados con la Manufactura (EMMA) de 2020. Estos marcos permiten a las empresas capitalizar la posición geográfica estratégica de Panamá y sus robustos enlaces de transporte por tierra, mar y aire; evolucionan y se adaptan para cumplir con los requerimientos internacionales, alineándose con las dinámicas de las actividades comerciales de las entidades multinacionales y corporativas (MINISTERIO DE COMERCIO E INDUSTRIAS DE PANAMÁ, 2021).

El régimen SEM, regulado por las Leyes 41 y 159 promulgadas en 2007 y 2020, respectivamente, proporcionan un marco de disposiciones fiscales, migratorias y laborales encaminadas a facilitar el establecimiento y operación de la Sede Regional de Empresas Multinacionales, sean nacionales o extranjeras, en Panamá. Estas sedes están destinadas a ofrecer servicios de apoyo a sus entidades afiliadas en todo el mundo. Para noviembre de 2024, se habían registrado un total de 183 empresas bajo estos regímenes, de las cuales 15 de ellas eran originarias de China (MINISTERIO DE COMERCIO E INDUSTRIAS, 2024).

Establecida en virtud de la Ley 93 del 19 de septiembre de 2019, la APP sirve como un mecanismo para estimular la inversión, fomentar el progreso social y promover la creación de empleo. Este marco regulatorio permite la conformación de contratos con una duración de hasta 30 años, con un umbral mínimo de inversión de US\$15 millones, entre entidades

públicas y entidades del sector privado con el propósito de planear, construir, potenciar y mantener la infraestructura pública para la prestación de los servicios públicos. Una característica atractiva para las empresas extranjeras es la capacidad de generar ingresos cobrando a los usuarios finales por la utilización de los servicios o la infraestructura que han desarrollado. Desde la perspectiva del gobierno, esta configuración incentivará a las empresas constructoras a completar proyectos puntualmente con el fin de obtener ganancias financieras. Cabe destacar que el proyecto inaugural adjudicado bajo este régimen fue la carretera Panamericana Este, una iniciativa emprendida por el Ministerio de Obras Públicas de Panamá en colaboración con Intervial Chile S.A., por un gasto total de US\$262 millones. Si bien CHEC participó en el proceso de licitación, en última instancia no fue elegida. Este desarrollo señala un creciente interés entre las empresas constructoras chinas en los marcos APP, los cuales fueron resaltados en el Libro Blanco hacia América Latina y el Caribe de 2016, como un modelo viable de asociaciones para fomentar modelos innovadores de colaboración.

Introducido a través de la Ley 159 el 31 de agosto de 2020, el EMMA representa un esquema que otorga ventajas fiscales, migratorias y laborales a las empresas que optan por establecer su sede regional en Panamá con enfoque en la entrega de servicios relacionados con la fabricación, ensamblaje, remanufactura, acondicionamiento, mantenimiento y reparación de bienes. Esta iniciativa también abarca funciones logísticas, incluyendo la operación de instalaciones de almacenamiento, centros de implementación y centros de distribución para componentes o piezas esenciales para los procesos de fabricación, así como servicios de apoyo al desarrollo de productos, investigación e innovación como procedimientos analíticos, pruebas de laboratorio y experimentación. Actualmente, hay 2 empresas registradas en el régimen EMMA: Aegir-Marine Group (2021) originaria de Países Bajos y Grupo Empresarial Smartbrix (2022) de Panamá.

Previo al inicio de las relaciones diplomáticas entre Panamá y China en junio de 2017, ocho empresas chinas estaban haciendo uso de las ventajas comerciales que brinda el régimen SEM: ZTE (2010); Huawei Technologies (2011); CHEC (2012); China State Construction Engineering Corporation (CCA Panamá) (2013); Sinohydro Corporation (2015); Corporation Cosco Containerlines (2016); Shanghai Gorgeous Investment Development (2017) y Shanghai Zhenghua Industria pesada (2017). Posteriormente al establecimiento de relaciones diplomáticas, se registraron otras diez empresas: CRRC Hongkong Capital Management Co., Ltd (2017); Baoshan Iron & Steel Co., Ltd. (2018); CCCC Dredging (Group) Co., Ltd (2020); Hangzhou Hikvision Digital Technology Co. (2020); Dashang Group Co., Ltd (2020); Zhejiang Dahua Technology Co., Ltd. (2020); Zhejiang Dahua Technology Co., Ltd. (2020); ZKTECO CO. LTD. (2022); China Mobile International Limited (2022); CRCC International Investment Co., Limited (2023) y Honor Group (2024). Desde el punto de vista del gobierno chino, la presencia de empresas chinas en Panamá se alinea con la estrategia “Go Out” y contribuye a la expansión mundial de las empresas. En consecuencia, China se erige como el segundo país con mayor número de empresas registradas, después de EE.UU. con 36 (MINISTERIO DE COMERCIO E INDUSTRIAS, 2024).

Tanto CHEC como CCA Panamá han asegurado contratos para la planeación y desarrollo de proyectos de infraestructura, como el Cuarto Puente sobre el Canal de Panamá y la Terminal de Cruceros Amador para el primero, así como Ciudad Esperanza para el segundo. El posicionamiento de su sede regional en Panamá les proporcionó una ventaja competitiva. Es crucial señalar que la inscripción bajo los marcos SEM o EMMA no garantiza la selección de proyectos; sin embargo, sí facilita a las empresas establecer canales de comunicación y comprender procesos. CHEC sirve como ilustración principal de este escenario. A pesar de participar en procesos de licitación en Panamá desde 2010, la compañía solo obtuvo el Proyecto

Terminal de Cruceros Amador en 2017, en colaboración con la firma belga, Jan de Nul (CENTRAL AMERICA DATA, 2017).

Los proyectos de infraestructura juegan un papel crucial en la mejora de la conectividad, el fomento del desarrollo y la generación de oportunidades de empleo en Panamá, fenómeno que se evidencia en la situación financiera del país. En una escala más amplia, la Comisión Económica para América Latina y el Caribe de las Naciones Unidas (CEPAL) aboga por una asignación de 6.2% del Producto Interno Bruto (PIB) hacia inversiones en infraestructura a nivel regional para atender los requerimientos de las respectivas naciones (COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, 2017). De manera que según el Presupuesto Estatal 2024, se prevé que Panamá destine 7.12% de su Producto Interno Bruto a mejorar su infraestructura.

La asignación de recursos por parte del estado para proyectos de infraestructura permite a los ministerios o autoridades financiar proyectos bajo su supervisión. Por el contrario, las obras públicas son financiadas por bancos multilaterales de desarrollo, lo que lleva a una deuda interna administrada por el ministerio de Economía y Finanzas. Panamá se beneficia de tasas de interés favorables para la mayor parte de su financiamiento, gracias a sus calificaciones crediticias estables —BB+ de Fitch, BBB de S&P, y Baa3 de Moody's. A marzo de 2024, 48.13% de la deuda pública lleva una tasa de interés que oscila entre 3-6%, mientras que 42.04% soporta intereses entre 6-9%. Dada su solvencia crediticia y su robusta economía, Panamá puede acceder al financiamiento a tasas atractivas, haciendo que los préstamos de los acreedores estatales chinos, que fluctúan entre 4-6%, sean poco atractivos (MALIK et al., 2021). Al momento de redactar este artículo, los principales acreedores de Panamá por su deuda pública externa eran el Banco Interamericano de Desarrollo (BID), el Banco de Desarrollo de América Latina y el Caribe (CAF) y el Banco Internacional de Reconstrucción y Fomento (BIRF). Los bancos de política chinos, como el Banco de Desarrollo de China (CBD, por sus siglas en

inglés) y el Banco de Exportación e Importación de China (Eximbank), compiten con las tasas que proporcionan estas instituciones multinacionales, lo que requiere una preferencia para ser considerados como una opción de financiamiento.

Panamá también está sujeto a regulaciones de responsabilidad fiscal que restringen la expansión de su deuda en relación con su Producto Interno Bruto (PIB), evitando así que el gobierno asuma obligaciones más allá de su capacidad de pago y evitando un estado de insolvencia. El 5 de junio de 2008, la promulgación de la Ley 34 de la Ley de Responsabilidad Fiscal restringió el crecimiento anual de la deuda pública a un máximo de 1% del PIB, según lo determinado por la Dirección de Estadística y Censos de la Contraloría General de la República. No obstante, existen excepciones, como la relajación del déficit anticipado bajo la Ley de Responsabilidad Fiscal, para atender los gastos suplementarios derivados de la pandemia de COVID-19, según lo estipulado por la Ley 139 del 2 de abril de 2020. Cabe destacar que el financiamiento para proyectos de infraestructura no es parte de estas provisiones de emergencia. Por lo cual, la capacidad de Panamá para emitir deuda con el propósito de financiar proyectos de infraestructura depende de la tasa de crecimiento anual de su PIB.

En conclusión, las iniciativas de infraestructura de Panamá reciben financiamiento del propio gobierno debido a su capacidad para asignar recursos a ministerios y organismos para la ejecución de proyectos, o alternativamente, para asegurar préstamos de bancos multilaterales de desarrollo a tasas de interés ventajosas dentro de los límites de su marco regulatorio de responsabilidad fiscal. El CBD y el Eximbank se presentan como competencia a estos socios financieros de larga data.

Las relaciones de China con Panamá, en términos de política exterior, mejoraron en línea con los Libros Blancos sobre América Latina y el Caribe de 2008 y 2016, la estrategia de “*go out*” y la IFR. Estas iniciativas tienen como objetivo facilitar la internacionalización de las empresas chinas y

promover el intercambio de bienes, tecnología, capital y personas a través de una mayor conectividad y aprendizaje recíproco. Ambos libros blancos subrayan la importancia de la política de una sola China como el principio fundamental que guía el establecimiento y la progresión de las relaciones con América Latina. La parte III del libro blanco de 2016 profundiza en el marco conocido como “1+3+6”, que tiene como objetivo fomentar la cooperación mutuamente beneficiosa entre China y América Latina y el Caribe. El “1” representa el plan de cooperación China-LAC 2015-2019; el “3” significa los tres pilares de comercio, inversión y cooperación financiera; y el “6” denota las seis áreas clave de energía y recursos, desarrollo de infraestructura, agricultura, manufactura, innovación científica y tecnológica, y tecnología de la información. Adicionalmente, el documento de política introduce el innovador modelo “3x3” para la cooperación de capacidad, enfocándose en la construcción de grandes pasajes logísticos para la electricidad y la información, así como la expansión de los canales de financiamiento, crédito y seguros. Este enfoque alinea los proyectos de infraestructura con los mecanismos de apoyo financiero, concepto que resuena con la IFR de China.

Derivado del concepto de una estrategia global de desarrollo de infraestructura, Panamá y China firmaron un MoU sobre la cooperación en el marco de la Franja Económica de la Ruta de la Seda y la Ruta Marítima de la Seda del Siglo XXI el 17 de noviembre de 2017. Al ser el primer país de la región en participar en un acuerdo de este tipo, la decisión de Panamá subraya su papel como pionero en la adopción de los principios de la Franja y la Ruta dentro de la región de América Latina. (MÉNDEZ; ALDEN, 2021, p. 840). En julio de 2021, el MoU se prorrogó automáticamente hasta 2024, de conformidad con lo dispuesto en el párrafo IV, a menos que fuera rescindido por alguna de las partes mediante notificación escrita a la otra con al menos tres meses de anticipación, sin que exista ningún programa de colaboración existente para “alineación de infraestructura y capacidad de producción”. Este memorándum carece de exigibilidad, dado que no es

vinculante, al no recibir la ratificación de las Asambleas Nacionales de ninguno de los países. Illueca (2023) argumenta que este tipo de compromisos contraviene el procedimiento constitucional adoptado por Panamá (ILLUECA, 2023, p. 17).

El primer proyecto dentro de este marco consistió en realizar un estudio de factibilidad sobre el Ferrocarril Panamá-Chiriquí, el cual fue elaborado por China-Railway Design. (MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES, 2019). La investigación se llevó a cabo con un costo de US\$16 millones, que se financió a través de fondos de cooperación internacional no reembolsables, establecidos mediante un intercambio de notas diplomáticas entre el ministro interino de Relaciones Exteriores de Panamá, Luis Miguel Hincapié, y el ministro de Comercio de la República Popular China, Zhong Shan, el 7 de diciembre de 2017. Es pertinente resaltar que el pacto de cooperación no reembolsable tuvo una suma de 100 millones de renminbi (equivalente a aproximadamente US\$15 millones), monto inferior al gasto total del estudio de factibilidad. No obstante, para el estudio no se utilizó la totalidad de estos fondos, pues la mencionada nota diplomática especificaba que su intención era apoyar iniciativas colaborativas encaminadas a potenciar los recursos humanos y otorgar becas para talleres entre ambas naciones. Se han implementado varias iniciativas de colaboración, mientras que otras están actualmente en evaluación. Por ejemplo, en 2023, una delegación de siete técnicos enviados por la Agencia de Cooperación Internacional para el Desarrollo de China viajó a Panamá para evaluar proyectos de cooperación no reembolsable que se habían propuesto. En cuanto al estudio de factibilidad, a pesar de afirmar la viabilidad de la construcción del ferrocarril, su implementación real no ha sido aprobada por el gobierno panameño.

En conjunto con este análisis de factibilidad, el gobierno chino incorporó la asignación del proyecto de licitación pública, Nueva Línea de Transmisión Mata de Nance - Frontera Lt 230kv, a *China CAMC Engineering*

por US\$34 millones, como parte de la IFR. (JIANING, 2023). Sin embargo, este esfuerzo no constituye una inversión, dado que el financiamiento provendrá de los recursos financieros de ETESA, entidad plenamente bajo la propiedad del gobierno panameño, y no de un prestamista chino. Tal situación da lugar a una divergencia en cuanto a la categorización de proyectos que caen dentro del ámbito de la IFR.

5 Impacto de los Ajustes en la Estrategia Gubernamental panameña hacia las Relaciones con China

Para describir cómo las fluctuaciones en los vínculos políticos inciden en el ámbito comercial bilateral, se representa cada mandato presidencial de Panamá (2014-2019 y 2019-2024) como una variable independiente que afecta tanto los vínculos políticos con China como la actividad comercial bilateral. El impacto de estas dinámicas en los acuerdos e iniciativas políticas y económicas se define como variables dependientes, como se puede visualizar en la **Tabla 1**. Las variables intervinientes incluyen las presiones ejercidas por los EE.UU. sobre la política exterior de los gobiernos panameños, las cuales condicionan las posturas de Panamá.

Tabla 1 – Descripción de las variables dependientes

Variables	Descripción
Vínculos Políticos	Establecimiento de relaciones diplomáticas, nombramiento de embajadores, inauguración de embajadas y consulados, visitas oficiales de alto nivel, acuerdos de exención de visa.
Actividad Económica	Comercio, inversiones, tratados de libre comercio, proyectos de infraestructura, rutas de vuelo directas, estímulo al turismo.
Cooperación Internacional	Becas educativas, donaciones, intercambios culturales, proyectos de cooperación no reembolsable.

Fuente: elaborada por el autor (2024).

Desde 1996 hasta principios de la década de 2000, Panamá y China mantuvieron un nivel moderado de vínculos políticos a pesar de la ausencia de vínculos diplomáticos, debido a la presencia de representaciones no gubernamentales. Durante la presidencia de Varela, Panamá estableció relaciones diplomáticas con China, lo que llevó a la acreditación mutua de embajadores y la firma de una plétora de acuerdos bilaterales. La firma del memorándum sobre la cooperación en el marco de la Franja Económica de la Ruta de la Seda y la Ruta Marítima de la Seda del Siglo XXI desempeñó un papel crucial en el avance de los proyectos de infraestructura, fomentando posteriormente fortalecimiento en los vínculos políticos y un repunte en las actividades comerciales. Esto derivó en que un número cada vez mayor de empresas chinas optaran por establecer sedes regionales para capitalizar el marco preferencial que ofrece el SEM. Además, ambos países participaron en seis rondas de negociaciones para un TLC, con China designando a Panamá como destino turístico aprobado e iniciando un servicio de vuelo directo entre Beijing y Panamá. La aprobación de protocolos fitosanitarios y zoosanitarios para la exportación de productos agrícolas panameños a China por parte de la Administración

General de Aduanas de la República Popular China solidificó aún más la relación bilateral, respectivamente en los siguientes rubros: cobia (2018), piña (2018), carne bovina (2018). Cabe destacar que Varela emprendió la primera visita oficial de un presidente panameño a China el 17 de noviembre de 2017. Durante los últimos dos años de su mandato, realizó tres misiones a China (MON PINZÓN, 2022, p. 780), subrayando la importancia de las relaciones con China como máxima prioridad para su gobierno y destacando el establecimiento de relaciones diplomáticas como un logro significativo (MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES, 2018).

Los vínculos políticos se mantuvieron en un alto nivel hasta 2019 cuando Cortizo asumió la presidencia. Si bien la administración Cortizo mantuvo los compromisos asumidos por el gobierno de Varela con las empresas chinas, no avanzó con las propuestas de ciertos proyectos, incluido el tren Panamá-Chiriquí, ni se embarcó en una visita oficial a China durante su mandato de 5 años. En materia comercial, el gobierno de Cortizo suspendió las negociaciones del TLC, mas sí pudo concretar algunos protocolos de exportación: productos acuáticos (2019), carne porcina (2019), carne avícola (2020) y productos acuáticos salvajes (2023). Sin embargo, dado el tiempo requerido para negociar y aprobar un protocolo de exportación, es posible que los esfuerzos a nivel gubernamental se hayan iniciado durante el gobierno de Varela. Además de ello, el inicio de la pandemia de COVID-19 y los problemas de salud personal de Cortizo, divulgados en junio de 2022, contribuyeron a una disminución en las interacciones cara a cara con China, a un cambio hacia la cooperación internacional y contracciones en las exportaciones panameñas. La disminución de los vínculos políticos de niveles altos a moderados se atribuye en parte a las presiones ejercidas por medio de las visitas del secretario de Estado de EE.UU., Mike Pompeo, al presidente Varela en octubre de 2018 y del secretario de Comercio Wilbur Ross al presidente Cortizo poco después de asumir el cargo el 1 de julio de 2019 (MON PINZÓN, 2022, p. 786, 788). Estas visitas ejercieron presión sobre

Panamá para que lograra un equilibrio entre sus relaciones con China y EE.UU. Además, el énfasis en mejorar los lazos con EE.UU. se alineó con uno de los objetivos de política exterior del presidente Cortizo, proporcionando una justificación para la disminución de los vínculos políticos tal como se esboza en el plan estratégico de su gobierno.

Tabla 2 – Patrones entre las Variables Independientes y Dependientes

Variables Independientes	Variables Dependientes		
Administración	Vínculos Políticos	Actividad Económica	Cooperación Internacional
Juan Carlos Varela (2014-2019)	Altos	Alto	Alta
Laurentino Cortizo (2019-2024)	Bajos	Baja	Moderada

Fuente: elaborada por el autor (2024).

Como se puede visualizar en la **Tabla 2**, los mandatos presidenciales ejercen un impacto significativo en las relaciones bilaterales con las naciones en el corto plazo debido a su atribución constitucional para tales acciones. Según lo estipulado en el artículo 184 de la Constitución panameña, el presidente tiene la tarea de supervisar las relaciones exteriores, ratificar tratados y pactos internacionales sujetos a revisión legislativa, así como acreditar representantes diplomáticos y consulares. Durante el mandato de Varela, se establecieron relaciones diplomáticas con China, lo que en consecuencia fortaleció los vínculos políticos en las relaciones bilaterales con China. Varela actuó con independencia, velando por su propio beneficio (XIANG; XIN, 2023, p. 240-241). Por el contrario, Cortizo disminuyó los vínculos e inició un periodo de enfriamiento.

De ahí que el panorama político en Panamá sea altamente individualizado, impactando directamente la dinámica de las relaciones exteriores. Desde el advenimiento de las elecciones democráticas en 1994, tras la era de la dictadura militar de 1968 a 1989, ningún partido político ha asegurado la reelección. Cada cinco años, coincidiendo con la duración del mandato presidencial de Panamá, una gestión distinta asume el poder con un líder que no ha ocupado previamente el cargo presidencial. Si bien el PP y el PRD han gobernado en múltiples ocasiones desde 1994, no lo han hecho de manera consecutiva. A pesar de que la rotación del gobierno es propicia para la democracia, puede dificultar la continuidad de las políticas estatales cruciales para el desarrollo del país.

El 1 de julio de 2024, Panamá dio inicio al mandato de José Raúl Mulino, postulado por el partido Realizando Metas (RM), como nuevo presidente de la República. Su amplia trayectoria como miembro del gabinete en administraciones pasadas —fungiendo como ministro de Relaciones Exteriores (1993-1994), ministro de Gobierno de Justicia (2009-2010) y ministro de Seguridad Pública (2010-2014) — lo posiciona favorablemente. En octubre de 2024, el presidente Mulino sostuvo una reunión con la embajadora de China en Panamá, Xu Xueyuan, durante la cual discutieron el interés de empresas chinas en invertir en sectores estratégicos como logística, infraestructura, energía renovable, tecnología, turismo, telecomunicaciones y agricultura, reforzando así el enfoque pragmático de su política hacia China, orientado al desarrollo nacional (MINISTERIO DE LA PRESIDENCIA, 2024). Dentro de esta visión de fortalecer los vínculos políticos y económicos, la administración de Mulino ha manifestado su intención de retomar iniciativas suspendidas durante el gobierno anterior. Entre estas, el presidente ha destacado su dedicación a mejorar la red ferroviaria nacional (MORALES, 2024). Aunque no se han presentado detalles específicos sobre el proyecto, se dispone del estudio de factibilidad realizado por China Railway Design, lo que podría acelerar su implementación. Asimismo, en octubre de 2024, el ministro de Comercio e

Industrias, Julio Moltó, anunció que las negociaciones del TLC con China se reanudarían en 2025 (GARCÍA MUELLES, 2024). Estos avances sugieren una continuidad de las políticas iniciadas durante la administración de Varela, lo que podría resultar en un fortalecimiento significativo de los vínculos políticos y económicos con China.

6 Conclusiones

En este artículo se han explorado las fluctuaciones en la política exterior implementadas por dos gobiernos de Panamá —Varela y Cortizo—hacia China, con el fin de describir su impacto en las actividades económicas bilaterales. Es evidente que la política exterior de Panamá se alinea con los objetivos de China en Centroamérica. Como una economía basada en servicios, Panamá busca mejorar su comercio, inversiones, diversificación de socios y conectividad global. Las inversiones juegan un papel vital en la reducción del déficit comercial de Panamá. No obstante, la política partidista y la influencia de otras fuerzas geopolíticas a menudo oscurecen la percepción que tienen los líderes de esta interacción. El punto focal del TLC entre Panamá y China fueron las inversiones entrantes, componente no perseguido activamente por la administración Cortizo. Dada la correlación positiva entre los vínculos políticos y comerciales, es lógico que Panamá fomente estas relaciones después de su aval de la política de una sola China, lo cual como se fundamenta en los puntos antes expuestos, es un requisito previo para sostener intercambios de alto nivel.

Incluso antes del establecimiento formal de relaciones diplomáticas, Panamá tenía importantes conexiones comerciales y culturales con China, evidentes a través de oficinas comerciales en respectivas capitales, una considerable diáspora china en Panamá, su papel fundamental en las operaciones del canal, y siendo el principal cliente de la Zona Libre de Colón. Algunos canales comerciales solo se abrieron tras el reconocimiento

de Panamá de la política de una sola China, incluida la aprobación de acuerdos de exportación de productos agrícolas panameños a China y las discusiones de un TLC. No obstante, estas iniciativas se vieron obstaculizadas por el cambio de gobierno en julio de 2019, lo que subraya cómo las desalineaciones y los cambios políticos pueden impedir el progreso. La rigidez en las relaciones chino-panameñas se derivó de los objetivos de política exterior del gobierno de Cortizo y las presiones ejercidas por EE.UU., evidentes a través de visitas de alto perfil a Panamá. Esto subraya la necesidad de Panamá de lograr un delicado equilibrio en sus relaciones con China y EE.UU., ambos fundamentales para su desarrollo y ninguno de los dos debe pasarse por alto.

China ha publicado dos documentos de política que delinean su postura hacia América Latina. Esto es parcialmente factible debido a su estructura de gobierno consistente, contrastando el sistema democrático panameño susceptible de frecuentes alteraciones de agenda en cada periodo electoral. La ausencia de un conjunto estandarizado de principios a nivel nacional podría servir de ventaja, otorgando a las democracias de la región la flexibilidad para navegar. Sin embargo, es imperativo que capten rápidamente las oportunidades para evitar que se frene el progreso. Si no lo hace, Panamá podría quedar rezagado por detrás de sus contrapartes regionales, aprovechando efectivamente las perspectivas económicas de China, como Costa Rica, Nicaragua y Honduras, que han ratificado o están en proceso de finalizar sus respectivos TLC.

La alternancia en el liderazgo político en Panamá tiene un impacto directo en la continuidad de las políticas implementadas por administraciones anteriores, especialmente cuando las prioridades de las nuevas autoridades difieren significativamente. En este contexto, la relación con China alcanzó su punto más alto durante la administración de Juan Carlos Varela, pero experimentó un retroceso durante el mandato de Laurentino Cortizo. Sin embargo, el presidente Mulino se ha posicionado como un líder pragmático, enfocado en proteger y promover los intereses

nacionales. En lo que respecta a su postura hacia China, su reunión con la embajadora Xu sugiere un interés renovado en fortalecer los vínculos políticos. Tal como evidencia esta investigación, dicho fortalecimiento podría traducirse en una mayor actividad económica en áreas clave como inversiones, comercio y proyectos de infraestructura.

7. Referencias

BROWN ARAÚZ, Harry; LUNA VÁSQUEZ, Clara Inés. Panamá: El Crecimiento Económico a Expensas de la Política. **Revista de Ciencia Política**, v. 33, n. 1, p. 287-301, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-090X2013000100014>.

CANAL DE PANAMÁ. Estadísticas de Tránsito. **Canal de Panamá**, oct. 2024. Disponible en: <https://pancanal.com/estadisticas/>. Consultado en: 22 nov. 2024.

CENTRAL AMERICA DATA. Construction of Cruise Terminal Starts. **Central America Data**, 19 oct. 2017. Disponible en: https://www.centralamericadata.com/en/article/home/Construction_of_Cruise_Terminal_Starts. Consultado en: 3 sept. 2023.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL), Inversión en infraestructura en países de América Latina y el Caribe se mantiene por debajo de necesidades de la región. **ECLAC - United Nations**. 15 may. 2017. Disponible en: <https://www.cepal.org/es/noticias/inversion-infraestructura-paises-america-latina-caribe-se-mantiene-debajo-necesidades-la>. Consultado en: 6 junio 2024.

GARCÍA MUELLES, Lourdes. TLC entre Panamá y China se trataría en 2025, según el ministro del MICI. **La Estrella de Panamá**, 2 oct. 2024. Disponible en: <https://www.laestrella.com.pa/economia/tlc-entre-panama-y-china-se-trataria-en-2025-segun-el-ministro-del-mici-XB8751505#:~:text=Un%20posible%20tratado%20de%20libre,de%20Panama%20Motor%20Show%202024>. Consultado en: 24 nov. 2024.

GUEVARA MANN, Carlos. Panamá: Luces y Sombras en Torno a la Institucionalidad Democrática. **Revista de Ciencia Política**, v. 36, n. 1, p. 259-285, 2016. DOI: [dx.doi.org/10.4067/S0718-090X2016000100012](https://doi.org/10.4067/S0718-090X2016000100012).

HERRERA, Luis Carlos; MONTENEGRO, Markelda.; TORRES-LISTA, Virginia. **The 'two Chinas' and Panama: an historical review of Panamanian relations with the People's Republic of China and Taiwan, 1903–2017**, SENACYT-FID-18-034, London, UK. 2020. Disponible en: https://eprints.lse.ac.uk/110976/1/WorkingPaper02_folder.pdf. Consultado en: 10 mayo 2024.

ILLUECA, Alonso. La Influencia de China en Panamá: Un caso de estudio. **Expediente Abierto**, 27 oct. 2023. Disponible en: <https://www.expedienteabierto.org/wp-content/uploads/2023/11/Reporte-de-China-y-Panamá-n.pdf>. Consultado en: 10 jun. 2024.

JENKINS, Rhys. **How China is Reshaping the Global Economy: Development Impacts in Africa and Latin America**. Oxford: Oxford University Press, 2019. Disponible en: <https://global.oup.com/academic/product/how-china-is-reshaping-the-global-economy-9780192866356?cc=us&lang=en&>

JIANING, Cao. Zhōng qǐ hǎiwài xiàngmù zhōubào [中企海外项目周报 (2023.3.25-2023.3.31)] [Informe semanal sobre proyectos de empresas chinas en el extranjero (2023.3.25-2023.3.31)], **Belt and Road Initiative Portal**, 4 abr. 2023. Disponible en: <https://www.yidaiyilu.gov.cn/p/0F67624C.html>. Consultado en: 6 ago. 2023.

KELLNER, Thierry; WINTGENS, Sophie. The rise of China in Panama under Varela (2014–2019): A new Latin-American pivot of the Silk Road or a diplomatic 'tour de valse'? In: **China-Latin America and the Caribbean: Assessment and Outlook**. Milton: Routledge, 2021. p. 274-304. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003037934>

MALIK, Ammar A. et al. **Banking on the Belt and Road: Insights from a new global dataset of 13,427 Chinese development projects**. Williamsburg, VA: AidData at William & Mary, 2021, p. 23-36. Disponible en: https://docs.aiddata.org/ad4/pdfs/Banking_on_the_Belt_and_Road_Insights_from_a_new_global_dataset_of_13427_Chinese_development_projects.pdf. Consultado en: 10 mar. 2024.

MARTÍN, Rodrigo M.; BOSCAN, Guillermo E. La Puerta de Latinoamérica: las Relaciones de Panamá con Estados Unidos y China, Oportunidades de Desafíos. **Revista UNISCI**, n. 61, p. 243-265, 2023. DOI: [dx.doi.org/10.31439/UNISCI-164](https://doi.org/10.31439/UNISCI-164).

MENDEZ, Alvaro; ALDEN, Chris. China in Panama: From Peripheral Diplomacy to Grand Strategy. **Geopolitics**, v. 26, n. 3, p. 838-860, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/14650045.2019.1657413>

MINISTERIO DE COMERCIO E INDUSTRIAS. Listado Vigente de Grupos Empresariales SEM por País e Industria. **Ministerio de Comercio e Industrias**, 2024. Disponible en: <<https://mici.gob.pa/wp-content/uploads/2024/11/11-Listado-Licencias-SEM-y-Grupo-empresarial-2007-NOV.24.pdf>>. Consultado en: 20 nov. 2024.

MINISTERIO DE COMERCIO E INDUSTRIAS DE PANAMÁ. SEM-Normativa. **Ministerio de Comercio e Industrias**, 2021. Disponible en: <https://mici.gob.pa/sem-normativa>. Consultado en: 2 jul. 2023.

MINISTERIO DE DESARROLLO AGROPECUARIO. Panamá pide renegociar el Tratado de Promoción Comercial con Estados Unidos. **Ministerio de Desarrollo Agropecuario**, 11 mar. 2022. Disponible en: <<https://mida.gob.pa/panama-pide-renegociar-el-tratado-de-promocion-comercial-con-estados-unidos>> . Consultado en: 11 jul. 2024.

MINISTERIO DE LA PRESIDENCIA. **Panamá y China exploran oportunidades de inversión y desarrollo**. Ministerio de la Presidencia, 8 nov. 2024. Disponible en: <https://www.presidencia.gob.pa/publicacion/panama-y-china-exploran-opo rtunidades-de-inversion-y-desarrollo>. Consultado en: 24 nov. 2024.

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES DE LA REPÚBLICA POPULAR CHINA. Wang Yi Se Reúne con Ministro de Relaciones Exteriores de Panamá Alejandro Ferrer. **Ministerio de Relaciones de la República Popular china**, 26 jun. 2019. Disponible en: https://www.mfa.gov.cn/esp/wjb/zjg/lmzs/xwlb/201909/t20190926_935807.htm. Consultado en: 22 nov. 2024.

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES DE PANAMÁ. Acuerdo Sobre la Conversión de las Representaciones Comerciales Acreditadas en la Otra Parte en Embajadas. **Ministerio de Relaciones Exteriores**, 27 mar. 2020. Disponible en:

<https://mire.gob.pa/ministerio/tratados/acuerdo-sobre-la-conversion-de-las-representaciones-comerciales-acreditadas-en-la-otra-parte-en-embajadas>. Consultado en: 11 jun. 2023.

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES. Estudio revela que propuesta del Presidente Varela para un Tren Panamá-David es Económica y Socialmente Rentable. **Ministerio de Relaciones Exteriores**, 15 mar. 2019. Disponible en: <https://mire.gob.pa/estudio-revela-que-propuesta-del-presidente-varela-para-un-tren-panama-david-es-economica-y-socialmente-rentable>. Consultado en: 12 may. 2024.

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES. Panamá Fortalece Proyectos Agropecuarios y de Seguridad con Donación de la República de China (Taiwán). **Ministerio de Relaciones Exteriores**, 9 may. 2017. <https://mire.gob.pa/panama-fortalece-proyectos-agropecuarios-y-de-seguridad-con-donacion-de-la-republica-de-china-taiwan>. Consultado en: 19 nov. 2024.

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES. Panamá Participa de Reunión Ministerial del Foro China-CELAC, en Beijing. **Ministerio de Relaciones Exteriores**, 8 ene. 2015. Disponible en: <https://mire.gob.pa/panama-participa-de-reunion-ministerial-del-foro-china-celac-en-beijing>. Consultado en: 22 nov. 2024.

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES. Panamá y China comparten en Foro de Diplomacia Pública. **Ministerio de Relaciones Exteriores**, 12 oct. 2018. Disponible en: <https://mire.gob.pa/panama-y-china-comparten-en-foro-de-diplomacia-publica>. Consultado: 1 nov. 2024.

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES. Resultados Concretos se obtienen de la Reunión de Trabajo en China de la Canciller Mouynes. **Ministerio de Relaciones Exteriores**, 4 abr. 2022. Disponible en: <https://mire.gob.pa/resultados-concretos-se-obtienen-de-la-reunion-de-trabajo-en-china-de-la-canciller-mouynes/>>. Consultado en: 6 jun. 2024.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Vice Foreign Minister Zheng Zeguang and Deputy Foreign Minister Federico Alfaro Boyd of Panama Hold Political Consultation Between the Two Foreign Ministries. **Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China**, 23 jul. 2020. Disponible en:

<https://www.mfa.gov.cn/eng/wjb/zygy/hd/202406/t20240603_11374672.html>. Consultado en: 6 jun. 2024.

MON PINZÓN, Ramón Arturo. La migración china a Panamá. En: LEANDER, Birgitta. **Europa, Asia y África en América Latina y El Caribe**. México: UNESCO-Siglo Veintiuno, 1989. p. 247-267.

MON PINZÓN, Ramón Arturo. La Presencia China en Panamá en el Siglo XX. En: SANG BEN, Mukien Adriana. **La presencia china en el Gran Caribe: Ayer y hoy**. Santo Domingo: Centro de Estudios Caribeños (PUCMM), 2022. p. 747-807. Disponible en: <https://www.institutomora.edu.mx/Seminarios/visioneshistoricas/SiteAssets/SitePages/Lecturas/Presencia%20china%20completo.pdf>. Consultado en: 15 may. 2024.

MORALES, Yorlenne. Tren Panamá-David, la megaobra del gobierno de Mulino. **La Estrella de Panamá**, 21 jun. 2024. Disponible en: <https://www.laestrella.com.pa/panama/nacional/tren-panama-david-la-megaobra-del-gobierno-de-mulino-AL7739310>. Consultado en: 20 nov. 2024.

PARTIDO PANAMEÑISTA. Historia. **Partido Panameñista**, 2024. Disponible en: <https://www.panamenistas.org/historia>. Consultado en: 19 nov. 2024.

PARTIDO REVOLUCIONARIO DEMOCRÁTICO. Ideología. **Partido Revolucionario Democrático**, 2024. Disponible en: <https://prdespanama.com/ideologia>. Consultado en: 19 nov. 2024.

SEVERO, R. U.S. in U.N. Council Vetoes Panama Canal Resolution. **New York Times**, 22 mar. 1973. Disponible en: <https://www.nytimes.com/1973/03/22/archives/us-in-un-council-vetoes-panama-canal-resolution-scali-voices-regret.html>. Consultado en: 20 nov. 2024.

XIANG, Chen; XIN, Qiang. Small states as helpless pawns? Panama's diplomatic strategy over the Taiwan Strait. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 37, n. 2, p. 226-244, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/09557571.2023.2170872>.

YAO VILLALAZ, J. China y la neutralidad del Canal de Panamá. **La Estrella de Panamá**, 15 abr. 2023. Disponible en: <https://www.laestrella.com.pa/opinion/columnistas/china-neutralidad-canal-panama-OFLE489412>. Consultado en: 20 nov. 2024.

THE MAIN IMPEDANCES FOR THE RATIFICATION OF THE TREATY BETWEEN MERCOSUR AND THE EUROPEAN UNION: THE TWO-LEVEL GAMES PERSPECTIVE

*OS PRINCIPAIS IMPEDIMENTOS PARA A RATIFICAÇÃO DO TRATADO
ENTRE O MERCOSUR E A UNIÃO EUROPEIA: A PERSPECTIVA DOS JOGOS
DE DOIS NÍVEIS*

*LOS PRINCIPALES IMPEDIMENTOS PARA LA RATIFICACIÓN DEL TRATADO
ENTRE EL MERCOSUR Y LA UNIÓN EUROPEA: LA PERSPECTIVA DE LOS
JUEGOS DE DOS NIVELES*

Rodolfo Vieira Nunes¹ 

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Abstract: The new Regional Treaties, or inter-regionalism, are characterized as a grouping of aspects that range from geopolitical development, multilateral and regional dynamics, and the political-economic decisions of countries. This article evaluates the barriers to the Free Trade Agreement between Mercosur and the European Union (EU); as in 2019, the third negotiation phase was completed, but the ratification process still needs to be completed. In this discussion, we aim to understand, through a literature review and the application of two-level game theory, how Mercosur and the EU are positioned in the negotiations concerning the main obstacles to the bi-regional agreement. The analysis shows that the agricultural and industrial aspects have caused disputes regarding tariffs and export quotas for specific products since the beginning of the talks. However, more recently, the pressure for environmental issues such as sustainability and ecological control has entered as an element of negotiations and has made ratification difficult. Therefore, it corroborates that games at both levels effectively identify the influence of international and domestic levels on agreement discussions.

¹ Ph.D. in Business Management at Universidade de São Paulo. Adjunct Professor at Universidade Federal de Juiz de Fora, Brazil. Email: rodolfo.nunes@ufjf.br

Keywords: Interregional Agreement; Mercosur; European Union; Obstacles; Two-Level Games.

Resumo: Os novos Tratados Regionais, ou o inter-regionalismo, se caracterizam como um agrupamento de aspectos que vão desde o desenvolvimento geopolítico, às dinâmicas multilaterais e regionais, e às decisões político-econômica dos países. Este artigo avalia as barreiras do Tratado de Livre Comércio entre o Mercosul e a União Europeia (EU), à medida que em 2019 houve a finalização da terceira fase de negociação, porém o processo de ratificação não está concluído. Nesta discussão temos o objetivo de compreender, por meio de uma revisão de literatura e da aplicação da teoria dos jogos de dois níveis, como o Mercosul e a UE estão posicionados nas negociações em relação aos principais entraves do acordo birregional. A análise evidencia que os aspectos agrícola e industrial são os quesitos que desde o início das negociações causaram disputas em relação às tarifas e cotas de exportação para determinados produtos. Entretanto, mais recentemente, a pressão por questões ambientais como sustentabilidade e controle ambiental adentraram como elemento das negociações e acabaram dificultando a ratificação. Assim sendo, corrobora-se que os jogos de dois níveis são eficazes na identificação da influência que os níveis internacionais e domésticos possuem nas discussões de acordos.

Palavras-chave: Acordo Inter-regional; Mercosul; União Europeia; Entraves; Jogos de Dois Níveis.

Resumen: Los nuevos Tratados Regionales, o interregionalismo, se caracterizan por ser un conjunto de aspectos que van desde el desarrollo geopolítico, las dinámicas multilaterales y regionales, y las decisiones político-económicas de los países. Este artículo evalúa las barreras del Tratado de Libre Comercio entre el Mercosur y la Unión Europea (UE), ya que en 2019 se completó la tercera fase de negociación, pero aún no se completó la ratificación. En esta discusión pretendemos comprender, a través de una revisión de la literatura y la aplicación de la teoría de juegos de dos niveles, cómo se posicionan el Mercosur y la UE en las negociaciones en relación con los obstáculos al acuerdo birregional. El análisis muestra que los aspectos agrícola e industrial son los temas que, desde el inicio de las negociaciones, han provocado disputas en torno a aranceles y cuotas de exportación para ciertos productos, sin embargo, más recientemente la presión por temas ambientales como la sostenibilidad y el control ambiental han entrado como elemento de las negociaciones y terminaron dificultando la ratificación. Por lo tanto, corrobora que el juegos de niveles es efectivo para identificar la influencia que tienen los niveles internacional y doméstico en las discusiones de acuerdos.

Palabras clave: Acuerdo Interregional, Mercosur, Unión Europea, Obstáculos, Juegos de Dos Niveles.

1. Introduction

The contemporary network society reflects an increasingly globalized economic and social dynamic. The rapid exchange of information, capital, and cultural communication drives the growing need for agreements between countries to facilitate participation in negotiations of this new global economy (KEGEL; AMAL, 2013). Economic blocs emerged as a response to the demand for economic integration, especially in the face of the advance of globalization, to protect markets in common regions, aiming to avoid losses resulting from economic globalization in both internal and external markets (BAJO, 1999).

The capitalist system in the 1990s through the end of 2010 gradually migrated to a global sphere, expanding commercial relations between countries beyond borders and promoting more comprehensive negotiations that went beyond regional boundaries. This results in increased negotiations between economic blocs (DOCTOR, 2007). However, according to Sanahuja (2022), we are currently experiencing a period of deglobalization, characterized by the retraction of global production chains and the return of the productive economy to more regional and national contexts at the expense of globalization. Within this new context, international trade theories point to significant advantages related to trade openness, such as increased investment and improved resource allocation. Thus, association agreements, free trade agreements, and other bilateral or multilateral partnerships have intensified recently (LUCIANO, 2020).

In this context, it is argued that the closed integrationist vision of regional economic blocs is no longer justified, with a growing trend

towards bi-regional agreements being observed. In this sense, the Free Trade Agreement signed in 2019 between the European Union (EU) and Mercosur, pending ratification by the countries involved, expands the possibilities of international relations.

Mercosur and the European Union are two regional blocs with different levels of institutionalization and development. Their Member States range from the largest economies in the world to those with smaller relative economic weight. Despite divergent interests between countries, both blocs seek trade and cooperation agreements aiming for mutual gains (BALTENSPERGER; DADUSH, 2019). However, the main issue lies in finding a common denominator that allows all countries involved to obtain more benefits than losses. This assessment is not based exclusively on economic indicators.

In this scenario, the Two-Level Game Theory (PUTNAM, 1988) emerges as a valuable conceptual tool for understanding international negotiations and the tensions inherent in the interaction between national and global levels. Thus, when it comes to multilateral talks, cooperation between states, or bilateral meetings, government leaders are recognized as the principal negotiators, tasked with participating in international negotiations that ultimately require internal approval, that is, ratification (CONCEIÇÃO-HELDT; MELLO, 2017). This is because traditional state-centered theories are often not sophisticated enough to comprehensively analyze international agreements in which national and global aspects are intertwined.

The intricate nature of the international, regional, and domestic scenarios manifests itself in the complexity inherent in assessing the situation, especially considering the challenge posed by an agreement still awaiting ratified. In this context, discussions on specific topics, such as the environment and government procurement, add complexity to the

process. Although a conclusion has yet to be reached, it is feasible, based on ongoing negotiations over the years, to address some of the questions

Within this context, this article aims to understand why the Free Trade Agreement between Mercosur and the European Union remains pending conclusion. The central premise consists of analyzing the main topics discussed and the political and economic obstacles that have impacted the ratification of the Free Trade Agreement between Mercosur and the European Union. This analysis is based on the peculiarities of two-level games, aiming for a more in-depth understanding of the reasons that explain the prolonged delay in the ratification process and the finalization of this important agreement between economic blocs.

The study is justified by the final discussions regarding the agreement moving slowly and, at times, almost suspended between the blocs, reaching an impasse. Using the two-level game will allow for a more comprehensive and critical examination of each bloc's domestic issues and international aspects of mutual interest, starting from a European perspective on the interest in the Mercosur-EU trade agreement and a Latin American perspective on its priorities.

This article is structured into six sections, with the first containing this introduction. The second section provides an overview of interregionalism and regional blocs. The third part discusses trade relations between Mercosur and the European Union. In the fourth part, we base the theory on two-level games, which is the basis of the analysis we will make of the agreement between the regional blocs. In the fifth section, we present discussions about the bases that support the deal and the bottlenecks that cause delays in negotiations. Finally, the last section presents the final considerations arising from the study.

2. The new look of regionalism and regional integration agreements

Among the various types of interaction in the context of relations between countries, cooperation schemes between States deserve to be highlighted. Cooperation can be conceptualized as an arrangement of relationships that does not rely on coercive elements but is legitimized within the context of the consent of participating actors, aiming to achieve mutual benefits (KEGEL; AMAL, 2013).

The integration processes from the 1950s were initially configured as unique forms of cooperation between States. This integration effort stemmed from a series of primary negotiations, followed by other subsidiary negotiations aimed at achieving the agreed objectives, which may sometimes culminate in the establishment of supranational structures or sharing sovereignty (DOUGHERTY; PFALZGRAFF, 2003). In turn, regional integration can also be interpreted as a process of deepening interdependence between neighboring states as the interconnection of economies allows for the reduction of disparities and the sharing of economic and commercial benefits (NYE JR, 2009). From this perspective, the increasing complexity of interdependence is justified by the conviction that the cost/benefit ratio favors this particular form of transnational cooperation by incorporating political gains in addition to the benefits arising from economic integration.

These reflections on cooperation and interdependence between States gained new relevance in the 1990s. At that time, the global scenario was characterized by the consolidation of globalization, the deregulation of the international financial market, and the significant growth of global trade driven by commercial liberalization (KEGEL; AMAL, 2013).

Therefore, interregionalism, characterized as the institutional consolidation of relations between two regional blocs, emerged as a phenomenon in the international political economy in the 1990s and the

negotiations of the agreement between the EU and Mercosur (DOCTOR, 2007). States adopted the new regionalism as an outward-oriented and liberalizing response, seeking to face the challenges posed by globalization and growing interdependence in the world economy (DOCTOR, 2005). Within this outlined perspective, interregionalism emerges as just another layer in the growing and multifaceted system of global governance (HÄNGGI; ROLOFF; RÜLAND, 2006).

In this new stage of regionalism, as described by Baldwin and Low (2008), the influence of the Domino Theory is evident, in which regionalization is triggered by idiosyncratic effects that propagate, generating a domino effect. Thus, the growing proliferation of Regional Integration Agreements (RIAs) is linked to a combination of geopolitical developments, especially multilateral and regional dynamics, and individual political decisions by countries.

This new scenario of regionalism must be approached from a global perspective. Although intra-regional dynamics are crucial to understanding the phenomenon, they are increasingly linked to worldwide transformations (FAWCETT, 2008). This is justified by the fact that we verify some characteristics related to an international system previously dominated by rivalry between superpowers, a global economy in which State policies are increasingly influenced by economic globalization, and a world in which national and international borders are becoming increasingly diffuse.

We are witnessing a deepening integration in this new phase, in which agreements go beyond the simple trade liberalization of goods, also covering services and investments. This type of integration is characterized by the harmonization of regulatory policies - that is, the unification of internal legislation in several areas, such as finance, taxation, banking systems, intellectual property, labor and consumer legislation, environmental protection, and competition, among others - without which

the liberalization of trade between the parties to the agreement would be hampered (GAVIN; LANGENHOVE, 2003).

From this perspective, the new regionalism requires understanding a multidimensional and multilevel process that is not limited to or centered around States but also encompasses the actions of States, companies, groups, and social networks. Interregionalism should be perceived as occurring in various contexts, involving diverse actors, acting in both centralized and decentralized ways, and interconnecting material, ideological, and identity aspects (HURRELL, 2005).

An additional perspective presents a broad approach to interregionalism as a deepening political, economic, and social interaction between different international regions (HÄNGGI; ROLOFF; RÜLAND, 2006). This process is guided by state and non-state actors, in which external systemic pressures strengthen the internal dynamics of regionalism. On the other hand, Rüland (2002) adopts a more specific approach, defining interregionalism as a dialogue between diverse groups that maintain more or less regular meetings focused on exchanging information and cooperating in specific political domains, such as trade and investment, environment, and crime prevention.

A multicausal framework must be employed to examine the motivations of both parties involved in interregionalism. These factors include (i) the international context of the 1990s, (ii) the strategic power preferences of political actors, and (iii) the interests of economic actors and other social agents (DOCTOR, 2007). Indeed, due to the motivations presented, the distinction between economics and politics is becoming increasingly complex, characterizing this phase with a multidimensional approach hitherto unprecedented. In this context, the interconnection between politics, economics, and security issues is intensifying and is paramount for understanding and characterizing interregionalism.

According to Bajo (1999), there must be a consensus regarding studies in this area. The theorization of interregionalism is still in its infancy, and what little has been written about interregionalism and the relationship between regionalism and interregionalism tends to be descriptive rather than analytical or comparative. For Souza (2018), the diversity of regionalism theories is evidenced by the difficulty in establishing a consensus on defining and analyzing the new regionalism as a central concept. What was observed in common was a diffuse notion that a new phase had begun, along with an attempt to understand it. Although studies on interregionalism have not produced any new theories, Hänggi *et al.* (2006) point out that they helped to increase acceptance that international relations are not driven solely by power nor exclusively by cooperative motivations.

From a broader perspective, the resurgence of interest in RIAs based on interregionalism can be attributed to the need for countries to adjust to changes in the global economy amidst economic globalization. Furthermore, the increasingly widespread perception among countries that openness to trade and stimulation of foreign direct investment plays a crucial role in national development has contributed to the reorientation of recent regional initiatives (SAMPSON; WOOLCOCK, 2005).

Such interregional agreements are recognized as a new emerging manifestation of the interaction between globalization and regionalization, resulting in what is conceptualized as global regionalism (MATEO, 2006). This terminology describes the current tendency of regional integration processes to expand their geographic scope, reaching continental and even inter-regional or transoceanic dimensions. In this context, relations between the EU and Mercosur stand out, as formalized by signing the Inter-Regional Cooperation Framework Agreement, often cited as a pioneering milestone in inter-regionalism.

3. A brief history of commercial relations between Mercosur and the European Union

Formal interactions between the European Community (EC) and Latin American countries began with the establishment of the European Economic Community in 1958 institutions. At this time, EC member states recognized the opportunity to foster and strengthen commercial and economic relations with the countries of this region (PINTO, 2006). Throughout the 1970s, according to Saraiva (2004), interactions between the European Community and Latin America advanced modestly in the economic domain. During this period, European countries showed interest in expanding markets for their exports and investments and ensuring access to raw materials. On the other hand, Latin American countries began diversifying their external partners and sought to establish relationships that were different from those they maintained with the United States.

During the 1980s, while economic relations regressed, political relations advanced and assumed a more significant role. Although Latin America was considered by the European Community (EC) to be a region of secondary importance in its foreign policy, this did not imply a lack of interest in deepening relations. For Saraiva (2004), the most prominent political action for the region during this period was the inter-regional dialogue model, which played a crucial role; however, despite never being part of European diplomacy of North-South meetings without ever becoming a priority for the Union. Despite the mismatch between Latin American expectations and the results of these dialogues, they were fundamental for political integration between both regions.

Over the last few decades, the European Union and Mercosur have signed several agreements on different subjects (economic, financial, political, environmental, and social) that have become progressively more

ambitious over time and have been categorized as the first, second, and third agreements. The EU recognized the need to strengthen its ties with Latin America due to the emergence of a new situation in the Southern Cone and the deepening of neoliberal globalization led by the United States (PENNAFORTE; DA SILVA RIBEIRO; BONES, 2018).

Consequently, in 1995, the Cooperation Framework Agreement between the European Union and Mercosur was signed as a strategic response to the North American Free Trade Area of the Americas (FTAA) project in the South American region (ZELICOVICH, 2019). This agreement was built upon three fundamental pillars: a partnership on political and security issues, economic and institutional cooperation, and the gradual establishment of a free trade zone for goods and services (GÓMEZ-PLANA, 2021). The manifest intention of this agreement was to establish an inter-regional association connecting both regions, while its latent purpose was to achieve free trade (BULMER-THOMAS, 2000). However, the negotiations faced obstacles from the beginning due to the divergent interests and objectives between the parties involved and the overlap of each bloc's comparative advantages with the counterparties' sensitive sectors.

Negotiations between the EU and Mercosur were interrupted in December 2004 due to discrepancies regarding the levels of trade liberalization proposed by each entity. On the Mercosur side, there was a perception that the European community's proposal demanded extensive industrial liberalization while offering limited agricultural liberalization (SALGADO; BRESSAN, 2020). The proposal presented by the European Union was considerably below the expectations of the Mercosur countries, as it only offered preferential tariff quotas for the most sensitive products of the European Common Agricultural Policy (CAP), such as beef, sugar, and dairy products, products which have highly competitive markets in South American countries (SANAHUJA; RODRÍGUEZ, 2019). The EU considered

progress in trade liberalization in sectors such as textiles, footwear, and automobiles as insufficient.

The impasse at the multilateral level hampered the progress of negotiations on the agreement between Mercosur and the European Union while at the same time fostering incentives for the proliferation of bilateral agreements (MENEZES; PAIVA, 2019). Another challenge in the negotiation was the subprime crisis, which affected both developed and developing countries, especially by precipitating the end of the commodities boom. After the formal resumption of negotiations in 2010, rapprochement between the two blocs became a crucial strategy aimed at overcoming the crisis through the liberalization of new markets for their products (PENNAFORTE, RIBEIRO, BONES, 2018). This recovery gained momentum, especially after Mercosur presented a proposal for a comprehensive agreement. However, the agricultural issue remained the main obstacle, with little progress regarding the EU's primary interests. Furthermore, the public debt crisis in the Eurozone redirected Europe's focus to the bloc's internal issues, leading to the implementation of economic austerity measures across member countries (SALGADO; BRESSAN, 2020). Despite the divergences throughout the negotiation process and the significant challenges posed to the multilateral trading system by the increase in unilateralism and protectionism, the regional blocs sought a way to reach an agreement (GÓMEZ-PLANA, 2021).

In 2016, both blocs returned to the negotiating table for the third phase of negotiations. According to Zelicovich (2019), the resumption of negotiations should be interpreted as a response to changes in the international system resulting from the crisis of globalization and the global liberal order. Therefore, the Free Trade Agreement (FTA) between the two entities, although formalized in 2019, was conceived merely in abstract terms. The final wording still needs to be finalized and depends on ratification by the European Union and Mercosur member states. Once ratified, the trade agreement will be implemented progressively over fifteen

years, which makes its implementation almost imperceptible. However, it is essential to emphasize that the treaty has equally substantial relevance for both regional blocs and is a historic milestone in international relations (BALTENSPERGER; DADUSH, 2019; KAMATH, 2020).

For Mercosur, the agreement revitalizes the bloc's relevance in the international community, demonstrating its ability to promote and represent the countries of the Southern Cone. Furthermore, considering the crisis of South American regionalism and Mercosur, the agreement ensures continuity for the bloc, providing a renewal (SALGADO; BRESSAN, 2020). For the European Union, the bi-regional agreement represents an expression of interregionalism, a concept that has been one of the primary pillars of its foreign policy to outline the bloc's integration model (SANAHUJA; RODRÍGUEZ, 2019).

Both regional blocs exhibit structural discrepancies in economic and productive terms arising from their different positions in global value chains. This disparity in integration has evolved into a structural condition, reflecting divergent developments in long-term productive forces intertwined with international economic and power processes that transcend the merely commercial sphere (GHIOTTO, 2022).

The member states of the European Union, being more industrially advanced and exhibiting significant complementarities in their productive bases, contrast with the Common Market of the South, which specializes predominantly in the production of raw materials and shows more modest levels of intra-bloc trade (OLIVERA; VILLANI, 2017). Therefore, the countries belonging to Mercosur focus their specialization on the export of agricultural raw materials and products with lower added value. On the other hand, the EU focuses its exports predominantly on products with medium to high added value.

This shows that the trade dynamics between these two blocs were marked by asymmetric (VENTURA, 2003), which represents one of the key

challenges of the agreement. It is crucial to highlight that interregional negotiations were constantly overshadowed by internal issues and challenges in both regions, such as the eastward expansion of the European Union or the recurring economic and political crises in Mercosur (NOLTE; RIBEIRO NETO, 2021). However, the agreement between the European Union and Mercosur represents, above all, the reaffirmation of the importance of economic liberalization both at a regional and inter-regional level as a means of promoting global economic liberalization, even in a context marked by a rising wave of protectionism.

4. The relationship between two-level game theory and regional agreements

Investigating trade agreements requires a methodological review to understand new power dynamics and adopt more comprehensive analytical approaches capable of transcending conventional limitations. Given the scope and complexity of agreements of this magnitude, with multiple levels of analysis and different actors involved, a solitary analysis is often insufficient to fully elucidate the negotiations' complexity.

It is proposed that foreign policy is fundamentally shaped by a series of deliberate choices made by one or more agents, who act based on their interpretation of circumstances, and that such decisions result from internal processes within the State rather than being solely in response to foreign stimuli (SALOMÓN; PINHEIRO, 2013). This significant innovation aims to put greater emphasis on domestic elements in the formulation of the State's foreign policies and as a starting point for the emergence of new theories.

The theory of two-level games represents a significant departure from the rationalist mainstream approaches. It arises as an alternative within the field of Foreign Policy Analysis studies (whether for International

Relations or International Political Economy). First, because it emphasizes that the State is not the only dominant decision-making agent, a point that other theories have yet to address satisfactorily. More state-centric theories require a robust theoretical foundation to explain the complex interactions between domestic politics and international relations. They limited themselves to considering the various domestic influences on foreign policy or offered excessively generalized analyses of the relationship between national and global issues. Second, this approach recognizes that the anarchic structure of the system or power capabilities and other variables such as commercial, political, and social factors determine international cooperation.

One of the main challenges lies in the conception of the State as a unitary and always cohesive agent, even in the face of divergences between central decision-makers regarding national and international interests. In other words, the State is a simultaneous mediator, not because of its standardization in the topics discussed or because it is isolated from internal politics, but because it is directly subject to both (PUTNAM, 1988).

The structure of the two-level game is intentional. First, internal groups influence government structures to promote their interests. In contrast, government bodies aim to implement policy measures congruent with such interests to forge alliances with these groups. On the other hand, national government entities strive to satisfy internal demands while simultaneously seeking to mitigate adverse impacts resulting from international factors.

The theory analytically decomposes the negotiation process of foreign policy agreements into two distinct stages: i) bargaining between negotiators, culminating in a provisional agreement - Level I negotiation phase; ii) separate deliberations between domestic support groups regarding the acceptance or rejection of the agreement - Level II ratification phase. The dynamic between these two levels becomes evident

when a country that disregards internal pressures or prioritizes domestic politics over international issues fails to ratify or successfully negotiate treaties (BJOLA; MANOR, 2018).

Given this distinction between Level I and Level II, Putnam (1988) describes the win-set for a given Level II support base as the set of all possible Level I agreements that would be successful, that is, that they would obtain the necessary majority among supporters – when put to the vote. Thus, only agreements that fit within the win-set of each State will be ratified by their respective Level II, which has significant repercussions on the negotiating power of each negotiator and, therefore, exerts a considerable influence on the dynamic of the negotiations (VILLA; CORDEIRO, 2006). In other words, they are the arrangements or various agreements at the international level that would be supported at the domestic level, that is, any negotiation result on the global stage that would be ratified internally by the support base of a country. Ratifications may depend on formal voting requirements, such as legislative approval, or on more informal aspects, such as considerations of public opinion and approval ratings that political decision-makers consider (CONCEIÇÃO-HELDT; MELLO, 2017).

For Bjola and Manor (2018), a win-set is determined by three factors. The first concerns the size of this set, which depends on the distribution of power, preferences, and possible alliances between Level II participants. The second factor is associated with the nature of the ratification process; for example, in the EU, these processes are more complex, as treaties must be ratified by the European Parliament (EP) and national parliaments. Finally, the third factor concerns leaders' political strategies to garner support or form new alliances to change internal power dynamics.

In addition to these conditioning factors for win-sets, Putnam revisits Schelling's conjecture, which proposes that negotiator A, whose domestic scenario is heterogeneous or fragmented in terms of preferences, can

demonstrate to negotiator B how certain concessions would be unacceptable in their national context, thus limiting their room for maneuver and committing them to a limit beyond which negotiation would become unfeasible. This strategy allows the negotiator to improve his position during negotiations, taking advantage of the diversity of internal preferences (VILLA; CORDEIRO, 2006). In other words, Schelling's conjecture suggests that division at the domestic level is a crucial political resource in international negotiations.

5. The main barriers to the agreement between Mercosur and the European Union

The Free Trade Agreement (FTA) still adds value and attracts economic blocs, encouraging both parties involved to continue negotiations and support the agreement's implementation. The text of this treaty is remarkably comprehensive, subdivided into three distinct pillars: (i) commercial, (ii) economic cooperation, and (iii) political dialogue.

Once ratified, the FTA will benefit the parties involved economically. However, its relevance is not limited to this. Signatory countries will also benefit from the provisions contained in the political and, above all, trade pillars of the treaty. The agreement addresses several strategic areas, including debates on science, technology and innovation, infrastructure, education, consumer rights, energy, defense, cybersecurity, combating terrorism, corruption, and organized crime. Furthermore, issues related to sustainable development and the non-proliferation of nuclear weapons are also covered (SARAIVA; GAVIÃO, 2020).

It is imperative to provide a comprehensive synthesis of the treaty's fundamental aspects to solidify the foundation for subsequent analysis of barriers to ratification. It is crucial to emphasize the commercial pillar, as this is where the main obstacles arise in reaching a consensus between the

parties involved, a phenomenon justified by the breadth and complexity of the issues discussed.

In the commercial dimension, throughout the three phases of negotiations, it is observed that some crucial points are influenced by domestic groups (Level II); for Mercosur members, the transformation industries represent a sector of particular sensitivity and protection, as the adoption of an international strategy aimed at primarization has encountered resistance from segments that advocate a heterodox development model. By contrast, for the EU, the agricultural sector is traditionally subsidized, constitutes the most successful Community policy, and represents one of the most striking symbols of the European integration enterprise (ÁLVAREZ; ZELICOVICH, 2020).

Thus, in this new phase, Mercosur's agricultural sector emerges as one of the primary beneficiaries of the agreement. The European Union, the world's leading destination for agricultural imports, imported approximately USD 182 billion worth of agricultural products in 2018, with Brazil as its second-largest provider. Once the agreement is ratified, agricultural products of notable interest to Mercosur, such as coffee, tobacco, fruit, fish, and vegetable oils, will have their tariffs eliminated. Furthermore, other products, such as meat, sugar, ethanol, rice, corn, and honey, will gain greater access to the European market through quotas (MADURO, 2020).

The issue of import quotas concerns a quantitative restriction imposed on the circulation of certain goods. In short, once the stipulated limit of value or volume limit for a specific product has been reached, the country is no longer authorized to import it. Furthermore, import quotas are established in conjunction with differentiated tariffs, which implies that, within the limits of a predefined quantity, the product can be imported at a reduced or even zero tariff, configuring what is known as tariff reduction. However, once the import quota stipulated for the product is reached, the

tariff on imports increases significantly and is referred to as an extra-quota tariff (GHIOTTO, 2020). Furthermore, the agreement also provides hybrid tariff treatments for some consumer goods originating from Mercosur, such as orange juice and cachaça, depending on specific characteristics of each product, such as the volume of packaging or even the value of the good.

It is essential to highlight that, as part of the negotiations established between both economic blocs, aiming at obtaining European consent for more favorable conditions for Mercosur quotas, the South American countries found themselves compelled to grant similar conditions to European products destined for their markets (GÓMEZ-PLANA, 2021). From this perspective, products such as cheese, powdered milk, infant formula, wines, sparkling wine, garlic, chocolates, and cocoa derivatives were among the European-origin items included in the Mercosur liberalization proposal.

The FTA in question, however, is not limited to agribusiness issues alone. In industrial trade, the EU has committed to eliminating 100% of its tariffs within ten years of ratification, with around 80% of these tariffs being zeroed out when the treaty is implemented. Industrial products from Mercosur, including chemicals, machinery, medical equipment, automotive parts, textiles, and footwear, will benefit from this tariff reduction, with terms ranging from immediately after ratification to 10 years. At the same time, Mercosur will liberalize 91% of trade in terms of volume and tariff lines, with permission to use special customs regimes (FONSECA, 2020).

According to Kamath (2020), within the scope of industrial trade, the EU committed to eliminate 100% of its tariffs within a period of up to 10 years after ratification, with approximately 80% of these tariffs being eliminated when the agreement is implemented. Industrial products from Mercosur, such as chemicals, machinery, medical equipment, automotive parts, textiles, and footwear, will benefit from this tariff reduction process, with terms ranging from immediately after ratification to 10 years. At the

same time, Mercosur undertakes to liberalize 91% of trade in terms of volume and tariff lines, with permission granted for the use of special customs regimes.

In this context presented above, we return to the discussion of win-sets, as it is inferred that there was an overlap of the win-sets of both parties upon reaching a consensus. However, if Mercosur sought even more substantial tariff reductions more incisively, negotiations could be resumed, given the propensity of some European countries to protect their domestic agricultural markets. In short, if Mercosur expanded its win-sets to cover more advantageous tariff conditions, the European Union would undergo a contraction of its win-sets due to disagreement in its Level II, and the overlap of win-sets would no longer exist, making the agreement unfeasible.

5.1 Mercosur's Obstacles to Ratifying the Agreement

Before identifying the obstacles faced by Mercosur during the ratification process of the Free Trade Agreement with the European Union, it is essential to comprehensively outline the ratification mechanisms applicable to this treaty in the context of this economic bloc.

In the context of Mercosur, approval of the treaty requires the unanimous consent of all Member States. In this sense, the Mercosur ratification procedure is bifurcated into two distinct phases: (i) negotiation and approval by the bloc's decision-making bodies; (ii) the incorporation of approved norms into national legal frameworks through the procedures outlined by the legislation of each nation (SALGADO; BRESSAN, 2020). These stages of the Mercosur ratification process are equivalent to decision-making levels I and II of the two-level models. In other words,

Level I refers to the decision-making bodies of the economic bloc, while Level II (domestic) is made up of the legal systems of each member state.

The intrinsic intergovernmental nature of Mercosur emerges as an obstacle to obtaining ratification. In this context, decisions are not by a singular entity unrelated to the Member States but by the states themselves (ARAÚJO, 2018). Under this decision-making arrangement, treaty ratification is not a homogeneous procedure but rather a set of distinct internal processes, each subject to obstacles specific to the sovereignty of each participating nation.

We can deduce that specific structural issues within Mercosur emerge as obstacles to implementing the FTA with the European Union and to the overall functioning of the economic bloc itself. The Brasília-Buenos Aires Axis concept, representing central actors within the scope of Mercosur and in the sphere of South America, tends to overshadow other blocs that do not occupy such a prominent position in the economic and diplomatic arenas. This phenomenon denotes an apparent asymmetry of power within Mercosur, where the interests of the most influential nations often predominate, consequently restricting the ability of smaller nations to influence the bloc's decisions and strategic orientation (VENTURA, 2003; GHIOTTO, 2022).

Another solid obstacle to ratification is the political volatility inherent to the region. This instability manifests in several ways, including frequent changes of government, economic and social crises, and factors that have direct and substantial implications for the ability and effectiveness with which Mercosur countries conduct negotiations both among themselves and with their economic partners, which could lead to a review or even suspension of treaty negotiations. Furthermore, these events significantly impact the ability to implement trade agreements, as political instability can foster distrust regarding Mercosur countries' ability to honor the

treaty's terms, thus influencing the ratification and implementation process (SALGADO; BRESSAN, 2020).

In this aspect, ratification of the treaty demands that the agreements established align with the win-sets of both parties, which can be an arduous task, considering that internal political changes have the potential to modify these win-sets throughout the year. For example, the rise of governments with protectionist tendencies or substantial changes in domestic policies can narrow win-sets, increasing the complexity of the treaty ratification process.

5.2 The European Union's Obstacles to Ratifying the Agreement

Regarding liberalization and protectionism, one of the main challenges Mercosur faces in ratifying the FTA with the European Union lies in the technological disparity and the perceived threat Mercosur industries pose in relation to European products. According to Pennaforte, da Silva Ribeiro, and Bones (2018), a trade opening without carefully assessing its medium and long-term impacts could be counterproductive for Mercosur's economic development.

Although agribusiness is the primary stakeholder in opening the European consumer market, the agreement mustn't be restricted exclusively to this sector. According to Maduro (2020), trade liberalization with the EU could discourage domestic industrial production, especially considering that around 40% of industrial trade occurs within the Mercosur bloc. Within the scope of the FTA, we observe that the dynamics between liberalization and protectionism within the bloc are complex. The technological disparities between Mercosur and the EU, together with the concerns of Mercosur industries regarding competition from European

products, represent significant challenges to the ratification of the agreement.

In this context, it is crucial to discuss the obstacles faced by the European side in ratifying the Free Trade Agreement with Mercosur. One of these obstacles is the European Parliament (EP), one of the European Union's supranational institutions, which plays a central role in the treaty ratification process. The EP represents a significant barrier to the treaty's ratification process with Mercosur as the EU's decision-making and legislative process is directly linked to Parliament (FONSECA, 2020).

When considering party issues, the marked influence of internal political dynamics and particular national interests on the European Parliament becomes evident. In this context, it becomes evident that, given the plural character of the EP, composed of political parties from different Member States, the decisions and positions adopted by its members are often influenced by national concerns and priorities (SERVENT; COSTA, 2022).

The Free Trade Agreement between the EU and Mercosur presents an obstacle to ratification, as the EP uses its decision-making influence to demand adjustments and changes that reflect emerging concerns. Therefore, it is necessary to return to the second level of negotiation so that it can be rewritten according to what the EP will accept. This constitutes a movement to expand the European win-set, as it broadens the spectrum of options and conditions under which the European Parliament would be inclined to approve the treaty. However, such a measure could lead to prolonged negotiations and, in some instances, significant impasses in the ratification process, especially if the EP's interests and expectations must align with those of the Mercosur countries, culminating in a scenario of disagreement between the win-sets.

Policies related to climate and the environment are of crucial importance in the FTA negotiations. This issue emerges as a focal point for

those involved in the treaty's ratification, particularly within the context of the European bloc. The EU expresses legitimate concern about the environmental implications of the agreement, emphasizing the need to adhere strictly to high environmental standards and international treaties to address climate and environmental challenges (ABDENUR, 2019).

Europe's approach to environmental protection is broad and proactive. This approach is based on a series of laws and regulations considered among the most rigorous in the world, going beyond mere economic considerations (FONSECA, 2020). Europe's concern lies in the potential environmental impact resulting from the ratification of this treaty, as the growth in trade and demand could promote unsustainable agricultural practices, such as deforestation, to expand agriculture and livestock.

Baltensperger and Dadush (2019) argue that environmental policy has assumed an even more prominent role in the European Union's deliberations, especially with the implementation of the European Ecological Pact (EEP), which has consolidated itself as the central element of the European Union's economic growth strategy. This pact is based on key principles, such as precaution, prevention, and pollution mitigation at its source.

Given that the environmental issue has emerged as the primary concern of European civil society and non-governmental institutions, it exerts considerable political pressure on EU Member States (Level II) due to worries about the possibility of worsening environmental issues. The European Union faces a substantial challenge in the scope of the FTA with Mercosur concerning negotiations on ecological aspects (Level I), which still need to be concluded. In other words, the EU is faced with the difficult task of reconciling the need to import competitive agricultural products to meet the demands of its consumers with the responsibility to ensure that

such imports do not exacerbate environmental problems and do not harm European farmers.

In March 2023, an environmental organization revealed the European Union's proposal for a supplement to the FTA, which sparked intense debates and controversies among stakeholders. The Mercosur Member States vigorously opposed this initiative, raising considerable uncertainty regarding the potential ratification of the Free Trade Agreement.

As previously mentioned, the sudden release of the document, which holds significant political relevance, reveals the European Union's clear intention to establish more demanding and innovative environmental standards in the context of the imminent free trade agreement with Mercosur. Furthermore, the recent approval of legislation by the European Parliament aimed at combating deforestation stands out, and it could be invoked as a basis for imposing trade restrictions on Mercosur (TOSTES; ALBUQUERQUE, 2024).

If implemented, these potential new requirements could restrict the entry of products from Mercosur into the European market, thus significantly impacting the development of the FTA. This scenario is seen as a manifestation of trade protectionism on the part of the European Union and an attempt to avoid competition in agricultural products. From the European perspective, this stems from the international projection of several events that occurred within Mercosur's scope and the EP's stance, which uses its decision-making influence to demand adjustments and modifications that address emerging concerns.

In this scenario, both the popular strata and the political sectors of the EU member states (Level II) demonstrated marked dissatisfaction with the environmental events taking place in Mercosur. In this context, the side letter emerges as a mechanism to expand the win-set for the European Union, as, without it, several European governments could position themselves against the agreement in the same way as before the inclusion

of this additional letter. Consequently, the EP could veto the treaty, and once vetoed at Level I, the agreement text would be reevaluated at Level II. However, it is essential to point out that the side letter does not simply represent a strategy to expand the EU's advantages but rather an instrument aimed at undermining Mercosur's development and economic growth through the FTA. Due to dissatisfaction and non-acceptance on the part of Mercosur, there is, therefore, a movement contrary to the ideal, in which the sets of favorable possibilities are restricted, reducing the chances of success.

6. Final considerations

This article achieved its primary objective by elucidating and debating the main obstacles to the ratification of the Free Trade Agreement between Mercosur and the European Union. It adopts the two-level games theory as its analytical framework, demonstrating the theory's effectiveness in addressing unresolved issues.

The brief overview provided highlights that the deliberations extend beyond commercial concerns to encompass political, economic (particularly in the agricultural and industrial sectors), and environmental issues. These issues have gained greater relevance over the years within the scope of negotiations due to their impacts on society and strict European regulations.

The hypothesis is that the validation/acceptance of domestic groups is the determining factor in the cooperation process, taking precedence over considerations of relative gains. At least in the case of the negotiations between Mercosur and the EU, domestic factors (level II) still need to be fully addressed in the treaty's agricultural, industrial, and environmental discussions, highlighting some of the negotiators' concerns about the ratification by the blocs.

Consequently, the FTA represents a multifaceted challenge, requiring a delicate balance and an approach encompassing all these dimensions, aiming at effectively aligning the interests of both blocs. The agreement must be understood dynamically to foster a broad and continuous dialogue between regional blocs. In other words, a mechanism capable of incorporating both the potential benefits and challenges inherent to different sectors and countries is essential for discussing topics of common interest.

This reflects a common debate in negotiation processes for international agreements; the continuation of these negotiations is often linked to issues of a political nature related to the strengthening of strategic alliances, global prestige, or the maintenance of diplomatic commitments, even if the economic, social, or environmental justifications are not always solid or consensual. Therefore, the FTA negotiations reflect the intricate and interconnected dynamics of international politics, trade, the environment, and sustainable development.

In this context, the decision to continue negotiations can manifest commitment to broader political values or objectives, such as regional integration, international cooperation, or the search for geopolitical stability. On the other hand, technical or practical aspects, such as environmental impact, concrete commercial advantages, or direct social benefits, can be relegated to the background. It is essential to highlight that, regardless of the delays or complexities in the discussions surrounding the delicate topics previously mentioned, negotiations on the European Union-Mercosur Agreement should not, under any circumstances, be closed or abandoned as a strategy for exiting or as a way of pressuring either party. On the contrary, it is essential to strengthen and redirect the negotiations with more effective instruments, aiming to reach a consensus between the blocs.

Finally, in light of the various issues discussed in this article, the signing that took place in 2019 does not, in any way, represent the outcome of the FTA development process. On the contrary, the agreement remains subject to the possibility of not being ratified since the path to its ratification and effective implementation proves hugely complex. Thus, we see that the deal, whether ratified or not, constitutes a central element in the narrative of the inter-regional relationship and the international projection of the blocs. However, this outcome will be largely conditioned by the interaction of the different decision-making levels, as outlined by the theory adopted in this study.

7. References

ABDENUR, Adriana Erthal. A double-edged sword: The climate politics of the Mercosur-EU Agreement. **Climate Diplomacy**, v. 20, 2019. Available at: <https://climate-diplomacy.org/magazine/cooperation/double-edged-sword-climate-politics-mercotur-eu-agreement>. Retrieved on: May 18, 2024.

ÁLVAREZ, María Victoria; ZELICOVICH, Julieta. El acuerdo MERCOSUR-Unión Europea: un abordaje multicausal de la conclusión del proceso negociador. **Relaciones Internacionales**, n. 44, p. 107-125, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15366/relacionesinternacionales2020.44.006>

ARAÚJO, Ricardo Guerra. **O jogo estratégico nas negociações Mercosul-União Europeia**. 1ª ed. Brasília: FUNAG, 2018.

BAJO, Claudia Sanchez. The European Union and Mercosur: a case of inter-regionalism. **Third World Quarterly**, v. 20, n. 5, p. 927-941, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1080/01436599913415>

BALDWIN, Richard; LOW, Patrick. (Ed.). **Multilateralizing regionalism: challenges for the global trading system**. Cambridge University Press, 2009.

BALTENSPERGER, Michael; DADUSH, Uri. The European Union-Mercosur free trade agreement: prospects and risks. **Policy Contribution**, n. 11, 2019. Available at: https://www.bruegel.org/system/files/wp_attachments/PC-11_2019.pdf. Retrieved on: June 3, 2024.

BJOLA, Corneliu; MANOR, Ilan. Revisiting Putnam's two-level game theory in the digital age: Domestic digital diplomacy and the Iran nuclear deal. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 31, n. 1, p. 3-32, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/09557571.2018.1476836>

BULMER-THOMAS, Victor. The European Union and MERCOSUR: Prospects for a free trade agreement. **Journal of Interamerican Studies and World Affairs**, v. 42, n. 1, p. 1-22, 2000. DOI: <https://doi.org/10.2307/166463>

CONCEIÇÃO-HELDT, Eugénia; MELLO, Patrick A. Two-level games in foreign policy analysis. **Oxford Research Encyclopedia of Politics**. 1ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2017.

DOCTOR, Mahrukh. Razones para la firma de un acuerdo de cooperación entre la Unión Europea y el Mercosur: el papel del comercio y de la inversión. **Aldea Mundo**, v. 10, n. 19, p. 17-28, 2005. Available at: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=54301903>. Retrieved on: July 16, 2024.

DOCTOR, Mahrukh. Why bother with inter-regionalism? Negotiations for a European Union-Mercosur agreement. **JCMS: Journal of Common Market Studies**, v. 45, n. 2, p. 281-314, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-5965.2007.00712.x>

DOUGHERTY, James E.; PFALTZGRAFF, Robert L. **Relações Internacionais**. As teorias em confronto. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 2003.

FAWCETT, Louise. Regionalism in world politics: Past and present. In: KÖSLER, Ariane; ZIMMEK, Martin. (Ed.). **Elements of Regional Integration: A Multidimensional Approach**, 1ª ed., p. 13-28. Nomos, 2008.

FONSECA, Carmen. O futuro do Acordo Comercial UE-Mercosul: uma visão europeia. In: SOARES, Aline; NEVES, Leonardo Paz; THEMOTEO, Reinaldo. (Org.). **O novo acordo Mercosul-União Europeia em perspectiva**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2020.

GAVIN, Brigid; LANGENHOVE, Luk Van. Trade in a world of regions. In: SAMPSON, Gary P.; WOOLCOCK, Stephen. (Ed.). **Regionalism, multilateralism, and economic integration: the recent experience**. Tokyo: United Nations University Press, 2003.

GHIOTTO, Luciana. Mercosur y Unión Europea: un acuerdo que profundiza las asimetrías comerciales y reduce las asimetrías regulatorias. **Observatorio Latinoamericano y Caribeño**, v. 6, n. 1, p. 64-82, 2022. DOI: <https://doi.org/10.62174/olac.7425>

GÓMEZ-PLANA, Antonio. Acuerdo Unión Europea-Mercosur: una revisión de los efectos económicos previstos. **Boletín Económico de ICE**, n. 3133, p. 41-53, 2021. DOI: <https://doi.org/10.32796/bice.2021.3133.7169>

HANGGI, Heiner; ROLOFF, Ralf; RÜLAND, Jürgen (Ed.). **Interregionalism and international relations**. 1ª ed. New York: Routledge, 2006.

HURRELL, Andrew. The regional dimension in international relations theory. In: HETTNE, Björn; VAN LANGENHOVE, Luk; FARRELL, Mary. (Ed.). **Global politics of regionalism: Theory and practice**, 1ª ed, p. 38-53, London: Pluto Press, 2005.

KAMATH, Rahul. THE INCONSPICUOUS FUTURE OF THE EU-MERCOSUR FREE TRADE AGREEMENT. **International Journal of Science and Economic Research**, v. 5, n. 4, p. 906-915, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46609/IJSSER.2020.v05i04.004>

KEGEL, Patrícia Luiza; AMAL, Mohamed. Perspectivas das negociações entre o Mercosul e a União Europeia em um contexto de paralisia do sistema multilateral e da nova geografia econômica global. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 33, p. 341-359, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31572013000200009>

LUCIANO, Bruno Theodoro. Os desafios do comércio global e suas repercussões no acordo Mercosul-União Europeia. In: SOARES, Aline; NEVES, Leonardo Paz; THEMOTEO, Reinaldo. (Org.). **O novo acordo Mercosul-União Europeia em perspectiva**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2020.

MADURO, Lucia Baptista. O acordo de livre comércio Mercosul-UE: um balanço na perspectiva do bloco sul-americano. In: SOARES, Aline; NEVES, Leonardo Paz; THEMOTEO, Reinaldo. (Org.). **O novo acordo Mercosul-União Europeia em perspectiva**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2020.

MATEO, Manuel Cienfuegos. **La asociación estratégica entre la Unión Europea y el Mercosur, en la encrucijada**. 1ª ed. Barcelona: CIDOB, 2006.

MENEZES, Roberto Goulart; PAIVA, Sabrina Sabatovicz. Agora vai? As negociações do Acordo Mercosul-União Europeia no contexto da nova onda de liberalização radical da economia brasileira. In: ESPÓSITO NETO, Tomaz; ALMEIDA PRADO, Henrique Sartori. (Orgs.). **União Europeia: visões brasileiras**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

NOLTE, Detlef; RIBEIRO NETO, Clarissa Corrêa. Mercosur and the EU: The False Mirror. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 112, p. 87-122, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-087122/112>

NYE JR, Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. 1ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2009.

OLIVERA, Margarita; VILLANI, Davide. Potenciales impactos económicos en Argentina y Brasil del acuerdo de libre comercio entre el Mercosur y la Unión Europea. **Ensayos de Economía**, v. 27, n. 50, p. 103-126, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15446/ede.v27n50.66524>

PENNAFORTE, Charles; DA SILVA RIBEIRO, Genaro; BONES, Nairana Karkow. Acordo Mercosul-União Europeia: entre o discurso e a realidade. Impactos e Perspectivas. **Conjuntura Austral**, v. 9, n. 46, p. 5-21, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.79150>

PINTO, Messias de Sá. As relações económicas entre a União Europeia e a América Latina e a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). **Cadernos de Estudos Latino-Americanos**, n. 1, p. 11-43, 2006. Available at: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2312/1/11-43.pdf>. Retrieved on: June 22, 2024.

PUTNAM, Robert. Diplomacy and domestic politics: the logic of two-level games. **International Organization**, v. 42, n. 3, p. 427-460, 1988. Available at: <https://www.istor.org/stable/2706785>. Retrieved on: July 9, 2024.

RÜLAND, Jürgen. (2002). Inter- and Trans-regionalism: Remarks on the State of the Art of a New Research Agenda. In: **Workshop on 'Asia-Pacific Studies in Australia and Europe: a research agenda for the future**. Australia, 2002. Available at: <https://openresearch-repository.anu.edu.au/server/api/core/bitstreams/14e10acf-fcb9-4318-b151-0a508d98b513/content>. Retrieved on: May 13, 2024.

SALGADO, Vitória Totti; BRESSAN, Regiane Nitsch. O acordo de associação Mercosul-União Europeia e a política externa brasileira. **Revista Neiba (Cadernos Argentina Brasil)**, v. 9, n. 1, p. 1-22, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/neiba.2020.50950>

SAMPSON, Gary P.; WOOLCOCK, Stephen. Regionalism, Multilateralism, and Economic Integration: The Recent Experience. **International Journal**, v. 60, n. 2, p. 615-616, 2005. Available at: <https://collections.unu.edu/eserv/UNU:2432/ebrary9280810839.pdf>. Retrieved on: June 21, 2024.

SANAHUJA, José Antonio; RODRÍGUEZ, Jorge Damián. Veinte años de negociaciones Unión-Europea-Mercosur: Del interregionalismo a la crisis de la globalización. **Documentos de Trabajo nº 13** (2ª época). Madrid: Fundación Carolina, 2019. Available at: https://www.fundacioncarolina.es/wp-content/uploads/2023/06/DT_FC_13.pdf. Retrieved on: July 18, 2024.

SANAHUJA, José Antonio. 30 años de Mercosur: resiliencia y oportunidad para las relaciones UE-América Latina. In: CAETANO, Gerardo; NILSON, Diego Hernández. (Coords.). **30 años del Mercosur - Trayectorias, Flexibilización e Interregionalismo**. 1ª ed. Uruguay: Universidad de la República, 2022.

SARAIVA, Miriam Gomes. A União Européia como ator internacional e os países do Mercosul. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 47, p. 84-111, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292004000100005>

SARAIVA, Miriam Gomes; GAVIÃO, Leandro. Relações comerciais União Europeia-Mercosul: um breve histórico. In: SOARES, Aline; NEVES, Leonardo Paz; THEMOTEO, Reinaldo. (Org.). **O novo acordo Mercosul-União Europeia em perspectiva**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2020.

SERVENT, Ariadna Ripoll; COSTA, Olivier. The European Parliament: powerful but fragmented. In: HODSON, Dermot; PUETTER, Uwe; SAURUGGER, Sabine (Org.). **The Institutions of the European Union**. 5ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2022.

SOUZA, Gustavo Matiuzzi. Notions of border in regionalism theory and praxis: A critical overview. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 2, p. 245-261, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.2.31575>

SALOMÓN, Mónica; PINHEIRO, Letícia. Análise de Política Externa e Política Externa Brasileira: trajetória, desafios e possibilidades de um campo de estudos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 56, n. 1, p. 40-59, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292013000100003>

TOSTES, Ana Paula; ALBUQUERQUE, Marianna. Unpacking the impact of mega-regional agreements: the EU–Mercosur case. **Third World Quarterly**, p. 1-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/01436597.2024.2323581>

VENTURA, Deisy de Freitas Lima. **As assimetrias entre o Mercosul e a União Europeia: os desafios de uma associação inter-regional**. 1ª ed. Barueri: Manole, 2003.

VILLA, Rafael Duarte; CORDEIRO, Fábio Cereda. Ganhos relativos ou política doméstica? Os tratados do Canal do Panamá como um jogo de dois níveis. **Contexto Internacional**, v. 28, n. 2, p. 301-353, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292006000200001>

ZELICOVICH, Julieta. El acuerdo Mercosur-Unión Europea en su recta final. **Análisis Carolina**, n. 13, p. 1-12, 2019. DOI: https://doi.org/10.33960/AC_13.2019

O DILEMA PARAGUAIO: ENTRE A REEXPORTAÇÃO E O MERCOSUL

*EL DILEMA PARAGUAYO:
ENTRE LA REEXPORTACIÓN Y EL MERCOSUR*

*THE PARAGUAYAN DILEMMA:
BETWEEN REEXPORTATION AND MERCOSUR*

Luiza Peruffo¹ 

Kevin Wanderlan Fernandes dos Santos² 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: O Paraguai possui um desenvolvimento econômico único em relação aos seus parceiros do Mercosul. Enquanto a maioria dos membros do bloco adotaram o modelo de substituição de importação para fomentar a indústria, o Paraguai optou pelo que é chamado de “regime de reexportação”, ou triangulação comercial, que se firmou como um dos pilares de sua economia na segunda metade do século XX. Essa política faz uso da discrepância alfandegária entre os países para efetivamente tornar o Paraguai um “reexportador” de produtos vindos de fora do continente. Ao se beneficiar das assimetrias regionais, o modelo vai de encontro com os ideais de cooperação esperados por um mercado comum, como o Mercosul busca tornar-se. Também torna o Paraguai um caso atípico entre pequenas economias: apesar de ser o integrante do Mercosul mais dependente do comércio com seus vizinhos, é historicamente o mais receoso em promover e adotar as medidas de integração propostas pelo resto do bloco. Esse trabalho se propõe a explorar a origem e escopo do regime de reexportação, sua perspectiva atual, e se o dilema historicamente enfrentado pelo Paraguai se mantém válido com a crescente diversificação econômica do país.

¹ Professora no Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). PhD pela Universidade de Cambridge. E-mail: luiza.peruffo@ufrgs.br

² Graduando em Ciências Econômicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: kevinwanderlan1@gmail.com

Palavras-chave: Paraguai; Mercosul; Reexportação; História Econômica do Paraguai.

Resumen: Paraguay tiene un desarrollo económico único en relación con sus socios del Mercosur. Mientras la mayoría de los miembros del bloque adoptaron el modelo de sustitución de importaciones para impulsar la industria, Paraguay optó por el llamado “régimen de reexportación”, o triangulación comercial, que se consolidó como uno de los pilares de su economía en la segunda mitad del siglo XX. Esta política aprovecha la asimetría aduanera entre los países para convertir efectivamente a Paraguay en un “reexportador” de productos provenientes de fuera del continente. Al beneficiarse de las asimetrías regionales, el modelo contradice los ideales de cooperación que se esperan en un mercado común, como el Mercosur busca ser. También convierte a Paraguay en un caso atípico entre las economías pequeñas: a pesar de ser el miembro del Mercosur más dependiente del comercio con sus vecinos, es históricamente el que ha mostrado mayor reticencia a promover y adoptar las medidas de integración propuestas por el resto del bloque. Este trabajo tiene como objetivo explorar el origen y alcance del régimen de reexportación, su perspectiva actual y si el dilema que históricamente ha enfrentado Paraguay sigue siendo válido con la creciente diversificación económica del país.

Palabras clave: Paraguay; Mercosur; Reexportaciones; Historia Económica del Paraguay.

Abstract: Paraguay has a unique economic development compared to its Mercosur partners. While most of the bloc's members adopted the import substitution model to promote industry, Paraguay opted for what is called the “re-export regime”, or commercial triangulation, which was established as one of the pillars of its economy in the second half of the 20th century. This policy makes use of the customs asymmetry between countries to effectively make Paraguay a “re-exporter” of products coming from outside the continent. By benefiting from regional asymmetries, the model challenges with the ideals of cooperation expected by a common market, as Mercosur seeks to become. It also makes Paraguay an atypical case among small economies: despite being the member of Mercosur most dependent on trade with its neighbors, it is historically the most reluctant to promote and adopt the integration measures proposed by the rest of the bloc. This article aims to explore the origin and scope of the re-export regime, its current perspective, and whether the dilemma historically faced by Paraguay remains valid with the country's growing economic diversification.

Key Words: Paraguay; Mercosur; Reexportation; Economic History of Paraguay.

1. Introdução

A reexportação é um processo em que determinado país importa produtos não para seu mercado interno, mas para serem revendidos a um país terceiro com pouca ou nenhuma transformação realizada. O país intermediário, necessariamente com menores tarifas e restrições aduaneiras que o país final, se beneficia com a arrecadação alfandegária extra (vindas do acréscimo das importações) e a entrada de capital estrangeiro sem requerer incrementos na sua própria capacidade produtiva (LAMBERTI, 2006).

Essa estratégia tem sido um dos pilares da economia do Paraguai desde os anos 1970, durante a ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989). Sendo o país menos desenvolvido do continente, mas fronteiro com suas duas maiores economias (Brasil e Argentina), o modelo reexportador foi adotado com a ideia de rapidamente adquirir fundos para o financiamento do regime sem conflitar com a estrutura produtiva agroexportadora, desinteressada na industrialização, e também para apoiar uma agenda maior de aproximação política e econômica com o Brasil (RUIZ, 2011; YEGROS; BREZZO, 2016). O modelo, também chamado de comércio triangular, contribuiu para tornar o Paraguai um dos países mais dependentes do comércio de seus vizinhos imediatos, em particular o Brasil e a Argentina.

A reexportação não apenas sobreviveu ao fim do regime de Stroessner em 1989, como tem sido conscientemente protegida pela manutenção de tarifas alfandegárias abaixo de seus vizinhos, mesmo décadas após a redemocratização do país (ONS; RUIZ, 2011). Essa posição

cria um paradoxo na inserção paraguaia no bloco econômico do Mercosul. Sendo um país pequeno e altamente dependente do comércio com seus vizinhos, ele teoricamente seria o maior beneficiário de uma maior integração e cooperação regional. Porém, o compromisso com a reexportação mina a adoção de uma união aduaneira plena, que destruiria as vantagens tarifárias necessárias para a triangulação (MASI, 2011). Com efeito, o tema da reexportação é um dos principais temas da política externa bilateral contemporânea entre Brasil e Paraguai (HIRST, 2006).

Este artigo revisita o surgimento do comércio de reexportação no Paraguai, como ele vem afetando as relações deste com o Mercosul, e sua dimensão atual para especular suas perspectivas futuras.³ Busca-se responder a seguinte pergunta: Quais os dilemas enfrentados pelo Paraguai no avanço do processo de integração do Mercosul? O artigo está dividido em sete seções. Seguindo esta introdução, a segunda parte revisita o desenvolvimento histórico do país. A terceira aborda a formação do regime de reexportação. A quarta contextualiza a inserção paraguaia no Mercosul. A quinta apresenta a perspectiva paraguaia do Mercosul. A sexta analisa dados relevantes sobre o comércio triangular para avaliar sua importância nas discussões políticas do país. Por fim, são tecidas as considerações finais do trabalho.

2. Precedentes históricos

O Paraguai nem sempre foi uma referência de abertura econômica e dependência comercial. Pelo contrário, pela maior parte de sua história foi considerado uma nação isolada política, cultural e economicamente de seus vizinhos e o resto do mundo (LAMBERT; NICKSON, 2013). As décadas seguintes à morte de Solano López, em 1870, foram marcadas por um

³ Este trabalho é fruto da pesquisa de Kevin Wanderlan Fernandes dos Santos para seu trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da professora Luiza Peruffo.

constante estado de instabilidade política e social. Desde a independência o país fora centralizado em um governante autoritário, e as novas instituições foram incapazes de criar uma democracia (ou mesmo ditadura) funcional. Entre 1870 e 1954 houve 44 presidentes no país, 24 deles tirados do poder com violência e 27 não governando por mais de dois anos (LAMBERTI, 2011). A instabilidade crônica impediu uma política de desenvolvimento coerente capaz de reverter os efeitos da guerra (FARINA 2003, p. 93).

O ponto de inflexão na construção do Paraguai moderno se deu com a ascensão de Alfredo Stroessner em 1954. Stroessner era o chefe das Forças Armadas em 1954, e conseguiu com sucesso unir os militares para tomar o poder em meio a outra crise política no país. Diferente dos ditadores predecessores, Stroessner conseguiu estabelecer um eficaz aparato de repressão política com ajuda dos militares e da força policial. Sua postura anticomunista também garantiu o apoio dos Estados Unidos com o acirramento da Guerra Fria e a Operação Condor (FARINA, 2003). Seu regime de 35 anos permitiu pela primeira vez, desde o governo López, uma política de desenvolvimento coerente e de longo prazo. O progresso econômico era visto como chave para sua permanência no poder.

Em seu governo, marcado na historiografia paraguaia como “*El Stronato*”, buscou cooptar investimento e cooperação internacional de países anticomunistas como os EUA e o Brasil (após 1964) com um posicionamento austero e neoliberal. Pode-se argumentar, como faz Masi (2006), que Stroessner antecipou o Consenso de Washington, que só seria estabelecido após sua queda. O período foi marcado pela modernização da infraestrutura graças à liberação de crédito e assistência financeira do estrangeiro (LAMBERTI, 2011).

Sem fronteira marítima, o Paraguai em meados dos anos 1950 ainda era totalmente dependente do porto de Buenos Aires para exportar seus produtos. A estagnação e crescente fraqueza da economia argentina, e sua

oposição ideológica ao regime de Stroessner, tornava pouco atraente manter o país como principal parceiro comercial. Assim, a cooperação e aproximação do Brasil, em detrimento da Argentina, se tornou uma prioridade geopolítica (YEGROS; BREZZO, 2016).

A interligação entre Paraguai e Brasil, não só geopolítica como física, se deu de duas principais formas: (i) a criação de estradas e assentamentos em direção à fronteira, a fim de interligar o país ao porto de Paranaguá e expandir a fronteira agrícola; e (ii) a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

A Usina se tornou um dos principais motores da economia, desencadeando o surgimento de diversos empreendimentos públicos e privados entre as duas nações e um “milagre econômico”⁴ ao Paraguai. A usina também atraiu, junto de uma política imigratória liberal e a privatização de terras, um grande fluxo de brasileiros e empresas estrangeiras para o leste do país, seguido de um êxodo rural de paraguaios para as novas cidades. Colonos brasileiros também introduziram ao país a produção de soja e algodão, expandindo a fronteira agrícola e integrando-a ao mercado global (LAMBERTI, 2011).

Os avanços na modernização da infraestrutura e comunicações durante *El Stronato* não deve ser confundido com algum tipo de desenvolvimentismo ou industrialização. Stroessner nunca teve interesse em desenvolver um modelo de substituição de importações, como seus vizinhos fizeram décadas antes, não querendo atrapalhar os interesses agropecuários e despender as escassas receitas do país (MASI, 2011). Estes ocorreram no contexto de dar espaço para o escoamento das exportações e consolidação do Paraguai como um país primariamente agroexportador de alguns poucos produtos agrícolas. Os pilares da economia paraguaia durante todo o período seriam o comércio agroexportador, a reexportação, e a venda de energia elétrica. A indústria começaria a ser desenvolvida

⁴ Durante os anos da construção da usina (1974 a 1982) o Paraguai teve uma média de crescimento anual do PIB de 9,7%.

lentamente apenas na década de 1980, com o estabelecimento de maquilarias do estrangeiro em busca de mão de obra barata (MASI, 2011).

Ademais, o regime nunca superou, mas incentivou e expandiu, a cultura de corrupção e clientelismo sistêmico nas instituições paraguaias existentes desde a independência (FARINA, 2003; LAMBERTI, 2011). O crescimento econômico não correspondeu às expectativas quanto a melhora na qualidade de vida em geral, e associados de Stroessner foram os principais beneficiários das reformas agrícolas e comerciais (LAMBERTI, 2011). A debilidade do estado paraguaio deu espaço para o emprego informal e contrabando entre a fronteira, que seria uma das raízes do modelo reexportador e empecilhos para o desenvolvimento do país (MASI; BORDA, 2002, p. 17).

Em conclusão, percebe-se que, enquanto Stroessner estabilizou e modernizou o país, também cimentou os entraves de seu desenvolvimento. Tornando a agroexportação e o comércio triangular os pilares “produtivos” do país, se criou uma elite moderna que se beneficiava de um setor público sem transformação e submisso aos ditames do mercado internacional (MASI; BORDA, 2002). Isso vai ao encontro da opinião de Lamberti (2011, p. 158) quando afirmou: “A vida econômica do Paraguai não se explica pelos êxitos e fracassos da estratégia de crescimento para fora e sim pela habilidade do Estado em tirar proveito das condições externas”. É no contexto de crescimento econômico e aproximação com o Brasil que surgem as bases para o regime de reexportação. Grande parte do desenvolvimento de Stroessner consistiu na modernização da infraestrutura e sistema de comunicações, dando espaço para o escoamento da exportação.

3. Formação do regime de reexportação (1954-1989)

O comércio triangular tem suas origens legais em dois regimes de importação da era Stroessner: (i) o regime de despacho fronteiro e (ii) o regime de despacho em trânsito (RUIZ, 2011).

O primeiro se deu como um artifício para tornar o contrabando em uma ferramenta do Estado. O incentivo fiscal era aplicado a produtos de consumo como cigarros e bebidas alcoólicas produzidas pelos países vizinhos. Ao serem exportados ao Paraguai, os operadores (geralmente brasileiros) recebiam a restituição de impostos pagos internamente. Já no Paraguai, sem receber novos custos tributários extras, podiam retornar ao Brasil de modo competitivo via contrabando (RUIZ, 2011).

Já possuindo significativas vantagens fiscais e tarifárias em relação aos seus vizinhos, o Paraguai se tornou um polo contrabandista graças à disposição da guarda militar paraguaia, responsável pelo controle da fronteira, de se tornarem cúmplices dessas organizações. Apesar de o regime em si se referir apenas ao comércio de bens de consumo, a força adquirida por organizações criminosas no período permitiu sua extensão ao tráfico de drogas, armas, carros e outras formas de lavagem de dinheiro. Lamberti (2011) explica que, apesar do contrabando existir desde os tempos coloniais, o contrabando da época não teria prosperado sem a corrupção das autoridades de vigilância paraguaias.

O segundo regime, por sua vez, é a base do modelo que perdura até os dias de hoje. Enquanto o regime de despacho fronteiro tratava de bens de consumo regionais, o regime de despacho em trânsito dava benefícios fiscais a produtos (em geral, bens de capital) vindos da Ásia e da América do Norte para serem reexportados ao Brasil e Argentina. A medida foi adotada em 1972 junto do despacho fronteiro, com o explícito propósito de “obter recursos fiscais”⁵, mas ganhou força apenas no final da década de

⁵ Segundo a Resolução MH N° 70/77 (Ruiz, 2011).

1980 (Ruiz, 2011). Durante esse período, cidades como Ciudad del Este e Pedro Juan Caballero estabeleceram grandes “shopping centers” para os brasileiros, trazendo um importante dinamismo econômico para essas cidades. O comércio triangular também deu surgimento aos chamados “sacoleiros”: o Brasil e Argentina tem um limite de isenção alfandegária para seus cidadãos que compram no exterior. Para contornar essa restrição, os sacoleiros (geralmente paraguaios, mas às vezes brasileiros e argentinos) vão e vem entre a fronteira para comprar e vender os produtos em pequenas quantidades para os turistas comerciais (Lamberti, 2006).

O fim da ditadura militar, em 1989, seguiu uma tendência de redemocratização na América do Sul, e com ela, a necessidade de grandes reformas institucionais, que afetariam o modelo de reexportação de Stroessner. O caráter informal e grandemente complacente ao contrabando da política comercial de Stroessner trouxera uma má reputação ao país, e o Brasil em particular começava a aplicar medidas internas para frear as operações da fronteira (Ruiz 2011, p. 134).

A resposta não foi o abandono do sistema de triangulação, mas sua reforma. O regime de despacho fronteiriço foi gradualmente abolido, enquanto o regime de despacho transitório foi substituído em 1991 pelo Regime de Turismo, sendo até hoje o aparato legal que rege o modelo reexportador. Assim como o anterior, prevê incentivos fiscais para a reexportação de produtos independentes de transformação. A diferença se dá com a melhor formalização do processo⁶, incentivando o registro comercial e arrecadação (Lamberti, 2011). A reexportação cresceu tanto que em 1995 era mais que o triplo das exportações regulares, e representava cerca de 33% do PIB nacional.

Em uma releitura da história econômica paraguaia, podemos observar que ela tem se sustentado na exploração de seus recursos

⁶ Isso não significa que as informações de reexportação sejam fáceis de mensurar ou que não haja espaço para irregularidades no regime. Isso se evidencia quando produtos importados pelo regime são vendidos para sacoleiros (dentro do país) que venderão no outro lado da fronteira. Nessa situação, comum e totalmente dentro da legalidade, não se registra nas contas públicas a saída dos produtos.

naturais, incluindo seus recursos hidrelétricos, e mais recentemente no comércio triangular. Como apontam Masi e Borda (2002), a semelhança destes é a dependência do mercado internacional em detrimento de uma economia transformadora. Enquanto a economia paraguaia vem se tornando mais diversificada nas últimas décadas (de forma lenta, mas contínua), o legado do comércio triangular é o que tem causado mais atritos no modelo de integração previsto pelo bloco econômico do Mercosul, ao qual o Paraguai se uniu em 1991 como membro fundador. As implicações teóricas desse conflito e seus desenvolvimentos políticos serão explorados na seção seguinte.

4. Inserção do Paraguai no Mercosul

Para compreender os dilemas enfrentados pelo Paraguai, precisamos fazer algumas considerações teóricas sobre integração econômica e a agenda do Mercosul. As negociações que dariam origem ao Mercosul vieram de um longo processo de transformação geopolítica no Cone Sul nas últimas décadas do século XX. A Guerra Fria estava no seu fim, os regimes autoritários da região sucumbiam e a rivalidade histórica entre o Brasil e a Argentina se transformava em cooperação e propostas de integração regional. Com o Uruguai unindo-se às negociações em 1988, o Paraguai declararia interesse somente após ser formalmente convidado em 1990, um ano após a queda do regime Stroessner (YEGROS; BREZZO, 2016).

O resultado foi a assinatura do Tratado de Assunção em 1991, oficializando o Mercosul e seu objetivo de se tornar um mercado comum pleno até 1995. Conforme delineado no Tratado de Assunção, isso implica: (i) a livre circulação de bens e fatores produtivos de seus membros; (ii) o estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC) e uma política comercial unificada; (iii) a coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais entre os países membros; e (iv) o compromisso de harmonizar

suas legislações para o fortalecimento da integração regional. A definição de mercado comum, bem como as etapas para atingi-lo, vão ao encontro da esquematização clássica da integração econômica descrita por Balassa (1962). Sob essa perspectiva, cada estágio de integração implica em maior coordenação e comprometimento políticos e econômicos das partes assinantes. Ou seja, quanto maior a integração, mais o país membro precisará abrir mão de sua soberania para adotar políticas comerciais, cambiais etc. em prol da agenda do bloco. Tendo isso em consideração, a integração é facilitada quanto menos divergência socioeconômica existe entre os países (PERUFFO, 2012).

As assimetrias do Mercosul eram nítidas desde a fundação do bloco. O Brasil e a Argentina representam, respectivamente, 72% e 23% do PIB do bloco, e 79% e 17% de sua população total. A visão inicial do bloco era que as assimetrias existentes não eram obstáculo significativo para a integração, e que a dinâmica do comércio regional e competitividade traria crescimento em especial aos países menores (MASI; BORDA, 2002; SOUZA; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2010).

Inclusive na época da assinatura do Tratado de Assunção, críticos apontavam o curto prazo para a adoção do mercado comum, dadas as incertezas macroeconômicas do período e a dificuldade em encontrar uma Tarifa Externa Comum (TEC) aceitável para todos os membros. Ao fim de 1994, reconhecendo a impossibilidade de um mercado comum, no ano seguinte, foi acertada uma TEC com dois grandes grupos de exceções: o primeiro era uma lista de 900 bens de capital (a maioria bens de informática e telecomunicação) cujas tarifas nacionais convergiriam até 2000 para o Brasil e Argentina, e 2005 para o Uruguai e Paraguai. O outro grupo eram as Listas Nacionais de Exceção (LNE), que dava aos países o direito de incluir quaisquer produtos que considerassem necessário para não impactar seu custo de produção e indústria interna. Brasil e Argentina receberam o limite de 300 itens, enquanto Uruguai e Paraguai poderiam escolher 399 produtos cada. Posteriormente, foram criadas outras listas

dando exceções especiais a bens de capital e bens de informática e telecomunicações sem produção nacional (KUME; PIANI, 2011).

Enquanto o primeiro grupo de fato convergiu nos prazos estipulados, as LNEs têm sido continuamente prorrogadas, com as cotas sendo alteradas. Atualmente, o Brasil e a Argentina têm o limite de até 100 códigos a serem adicionados em sua lista. O Uruguai tem 225. O Paraguai foi o único a aumentar sua cota, mantendo sua lista original e criando mais duas, totalizando 649 tipos de produtos com tarifa autônoma⁷. Sendo assim, o Mercosul se configurou, e permanece sendo, uma união aduaneira imperfeita. Kume e Piani (2011) sugerem que a TEC aprovada, estruturalmente imperfeita e com poucas perspectivas de manutenção, só pôde ser aprovada pelo desejo de assegurar a credibilidade de um processo de integração nominal.

À luz da teoria e dos defensores do Mercosul, a prioridade atual para atingir os objetivos do Tratado de Assunção deve ser a concretização de uma união aduaneira plena (FOHS, 2024), o que significa uma TEC consistente para todos os membros do bloco. Caso isso ocorra, o Paraguai perderia a vantagem tarifária que permite o comércio de reexportação e a economia decorrente dele. Isso inclui a receita aduaneira arrecadada, o fluxo de turistas comerciais brasileiros (que por sua vez fomentam outros segmentos da economia fronteiriça) e os comerciantes paraguaios dependentes dele (MENEZES; PENNA, 2006). Enquanto é normal haver algumas exceções em uniões aduaneiras, o caso do Mercosul é particularmente chamativo (em comparação a outros blocos) pelo número de exceções e o quanto estas afetam as importações totais, em especial no Paraguai (RUIZ, 2011). Tendo em consideração as implicações teóricas da TEC, e sua implementação, na próxima seção analisa-se como tem sido de fato o trajeto do Paraguai no Mercosul.

⁷ Ver Resolução da GECEX 288/2021 com a decisão do Conselho do Mercado Comum N° 11/21, em Anexo Único, publicada no Diário Oficial da União (MERCOSUL; CMC; DEC, 2021).

5. Perspectiva paraguaia do mercosul

Tanto na literatura paraguaia quanto na brasileira, a inclusão do Paraguai como membro fundador do Mercosul é descrita como tendo sido uma surpresa no campo geopolítico. Yegros e Brezzo (2016) fazem esse ponto dando ênfase na cultura política tradicionalmente chauvinista do país e a estratégia histórica de balancear a influência argentina e brasileira a fim de obter favores. Já Menezes e Penna (2006) expressam a mesma opinião com foco na questão da reexportação, estrutura produtiva e a assimetria econômica do país em relação aos outros integrantes. Em um bloco de desiguais, o Paraguai era não só o menos relevante economicamente, mas menos desenvolvido em termos de IDH, PIB per capita e urbanização. Apesar de melhorias relativas no IDH e participação do PIB (de 1,1% para 1,6% do PIB total do bloco), essas assimetrias permanecem até hoje, como se observa na Tabela 1.

Tabela 1 – Assimetrias Econômicas do Mercosul - 2022

País	PIB	População	IDH	PIB per capita (em US\$)	Pop. Urbana
Brasil	72,1%	79,1%	0.760	9.455	87%
Argentina	23,7%	16,9%	0.849	13.650	92%
Uruguai	2,7%	1,3%	0.830	20.793	96%
Paraguai	1,6%	2,7%	0.731	6.152	62%

Fonte: Elaborado com base nos dados de Banco Mundial (2024).

Outra questão era a suposta rivalidade produtiva dos poucos bens agrícolas exportados pelo país com suas contrapartes estrangeiras. Os maiores opositores ao projeto foram os agricultores e alguns empresários, temendo o aumento da concorrência e o influxo de bens brasileiros nos quais seriam incapazes de competir. Contudo, ainda que a maior oposição tenha vindo desses grupos, a maioria se mostrou indiferente ou pragmática em relação ao bloco (RODRÍGUEZ, 2001; AYALA DIARTE, 2013).

Os motivos que levaram o Paraguai a se unir ao bloco são complexos. Vale ressaltar que essa decisão não veio da pressão de grupos de interesse

domésticos, mas de decisões governamentais voltadas ao comércio exterior (KFURI; LAMAS, 2008). Alguns dos principais motivos em prol da decisão final foram os seguintes fatos: (i) a economia estava estagnada desde meados dos anos 1980, fruto do fim da construção da Hidrelétrica de Itaipu e deterioração dos termos de troca dos produtos agrícolas, em particular do algodão (RODRÍGUEZ, 2001); (ii) a formação de blocos econômicos dos anos 1980 para 1990 era um fenômeno global, onde em particular regiões subdesenvolvidas buscavam se proteger dos efeitos da globalização financeira (OCAMPO, 2006); (iii) os Estados Unidos, os maiores aliados e parceiros comerciais do Paraguai fora da América do Sul, mudaram sua política externa com o fim da Guerra Fria, abertamente incentivando a criação de blocos de livre comércio na região (KFURI; LAMAS, 2008); e (iv) sendo dependente economicamente do Brasil e Argentina, sua exclusão do bloco reduziria seu poder de barganha regional, já relativamente fraco e quase inexistente a nível mundial (RODRÍGUEZ, 2001).

Em suma, o governo paraguaio temia se manter à margem do novo sistema mundial de comércio e incidentalmente sinalizar o retorno do isolacionismo pré-Stroessner. Ademais, a criação de uma zona de livre comércio era compatível com o que Masi (2006) chamou de “integração orientada à intermediação”, promovida pelo país, que poderia fomentar o comércio regional que havia se enfraquecido na década anterior. Em outras palavras, o custo de se unir ao bloco era menor que permanecer fora dele e se alienar dos parceiros regionais e globais.

Os primeiros anos do Mercosul trouxeram resultados dubiamente positivos para o país. O “período probatório” da zona de livre comércio, entre 1991 e 1995, resultou em um forte acréscimo na exportação intrabloco, porém menores que o esperado (BORDA; CABALLERO, 2020). Já exportações internacionais se mantiveram estagnadas até 1997. O número de produtos exportados sextuplicou entre 1989 e 1999, depois triplicando ao chegar em 2006. Com o destino desses novos produtos sendo

majoritariamente os países do Mercosul, poderia se inferir que o bloco ajudou o país a diversificar sua produção. Porém, se reconhece que esse aumento de diversificação não foi particularmente maior que a média global nos anos 1990 (AYALA DIARTE, 2013).

Os problemas estruturais do Mercosul ficaram ainda mais expostos com sua transição para uma União Aduaneira em 1995. A TEC aprovada era essencialmente o reflexo da estrutura produtiva brasileira e argentina⁸, com uma tarifa externa relativamente alta em comparação aos outros dois membros, com uma larga lista de exceções para aplacar os países menores. O resultado foi que o Paraguai abriu mão de fixar uma estrutura tarifária que beneficiasse uma redução dos custos de sua produção ou consumo de bens. Ao invés disso, as Listas de Exceções à TEC acabaram sendo utilizadas para a proteção do comércio triangular, que teoricamente deveria ter acabado na formação do Mercosul (MASI, 2006; BORDA; CABALLERO, 2020).

Enquanto a maioria dos governos paraguaios após a independência promoveram o Mercosul como forma de legitimar o regime democrático, se manteve forte na opinião pública (e a certo nível, na oposição política) do Paraguai um ceticismo em relação ao bloco (ARCE, 2010; BORDA; CABALLERO, 2020). Essa oposição ideológica, junto das questões econômicas, criou uma cultura diplomática marcada por uma série de desavenças que levaram o país a ser referido como um “estado problema” na visão de alguns observadores (RODRÍGUEZ, 2001; ARCE, 2010; SILVA; RODRIGUES, 2011). Entre esses desencontros, se destacam: (i) a já mencionada irredutibilidade em preservar sua política comercial autônoma, frustrando as tentativas de formar uma TEC consistente e uma união aduaneira plena; (ii) diversas tentativas de criar acordos bilaterais fora do bloco, em particular com os EUA (SILVA; RODRIGUES, 2011); e (iii) um “desencontro diplomático”: por anos o país foi único membro a recusar a

⁸ A principal diferença entre as duas era que a Argentina, assim como o Uruguai e Paraguai, pleiteava uma TEC reduzida para bens de capital, informática e telecomunicações, os quais o Brasil era o maior produtor do bloco.

adesão da Venezuela ao bloco. O país somente entrou com a breve suspensão do Paraguai em 2012, no *impeachment* de Fernando Lugo⁹.

Uma vitória para o Paraguai foi a criação do Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul (FOCEM) em 2004, criado para financiar projetos nos países menos desenvolvidos do bloco e nivelar as assimetrias. O fundo previa um aporte de US\$100 milhões anualmente, de contribuição proporcional ao PIB dos países membros. Assim, o Paraguai contribuiria com apenas 1% do fundo, mas seria seu maior beneficiado com 56% dos direitos de uso. Previsto para durar 10 anos, o bloco renovou a validade do fundo em 2015, mas não deu continuidade efetiva ao projeto, que permanece sem novos aportes desde 2016. Até o momento, o FOCEM foi a única medida concreta do Mercosul para mitigar as assimetrias estruturais entre seus membros (LEMOS, 2023).

No quesito econômico, desenvolvimentos recentes têm contribuído para distanciar o Paraguai do Mercosul. Nas primeiras duas décadas do bloco, o país teve a menor média de crescimento anual do PIB. Porém, a partir da década de 2010, se tornou a economia com maior crescimento do bloco¹⁰. Esse crescimento não é atribuído ao Mercosul, que teve pouco desenvolvimento no período, mas sim a políticas de combate à extrema pobreza (negligenciadas até então), e à estabilidade fiscal e monetária do país. Ao se manter economicamente aberto e estável enquanto seus maiores vizinhos, Brasil e Argentina, passavam por grandes crises fiscais e monetárias, centenas de empresas regionais e intercontinentais se estabeleceram no país, ajudando a diversificar a economia (BORDA; CABALLERO, 2020). Em meio a instabilidade crônica dos países maiores, em particular crises inflacionárias, a ideia de fortalecer uma união

⁹ A entrada de um novo membro e diversos acordos comerciais feitos durante a suspensão de dez meses do Paraguai foi motivo de grande polêmica no país, que por anos pleiteou contra a legalidade da decisão. A questão abrandou-se somente com a suspensão da Venezuela em 2016.

¹⁰ Segundo dados do Banco Mundial (2024).

aduaneira (ou como alguns propõe, uma união monetária¹¹) se torna pouco atrativa para o Paraguai.

A conclusão de muitos autores é que a experiência paraguaia no Mercosul tem sido uma decepção tanto do país quanto do resto do bloco (ARCE, 2010; MASI, 2011; SILVA; RODRIGUES, 2011; BORDA; CABALLERO, 2020). Da parte do bloco, o Paraguai parece mais interessado em utilizar seu status como membro para alavancar acordos bilaterais fora do bloco e receber apoio através de instituições como o FOCEM (SILVA; RODRIGUES, 2011). Já para o Paraguai, os benefícios econômicos têm sido dúbios e difíceis de mensurar. Porém, grande parte disso se deve à superficialidade da integração acertada com o Mercosul. Ao se recusar a abrir mão de sua política comercial, o Paraguai renuncia a uma integração mais profunda com seus vizinhos em prol de um comércio reexportador que não traz benefícios ao seu setor produtivo (MASI, 2011). Tendo isso em consideração, na próxima seção analisaremos a relevância do regime reexportador na economia paraguaia e se ela justifica a irredutibilidade ainda mantida no país.

6. Mensurando o regime de reexportação

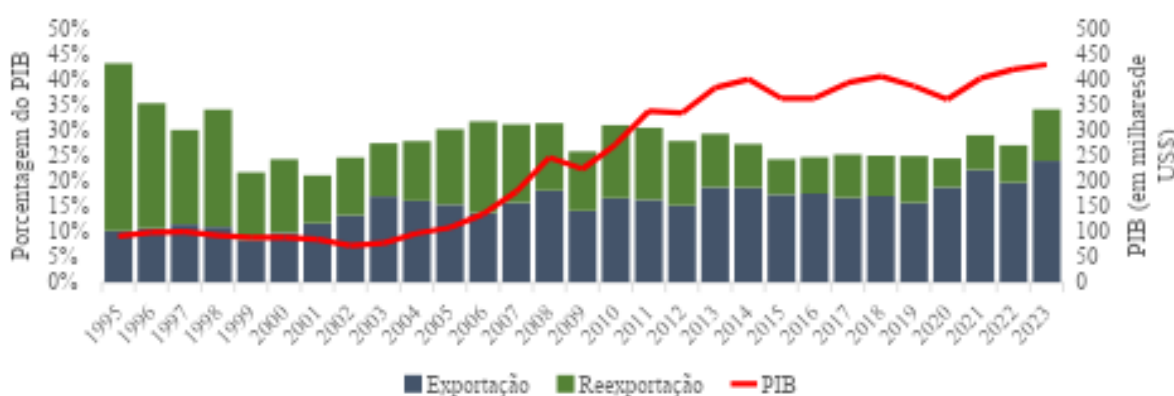
Nesta seção, busca-se mensurar o escopo do atual regime com base nas seguintes métricas: quantidade de reexportações, sua proporção nas exportações em geral, seu impacto na balança comercial e contribuição na arrecadação pública. A este último é dado destaque, já que fora o motivo explícito pelo qual o regime foi inicialmente adotado. Uma métrica relevante também seria a geração de empregos associados à reexportação, porém não foi incluída devido à falta de dados. Ruiz (2011, p. 178) estima, grosso modo, que existem 12.000 postos de trabalho diretamente

¹¹ O Brasil e a Argentina discutiram seriamente a criação de uma moeda comum regional em diferentes momentos: 1987, 1998, 2008 e 2022. As discussões mais recentes, reprovadas pelo presidente paraguaio, tiveram fim com a mudança do governo argentino no final de 2023.

associados à reexportação: 8.000 informais (sacoleiros, transporte de turistas, etc.) e 4.000 formais (comerciantes e serviços profissionais).

O Gráfico 1 demonstra o grande peso que as reexportações tiveram no país, em particular na década de 1990. Ainda assim, seu peso caiu de quase um terço da economia paraguaia, para apenas 10% em 2023, e um mínimo de 6% no ano da pandemia do Covid-19. As exportações próprias têm crescido em importância graças ao boom das commodities, a crescente demanda de países asiáticos emergentes (em particular a China e Índia) e aos avanços técnicos associados à agropecuária (AYALA DIARTE, 2013), mostrando a prevalência do modelo agroexportador herdado da era Stroessner.

Gráfico 1 – Exportação Própria e Reexportação como porcentagem do PIB (1995-2023)



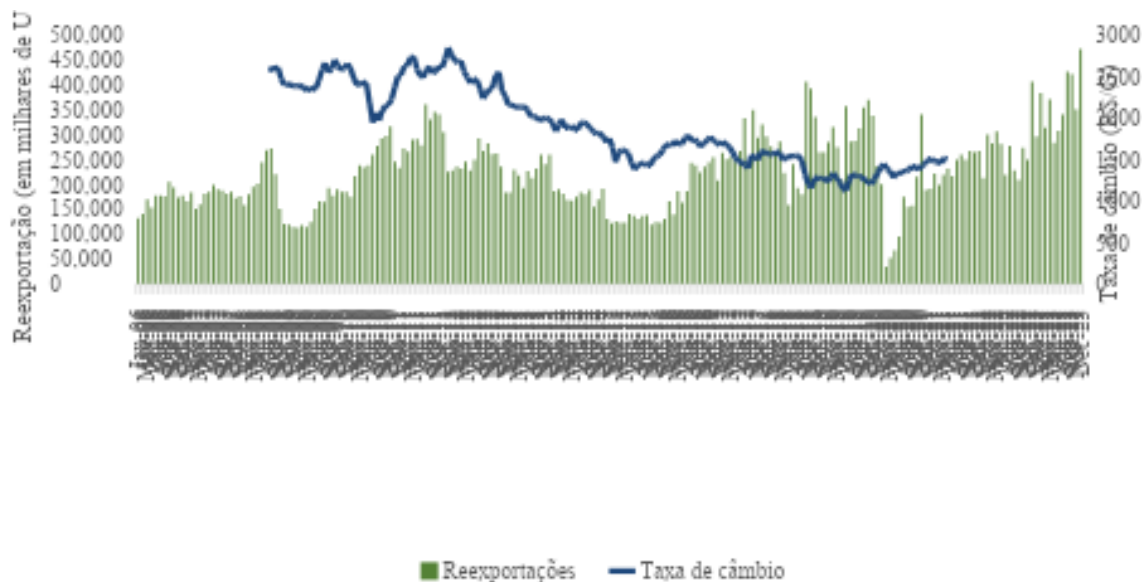
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Banco Central del Paraguay (2024)

Também podemos observar que a queda das reexportações em relação à economia não necessariamente se manifestou em números absolutos, salvo alguns períodos de crise internacionais ou regionais. Lamberti (2011) atribui a baixa no fim do século XX à crise bancária no país¹² e à crise do real em 1999, quando a adoção do câmbio flutuante no Brasil causou a desvalorização da moeda. Posteriormente, em um informe especial de comércio exterior, o OBEI (2016) atribui a decadência das reexportações ao enfraquecimento do real brasileiro a partir de 2010, tendo

¹² Em 1995 e 1997 o Paraguai passou por uma série de escândalos financeiros relacionados à liberalização da economia e a corrupção herdada do regime militar. Nesse período, mais da metade dos bancos e dois terços das empresas financeiras do país declararam falência.

seu mínimo no período de recessão em 2015 e 2016. Essa premissa pode ser mais bem observada no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Reexportações (em milhares de US\$ correntes) x Taxa de Câmbio Real/Guarani (2006-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Banco Central del Paraguay e Google Finance (2024)

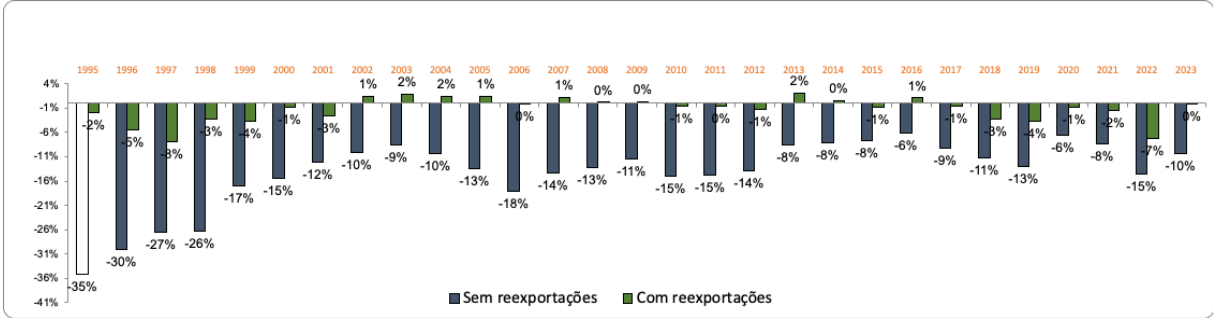
A tese do OBEI parece se comprovar ao vermos a influência do real (e de modo geral, da economia brasileira), não apenas na no período de 2010-2016, mas também nos choques da crise de 2008 e a do Covid-19 em 2020, que afetaram mais o real brasileiro em relação ao guarani paraguaio, possivelmente em função da maior inserção global do Brasil. Não é, porém, uma correlação direta, ao vermos que a tendência de queda das reexportações foi quebrada após 2020. Ainda assim, pelo menos parte desse crescimento pode ser atribuído à recuperação econômica brasileira¹³.

Outro ponto relevante é o impacto que as reexportações têm na balança comercial do país. Nunca havendo passado por um processo de substituição de importação (LAMBERTI, 2011), o país tem um persistente déficit comercial. O modelo de triangulação tem sido importante para mitigar tal déficit, ainda que com sua eficácia evidentemente declinante,

¹³ Apesar do modesto fortalecimento do real, o PIB brasileiro teve um crescimento anual médio de 3,6% entre 2021 e 2023, a maior taxa desde 2010.

conforme ilustrado no Gráfico 3. Com uma economia pequena e particularmente vulnerável a choques externos, o Paraguai tem um maior incentivo em preservar esse equilíbrio para manter sua estabilidade monetária. (ROJAS, 2016).

Gráfico 3 – Saldo da balança comercial em % do PIB (1995-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Banco Central del Paraguay (2024).

Em relação à arrecadação, este foi um dos principais motivadores por trás da adoção do regime de triangulação, sendo explicitamente reconhecido pelo Ministério da Fazenda como uma medida criada com o objetivo de gerar recursos fiscais. Masi (2011) considera esse o principal argumento corrente no país em defesa da permanência do regime, e que se consagrou no imaginário popular paraguaio como uma suposta dependência fiscal das reexportações. Essa visão é questionada por Ruiz (2011), que realizou um estudo sobre a arrecadação gerada entre os anos 2003 e 2010, conforme ilustra a Tabela 2.

Tabela 2 - Contribuição do Regime de Turismo na Arrecadação Total (em milhões de US\$) (2003-2010)

Imposto arrecadado	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Arrecadação Aduaneiras pelo Reg. de Turismo	28	43	44	49	61	91	71	114
Imposto de Renda e IVA (Reg. de Turismo)	16	21	25	32	36	50	44	72
Total do Reg. de Turismo	44	64	69	81	97	141	115	186
Arrecadações totais	554	805	889	1102	1398	1724	1860	2423
Contribuição do Reg. De Turismo	8%	8%	8%	7%	7%	8%	6%	8%

Fonte: Elaboração própria com base em Ruiz (2011)

Como observado, a contribuição direta da importação de produtos que entram pelo Regime de Turismo compôs entre 6% e 8% das arrecadações totais do país. Esse valor inclui não apenas a tarifa alfandegária, mas também o de renda e o imposto de valor agregado (IVA) sob os reexportadores. Ruiz (2011) adiciona que, ao considerar o valor agregado de atividades associadas (como transporte de turistas, serviços profissionais etc.), pode se estimar cerca de 14% de contribuição total. São números consideráveis, mas que dificilmente implicam uma dependência fiscal das reexportações. Considerando que no período do estudo as reexportações tinham um peso de 10% a 15% do PIB, é razoável presumir que o impacto nas arrecadações é ainda menor atualmente. Ademais, no mesmo estudo é estimado a compensação que um abandono das reexportações teria caso acompanhado da remoção das exceções à Tarifa Externa Comum do Mercosul, impostas para proteger a competitividade das reexportações. Segundo Ruiz (2011), haveria um acréscimo de 7% na arrecadação pública, não superando a arrecadação do período estudado, mas significativamente mitigando seus efeitos.

Não foi possível encontrar dados para a elaboração de uma tabela similar nos anos seguintes ao estudo de Ruiz (2011). Embora existam registros de arrecadação aduaneira de 2018 a 2022 que incluem os impostos diretos sobre os produtos que entram pelo Regime de Turismo, não se incluem informações como o imposto sobre a renda e IVA dos reexportadores, o que impede análises precisas sem recorrer a estimativas grosseiras. Vale afirmar que, entre 2018 e 2022, a tributação alfandegária do Regime de Turismo flutuou entre apenas 3% a 3,6% das arrecadações totais (DNIT, 2022). Caso a relação entre a alfândega e o imposto sobre renda e IVA ainda seja similar aos de 2011, a contribuição total do Regime de Turismo chegaria a pouco menos que 5% das contas públicas totais (DNIT, 2022).

7. Considerações finais

Observamos na revisão histórica que o regime de reexportação, por muito tempo, foi caracterizado na historiografia paraguaia como um dos pilares de sua economia nacional, frequentemente justificando sua priorização frente a medidas de integração que o ameaçam (MASI; BORDA, 2002; RUIZ, 2011; AYALA DIARTE, 2013). Foi também acertado categoricamente por Ons e Ruiz (2011), e inferido pelos autores previamente citados, que o comprometimento do Paraguai com o Mercosul tem sido mínimo, em particular em relação a sua política comercial. Com a contextualização histórica e atual do regime de reexportação, podemos fazer algumas colocações relevantes ao debate de sua manutenção e espaço na política econômica paraguaia.

É evidente que a economia reexportadora, apesar de outrora ter sido um componente significativo da economia paraguaia, se encontra em decadência desde os anos 1990. Enquanto a tendência de queda foi quebrada a partir de 2021, parece improvável que ela volte a ter um peso próximo do que tinha ao final do século anterior. Porém, há mais de uma década atrás, Ruiz (2011) afirmou que não seria sensato o desmantelamento abrupto do regime, que na época ainda representava cerca de 6% a 8% da arrecadação tributária. Apesar de não haver dados concretos, é razoável inferir que sua contribuição às contas públicas (o motivo principal de sua implementação inicial) e geração de emprego também vêm diminuindo, ainda que não sejam necessariamente valores negligenciáveis. Outro importante fator a ser considerado é o peso da reexportação na balança comercial (ver Gráfico 3). Masi (2006) e Borda e Caballero (2020) atribuem ao modelo reexportador, adotado no lugar do modelo de substituição de importações, um dos principais responsáveis pela relativa estabilidade macroeconômica do Paraguai, em contraste com seus vizinhos. Com as recentes crises monetárias e fiscais do continente, reformas estruturais que

ameaçam a balança comercial e a estabilidade monetária seriam pouco atrativas, especialmente a uma economia pequena como a paraguaia.

Com base no nacionalismo histórico do país e ressentimento em relação aos seus vizinhos, pode se interpretar que a “integração orientada pela intermediação”, como descreve Masi (2006), é uma forma do Paraguai acertar sua autonomia ao promover uma política comercial em seus próprios termos. Isso acaba tornando irônico os dados apresentados no Gráfico 2, que mostram que o modelo é particularmente vulnerável a choques externos e especialmente dependente da economia brasileira, validando as preocupações de autores como Masi (2011), Ruiz (2011) e Ayala Diarte (2013).

Observamos também que há um sentimento de descontentamento no Paraguai em relação ao Mercosul. Os resultados pouco satisfatórios do bloco frequentemente levam ao argumento de que ele não serve para o país (ONS; RUIZ, 2011). Este argumento ignora o fato de que uma integração do bloco tem sido fracamente implementada, com a maioria das importações paraguaias de alguma forma contornando a união aduaneira (ONS; RUIZ, 2011), e evidentemente não gerando os mesmos benefícios esperados pela teoria.

Não há dúvidas que a integração econômica visada pelo Mercosul não é compatível com o comércio reexportador, visto que este somente existe graças às diferenças tarifárias entre os países. Assim, a opção por este modelo tem contrarrestado o fortalecimento de instituições do Mercosul que fortaleceriam a livre circulação de bens e serviços e, possivelmente, ajudariam o Paraguai a se integrar a novas cadeias produtivas e indústrias transformadoras (MASI, 2011). Os autores paraguaios apresentados no trabalho categoricamente defendem o Mercosul como a melhor opção para o país a longo prazo (MASI, 2011; ONS; RUIZ, 2011; AYALA DIARTE, 2013; BORDA; CABALLERO, 2020). Estabelecendo-se que o

comércio triangular depende da complacência dos principais vizinhos¹⁴, Brasil e Argentina (LAMBERTI, 2011), podemos especular que uma forma de solucionar a questão da reexportação seja por meio da cooperação entre os três países para tornar a zona fronteira em um polo de desenvolvimento industrial e comercial (RUIZ, 2011). Ademais, na elaboração deste trabalho foi notada a necessidade de mais estudos recentes sobre o impacto do modelo reexportador, a despeito de sua contínua relevância política e econômica para o futuro do Paraguai e do Mercosul.

8. Referências

- ARCE, Lucas. Tendiendo costosos puentes: Paraguay en el Mercosur. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n. 1, p. 118–133, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/6033>. Acesso em: 14 jun. 2024;
- AYALA DIARTE, Raúl Antonio. **La inserción de Paraguay en el mundo**. Assunção: Fundación Desarrollo en Democracia, 2013. Disponível em: http://amcham.com.py/wp-content/uploads/2016/12/Libro_Insercion-de-Paraguay-en-el-Mundo_2013.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.
- BALASSA, Béla. *The Theory of Economic Integration*. Illinois: Richard Irving Press, 1962.
- BANCO CENTRAL DEL PARAGUAY. **Anexo Estadístico del Informe Económico**. Assunção: Banco Central del Paraguay, 2024. Disponível em: <https://www.bcp.gov.py/anexo-estadistico-del-informe-economico-i365>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- BANCO MUNDIAL. *The World Bank Data*. **Countries and Economies**. Washington D.C.: The World Bank Group, 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- BORDA, Dionisio Cornelio; CABALLERO, Manuel. **Crecimiento y desarrollo económico en Paraguay**. Assunção: CADEP, 2020. Disponível em: https://www.conacyt.gov.py/sites/default/files/upload_editores/u454/Crecimiento_desarrollo_economico_Paraguay.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

¹⁴ Como exemplo, temos o próprio regime de despacho fronteiriço, que prosperou durante o período de *El Stronato* até ser rechaçado pelo governo brasileiro (RUIZ, 2011).

DIRECCIÓN NACIONAL DE INGRESOS TRIBUTARIOS (DNIT). **Informes de Recaudación**. Assunção, 2022. Disponível em: https://www.aduana.gov.py/?page_id=1657. Acesso em: 23 jul. 2024.

FARINA, Bernardo Neri. **El Último Supremo**: La crónica de Alfredo Stroessner. Assunção: Editorial El Lector. 2003.

FOHS, Marta. El Mercosur Frente a su Tercera Década. **Revista Política Austral**. Buenos Aires, v. 3, n. 1, p. 15-41, jan.-jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.26422/RPA.2024.0301.foh>.

GOOGLE FINANCE. **Real brasileiro a Guaraní paraguaio** [Dados históricos]. Google Finance, 24 jul. 2024. Disponível em: https://www.google.com/finance/quote/BRL-PYG?sa=X&sqi=2&ved=2ahUKEwiGvNr5_82HAXU7qpUCHSEPCEcQmY0JeqQIJBAw&window=MAX. Acesso em: 24 jul. 2024.

HIRST, Mônica. As relações Brasil-Paraguai: baixo incentivo no Lato e Stritu Sensu. **Política Externa**, v. 14, n. 3, p. 11-21, 2006.

KFURI, Regina; LAMAS, Bárbara. **Paraguai**: Quo Vadis? Entre o Mercosul e os Estados Unidos. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CENAIInternacional/2008/vol10/no1/1.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

KUME, Honório; PIANI, Guida. A tarifa externa comum no Mercosul: avaliação e perspectivas. **Boletim de Economia e Política Internacional**, p. 17-26. Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4694>. Acesso em: 23 jul. 2024.

LAMBERT, Peter; NICKSON, Andrew. **The Paraguay Reader: History, Culture, Politics**. Durham: Duke University Press, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/9780822395393>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LAMBERTI, Eliana. **Dinâmica Comercial no território de fronteira**: Reexportação e Territorialidade na conurbação Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Orientador: Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira. 2006. 93f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/989>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LAMBERTI, Eliana. **Regulação e Reprodução do Sistema Socioeconômico**: análise da trajetória do desenvolvimento do Paraguai. 2011. 283f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49857>. Acesso em: 23 de jul. 2024.

LEMOS, Tércia Rafaela Gomes Bezerra. **Avanços e perspectivas do desenvolvimento econômico e regional no Mercosul**: um estudo sobre os impactos do Focem. São Cristóvão, SE, 2023. 87 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Regional e Gestão de Empreendimentos Locais) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/18769>. Acesso em: 23 jul. 2024.

MASI, Fernando. **Paraguay**: Los Vaivenes de la Política Comercial Externa en una Economía Abierta, 2006. Assunção: CADEP. Disponível em: <https://www.cadep.org.py/uploads/2022/05/vaivenespoliticacomercial.pdf>. Acesso em: 23 de jul. 2024.

MASI, Fernando; BORDA, Dionisio. **Paraguay**. Estancamiento económico y desgaste político en los años del Mercosur. Assunção: Grupo Editor Altamira, 2002. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/Paraguay/cadep/20160721054607/6.pdf>. Acesso em 18 jul. 2024.

MASI, Fernando *et al.* **Paraguay en el Mercosur**: Asimetrías Internas y Política Comercial Externa. Assunção: CADEP, 2011. Disponível em: <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/server/api/core/bitstreams/c0cdcf36-7980-43ab-bb64-9de2d74cb010/content>. Acesso em: 23 de jul. 2024.

MENEZES, Alfredo da Mota Menezes; PENNA, Pio Filho. **Integração Regional**: blocos econômicos nas relações internacionais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

MERCOSUL; CMC (Conselho do Mercado Comum); DEC. nº 11/21. Modificação da Decisão CMC Nº 58/10. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 22 dec. 2021. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=515&pagina=212&data=22/12/2021&captchafield=firstAccess>. Acesso em: 28 jul. 2024.

OBEI (Observatorio de Economía Internacional). **Informe de Comercio Exterior** – 2015-2016. Assunção, fev. 2016. Disponível em: <https://www.cadep.org.py/uploads/2016/02/Informe-Especial-Comercio-Exterior-2015-ADAPTADO.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

OCAMPO, José Antonio. **Cooperación financiera regional**. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2006. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11362/2459>. Acesso em: 23 jul. 2024.

ONS Álvaro; RUIZ Francisco Dias. Desvíos del AEC: Teoría y Situación del Paraguay. *In*: MASI, Fernando *et al.* **Paraguay en el Mercosur**: Asimetrías Internas y Política Comercial Externa. Assunção: CADEP, 2011. p. 143-166.

PERUFFO, Luiza. **Integração monetária e financeira na América do Sul: a perspectiva brasileira em um sistema internacional multimonetário**. 2012. 149f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49857>. Acesso em: 23 de jul. 2024.

RODRÍGUEZ, José Carlos. Una ecuación irresuelta: Paraguay-Mercosur. *In*: SIERRA, Gerónimo. (coord.). **Los Rostros del Mercosur: El Difícil Camino de lo Comercial a lo Societal**. Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 361-372. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/sierra/rodriguez.pdf>. Acesso em: 23 de jul. 2024.

ROJAS, Gustavo Rojas de Cerqueira César. Integração Produtiva Paraguai-Brasil: novos passos no relacionamento bilateral, **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 22. Brasília: IPEA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6732>. Acesso em: 23 de jul. 2024.

RUIZ Francisco Dias. Calidad Institucional y Desempeño de la Política Comercial Externa del Paraguay. *In*: MASI, F. et al. **Paraguay en el Mercosur: Asimetrías Internas y Política Comercial Externa**. Assunção: CADEP, 2011. p. 131-140.

SILVA, André Luiz Reis da; RODRIGUES, Kamila Dalbem. Além das “assimetrias”: a participação do Uruguai e do Paraguai no Mercosul. **Meridiano 47**, v. 12, n. 125, mai.-jun. 2011, p. 25 a 31. Brasília: UNB, 2011.

SOUZA, André de Mello; OLIVEIRA, Ivan Tiago Machado; GONÇALVES, Samo Sérgio. Integrando desiguais: Assimetrias estruturais e políticas de integração no Mercosul, **Texto para Discussão, No. 1477**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, 2010. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2683/1/TD_1477.pdf. Acesso em: 23 de jul. 2024.

YEGROS Ricardo Scavone; BREZZO, Liliana. **História das Relações Internacionais do Paraguai**. Brasília: FUNAG, 2013. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/loc_pdf/184/1/historia_das_relacoes_internacionais_do_paraguai. Acesso em: 23 de jul. 2024.

(NO) TODO ES GENTRIFICACIÓN

(NOT) EVERYTHING IS GENTRIFICATION

(NEM) TUDO É GENTRIFICAÇÃO

Guillermo Jajamovich¹ 

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Resumen: La reseña analiza los aportes del libro “Vender una ciudad. Gentrificación y turistificación en los centros históricos”. Editado por la Universidad de Sevilla en 2022, contextualiza el aporte del Dr. en Geografía Ibán Díaz Parra de la Universidad de Sevilla en el marco del debate entre estudios urbanos críticos y perspectivas decoloniales. A partir del cruce entre gentrificación y turistificación en centros históricos de Ciudad de México, Buenos Aires y Sevilla, la reseña destaca la contribución del libro en términos teóricos y metodológicos, el uso de técnicas cualitativas y cuantitativas y su abordaje comparativo. Asimismo, destaca la reconstrucción de la trayectoria del propio concepto de gentrificación. Por último, se puntualizan observaciones críticas respecto a la articulación propuesta entre neoliberalismo urbano y discurso del regreso a la ciudad construida, riesgos en determinadas perspectivas críticas así como discusiones respecto a la circulación de políticas.

Palabras clave: Ciudades iberoamericanas; Gentrificación; Centros Históricos; Turistificación; Urbanismo neoliberal.

Resumo: A resenha analisa as contribuições do livro “Vender una ciudad. Gentrificación y turistificación en los centros históricos” [*Vendendo uma cidade. Gentrificação e turistificação em centros históricos*]. Publicada pela Universidade de Sevilha em 2022, a resenha contextualiza a contribuição do Dr. em Geografia Ibán Díaz Parra, da Universidade de Sevilha, no âmbito do debate entre estudos urbanos críticos e perspectivas decoloniais. Com base na interseção entre gentrificação e turistificação nos centros históricos da Cidade do México, Buenos Aires e Sevilha, a resenha destaca a contribuição do livro em termos teóricos e metodológicos, seu uso de técnicas qualitativas e quantitativas e sua abordagem comparativa. Também destaca a reconstrução da trajetória do próprio conceito de gentrificação. Por fim, são feitas observações críticas a respeito da articulação proposta

¹Investigador Independiente del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas con sede en el Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires. Doctor en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires. Correo: guillermopazajamovich@gmail.com

entre o neoliberalismo urbano e o discurso do retorno à cidade construída, riscos em determinadas perspectivas críticas e discussões sobre a circulação de políticas.

Palavras-chave: Cidades ibero-americanas; Gentrificação; Centros Históricos; Turistificação; Neoliberalismo urbano.

Abstract: The review analyses the contributions of the book "Vender una ciudad. Gentrificación y turistificación en los centros históricos" [*Selling a city. Gentrification and touristification in historic centres*]. Published by the University of Seville in 2022, it contextualises the contribution of Dr. in Geography Ibán Díaz Parra of the University of Seville, within the debate between critical urban studies and decolonial perspectives. Through the intersection of gentrification and touristification in the historic centres of Mexico City, Buenos Aires, and Seville, the review highlights the book's theoretical and methodological contributions, the use of qualitative and quantitative techniques, and its comparative approach. It also emphasizes the reconstruction of the trajectory of the concept of gentrification itself. Finally, critical observations are made regarding the proposed articulation between urban neoliberalism and the discourse of returning to the built city, as well as risks in certain critical perspectives and discussions about the circulation of policies.

Keywords: Iberoamerican cities; Gentrification; Historical centers; Touristification; Urban neoliberalism.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.26769](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.26769)

Recebido em: 01/07/2024
Aprovado em: 17/12/2024
Publicado em: 01/01/2025

Editado por la Universidad de Sevilla en 2022, el libro de Ibán Díaz Parra se titula "Vender una ciudad. Gentrificación y turistificación en los centros históricos". Apoyado en trabajo de campo en ciudades como Sevilla, Buenos Aires y ciudad de México, el libro se focaliza en asuntos vinculados a la gentrificación y la turistificación a la vez que se involucra en debates más abarcativos que lo tornan de interés para un público amplio.

El libro despliega la controversia, y toma partido, entre el urbanismo crítico - recuperando autores como Lefebvre y Harvey - y perspectivas poscoloniales que tienden a indicar la acotada relevancia del uso de categorías acuñadas en el norte global para el abordaje de procesos desplegados en el sur global. En términos del autor, nos topamos con un

conflicto entre lo universal y lo particular, entre la generalización y lo específico. Con recaudos, y explicitando su intento de contribuir a una economía política crítica de lo urbano, el autor elude las advertencias poscoloniales, hace uso del concepto de gentrificación y formula preguntas como las que siguen: ¿Qué fundamento tienen las críticas al uso de términos como gentrificación o turistificación? ¿Cómo se están utilizando este tipo de nociones en América Latina y España? ¿Hay un rango de fenómenos reales en distintas regiones urbanas del globo que merecen incluirse en estas denominaciones? ¿Podemos hacer teóricamente operativos estos términos en el idioma castellano? ¿Cómo puede demostrarse la ocurrencia de este tipo de procesos? ¿Qué lógicas estructurales de la ciudad capitalista se encuentran detrás de la fenomenología que aquí se analiza?

A contramano de los abordajes posestructuralistas, para el autor cada estudio de caso especifica un proceso más abarcativo y englobante como ser la urbanización capitalista - en el marco de una una lectura crítica de teoría de la renta y de la localización residencial.

Tanto para el abordaje de la gentrificación y la turistificación como para los debates entre el urbanismo crítico y las miradas postcoloniales, Díaz Parra recorre y maneja con sutileza literaturas heterogéneas provenientes del mundo anglosajón, español y latinoamericano. Aunque discuta las miradas poscoloniales, podríamos pensar que retoma algunas de sus sugerencias al focalizar y ponderar atentamente la producción bibliográfica en español y al poner el foco en geografías que van más allá del mundo anglosajón.

El autor señala interesantes destiempos que atraviesan paradójicamente los procesos de circulación de conceptos: a la par que en América Latina avanzan los estudios sobre gentrificación, en el mundo anglosajón se despliega una crítica a usos del concepto impugnado por excesivamente generalizador y eurocéntrico.

Los capítulos dedicados a discusiones teóricas y metodológicas, así como aquellos otros aterrizados en estudios de caso muestran un sólido manejo de los debates en torno a la gentrificación pudiendo incluso sugerirse que el libro ofrece muchas pistas para una historia de la circulación del concepto de gentrificación entre distintas geografías y los debates que lo han atravesado.

Alertando contra el uso indiscriminado del concepto, Díaz Parra indica que si todo es gentrificación nada termina siéndolo. Por lo tanto, el libro delimita la definición y el uso de la categoría y conversa críticamente con otros recortes en torno a la misma. Asimismo, para los distintos casos, da cuenta de limitaciones de información disponible para el abordaje empírico. En esa senda, propone definir y recortar la gentrificación respecto a la sustitución en un vecindario consolidado de un grupo humano por otro con mayor capacidad de pago y estatus, entendido como cambio de patrones de segregación espacial y de usos de la ciudad. Aquellos y aquellas preocupados por el abordaje de la gentrificación encontrarán pistas relevantes en los anexos metodológicos del libro.

Todo lo real es relacional, solía decir Pierre Bourdieu. En ese sentido, los capítulos de análisis de casos despliegan un abordaje comparativo en varios sentidos: entre los distintos casos; longitudinalmente tomando los censos como referencia para el análisis; comparando las variaciones sociodemográficas entre cada centro histórico y el resto de la ciudad. Asimismo, tales capítulos articulan las argumentaciones con documentación fotográfica, elaboración de mapas y la confección de tablas.

Los capítulos más teóricos del libro recorren debates sobre el uso, abuso y abandono de categorías como la de gentrificación en el marco de controversias más abarcativas como las ya aludidas entre el urbanismo postcolonial y los estudios urbanos críticos (capítulo 1: *Gentrificación, ¿colonialismo cultural o urbanismo crítico? Una aportación al debate*).

Asimismo, despliega debates sobre la valoración estratégica del espacio, el *rent gap* y debates ya clásicos entre miradas culturales y económicas, así como entre aquellas focalizadas en la oferta y aquellas otras sesgadas hacia la demanda de espacios gentrificados (capítulo 2: *La valorización estratégica del espacio*). Luego, da cuenta de discusiones y afinidades entre el urbanismo neoliberal y el discurso y las intervenciones urbanas que aluden al regreso a la ciudad construida (capítulo 3: *Urbanismo neoliberal y regreso a la ciudad construida*). El aludido neoliberalismo urbano es otra de las categorías que polarizan los estudios urbanos entre las miradas críticas que lo promueven y las poscoloniales que impugnan ciertos usos del mismo. Por su parte, el discurso de regreso a la ciudad construida presupone cruces entre asuntos técnicos, políticos y económicos.

Más allá del interés teórico de cada uno de estos capítulos, cabe destacar la relación entre los mismos y los análisis de casos que aterrizan aquellas discusiones. En esa senda, la conexión entre las secciones se despliega en una detallada discusión metodológica sobre fuentes y estadísticas, a partir de la identificación de cambios sociodemográficos como indicadores de gentrificación. Es decir, un debate técnico y académico no sólo centrado en qué es la gentrificación sino sobre cómo medirla y analizarla (capítulo 4: *La transformación del mosaico social*). Los capítulos abocados al análisis de casos dan cuenta tanto de diferencias entre ciudades como de cambiantes focos en la evolución de la perspectiva del autor. Así, para el caso de la ciudad de México se subrayan - junto a otros procesos y actores - los impactos socio espaciales de la recalificación de centros históricos discutiendo con argumentos urbanísticos que ponderan la mezcla social en los mismos. Asimismo, el capítulo destaca el rol empresarial en las transformaciones del centro histórico (capítulo 5: *La mezcla improbable. Regreso a la ciudad y gentrificación en el centro histórico de Ciudad de México*). En Buenos Aires la atención se desplaza a las disputas por la centralidad entendida como conflicto de clase. Así, desde el paradigma de la producción social del hábitat presta especial

atención a organizaciones sociales como el Movimiento de Ocupantes e Inquilinos (MOI) (capítulo 6: *Disputa por la centralidad y autogestión del espacio. El movimiento de ocupantes e inquilinos en Buenos Aires*). Por su parte, el caso de Sevilla analiza la turistificación y la gentrificación turística (capítulo 7: *Turistificación, alienación y derecho a la ciudad en Sevilla*).

La formación en geografía y antropología del autor permite el despliegue de perspectivas que articulan miradas materiales y simbólicas, así como el manejo de datos cuantitativos y cualitativos. Por último, tras los casos analizados aisladamente se procede a una comparación de los mismos dando cuenta de similitudes y diferencias, pero también de sus conexiones con la urbanización capitalista.

Los méritos del libro han sido enumerados, aunque seguramente otras reseñas y lecturas se encarguen de iluminar más aportes. Permítaseme, para continuar la conversación, indicar una observación sobre la relación postulada entre el discurso del regreso a la ciudad y el neoliberalismo urbano. En perspectiva histórica, cabe interrogar si, como lo sugiere el libro, los debates técnicos en sede urbanística y arquitectónica alrededor de la vuelta a la ciudad son necesaria e inexorablemente el prefacio del urbanismo neoliberal. Quizás resulte más productivo entender que son procesos con temporalidades distintas pero que en ciertas coyunturas específicas se superponen. Dicho en otros términos, la conexión entre Aldo Rossi y los Docklands en Londres tal vez no sea tan lineal. Por otra parte, cabe interrogarse si en ocasiones hay un riesgo latente en las miradas críticas como ser la sobreestimación de la capacidad de acción de los sectores dominantes y la pérdida de vista de ciertos hiatos entre los objetivos y los resultados de las políticas que impulsan. Aunque no sea el foco del libro, en ocasiones se alude a categorías como la de difusión de políticas y discursos urbanísticos a escala transcontinental corriéndose el riesgo de presuponer un - único, estable y definido - centro de irradiación, el carácter unidireccional de aquello que se irradia, perdiendo de vista mutaciones en la movilidad de lo que circula y en sus aterrizajes. En otras

palabras, se corre el riesgo de borrar del mapa las agendas técnicas y políticas de quienes ´importan´ o ´demandan´ políticas. Hemos indicado que se trata de una investigación - y un investigador - trasnacional que aborda y compara distintos casos. En esa senda, es interesante - aunque advierto aquí el interés mayor del reseñador que del reseñado - considerar no sólo la comparación sino la conexión entre casos: más concretamente, por ejemplo, conexiones entre Andalucía y Buenos Aires. Como se sabe, la expertise y la cooperación descentralizada de la Junta de Andalucía tuvo un rol en algunas iniciativas sobre el centro histórico como la manzana de San Francisco - así como en muchas y variadas ciudades de América Latina - en operaciones con un contenido social y urbano distinto a las operaciones que analiza en el libro.

Para concluir, cabe reiterar que se trata de un libro de interés para aquellos abocados al asunto de la gentrificación, la turistificación y los centros históricos, pero también para aquellos otros y otras interesados en debates más abarcativos que recorren los estudios urbanos actuales como ser las mencionadas controversias entre perspectivas críticas y perspectivas poscoloniales. Y no menos importante, se trata de un aporte relevante a la hora de considerar articulaciones entre abordajes cualitativos y cuantitativos, simbólicos y materiales.

Referencias

Díaz Parra, Ibán. **Vender una ciudad Gentrificación y turistificación en los centros históricos**. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2022



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES